

BRANCAGLIONE'S PROJECT

REFLEXões 2018
VOL.1

MARCUS BRANCAGLIONE

BRANCAGLIONE'S PROJECT

Reflexões 2018

VOL.1

Marcus Brancaglione

© 2020 Marcus Brancaglione.

Este trabalho e todo *seu conteúdo está licenciado sob a Licença*
ⒶRobinRight.

Para ver uma cópia desta licença, visite
<https://www.recivitas.org/licenca-robinright>

Autor: Marcus Brancaglione

Organização: Bruna Augusto
Assistente: Tamirez Fernandes

1º edição
São Paulo
ReCivitas books
2020

Aos meus filhos

Artigos de Dezembro à Setembro de 2018

Trabalho e Propriedade: Do Programa Mais Médicos à crise da ordem geopolítica mundial

Pós-Modernidade? Não, a pré-história de uma Nova Era

“Alô, Alô marciano, a coisa tá ficando russa...”

Acabou as (des)eleições, um escrito inacabado...

O Princípio Federativo e a preservação da cultura e diversidade

Governo Bolsonaro: Renda Básica para idosos?

A nova direita, a dissonância Cognitiva e seus estrategistas militares

Explicando o inexplicável para Roger Waters: “O que está acontecendo?”

O fator D: O denominador comum do Mal

Deseleições 2018: Quem vai contar para a esquerda? Inês é morta

Racismo: credos e cultos de raça, gene e seus mitos nacionais e religiosos

Do estado de negação da realidade sua produção e exploração

Por que as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

Crypto UBI: Renda Básica e Criptografia

EUA, Rússia na Síria: A guerra por mentes e corações em uma outra escala

A facada em Bolsonaro, a Dissonância Cognitiva e Tempestade Perfeita que se aproxima

Renato Cristofi: Preservação do Patrimônio Arquitetônico, Memorial e Identitário

O tesouro escondido no Museu Nacional

Este livro é um compendio de artigos publicados originalmente na plataforma do blog www.medium.com/@mbrancaglione. Os textos encontram-se brutos, sem edição. Confira os outros volumes para ter acesso a todo o material.

Trabalho e Propriedade: Do Programa Mais Médicos à crise da ordem geopolítica mundial

Uma viagem sobre a posse, produção e distribuição da saúde, sanidade e vida como bem alienável

O caso dos cubanos no Programa mais Médicos está longe de ser um evento isolado. Muito pelo contrário, é sintomático. Guardadas as devidas especificidades e proporções, como este caso em questão há n outros que trazem a tona um problema muito maior: a crise sistêmica da ordem mundial atual. Embora, esteja ciente e seja importante salientar de antemão, que os problemas do programa em questão, ou mesmo ainda mais especificamente do tratado celebrado entre os governos de Cuba-Brasil (e intermediado pela OMC), não se resumem, nem muito menos se explicam somente pela crise, aliás, Nem nem sequer esses problemas em particular, quanto mais o problema maior da saúde pública e trabalho no Brasil. Por outro lado, também não se explicam isoladamente por essas distorções, e logo nem tão se resolverão somente e exclusivamente as eliminando. Não, não vão.

Evidentemente que reconhecer a complexidade e dimensão do problema não implica em hipótese alguma defender automática (e desonestamente) a manutenção desses problemas em particular. Mas sim em entender que esta abordagem anti-corrupção, ao contrário da crença, não vão resolver o problema. Acredita-se hoje, muito por causa do desespero por soluções urgentes em medidas que sejam milagrosas. Milagres, na qualidade de eventos e fenômenos com probabilidades que tendem ao praticamente zero, ou seja exponencialmente próximos ao absolutamente impossível até acontecem, mas justamente por estas estas características fenômeno-

cosmológicas que compõe sua definição conceitual, o praticamente impossível que eventualmente acontece, esperar ou só torcer ou rezar para que eles aconteçam é de longe o menos prudente de todas os procederes comportamentais. Na verdade, como ilusão só perde para contar para o contar que eles aconteçam quando é mais fácil cair outro avião no triângulo das bermudas brasileiro, ao menos para os políticos e empresários brasileiros, do que chover o maná em nosso deserto graças a algum messias ou seus discípulos.

Absolutamente necessário é o combate a corrupção em todas de contratos e contratação desde o governamental ao empresarial, não só dentro das fronteiras jurisdicionais nacionais, mas além no âmbito das relações exteriores. No entanto esse combate não é operação milagrosa, pílula mágica, remédio de olho de cobra nem meia ungida que cura tudo, nem trabalho que trás a pessoa amada em 3 dias. Esse trabalho é tão somente a urgente e necessária assepsia das feridas abertas e nações, mas não é a cura nem muito menos a vacina contra seus males históricos.

O combate a corrupção, é enquanto remédio o procedimento que busca a eliminação dos parasitas e vermes que infestam essa ferida enfraquecendo e causando mais doenças, e enquanto profilaxia os procedimentos de higienização que ajudam a manter-se limpo. Mas não é a cura da doença, nem das chagas que ela provoca, porque se levarmos a metáfora a sério, há de se considerar que está feridas e infestada já gangrenaram faz tempo, e limpar membros e órgãos já completamente mortos apenas reduz o fedor e aparência de podridão, enquanto silenciosamente a gangrena só aumenta.

Em suma estas abordagem reativa, por mais radicais invasivos que sejam as medidas e procedimentos de tratamento de choque, por mais cirúrgicas que sejam as operações e intervenções jurídicas, policiais ou

mesmo militares as chances de sucesso sem eliminar as causas socioculturais e infraestrutural dos males é ínfima, para não dizer nula na falta de fé em milagres ou ciência das incertezas mesmo sobre as probabilidades mais remotas. Assim, seja esse combate efetuado somente na superficialidade da epiderme do tecido social contra os menores oportunistas instalados nas extremidades mais periféricas do corpo da nação. Ou ainda, seja este combate efetuado no mais profundo e abrangente centro nervoso e intestinos do poder, contra os grandes e poderosos parasitas do fisiologismo, que diga-se de passagem não infestam mais só o aparelho excretor por onde entraram, mas os órgãos vitais de todo o aparelho estatal hospedeiro, incluso a cabeça para onde migraram e se instalaram faz tempo, afetando as funções mais básicas de muitos órgãos e processos fundamentais a sua sobrevivência, como por exemplo, o julgamento. Isso sem falar no fato que é difícil (para não dizer o erro fatal) contar com a reação e cooperação do sistema imunológico, quando a doença não só o debitou, mas por sua natureza contaminou grande parte das próprias células de defesa, fazendo-as trabalhar para sustentar os parasitas e não para proteger o corpo. Assim seja, portanto, um combate que se volte apenas para as feridas em erupção do tecido social; ou um combate dentro das entranhas do próprio aparelho estatal; ou mesmo ambos, um combate nestes dois fronts simultâneos; essa guerra contra a corrupção, e seus efeitos colaterais (para não dizer crimes correlacionados) como tráfico de drogas e crime organizado, é uma guerra que mesmo quando vencida não entrega jamais a solução que promete.

Mesmo quando bem sucedidas ou mesmos coordenadas entre si essas guerras, contra corrupção, drogas, terrorismo, crime organizado não são procedimentos capazes de sanar os problemas que se propõe a resolver. Isto porque não atua nas causas sistêmicas, mas nos efeitos diretos e colaterais, ou sintomas. Não curam. Não imunizam. E nem sequer higienizam, não sanam nem os ambientes domésticos onde essa doença e

parasitas surgem e proliferam, que dirá os exterior que seus procedimentos mal tem acesso quanto mais controle ou jurisdição.

Limpar e fechar as úlceras e feridas, amputar as partes podres, e principalmente eliminar os vermes e parasitas dos órgãos vitais para que o organismo se restabeleça, supondo é claro que esse organismo que já não esteja morto, ou que ele não seja nada mais do que isso, um vetor para a doença é, repito, imprescritível, mas sendo realista, como solução exclusiva e isolada não resolve. No final das contas, é como costurar um soldado que vai voltar para a linha de frente de um campo de batalha, como espada e garrunha, contra tanques. Ou curar a bicheira de uma criança que vai voltar para sua casa insalubre para passar frio e fome. Uma causa perdida e luta inglória dele e do médico, porque sabemos que o doente tratado com tanto esforço dedicação sacrifício e as vezes até mesmo risco deste médico para salvar sua vida, e tanta luta desesperada do própria pessoa para sobreviver como puder apenas está voltando para sofrer e morrer do mesmo mal.

Logo quando falamos da eliminação dos vermes e parasitas, não estamos jamais falando de pessoas, porque isso seria como combater doença epidêmicas como genocida fanático e higienista, eliminando os doentes e não a doença ou suas causas . Rigorosamente eliminando da sua vista o que de fato lhe causa aflição, a visão dos miseráveis e doentes e não o sofrimento deles ou a doença nem em sua matriz nem em vetores. Até mesmo porque isto seria uma contradição impossível de atuação, mentalidade e interesses, dado, como veremos, que ele como ator social ou institucional é também vetor, e seus interesses incluso as aflições são também parte da matriz desse problema, no qual a mentalidade é um dos fatores determinantes, ou em outras palavras uma das principais causas desse mal.

Ou seja, dentro dessa analogia fisiológica, o combate a corrupção e eliminação dos seus agentes, mesmo quando devidamente entendida não como caça a pessoas, mas ao comportamento e condições não é capaz de corresponder as demandas e expectativas que tenta atender. Pois esse combate não se resume na eliminação de determinada atuação ou mesmo posição de atuação, nem muito menos na atualização ou correção de adoção de medidas e procedimentos preventivos que corrijam suas falhas. Não, a resolução do problemas não bastam medidas e ações de combate a ordem conjuntural, porque suas causas são de ordem estrutural que envolvem muito mais a omissão do que a falta de reação. De tal modo que não basta a derrubada de velhas estruturas viciadas, insalubres e corrompidas, nem muito menos a limpeza de estruturas condenadas, mas preciso é a edificação das estruturas não só institucionais, mas antes socioculturais básicas que sempre faltaram não só para evitar a infestação desses males, mas para garantir e proteger o bem comum. Não se engane, nossas estruturas tem apenas nome e fachada, são instituições que não foram edificadas com a finalidade que consta da sua razão social, nem são feitas senão a imagem e semelhança dos próprios aparelhos públicos estatais de concreto, verdadeiros elefantes brancos como um hospitais que só existem papel, no nome na porta, sem aparelhos, instrumentos, medicamentos, nem médicos. Uma peça de fantasia e ficção celebrada como realização em pomposas inaugurações, mas que na prática, ou seja de fato não passam de fantasmas cuja única finalidade verdadeira é dar razão a entrada e saída de operações contábeis de pilhagem legalizada, ou *pero no mucho* do erário.

Levando em conta essa característica inerente muita gente defende o Estado Mínimo por ser menos custoso aos contribuintes, nesta linha melhor então seria então logo suas autoridades assumirem e nós nos conformarmos com o caráter e proposito do Estado de transferência de renda e administração e proteção de bens das classes políticas e econômicas a quem ele privilegia e cobrar essa proteção mafiosa sem

necessidade de gastar tanto dinheiro tentando fingir que acreditam que existam qualquer interesse que não o particular e que prestam algum serviço público e social. Poderiam cobrar menos e pilhar mais se se concentrassem apenas no que realmente lhe interessa e funciona a cobrança e coleta de impostos e punição de quem ouse não pagá-lo. O Estado mínimo policial ou mafioso, a gosto do freguês paladar que terá que engolir o que na prática é a mesma coisa, pois no final das conta estará pagando apenas para não ter mais de um ladrão a cobrar-lhe pedágio para viver, ou o que é a mesma coisa, o manutenção da pacificação via monopólio de da violência de uma corporação, em vez da guerra pelo controle do território entre várias facções ou projetos de ordem violenta rivais. Abandonamos de vez, o sonho dos direitos e igualdade e justiça e assumimos o ponto de vista clássico aristocrático: Onde manda quem pode, obedece quem tem juízo. Ou seja, nos conformamos que uns nasceram para servir outros para mandar e pisar no pescoço de quem e enquanto puderem, e essa é a natureza da legitimidade de fato de todo e qualquer poder, seus cultos e organizações sociais e estatais. Enfim, nos conformamos como fazem os minarquistas que desse mal não podemos escapar porque não temos meios nem forças nem capacidade para tanto, e portanto, nos focamos apenas em reduzir os danos, convivendo com um mal com o qual não temos como nos curar porque a quem tem o poder e conhecimento para eliminá-lo não interessa fazê-lo, e a quem interessa se ver livre dele, não tem o poder e conhecimento para conseguir fazê-lo.

Evidentemente que não é assim que se processa nem a cura. Mas também nem sequer a doença. Tal conformação não interessa nem mesmo aqueles que ganham com a perpetuação desses males. Vender o sonho e a esperança da sua cura, ainda que ela não exista, não sem abandonar esse paradigma, é fundamental para perpetuá-lo até onde mais cada célula contaminada continue trabalhando na esperança de um dia enfim se ver livre desse mal. Conformer-se sem contudo perder completamente as

esperanças, isto é, continuar lutando para viver mesmo que conformato que viverá com um parasita até a morte provavelmente causada por este é essencial para a sobrevivência do parasita que por definição não só vive as custas do hospedeiro, mas não sobrevive sem ele. Por isso que em geral os lemas de independência se resumem a “independência ou morte”.

Qualquer outra disposição do doente para tratar desse mal, é apenas uma forma ou estratégia tanto de preservá-lo quanto perpetuá-lo até o limite do interesse do parasita em abandoná-lo, o que só ocorre quando ele tem meios e condições de migrar para outro ambiente favorável para organismos hospedeiros.

O problema portanto é que estamos a pensar no mal como uma doença causada organismos oportunista e parasitários que infestam um corpo. Quando o próprio corpo como um todo, talvez seja o próprio organismo parasitário, que sim padece dos males que causa ao hospedeiro, mas que ao contrário do doente não pode corrigir-se ou se livrar do mal, porque basicamente é a doença. Em suma, quando investigamos o problema mais a fundo, em busca de soluções, não podemos ignorar a hipótese que o organismo que estamos tentando salvar não só já tenha se corrompido completamente e entrado em falência irreversível, mas que em verdade, este organismo que rigorosamente não é senão um corpo artificial, nunca foi responsável pela saúde do organismo nem do ambiente natural, mas pelo contrário quando em perfeito funcionamento é o principal responsável pelos males que afligem esses povos e nações dos quais literalmente se sustenta e alimenta, e portanto a própria causa dos próprias faltas e falhas que engendram sua corrupção, decadência. O mal estaria portanto não apenas no seu DNA, mas na gene que constitui esse corpo artificial exatamente naquilo que é, de tal modo que a tão buscada cura, a solução da causa do problemas exigiria nada menos que a completa rearquiteturação dessas estruturas e padrões, mas uma vez isso feito, não só o produto final seria um novo organismo completamente distinto do primeiro, mas a inevitável extinção da antiga forma de

organização, a qual não há remédio, nem cura possível. E por uma simples e evidente razão, não existe possibilidade, porque o problema não é uma questão de possibilidades, mas de erro de abordagem e cálculo. Estamos tentando somar e multiplicar com operadores feitos para dividir e subtrair. Não estamos a tratar a doença, doentes nem suas causas. Porque aquilo que desesperadamente tentamos salvar e melhorar longe de ser a uma solução ou bem em si, se não é o mal em si, é uma das suas principais causas, mas ainda sim não a determinante.

Não. Se o fosse bastaria abandonar o falso tratamento que só perpetua a miséria do doente e o parasitismo, a redução do Estado, e bastaria cortar o mal pela raiz. Derrubar o Estado. Mas como prova a história, essa solução nunca funcionou senão como ilusão efêmera de cura, pois assim como a mera limpeza da corrupção, apenas abre espaço, para novo ciclo de infestações oportunista e parasitárias, a destruição do Estado, igualmente também só abriu espaço para a proliferação de uma nova colônia de parasitas, outra arquitetura, outra organização, mas em essência o mesmo padrão de relação doentia, parasitas-hospedeiros. Não. O mal que sempre renasce como promessa e esperança popular de remédio e salvação para matar o infectado nos últimos estágios com o mesmos pilhagem tirania e falência múltipla dos órgãos. Longe de estar na natureza oportunistas dos parasitas e seus processos, está antes na sociedade que não tem absolutamente nenhuma imunidade nem defesa contra eles. Mais do que isso, esses parasitas estão tão bem adaptados para viver as custas dos hospedeiros, e os hospedeiros tão corrompidos que se o primeiro por definição nunca conseguiu viver enquanto tal sem o segundo, este já não consegue mais sequer consegue conceber como viver sem suas chagas, sente falta de cútuca e cocá-la e reclamar delas e toma o tumor como se fosse uma parte do seu corpo, até porque jamais conheceu ou tem memória do que o viver livre dele. Por sinal, uma perda de memória e medo de conseguir sobreviver sem a doença, ou da operação que a livraria dela, fazem parte dos sintomas que dificultam

sobremaneira qualquer tratamento, já que ele sequer pode se iniciar se ninguém reconhece ou quer se livrar do mal.

Há portanto, neste mal há 3 dimensões a serem considerados e combatidas e qualquer uma delas que reste, implicará no retorno dessa doenças socioculturais epidêmicas que a humanidade convive literalmente desde que se reconhece por gente, ou pelo menos como gente por exclusão do outro, desde que se reconhece como civilização por oposição a barbárie. O combate aos parasitas político-econômicos; o desenvolvimento de imunidade e defesas socioculturais, e a neutralização das condições ambientais (naturais e sobretudo artificiais) nas quais esse mal se propaga e prolifera e sobretudo prevalece.

Considerando que tanto a imunidade quanto o seu oposto a vulnerabilidade social e cultural as superestruturas políticas e econômicas que parasitam e tiranizam a humanidade são produto da capacidade dos seres e grupos em transformar a si e ao meio simultaneamente, adaptar o mundo a si, e a si ao mundo em constante mutação nesta relação. Temos por imperativo entender não só quem somos e o mais importante o que pretendemos ser, mas que mundo em constante transformação é este, e em qual momento estamos, se num período de transformações mais lentas, ou se pelo contrário, justamente num dos pontos de salto e ruptura que caracterizam as crises e revoluções e seu nível. Pois longe das crises serem apenas políticas, econômicas, financeiras, institucionais ou mesmo culturais, as crises por vezes não estão restritas a nenhuma destes campos, mas não só cruzam suas fronteiras como rigorosamente podem ser mais profundas. Podem ser crises sistêmicas envolvendo todo esse complexo, ou ainda mais revolucionárias se o que estiver em queda e renovação não for simplesmente a lógica interna do sistema, mas a lógica a qual o sistemas responde e é composto incluso em suas compartimentalização em campos, uma crise portanto na visão e

concepção de mundo e do ser e dos sentidos existências, uma transformação de signos e valores e padrões de ordenação e organização que compõe a mentalidade e a psique coletiva. Uma mudança na psique dos indivíduos capaz de alterar não só comportamentos, ou preconceções, mas a própria estrutura e funcionamento do pensamento não só do indivíduos, mas das redes formadas por esses nexos e ligações. Uma revolução de paradigma que enseja transformações concretas não só no que concerne o desenvolvimento de imunidade contra antigas vulnerabilidades, mas antes disso e por consequências disto, de transformação da compreensão e relações que compõe o que entendemos por mundo e natureza ou ordem mundial e natural. Transformações portanto da ciência e consciência em sentido profundo como estado de espírito, ou da episteme e psique e não apenas como método de abordagem e aquisição e verificação racional e experimental do conhecimento.

Alguns autores trataram esse mal como subdesenvolvimento e elaboram como remédio o chamado desenvolvimentismo. Que como a experiência histórica demonstra enquanto remédio se constitui em veneno pior que a doença. Mas assim como a metáfora com a saúde, não deve ser descartada porque sempre haverá idiotas e idiocratas dispostos em se apropriar da metáfora para suas taras tanáticas e interesses genocidas, apontando para eliminar seres humanos como se fosse a pessoa humana o mal e não justamente a mentalidade e comportamento que não por acaso ele encarna e replica e propaga quando assim procede. Também a noção de desenvolvimento e sua falta se livres da concepção utilitaristas de progresso geral ou dos outros que por obvio não significam necessariamente o seu em particular, mas não raro o oposto, temos nesta tradição de análise do desenvolvimento senão uma solução, ao menos um bom ponto de partida.

Assim quando falamos do mal, como o padrão que se replica e perpetua para além dos os agentes e entidades, atores, cargos, órgãos, funções, dos organismos e corporações, como mentalidade usamos o termo cultura e como estado infra e supraestrutural chamamos de desenvolvimento ou melhor subdesenvolvimento. Embora o politicamente correto nos diga que a palavra subdesenvolvimento seja pejorativa, não é com base na cagação de regras que devemos escolher os termos, mas sim com suas correspondência com a realidade dos fatos ou fenômenos. De modo que em desenvolvimento, ou em construção cabe aquela obra em andamento, ainda que lenta e atrasa, e não pelo contrário, a obra que não só foi abandonada e ocupada para outros fins, mas que em verdade está ruindo enquanto continua a ser pilhada. Neste sentido a palavra subdesenvolvimento também não deixa de ser um eufemismo, mas vamos nele apenas para não perder o fio da meada do contexto histórico.

Logo, considerando a correlação entre os problemas de subdesenvolvimento de ordem nacional, tanto na esferas sociocultural e socioeconômicos quanto nas esferas infraestruturais e infra-institucionais da ordem política-jurídica e política-econômica, estão profundamente relacionados a ordem internacional. Tomarei a questão dos Mais Médicos para analisar (ou divagar) sobre um problema maior: as relações domésticas e internacionais entre o capital e trabalho ou simplesmente a ordem mundial vigente.

Para tanto, para entender a dimensão do questão, ou melhor do problema em toda a sua extensão vou tomar um outro caso como exemplo para traçar um paralelo e equacionar os fatores comuns deste processo: A construção de um navio de guerra Dinamarquês.

O documentário “The Warship’s Secret” (O Segredo do Navio de Guerra), lançado em 26 de setembro [ano passado], diz que o navio

dinamarquês de última geração Lauge Koch teria sido construído na Polônia por escravos norte-coreanos. As acusações foram justificadas por contratos, recibos e testemunhas.

O Lauge Koch, que custou à Dinamarca mais de US\$ 80 milhões (R\$ 253, 16 milhões) e será revelado em dezembro, é obra da construtora de navios Karstsensens Skibsvaerft, que terceirizou a construção para a Crist, na Polônia, que, por sua vez, recrutou um subcontratante polonês que recorreu a trabalhadores norte-coreanos pela companhia Rungrado. A empresa pública Rungrado foi penalizada pelas sanções por alegado comércio de tecnologia de mísseis.

Por enquanto, não está claro quanto dinheiro dos contribuintes dinamarqueses foi parar na Coreia do Norte.

No entanto, de acordo com dados da ONU, Pyongyang recebe até US\$ 2 bilhões (R\$ 6,3 bilhões) com seus trabalhadores estrangeiros. Desde a chegada ao poder de Kim Jong-un, o número de trabalhadores norte-coreanos no exterior tem subido, totalizando agora cerca de 100 mil.

“Trabalhadores norte-coreanos no exterior são uma importante fonte de renda, usada para desenvolver programas nuclear e de míssil da Coreia do Norte”, disse Jai-chul Choi, embaixador da Coreia do Sul na Dinamarca no documentário da DR. “Caso a verba de impostos dos contribuintes tenha sido usada para programas nuclear e de mísseis, será uma catástrofe”, acrescentou.

Alguns partidos dinamarqueses já exigiram explicações do ministro da Defesa do país, Claus Hjort Frederiksen.

“É um caso constrangedor para as autoridades polonesas, mas também é um caso constrangedor para o Ministério da Defesa dinamarquês”, [disse](#) o porta-voz do Partido Social-Liberal da Dinamarca, Martin Lidegaard.

Primeiro, as Forças Armadas do país e a construtora Karstsensens Skibsvaerft negaram o envolvimento de norte-coreanos na construção do navio. No entanto, o brigadeiro-general Anders Maerkedahl admitiu ser impossível excluir a participação dos mesmos. No documentário, vários trabalhadores poloneses confirmaram que alguns norte-coreanos teriam trabalhado na construção do navio como soldados.

“Seria completamente escandaloso caso seja verdade que trabalho escravo norte-coreano tenha sido usado em um país da UE como a Polônia. Mas eu não vejo o que pode ser feito para investigar as alegações sobre a construção do Lauge Koch agora, alguns anos depois de o navio ter sido concluído”, escreveu o ministro da Defesa dinamarquês, Claus Hjort Frederiksen, em e-mail à DR.

Segundo o documentário, os trabalhadores norte-coreanos vivem em condições próximas da escravidão, privados de seus passaportes e da liberdade de circulação, sendo vigiados constantemente e trabalhando até 20 horas por dia. Anteriormente, algumas organizações não governamentais descreveram os norte-coreanos como “escravos modernos”.

[Dinamarca teria construído navio de última geração com trabalho escravo norte-coreano?](#)

[Após ter sido revelado que o novo navio da Dinamarca, Lauge Koch, foi construído com uso de trabalho escravo...](#)

br.sputniknews.com

Antes de mais nada um parenteses com viés metodológico.

É evidente que a notícia faz parte da guerra de informação, desinformação e contra-informação na atual conjuntura de crise e escalada dos conflito da ordem geopolítica internacional. E assim como esse episódio ganhou certa visibilidade dentro de uma determinada agenda, outros tantos casos jamais virão a tona como objetos de nenhuma investigação jornalística, jurídica ou mesmo histórica, nem por parte de um grupo de interesses nem dos outros. Porém, como este escrito não tem a pretensão (nem condição) de fazer nenhum tipo de investigação ou julgamento do episódio em si; nem é essa guerra informacional o objeto desta análise, apenas farei a consideração prévia que as dúvidas razoáveis sobre a veracidade da matéria, não inviabilizam sua utilização dentro do método que vamos utilizar. De fato, a matéria poderia ser até ser inverídica, ou poderia até mesmo utilizar um narrativa de ficção para construir esse paralelo, desde que a trama fosse absolutamente verossímil. Por sinal, o atributo que diferencia uma boa mentira dá má ficção, o nexos da trama que permite nos dizer que mesmo não sendo absolutamente verdadeira, poderia o sê-lo. É portanto sobre essa lógica que as mentiras não só conseguem adulterar, mas precisam obedecer se quiserem atingir seu objetivo, serem críveis. Evidentemente para pessoas livres e não cegas, alienadas e imbecilizadas por credos fanáticos e fundamentalistas, ou mais precisamente, adestradas a responder reflexa e condicionalmente a argumentos de autoridade ou meros sinais e comandos ou estímulos emocionais ou ideológicos dos seus respectivos amestradores.

E aqui uma metáfora ajuda. Se portanto os sensores nem o processadores do sistema não estão avariados nem forma hakeados, se o senso comum e a razão da pessoa não foi sequestrada por esse vírus e sistema operacional não precisa de um reboot (e que bom que os bugs da programação mental

ao contrário dos computadores- não vem (ainda) com backdoors de fábrica instalados na nossa placa mãe, a mente). Logo com um bom um firewall de dúvidas e certezas razoáveis baseadas nas suas próprias percepção e noções você pode navegar por essas ambientes em redes de informação mais tóxicos, sem ser contaminado, e extraindo os dados para formar seu raciocínios; até porque essas dúvidas e certezas não interferem na nossa capacidade de discriminar os fatos, muito pelo contrário, é esse combo que nos permitem construir essa projeção epistemológica disso que chamamos de realidade, inclusive por similaridade ou mais especificamente verosimilhança com nossas próprias percepções, noções enquanto experiência da vida.

Portanto, é assim que podemos construir esse paralelo entre os episódios do caso da relação Brasil-Cuba no programa Médicos para identificar os fatores que constituem e caracterizam essas relações internacionais tanto como parte do processo quanto produto da lógica desse sistema. E logo, como exemplos de como funciona essa ordem geopolítica internacional, que antes de ser objeto de escolhas político governamentais arbitrarias, ideológicas ou autoritárias são as resultantes dessa ordem que é antes de tudo econômica e portanto está assentada internacionalmente nos mesmos princípios ou conceitos que regem a economia política, a saber: a divisão do capital, trabalho, para a produção da riquezas, no caso, das nações. Historicamente um jogo subsidiariamente cooperativo e essencialmente competitivo. Sendo que as palavras “jogo”, “competição” e “cooperação” estão sendo usadas aqui não como metáfora, mas dentro das suas acepções na Teoria dos Jogos, que rege a geopolítica e ao menos das grandes potências e sistema financeiro internacional. E palavra história como reconhecimento de como os fatos se deram e se dão, e não para racionalizar dentro da concepção determinista que os procedimentos não poderiam, e ainda podem, ser completamente diferentes.

Fecha parenteses.

Logo, não é uma relação específica sobre Dinamarca, a Polônia ou Coréia do Norte. Ou sobre Cuba e Brasil, mas entre nações relativamente mais ou menos desenvolvidas, mais ou menos capitalizadas, ou mais abertas ou fechadas nas duas vias, sejam por suas políticas sejam por bloqueio e sanções internacionais. Relações bi, tri, ou mesmo multilaterais entre Estados a explorar cooperativamente povos e nações inclusive as próprias populações, para competir por crescimento e riqueza. Numa relação, que se observarmos com atenção, se enquadra no que se tornou na prática após a queda da muro do muro de Berlim, os escombras da velhas divisões ou classificações geopolítica dos Estados-Nações do tempo da guerra fria, a Teoria dos Mundos: Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo.

Uma teoria que a seu tempo correspondia menos a realidade da atualidade do que hoje enquanto escombros de uma velha ordem mundial que ainda permeia as forças e potenciais em disputa pela hegemonia da nova. An passant é importante entender essa discrepância.

Quem é do tempo do mil novecentos e nunca, quando as escolas ainda tinham Educação Moral e Cívica e OSPB, (deus-me-livre-guarde) aprendeu, supostamente mais ou menos o seguinte:

*A **Teoria dos Mundos** foi uma designação dada às subdivisões do mundo por grandeza econômica entre os anos de 1945 a 1990, depois deste período as diferenças entre os mundos se combinam em vários aspectos, sendo usado atualmente países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, que também recebe críticas sobre sua abrangência.*

Segundo essa classificação, as nações desenvolvidas constituiriam o Primeiro Mundo (exemplo: a Itália, EUA). As nações do antigo bloco socialista constituiriam o Segundo Mundo (exemplo: a antiga União Soviética). As demais nações constituiriam o Terceiro Mundo (exemplo: Brasil, Etiópia, Suriname).

Com a queda da União Soviética e o fim do regime socialista na maior parte do mundo, é mais comum classificar as nações em:

Desenvolvidas: são as nações que compõem o antigo Primeiro Mundo. São ricas, industrializadas, democráticas e com alto índice de desenvolvimento humano. Exemplos: Noruega, Suécia, Dinamarca, Japão, Alemanha, Austrália, Portugal, Itália.

Emergentes: são nações ricas e industrializadas (ou exportadoras de petróleo), mas que ainda apresentam problemas sociais e econômicos. São em sua maioria democráticas, mas existem notáveis exceções, como a China. Exemplos: Argentina, Rússia, China, Índia e Brasil.

Subdesenvolvidas: são as nações pobres, com baixo desenvolvimento humano, alta dependência externa e economia primária. A maioria delas vive sob regimes não-democráticos. Exemplos: Afeganistão, Serra Leoa, Albânia, Haiti.

Segundo alguns teóricos, existiriam ainda mais dois tipos:

As nações internacionalmente reconhecidas, mas não independentes, constituiriam o Quarto Mundo(exemplos: a Palestina e o Tibete).

*As **fantasias nacionais** [grifo meu] (como as micronações) constituiriam o Quinto Mundo. -Wikipedia*

Basicamente segundo essa teoria, o primeiro mundo era formado pelos países capitalistas desenvolvidos aliados capitaneados pelos EUA. O segundo pelos países socialistas liderados antiga União Soviética. E o terceiro por países não-alinhados sub-desenvolvidos. Uma teoria notadamente furada. Pois:

(a) tanto nos blocos ditos não-alinhados havia países periféricos extraoficialmente satélites, há habitar zonas de disputas e variando sua orbita entre zona de influencia conforme os resultado das disputas entre as potenciais, não raro decididas em golpes, guerra de guerrilha ou guerras clássicas, que acabava por simplesmente destruir a nação dividindo-a em dois territórios- vide Coreia e Vietnam, com via de regra a subsequente ascensão de um regimes ditatorial fantoche mais ou menos mal disfarçado nas duas coisas.

(b) dentro dos blocos de países declaradamente alinhados tanto do capitalismo, havia países tão ou mais subdesenvolvidos quanto os do Terceiro Mundo, vide o regime de apartheid da Africa do Sul, ou a qualquer países satélite, vizinho ou literalmente incorporado pela “Mãe” Rússia na forma da União Soviética.

Logo, tirando as grandes potencias -um novo eufemismo para os antigos impérios e imperialismo que ficaram queimados em suas pretensões (enquanto nome)- depois da carnificina genocida da Segunda Guerra Mundial, fora esses velhos centro de poder, que não são tão monolíticos quanto o termo bloco sugere nem mesmo durante as guerras (vide as relação de neutralidade dos regime soviéticos e até de norte-americanos

enquanto o Eixo não bateu nas suas respectivas portas, para não falar do nosso ditador fascista até hoje de estimação, o pai dos pobres e do DOPS, Vargas); impérios, potências e centros do mundo, e suas alianças, tratados fora[1], o que subsistia e subsiste é literalmente o resto: a periferia, ora quintal, ora lixão, ora senzala-mundi do outro mundo em geral mais ao sul do equador. O que não tem muito relação com a geografia dos polos, ou clima, exceto no esses fatores contribuem como variantes favoráveis ou adversas para a determinante dos processos de conquista, ocupação e colonização dos territórios e povos nativos: a relação de custo-benefício da sua conquista e exploração. Logo, salvo as relativas exceções que confirmam a regra, numa sobreposição histórica de mapas, vemos com facilidade a correlação entre os países que foram (e extraoficialmente nunca deixaram de ser) colônias prioritariamente de exploração mercantilista e imperial.

Claro que os países satélites subdesenvolvidos também assinam tratados com potenciais primeiro, mas levá-los minimamente a sério, especialmente quando estes entram em conflito com tratados assinados com aliados mais ricos e desenvolvidos, se provou um erro crasso. Vide o erro de cálculo dos generalatos argentino na guerra das Malvinas (Falklands) quanto ao posicionamento dos EUA em relação a Grã-Bretanha, entre outros. Um episódio recente de guerra na América Latina que deveria ser mais estudado, até para compreender o quão mortas ou falsas são as letras de câmbio dos tratados de paz e cooperação até mesmo durante a suposta vigência dos seus termos, principalmente quando se passa a considerar a entrada do Brasil no pré-falencial tratado da Aliança do Atlântico Norte (OTAN). Uma tradição brasileira: comprar sucata mal reciclada não só tecnológica mas ideológica do primeiro mundo. Vide nossas já à época “moderníssimas” Usinas Nucleares, e agora a versão tupiniquim tardia da aliança conservadorismo-liberalismo dos tempos de Maywater-Friedman. E ainda por cima meia-boca, porque complexo de vira-lata a parte, Bolsonaro não é a reedição pátria do pai do

conservadorismo norte-americano, nem seu “Posto Ipiranga” um Milton Friedman. Mas isso já é uma digressão. Voltemos ao fio da meada a teoria dos mundos.

Curiosamente, mas não por acaso, a fantasia da Teoria dos Mundos, não nasce a partir da visão do Primeiro, nem segundo, mas justamente do Terceiro, ou mais precisamente de uma visão utopia, de fora, ou gringo sobre eles devidamente apropriada e deturpada pela correntes concorrentes.

A origem do nome é do demógrafo francês Alfred Sauvy, que propunha a ideia de um Terceiro Mundo, inspirado na proposição do Terceiro Estado usada na Revolução Francesa. Os países membros do chamado Terceiro Mundo deveriam se unir e revolucionar a Terra, como fizeram os burgueses e revolucionários na França. Os chamados Primeiro e Segundo mundo surgiram de uma interpretação errônea por parte principalmente da mídia, que não entendeu a mensagem de Sauvy. Como consequência disso, hoje, muitos atribuem o nome a chamada “Velha Ordem Mundial”, a divisão geopolítica de poderes e blocos de influência durante o período da Guerra Fria (1945–1989). O “Primeiro Mundo” seria o dos países capitalistas desenvolvidos, enquanto o “Segundo Mundo” seria o dos países socialistas industrializados. Restariam no “Terceiro Mundo” os países capitalistas economicamente subdesenvolvidos e geopoliticamente não-alinhados. Essa ideia surgiu de uma interpretação desatenta das afirmações de Sauvy.

O termo “Terceiro mundo” era a idealização do movimento e “Terceiro-mundismo” trata-se da prática, a primeira expressão de tal termo deu-se durante a reunião de países asiáticos e africanos que se emanciparam da colonização europeia, em abril de 1955, na Conferência de Bandung, na Indonésia. É a partir dessa denominação que esses países, considerados pobres e com sérios problemas sociais como a violência, a miséria extrema e a

corrupção, buscaram chamar a atenção do mundo inteiro. Porém, englobava muitos países, assim havia divergência de interesses. As divergências internas impediam a tomada de posições mais nítidas e começou a ser articulado o Movimento dos Países Não-Alinhados. A conferência de fundação desse movimento se realizou em Belgrado (Conferência de Belgrado-1960). No entanto, muitos desses países acabaram depois cobiçados por forças políticas e sociais ligadas a cada uma das duas facções da Guerra Fria, a capitalista e a comunista.

A articulação do terceiro-mundismo sofreu os primeiros golpes com a aproximação entre a China e os Estados Unidos, a partir de 1972, e com a crise do pan-arabismo, alguns anos depois. Na década de 1980, as crises econômicas e financeiras que abalaram a América Latina esvaziaram as políticas de desenvolvimento nacional autônomo, contribuindo para enfraquecer ainda mais o Movimento dos Países Não-Alinhados. —

Wikipedia

Interessante, portanto notar como seja na relação bilateral entre a Cuba e Brasil, ou trilateral entre Coreia do Norte, Polônia e Dinamarca, sem uma grande potência socialista como a União Soviética as categorias fazem mais sentido pelo menos até ontem.

Potenciais capitalistas que centralizam a geopolítica e seus aliados mais desenvolvidos leia-se o bloco dos mais capitalizados.

Países periféricos em desenvolvimento porém ainda satélites do capitalismo, leia-se descapitalizados e desesperados por investimentos de fundos de capital internacional sabidamente concentrados nesses países de primeiro mundo e seus respectivos paraísos fiscais. (Eis aqui uma boa definição de micro-nações de outro mundo que não são nenhuma

fantasia, principados, grão-ducados e protetorados, que funcionam na prática como verdadeiros Estados-Bancos, um território jurídico para transações, muitas delas inclusive as ilegais.)

E enfim os países também periféricos, subdesenvolvidos, porém órfãos do seu centro de poder, ou antiga metrópole que financiava seus regimes não raro ditatoriais que tiveram que se virar como podiam e o que tinham para tentar se preservar seus regimes, leia-se manter-se no poder. Seja fazendo pequenas aberturas econômicas. Seja fazendo alianças com governos ideologicamente mais alinhados que embora não fossem capitalizados como os de primeiro mundo, estariam dispostos a fazer negócios na posição de capitalistas como eles.

Hoje com a ascensão econômica da China e a relativa recuperação da Rússia como potencia militar capaz de negociar os termos dos seus tratados sobre os negócios mais primitivos da humanidade com, digamos, argumentos bem mais modernos, sofisticados e definitivamente mais dissuasivos do que por exemplo uma Coreia do Norte, esse cenário internacional está em plena transformação ou mais precisamente disputa e reorganização com toda tensão e perigos inerentes. Só para ter uma ideia do tamanho do pepino internacional no qual a América Latina é mais teatro de operações e não ator, basta olhar para a infelicidade de outro nação vizinha que passa por uma das maiores crises humanitárias da atualidade com risco de guerra civil, golpe ou embora ainda remota, mas não mais tanto quanto ontem e menos que amanhã de palco de um intervenção internacional armada- outro eufemismo para uma guerra não declaradas entre potenciais. como acontecia na Guerra Fria, não deixou após, e novamente voltou a escalar com os conflitos no Oriente Médio, onde a Síria foi destruída por esses predadores e seus respectivos cães de guerra, exércitos regulares, mercenários, terroristas, ditadores fantoches, e “revolucionários” projetos de ditadores de estimação do

outro bloco. Na Venezuela, como Síria, embora com origem históricas distintas o povo tem no poder o mesmo tipo de governo e classe governante, reis ou caudilhos, não importa, ditaduras dispostas a cometer qualquer atrocidade para se manter no poder e com suficiente cobertura externa e interna. Mas o seu próprio governo e governante são só uma parte do problema. Só no caso da Venezuela- para não fugir, nem alongar demais o exemplo: o petróleo bruto no qual toda a economia gira é vendido para as refinarias norte-americanas; Rússia e principalmente China vem emprestando, comprando e instalando empresas claro de exploração de petróleo, de modo que a dívida soberana pertence a fundos de capital chineses e o parque industrial a Rússia. De quebra o ouro, ou melhor o que resta do ouro Venezuelano que está depositado nos cofres da Rainha da Inglaterra, foi bloqueado. É deles, mas não podem sacá-lo, e uma vez sacado fica com “eles”, venezuelanos, mas com seus tiranos.

A Venezuela é o exemplo extremo, das forças que constituem esse jogos de poder externo que não deixam jamais de penetrar até a alma das nações, e que podem simplesmente despedaçá-las, principalmente quanto mais a cabeça que estiver no comando desse corpo estatal não entender que a lógica da geopolítica internacional é como a lógica de um presídio dominado por facções quem não pertence a nenhuma delas, mesmo como a bechnigga, não está em paz, está morto. E não adianta achar que a direção do presidio vai intervir e proteger, porque ela não existe, ou melhor até existe, mas a cúpula é compostas pelos integrantes destas facções.

Para quem entendeu a metáfora sabe que estou falando da ONU. Um órgão fadado a falhar como falhou as Ligas das Nações, pelo simples fato lógico de que é composto por integrantes de corporações cujo mal que se propõe a por enfrentar são justamente o negócio que os sustenta e a razão constituinte: a exploração das nações as próprias e as alheias pelo

monopólio e supremacia da violência, não por acaso a própria definição desses aparelhos: o Estado. De tal modo que esse união mais serve para passar a impressão de concórdia em tempos e lugares de interesses convergentes das grandes potenciais do que propriamente resolver as disputas e por fim discórdias das mesmas, que dirá fornecer qualquer proteção jurídica internacional (de fato) aos demais Estados-Nações frente aos interesses dessas potências, ou mesmo aos interesses de seus próprios tiranos quando aliados a estes contra seus próprias nações enquanto de fato nações, ou seja, povos.

De tal modo que os blocos e zonas de influência geopolítica, que nunca deixaram de ser determinadas por questões estratégicas militares de geografia, política e economia nem antes nem após o fim da Segunda Guerra Mundial, voltam a ser preponderantemente determinadas por mais por essas tomada de posição estratégicas de defesa do que laços diplomáticos, incluso no que se refere as relações comerciais. E seja na relação trilateral do exemplo, seja na relação bilateral Cuba-Brasil, estamos falando de comercio entre estado-nações a vender e comprar o bens e serviços incluso os humanos como commodities intermediado por suas corporações e fundos, dentro de um mercado estado-privado internacional onde os estatutos nacionais de direitos humanos e trabalhistas funcionam como mero entrave burocrático ou (a falta ou precariedade deles) como subsídios e incentivos fiscais. Um procedimento que como um todo na prática funciona como lei de zoneamento internacional do capitalismo, ou rigorosamente o conjunto dos códex e estatutos que compõe a chamada ordem global, mas pode chamar de divisão geopolítica internacional do capital e trabalho. No qual as diferenças de proteção e regulação definem não o que é legal ou não, mas literalmente quem pode e não pode fazer o quê e exatamente onde. Existem por exemplo países onde é permite caçar certos animais em lugares e períodos determinados. Existem países onde é permitido fazê-lo em qualquer tempo e lugar, e outros ainda que simplesmente não existe

necessidade de permissão, porque não existe regulação. Ou seja mesmo quando a lei de uma Estado-Nação criminalize as práticas em si, e não meramente a falta de licença ou autoridade ou ainda da prática liberada em tempo e lugar adequados. Há sempre espaço para maquiar as práticas enquadrando-as simbolicamente terminologicamente dentro das suas regulações de modo que as mesmas práticas e negócios permanecem (e prevalecem) descaradamente como sempre fizeram, apenas tornando alterando suas procedimentos e denominações. O Japão caça baleias, mas sob a denominação e licença da bandeira não da pirataria mas da pesquisa científica. Megacorporações estado-privadas caçam trabalho escravo e recursos naturais, não sob a bandeiras corsárias, mas de fundos e empresas voltadas ao “desenvolvimento e crescimento econômico”. Ou seja, os direitos universais não existem fora do papel ou o protocolo de intenções que a declaração de 1948. A engenharia jurídica estatal permanece e prevalece em esquemas e sistemas bem mais sofisticados, mas em essência perseguindo os mesmas finalidades através dos mesmos meios, a contornar os quaisquer princípios. Maquiavel explica.

Voltemos então ao exemplo. Cada Estado entra nesse negócio com o que tem para lucrar. O governo da Dinamarca entra com o capital. O da Polônia como a terra de ninguém e o Coréia do Norte com os escravos. Os 3 saem ganhando. Polônia e Coreia money. Dinamarca seu navio de guerra moderno a preço de banana. Mas se os 3 saem ganhando quem saiu perdendo? As 3 sociedades e o mundo. O povo coreano que permanece numa ditadura que mantém sua população como besta de carga num território explicitamente funcionando como campo de concentração de trabalhadores prisioneiros, um gigantesco gueto. O povo polonês, que compete com o trabalho escravo, e precarização do seus direitos em um território cuja lei e jurisdição é flexibilizada para acomodar os interesses desse capital. E o povo dinamarquês que banca com seus impostos, não só o lucros de um complexo militar-industrial, cujos custos internacionais sociais e humanitários cada dia menos se

externalizam, mas pelo contrário retornam em forma de crises de refugiados.

Um dos maiores erros de calculo político está embarcar na propaganda estatal de que os Estado são a mesma coisa que a Nação, quando na verdade sequer sequer seus interesses são os mesmos. A Nação é formada pelos povo ou os povos que conseguem conviver pacificamente num mesma terra. O Estado é o aparelho militar-jurídico-policia-administrativo que vende (e cobra compulsoriamente) a proteção desse território, num negócio armado que não admite concorrência. E que só não são engolidos por Estados-Nações concorrentes mais poderosos não por qualquer questão de princípios, mas de custo e benefício. O quanto dentro de uma arranjo internacional a relativa autonomia geopolítica de um Estado-Nação provinciano devidamente alinhado ou fantoche é um arranjo muito mais barato e lucrativo do que o controle via ocupação e conquista e colonização no old style. De modo que se nestes cálculos de custos e benefícios, o Estado-Nação em questão tenha muito a ser pilhado, mas pouca força para impor custos a essa pilhagem, ele não vai capitular e já capitulou, ou nem se levantou, e vai ser pilhado ou continuar sendo, lenta e pacificamente com a anuência dos seus próprio aparelho estatal ou ser arrebatado incluso como Estado falido mas como sociedade e nação se necessário for ao “progresso da civilização”. A ordem internacional pode mudar de atores, mas a trama ou a lei do velho oeste permanece a mesma: quem tem armas carregadas fica com o tesouro, quem não cava, paga tributos e vassalagem (moderna, é claro).

O mesmo vale para o caso de Cuba-Brasil nos mais médicos. Senão os cubanos quem cava? E quem serão no final das contas a ficar com o tesouro. Porque não se iludam. Seja na divisão domestica ou internacional da divisão internacional do capital e trabalho, alguém vai fazer o papel do escravo e alguém vai levar o butim, porque essa

máquinas simplesmente não se move suas engrenagens sem ganhos, e nem colocam os seus protegidos para fazer o serviços que não fariam sem subsídios ou coerção.

Duas propostas para a substituição dessa mão-de-obra, explicitam o dilema dos sistemas de exploração.

A militarização do serviço. Que não precisa de maiores explicações já que a recusa em assumir a missão implica em punição.

E o emprego de médicos hoje endividados pelo FIES. No fundo a troca de um modelo de exploração de uma condição de vulnerabilidade por outra. Pois se antes nosso sistema de saúde pública empregava o trabalho de mão-de-obra em condições que seriam classificadas como escravidão, ao menos para médicos e não lavradores de um latifúndio disfarçado de agronegócio, agora, segundo essa proposta exploraríamos as dívidas de quem não herdou as condições de financiar sua formação para obter por outras meios, alguém fazendo um trabalho num lugar que não o faria se tivesse a opção. Retire esse elemento, ou por exemplo, o desemprego, e a relação de oferta e procura se desequilibra num verdadeiro livre-mercado. Ou seja, retire as vulnerabilidades inerentes ao subdesenvolvimento e a indústria estatal e privada inerente a esses territórios de exploração na melhor hipótese oportunista da pobreza e carestia, na pior, que a sustenta para manter esse negócio, e você terá um dilema paradoxal de países desenvolvidos, shitjobs e uma população com formação sobrando, porém que não está disposta a fazer esses trabalhos, nem tão pouco nasceu em um território ou em famílias tão carentes que precise pegar o que tem se quiser sobreviver, de modo, que ao mesmo tempo que odeiam os migrantes, precisam deles para fazer o trabalho escravo que ninguém quer e que sem eles teriam pelas leis de oferta e

procura pagar um preço que inviabilizaria a acumulação de riquezas, ou se preferir a própria exploração do trabalho que ainda para gerá-la.

Como se sabe, não existe em economia um preço justo por nada, existe o quanto um precisa de algo e quanto outro está disposto a pagar para tê-lo. A base da dominação político-econômica deter os meios vitais e de produção de modo quem precise sobreviver tenha que trabalhar para seus donos de acordo com seus termos. Porém numa sociedade onde não existem miseráveis, há de fabricá-los ou importá-los ou ela quebra, porque ninguém vai limpar a latrina de ninguém, a não ser por um preço bem caro, de modo que o lixeiro, ou qualquer trabalhador teria que receber uma paga enorme para fazer por interesse pecuniário e que só se sujeita a fazer por migalhas o que não muitos não fariam nem por fortuna se não fosse por carestia. A menos que você acredite como utopistas dos falanstérios que há vocação que possa ser dirigida Charles Fouier, desde do protopsicopata a matar até sadomasoquista, porque haja doutrinação e amestramento desde a infância para fazer uma criança querer limpar a bosta dos outros quando crescer como sonho de alguém.

O que acontecesse então quando se elimina o subsidio ao trabalho escravo? Como bem observou Darwin em suas viagem para o Brasil, a sociedade passa a ter mais estímulos para encontrar soluções mais inteligentes como a roda ao invés do lombo alheio como besta de carga, por exemplo. Desenvolvem-se tecnologias que dispensam o emprego de seres humanos ou outros seres vivos para sua execução. O que em lugares onde todos tem o sustento garantido e claro supostamente a condição de adquirir essas máquinas ou pagar por seus serviços se constitui como promessa de emancipação da exploração do homem pelo homem, e em lugares onde as pessoas não nenhum capital para sobreviver sem vender seus trabalho em troca de obediência cega ou dívidas e contas eternas, a promessa inversa: de extinção da sua pessoa natural junto com emprego e

sua própria função socioeconômica obsoleta que virou lixo. Ou seja a promessa de falta até mesmo dos mais indignificantes trabalhos, dito escravos, para poder sobreviver num mundo onde não possui nada, nem de natural nem artificial, e o que possui sua força de trabalho já não vale nada, porque mesmo vendida o mais barato possível, ou seja como escrava, ainda sim, é mais cara, é o custo maior que simplesmente se livrar do seu emprego como a automação dos processos.

Considerando, portanto, que:

a. a automação desse trabalho com a substituição dessa mão-de-obra altamente especializada ainda não é uma realidade para o ano que vem, especialmente nos grotões do mundo;

b.o Brasil não vive a realidade de um país desenvolvido onde é preciso importar mão-de-obra barata disposta a pegar os postos de trabalho que a nativa não quer e tem condições de viver sem precisar assumir, mas pelo contrário mesmo no que concerne a mão-de-obra especializada, como médicos, há um bom exercito de reserva que precisa do emprego para pagar suas contas não importa onde nem qual. Mas a pergunta é, quantos e por quanto tempo?

O problema é matematicamente o seguinte: médicos vocacionados que sonham em trabalhar nos grotões do Brasil fora, porque são o desvio padrão, faça o seguinte cálculo: quantos são os médicos brasileiros nativos dispostos a de fato a assumir o compromisso de ocupar esse posto de trabalho e fazê-lo por tempo suficiente? Ou em outras palavras quanto seria preciso pagar para mobilizar x profissionais? Ou pagando-se x, quanto profissionais nativos poderiam se interessar em assumir o emprego? O tamanho do mercado em potencial de trabalhadores

interessados em assumir esse emprego se define portanto supostamente pelo valor que tem seus serviços para quem paga versus o valor desse pagamento para quem supostamente o recebe e determina sua execução que não é absoluto, mas subjetivo. E se digo supostamente é porque essa equação na prática não é tão simples quanto faz parecer a teoria da oferta e procura ou o valor marginal, porque somado a esses fatores temos outros mais sórdidos, já que não operamos em nenhum dos casos dentro de um sistema socioeconômico livre perfeito, ou seja, perfeitamente livre da coerção, imposição e exploração.

Suponha que não houvesse leis de nenhuma espécie a regular essas negociações e que todas a relação de trabalho inclusive a dos médicos fosse definida pura e simplesmente pela anuência das partes e tão somente por elas sem a intervenção ou intermediação de nenhum terceiro com poder coercitivo legal ou ilegal, qual seria em geral o valor a ser pago?

Bem para começo de conversa, nessa experiência mental, pois é um mundo que não existe, cada empregado e empregador negociaria seu contrato sem nenhum teto, nem chão. Não havendo portanto nenhuma coerção estabelecendo que um deve contratar nem que outro deve prestar os serviços, nem uma definição de quanto deva ser a pago, ou mesmo que deve ser pago ou cobrado um valor fixo, tudo o que vai determinar esse contrato seriam a vontade das partes mediante as condições de cada um, ou seja seus respectivas desejos e necessidades, disponibilidade tanto de outros empregados quanto empregadores dentro desse mercado. É claro que dentro desse tanto empregados ou empregadores podem se associar livremente para negociar em conjunto suas termos, mas novamente na medida que ninguém poderia recorrer a violência legal para impor a adesão ou saída desta ou daquele contrato, o fator elementar para a formação dos contratos inclusive os associativos continua sendo o

mesmo, o competitivo, ou a competição entre termos e propostas dessa negociação.

Como disse esse é um mundo teórico imaginário, não existe por duas razões, a primeira simples, basta um elemento ou grupo violento devidamente melhor armado sacar uma arma e colocar em cima da mesa para não só desequilibrar os termos deste ou daquele contrato, mas iniciar a disputa pelo mercado do outro negócio sem o qual não existem esses mercados enquanto espaço real, o negócio dos estados, protoestados e máfias, a venda de proteção territorial desses mercados, que notadamente só existem porque uma lei tácita obedecida e feita se obedecer: é proibido usar da violência ou ameaça para fazer seus negócios ou fazer cumprir seus termos, salvo é claro a evidente exceção que constitui o território desse “livre” mercado, o monopólio da violência que o prove, o Estado- este não só tem a licença, mas precisa segundo seus próprios interesses enquanto corporação fazer o uso da coerção, ou literalmente perde seu monopólio e clientes (em todos os sentidos da palavra).

Mas essa é só a primeira razão. A segunda é mais importante já que essa fase primitiva da civilização poderia ser superada, porque é inclusive uma das causas da primeira nunca se tornar obsoleta. A segunda razão desse modelo imaginário não ser aplicado é bem simples. Não funciona, nem mesmo se todos por um milagre todos os indivíduos vivos e que os viessem a nascer, se tornassem incapazes de cometer atos de violação ou violência. O que é impossível não só pela natureza da vida, ou das probabilidades inerentes a própria liberdade cuja supressão das possibilidades é a própria supressão do que caracteriza esse fenômeno chamado vida, mas pelo fato que mesmo se fossemos laranjas mecânicas ainda sim cometeríamos violência e violações involuntárias a menos que ao invés de mais impotentes viéssemos a nos tornar não onipotentes mas

absolutamente invulneráveis. Em outras palavras, esse modelo não funcionaria porque não só somos todos vulneráveis, como eventualmente uns são e estão mais vulneráveis que e aos outros.

Voltemo-nos então a questão, dentro desse modelo imaginário, de quanto seria a paga necessária a um trabalhador, no caso um médico para exercer uma determinada função. Suponhamos dois casos distintos um onde só um médico ou grupo de médicos associados, conheça, a cura, remédio ou tratamento de uma doença que sem tratamento é fatal, sem tratamento quase todas são até a diarreia. E outros tantos médicos associados ou não que saibam tratar com sucesso a maioria das doenças, mas não esta em especial. Quanto nesse universo cada grupo de médicos poderiam cobrar pela cura? Bem, considerando que isso caberia exclusivamente aos interesses e valores deles, já que ninguém poderia subtrair nem essa propriedade nem trabalho a força deles, o quanto bem entendessem de quem bem quisesse. Poderiam tratar só só o mais ricos cobrando tudo o que eles pudessem pagar, já que ninguém mais senão eles poderia fazê-lo, poderiam pedir mais que riquezas de quem não pudesse pagar, mas dividas a perdurar por gerações, ou ainda aceitar serviços em troca, sem precisar pagar nada, ou pagando tanto faz, já que na contabilidade, o resultado é o mesmo, servidão, já que nenhuma das outras partes ricas ou pobres, conseguiriam sobreviver sem seus serviços. Em outras palavras teriam por conta de circunstancias especiais, uma doença, a falta de concorrência ou monopólio do necessário a sobrevivência do outro, nada mais nada menos que o poder.

E outro grupo? Bem o outro grupo não possuindo um conhecimento absolutamente exclusivo, nem secreto. Mesmo que não organizados coletivamente para que ninguém aceitasse fazer os serviços por um montante abaixo de determinado valor, ainda sim poderiam ser substituído por pessoas a serem treinadas que por esse montante fariam

esse serviço senão pelo que o valor representa em ganho, pela mesma razão que as pessoas se submetem aos termos do primeiro grupo de médico, porque precisam sobreviver. Ou seja, nesse caso, a espada da carestia não está na cabeça e não da outra parte, dele tanto a formação quanto o próprio exercício da função são regidos preponderantemente pela carestia suas necessidades particulares e não a demanda pelos seus serviços. Ou em outras palavras, não só quanto mais miserável ou endividado estiverem alguns desses profissional mais barato ele irá aceitar o emprego. Quanto mais colegas de profissão forem miseráveis ou estiverem desesperados, mais o valor de mercado do seu trabalho vai cair, e ele vai ter que vender seus serviços ao mesmo preço ou ainda a um preço menor se não quiser ficar nas mesmas condições, supondo é claro que viva da renda do seu trabalho e não de outros capitais ou propriedades. Ou descubra talvez que lavar pratos em uma sociedade mais rica e menos desigual pague mais, mesmo ele não sendo sequer como cidadão ou as vezes como gente.

Notem contudo que os dois exemplos podem ser reduzidos a um mesmo. Porque rigorosamente o primeiro grupo de médicos, não estão submetidos a fatores distintos, mas estritamente aos mesmos em diferentes graus de condições e circunstâncias. Na verdade a condição ainda é a mesma, pois calculando friamente, mesmo com a posse de um conhecimento enquanto bem e serviço exclusivo que devido as circunstâncias se ele não disponibilizar os clientes em potencial vão morrer, se esses clientes em potencial seja enquanto sociedade, estado ou simplesmente oligarquias não só extremamente ricas, mas estrategicamente posicionadas na posse de bens comuns vitais e ambientais absolutamente essenciais também a sua subsistência, eles seja como grupo ou individuo se não possuírem meios suficientes para manter a suas exigências por mais tempo que entrarão em carestia não terão jamais condições de impor suas demandas a quem quer que detenha de fato esse posse e poder. Ou em termos mais claros, a doença que eles tem

a cura, precisa matar mais rápido que a privação de comida, água, teto, enfim aquelas coisas básicas. De modo o que as pessoas chamam de livre mercado é muito mais parecido com uma guerra de cerco eterna onde ninguém dispara uma bala ou flecha, mas cai ou perece, o grupo que tiver menos recursos disponíveis que carece e outro controla.

Evidente que não é assim, que as coisas procedem nem terminam, não só porque nem todos se comportam como piscopatas, a ética muito embora queiram reduzi-la a tanto não é um mero produto da doutrinação e amestramento, mas muito pelo contrário do instinto gregário e comportamento solidário natural, que quando insuficiente não termina em cálculos teóricos, mas em guerras, de modo que quando a pressão da privação de uma lados do cerco atinge esses graus de violação e violência contra a a dignidade do outro, ou um lado já pegou em armas para sustentar sua tirania criminoso, ou o outro para derrubá-los, quando não ambos.

Notem a questão do conflito entre empregados e empregadores, não é um um mero contrato entre prestadores de serviço e clientes consumidores, mas de fato entre quem tem a posse do que é mais vital ou capital, e quem não o tem, ou não o tem o bastante para sustentar seus interesses seja como ócio ou negócio pelo tempo relativo que for necessário.

Greves de trabalhadores ou boicotes de consumidores mesmo as bem organizadas, ou aquelas as quais a outra parte não tem recursos suficientes para reprimir ou coagir sistematicamente uma quantidade enorme de pessoas, podem não funcionar e desmobilizar por uma razão bem mais simples e fundamental, sem sequer a outra parte partir para a agressão: a falta de recursos vitais ou estratégicos, mas pode chamar simplesmente de privação. O motor principal dos nossos sistemas socioeconômicos coercitivos, que seja no socialismo ou capitalismo passam

ao largo dos princípios da livre associação, consensualidade ou não-violência. O porrete para o teimoso e cenoura amarrada na frente do burro que não tem pasto ainda são os maiores “incentivos” ao progresso das bestas de cargas da civilização- na prática uma negação dos termos progresso e civilização.

O que se denomina portanto como o campo da Economia, assim como a política também é uma guerra feita com outras armas, o campo para um outro tipo de guerra a de cercos, ou se preferir encercamentos, onde quem detêm e consegue manter os recursos vitais e estratégicos, o dito capital, não só preserva sua posição como só precisa tempo para dominar não só a posição e recursos do outro, mas através deles o outro, reduzido agora a parte de seu capital, na exata medida que da sua capacidade de prever e controlar seu comportamento como mero recurso... humano.

O conceito de capital, é fundamental para entender essa guerra econômica e todas as suas diferentes fases do capitalismo, marcadas pela preponderância de um determinada forma de capital sobre as demais enquanto fator determinante ou precisamente qual recurso estratégico dentro da conjuntura se faz o mais decisivo a fixação dos domínios dentro desta somatória de variáveis que não se anulam, mas se sobrepõe como mais prevalentes uma sobre outras. Se outrora a posse dos recursos naturais, em especial o espaço natural sob o qual estes estão assentados, o território tanto como posse política e econômico foi o fator determinante para a vitória e hegemonia nessa guerra da economia. E embora jamais deixe de sê-lo não enquanto os seres que disputam o poder, não forem etéreos ou tiverem fontes de matéria-prima e logo energia infinitas para suprir suas necessidades, a começar pelas fisiológicas mais básicas, esses recursos vitais e logo estratégico, como capital, deixaram de ser conforme a economia se tornou mais complexa, ou se preferir conforme as técnicas e tecnologias empregadas nessa outra arte da guerra foram aperfeiçoadas,

como o são todas, em campo de batalha, ou seja na prática. A posse da terra neste sentido, ou seja enquanto capital, já enquanto transformada por instrumento tanto conceituais e simbólicos quanto aplicados e concretos, já um artifício e não mais um simples recurso, o capital nessa fase não é o a terra em seu estado bruto e natural , mas a o artificial, enquanto propriedade vista e trabalhada de outra forma de acordo com a codificação que a caracteriza como programação dentro desse sistema.

Neste processo constante progresso civilizatório, ou seja de avanço e ocupação e dominação de uma forma de organização povos humanos sobre outras espécies e claro populações humanas, a complexidade das concepções técnicas que compõe essa estratégia “evolutiva” baseada em dominação e alienação do homem pelo homem, são aperfeiçoadas de modo que o capital enquanto posse dos meios vitais e ambientais, posse da terra, sem deixar de ser por óbvio absolutamente imprescindível enquanto vital deixa de ser determinante enquanto posse e domínio estratégico para outras formas mais artificiais do capital tanto como o meio-de-produção em si quanto seu conhecimento. Assim, se a posse da terra como propriedade não deixa de ser em todas as suas variantes de concepção, definição, e codificação que a instituem e institucionalizam um artifício fruto da indústria humana, essa indústria enquanto produção dos meios tudo que é estratégico para a dominação passa a ter mais importância e preponderância enquanto capital do que o próprio recurso natural, reduzido portanto a mera matéria-prima para alimentar a máquina nesse nova fase.

A concepção e posse de outros recursos como ferramentas e artifícios simbólico-tecnológicos passa portanto a ter mais preponderância estratégica a dominação dentro dessa guerra de cercos do que o próprios seres e coisas, incluso as pessoas encercados e reduzidos conceitual-aplicada a mera função desse processo como mão-de-obra ou matéria-

prima. De modo que se a numa fase subsequente do capitalismo a indústria, a fábrica, a posse de complexos-industriais, incluso é claro os militares se consolida como o fator determinante da supremacia nisto que se convencionou chamar de riquezas das nações. E não só o fez pelo capital acumulado na fase anterior de exploração mais primitiva dos outros seres humanos, através da colonização e escravidão em sua acepção clássica, dos livros de história, homens e mulheres sequestrados tratados e traficados vendidos como animais, sem nenhum direito de propriedade não só para os meios necessários a sua sobrevivência, mas sobre seus próprios corpos presos em correntes e açoitados por chibatadas literais, e não outros subterfúgios mais “civilizados” como dívidas, ou privações. Não só se fez pela acumulação do capital através desse método de exploração e pilhagem via estabelecimento de colônias como se fez pela redução e alienação dessas formas de vida e seus meios vitais e ambientais a objetos de emprego e posse regidos pela abstração do ser em coisa ou mero instrumento e extensão dos meios de produção do capital.

Esse processo de transformação ou conversão dos capitais “deu” a indústria a preponderância como capital e arma estratégica nessa guerra econômica e entre economias nacionais, e marcou corretamente outra fase passada do capitalismo, a industrial. Novamente a indústria, assim como a terra, e posse e controle da mão-de-obra, seja na condição de escravo clássico ou assalariado, não perdeu sua importância, mas vai perdendo sua preponderância estratégica na medida que o transporte, a comunicação e o comércio necessários a seu funcionamento são aprimorados e se expandem para atender suas demandas. Neste processo histórico a posse dos meios de comunicação e informação ganha suma importância, mas não tanto quanto outros meios de intermediação absolutamente necessários ao funcionamento do sistema, que não por acaso passa a se chamar financeiro e monetário. A posse dos meios de provisão intermediação dos negócios, não o dinheiro, mas o controle, a

posse dos meios de troca, se torna o mais valioso e estratégico capital na fase financeira do capitalismo.

E eis que finalmente, chegamos ao presente momento que estamos vivendo estamos em plena de transição do capitalismo financeiro para o informacional. Ou seja, a terra, a indústria, o comércio, os meios de (tele)comunicação, não deixaram de compor os fatores determinantes da domínio e hegemonia, mas perderam o posto de fator determinante para o conhecimento tanto como propriedade intelectual ou conceitual como todos os meios concretos da sua transmissão e reprodução dentro desse novo complexo da industrial, a indústria da informação, a mais rica e avançada e logo poderosa forma de capital enquanto principal arma estratégica nessa guerra da econômica, e assim como todas as outras formas de capital também arma nas outras guerras.

O conhecimento em sua forma mais simples como posse de dados ou informação ou complexa como posse e desenvolvimento posse das propriedades e faculdades necessários a sua produção e transmissão sempre tiveram um papel importante e crescente como capital, mas nunca até então foram o capital, o fator determinante e diferencial da riqueza e poder dentro do sistema, ou em outras palavras a posição que uma vez tomada dentro do campo da economia permite o controle subsequente de todas as demais posições. Algo que evidentemente ocorre pela própria não só pela dependência de todas as demais formas do capital, do agrícola ao industrial e financeiro para se reproduzir competitivamente, mas pelo fato de que a própria forma mais primitiva e essencial do capital, a natural, também se torna igualmente cada dia mais dependente desse capital, o conhecimento na forma de posse e usufruto de informação para sobreviver e logo os seres vivos incluso humanos, idem, e de preferência livres e não como robôs ou escravos.

A concepção e posse da informação como propriedade, tanto como matéria-prima como meio de produção-comunicação não só toma a prevalência entre as formas de capital, mas conceptual e tecnologicamente se funde, absorvendo ou sendo absorvida pelas outras formas que automatizadas e computadorizadas. E já eram artificiais já não são mais meramente financeiras ou industriais, mais info-virtuais. E até mesmo a natureza biológica, que já era também alterada desde de tempo imemorial pela intervenção e culturas humanas, hoje, com o emprego desse conhecimento passa a se tornar cada dia mais artificial, produto da indústria e informação e portanto objeto de disputa enquanto mera propriedade.

O ser e suas propriedades não só imateriais mas biológicas, tanto seus genes biológicos alterados quanto a sua gene cultural ganhou na era da informação literalmente “corpo e espírito” na qualidade de propriedade. Uma propriedade que outrora era indivisível e inalienável não por respeito, mas literalmente falta de abstração e compreensão intelectual desses atributos como objetos passíveis de alienação, ou posse de outros, e logo propriedade como fruto da apropriação e expropriação, sua indústria, artifícios. Um capital em disputa nesse campo de guerra econômica seja enquanto propriedade sobre os dados e informações, seja como propriedade e claro o roubo legalizado que subjaz com tal nome sobre os meios de produção e reprodução do capital enquanto informação e até mesmo comunicação em seu sentido mais profundo.

Facebook: Gigantes tecnológicas tiveram acesso a dados privados

O The New York Times publicou uma peça especial sobre pormenores ausentes nos acordos de parcerias do Facebook com...

www.noticiasaoiminuto.com

Novamente estamos em plena fase de encercamento. Uma terra sem lei. Onde aqueles que tomam esse capital enquanto domínio público, como outrora fizeram com o bem comum e particulares antes do advento do reconhecimento e proteção a propriedades como tal direito da pessoa humana. Mas é justamente essa a ideia, nessa fase de criação e acumulação de um bem como uma nova forma capital se desconhece-se propositadamente a suas posse e propriedades naturais, uma corrida do ouro, toma-se o que é de todos, ou o que em particular de cada um, como se fosse de quem puder pegar e manter, e depois de tudo devidamente dominado, cercado, aí sim, parte-se para a negociação para ordenação e proteção jurídica desse bem como propriedade inviolável tanto particular quanto coletiva ou nacional de quem a detém.

Neste exato momento estamos a presenciar o capitalismo se reinventado e como tal ele retorna momentaneamente a suas origens, mais primitivas, tanto na sua gene política enquanto ameaça eminente das vias de fato entre classes, setores e sobretudo nações, quanto na sua econômica, de apropriação a revelia do que naturalmente pertence ao alheio, não só enquanto não houver resistência de nenhum monopólio da violência, mas pelo contrário subsidiado pelos mesmos, no seu interesse convergente: a pilhagem dos comuns, ou em termos mais economicistas a formação do capital e riqueza que amanhã que garantidos estará menos em disputa pelo mercado e Estado como divisão do butim do que propriamente uma divisão entre campos políticos e econômicos completamente distintos e opostos. Uma divisão portanto que é mais peça da guerra de propaganda para os excluídos do que propriamente um trincheira entre os protegidos pelo sistema que no final das contas pertence a eles aos como detentores dos domínios formados por esses capitais.

Disney é acusada de apropriação cultural por registro da expressão 'Hakuna Matata'

[Cena do remake de O Rei Leão \(Foto: reprodução\) Uma petição online que acusa a Disney de “roubar” a expressão “Hakuna...](#)

revistamonet.globo.com

Cada fase de transição do capitalismo é marcada portanto não só tanto pela desvalorização da antiga forma de capital frente a nova, mas por uma verdadeira guerra de posseiros e grileiros a tentar acumular a maior quantidade possível desse nova riqueza predominante para que posteriormente quando o processo de apropriação e expropriação estiver consolidada, se fazer códigos e leis de proteção dessas riquezas já alienadas. De tal modo que seus direitos sobre a informação construída com base nos seus dados, já estão a compor a riqueza e poder, o capital das grandes potencias corporativas privadas e estatais que amanhã quando você não acessar, usufrir nem muito menos possuir, porque não pertencerão mais a pessoa natural, mas a quem detiver como sua propriedade. E quem tentar reaver seus dados e informações será considerado um invasor e ladrão, assim como o nativo que busca reaver suas propriedades ancestrais ou o trabalhador seus direitos de posse sob o trabalho perdidos antes que essas propriedades fossem consideradas invioláveis, ou seja depois que elas foram devidamente alienadas.

[A guerra à Huawei](#)

[A detenção da CFO da Huawei, Meng Wanzhou, é uma medida perigosa da administração do presidente dos EUA, Donald Trump...](#)

www.jornaldenegocios.pt

Em suma, basicamente o negócio os Estados e Grandes Corporações na vanguarda dessa atual fase de transição do capitalismo, é o velho negócio:

o roubo, pilhagem e acumulação propriedades naturais devidamente desprotegidas, para amanhã estabelecer a lei e ordem sobre os direitos de propriedade já devidamente roubados, de modo a evitar que qualquer pessoa tente não só tomar o que ele roubou, mas reaver o que lhe foi roubado, ou seja criminalizando qualquer tentativa das vítimas em reaver seus direitos de posse, uso ou mesmo acesso sobre que outrora era naturalmente seu, seus dados. A base da riqueza dos Estado tanto socialista quanto capitalista a legalização do roubo, proteção dos ladrões e o fruto da pilhagem via criminalização e repressão mediante a ameaça do emprego da coerção, repressão ou dissuasão pela violência institucionalizada e legalizada. De modo que o ladrão irá recorrer ao velho e bom estado, o monopólio da violência, para processar e prender quem ousar tomar sem butim sem seu consentimento, sem pagar-lhe o que exigirá em troca mediante chantagem o resgate por esse sequestro, incluso a vítima de roubo e sequestro do que outrora eram naturalmente seus direitos não só de informação, mas de propriedade, seus dados, incluso o que não fazemos sequer ideia ainda da dimensão do seu valor, os códigos genéticos e padrões culturais que formam sua identidade pessoal. Uma alienação que através da expropriação capaz de gerar um poder e controle em níveis inéditos para a formação e conformação dos domínios sobre os territórios e populações reduzidos a mero recursos devidamente alienados e legalmente alienáveis como riqueza alheia, ou simplesmente capital.

Um dos maiores erros que estamos a cometer, ou melhor a continuar a cometer na proteção do bem comum, é pensar a propriedades jusnaturais como objeto de domínio público versus a posse e usufruto particular da pessoa natural. Continuamos a pensar como melhor estratégia, manter essa posse e troca de bens como se eles ainda fossem meros commons, quando eles já forma transformados e tratados há tempos como propriedade e capitais. Enquanto a maior parte da população e sociedades lida com seus dados e informação como os nativos lidaram

com a colonizadores , partilhando e compartilhando com toda a paz e boa vontade o que não concebem como uma riqueza a ser estrategicamente como se estivessem em guerra com outros seres humanos, Estados e corporação, não trabalham com a mentalidade cooperativa, mas sim a competitiva, tratam a questão estrategicamente como tratam todos os bens e seres, buscam a posse exclusiva de recursos que permitem estabelecer seus domínios e hegemonia; ou o que é mesma coisa buscam tomar e privar o alheio da posse e controle desse capital, porque quem detiver essa nova arma vai mandar e quem não tiver vai cavar até a morte, e se preciso for vai morrer cavando, ou simplesmente morrer sem nem ter como sobreviver reduzido a uma máquina de cavar, para abrir espaço para quem ou o quê vier a cavar mais a um menor custo que ele.

Não por acaso os procedimentos desse roubo são os mesmo, rouba-se o novo ouro distribuindo bugigangas, que como no passado são verdadeiros cavalos de troia, a contaminar e minar as defesas ao mesmo tempo que se apodera as vezes de forma declarada com um consentimento das populações da sua maiores riquezas, mas não raro em procedimentos que não estão descritos nos seus contratos de uso. De redes sociais, passando por navegadores de internet, até os sistemas operacionais, todos os sistemas estão programados para funcionar como cavalos de troia e quem dúvida é porque não entende como um Windows 10 ou buscador Google, ou mesmo Facebook não tem vírus eles são o vírus, que constroem sua riqueza vendendo aquilo que pilham silenciosamente incluso para o próprio usuário enquanto consumidor do serviços de uma indústria que constrói seus monopólios como todos os monopólios foram construídos com o subsidio ou mesmo emprego do roubo e trabalho escravo devidamente legalizados ou ainda na zona cinzenta da falta de proteção. Porque não abandonamos então esses sistemas? Pelo mesmo motivo que um trabalhador-consumidor não pode abandonar o mercado de e parar de vender o que tem para comprar o que precisa, simplesmente porque quem desaparece é ele, e não os donos do mercado, pela simples razão, na

guerra de cerco quem domina esse recurso que já de estratégico passou a essencial há tempos não é ele, mas seus provedores.

Por isso, é muito bom, acabar com os eufemismo e tratar a exploração do trabalho dos médicos cubanos pelos governos de Cuba-Brasil pelo nome correto escravidão moderna, mas não sejamos hipócritas, porque essa negócio de Cuba-Brasil-OMC, ou entre Dinamarca-Polônia-Coréia do Norte, são apenas uma das muitas formas (entre as legais e pero no mucho) de efetivar e ao mesmo tempo maquiar essa exploração, tornando palatável encobrimdo o que há de podre no que consumimos de bens, produtos e serviços de proveniência duvidosa, ou as vezes, das quais para nosso conforto e comodidade preferimos nem pensar como foram feitos, ou o que fizeram para que chegassem até nós. O segredo da felicidade bovina em qualquer burgo ou bolha: “dont ask; dont tell”. Bom ma desesperadamente inútil, porque enquanto a disputa pelo capital se efetua no plano das propriedades intelectuais, debatemos as formas de uso e emprego da mão-de-obra, fadada a desaparecer e serem descartadas como mero recursos obsoletos nessa nova fase do capital.

Um exemplo paradigmático, porque expõe todas as formas. fases e atores que compõe esse processo de produção da riqueza dos nações, ou melhor do roubo das nações e exploração das corporações estatais e privadas. É uma verdadeira industria de roubo e escravidão legalizada. baseada na exploração das contradições inerentes a ordem global mundial, ou mais precisamente na exploração das vulnerabilidades jurídicas, políticas das populações por alianças estado-privadas das relações entre Estados-Nações dentro da ordem geopolítica internacional que é antes de tudo uma ordem socioeconômica global regida pelas mesmas divisões (e contradições) da divisão inerentes a econômica politica: a divisão da posse do capital, trabalho e matérias primas.

Uma ordem que se replica, do agronegócio no Brasil a indústrias na China. Das monoculturas de soja nos grãos brasileiros as fábricas de princesas da Disney nos cantões chineses a lógica da relação trabalho-capital que impera é a mesma: a escravidão moderna.

Trabalhador chinês ganha US\$ 0,01 por cada boneca da Disney que produz

A boneca da Princesa Ariel Sing & Sparkle custa, nos Estados Unidos, cerca de US\$ 35 - Quem vai ao "mundo encantado..."

oglobo.globo.com

Quem vai ao “mundo encantado da Disney” nem imagina que, para os chineses que fabricam os brinquedos da marca, o encanto passa longe, e um pagamento e condições de trabalho dignos, também. Eles recebem pouco mais de um centavo de dólar por item produzido.

Os trabalhadores chineses que fabricam a boneca da Princesa Ariel Sing & Sparkle, que nos Estados Unidos custa cerca de US\$ 35, recebem apenas US\$ 0,0125 por brinquedo produzido, revelou uma investigação do grupo de defesa de direitos Solidar Suisse e do China Labor Watch em parceria com o jornal “The Guardian”.

Além da remuneração baixa, a investigação encontrou evidências também de horas extras excessivas e ilegais e trabalho sem férias ou licença médica remunerada para quem trabalha fabricando brinquedos e produtos para a Disney e outras empresas internacionais como a Fisher Price, que pertence à Mattel.

Trabalhadores contaram que eram multados ou até mesmo demitidos caso se ausentassem mais de três dias do trabalho por motivos de saúde.

*Funcionários da fábrica de contaram ter feito 175 horas extras em um mês, período em que tiveram apenas um dia de folga, afirma o The Guardian. Isso desrespeita a lei trabalhista chinesa e também os códigos de conduta da indústria de brinquedos. -**Trabalhador chinês ganha US\$ 0,01 por cada boneca da Disney que produz***

A matéria jornalística fala de leis trabalhistas. Mas em essência a competitividade destes Estados-Nações é mantida justamente graças a aparente falta, ou precariedade delas, aparentemente, por que a lei e ordem é rígida, tanto no que ela regula e fiscaliza quanto no que lenientemente deixa transgredir ou deixa transgredir. Novamente essas denúncias longe de revelar os crimes contra a pessoa humana praticados em consórcio entre estado e o mercado, revelam ou a tola ingenuidade ou a esperta hipocrisia de quem acredita ou finge que crê essas leis são instituídas para proteger direitos, e não regular sua exploração. E regular não com o intuito de mitigar essa exploração, mas otimizá-la de modo que o estúpido e irracional capataz, do sistema, as empresas e empresários não mate o burro de carga que sustenta o tributo e a balança comercial das nações. Um mero freio para um motor que não pode ser redesenhado em sua razão social senão perde sua função e utilidade. Afinal novamente hipocrisia a parte, uma empresa não tem por finalidade produzir nem distribuir bens comerciais nem sociais e se possível obter lucro nesse processo, mas sim acumular riquezas se valendo da produção ou distribuição de algum bem comercial ou social. De modo que pouco importa se o bem é útil ou fútil, se cumpre a sua função para com o crescimento nacional, se atinge seus objetivos ela continua, do contrário fecha as portas. Evidentemente que para essa regra há aparentemente exceções, como visto na crise econômica de 2008, mas estas exceções não

estão dirigidas a natureza essencial do bem que produzem para a população, mas novamente para o processo de expropriação do trabalho e acumulação de riqueza que sustenta o progresso das nações- leia-se por progresso, a progressão de ganhos sobre interesses, e por nação o conglomerado dessas corporações, o mercado, e sua máquina administrativa, o Estado.

Num arroubo de sinceridade ou descaramento, o governo brasileiro busca suprimir o ministério do Trabalho, se sua sinceridade for ainda mais explícita, o colocará sob os auspícios do ministério da Fazenda porque é na regulação do emprego e exploração ótima do gado humano que entra os préstimos da tecnocracia e burocracia estatal. Empresas saudáveis, tributos garantidos. E o gado? A meu amigo, em que fazenda do universo você acha que o fazendeiro, o fiscal, ou o banqueiro que cooperam para construção de um curral mais humano, o fazem por altruísmo, e não para melhorar a produção? Isso é um negócio e não uma casa de caridade. É trabalho, não é hoobie. Vacas mais felizes é carne de abate macia.

Alguém aqui pode dizer que estou sendo maniqueísta, as coisas não são preto no branco, e é verdade não são, nem precisam ser, basta apenas as escalas de valores devidamente ordenadas de forma adequada para obter a mesma resposta comportamental de uma pessoa e o mesmo resultado concreto, independente do grau de solidariedade. Raros são os seres humanos que não se sensibilizam com o sofrimento, não se horrorizam com atrocidades, não se indignam com injustiça, nem que estão dispostos a gastar voluntariamente seu tempo e dinheiro para ajudar o próximo e o semelhante, desde que não seja muito tempo e dinheiro e claro não muito diferente ou distante do que ele tolera tanto como igualdade quanto dissemelhança. São cálculos simples: me incomoda o sofrimento alheio, incluso o dos bichos, mas prefiro carne. Me incomoda a exploração de trabalho infantil, mas prefiro meu chá,orgânico por favor. Me incomoda e

preocupa a escravidão alheia, mas no momento estou ocupado, com meus negócios e meu ócio. Mas como não gostamos de pensar e nem mostrar que no final das contas, feita a contabilidade estamos cagando e andando para a fome na África, ou na esquina de casa, mas para o nosso petit gatou para quem pode e pão com ovo para quem não pode, pagamos para ver e chorar e com o rei leão, só para nos lembrar e mostrar como ainda somos sensíveis e humanos. Justo, absolutamente justo, afinal injusto seria pedir ou pior cobrar para uma aleijado correr, quando não consegue nem mais sequer andar.

Uma vez amputados e reduzidos as faculdades que fazem dos seres vivos, entidades complexas mais de comportamento imprevisível, fica fácil lidar com essas fazendas orwellianas, de alguma função para o homem se ocupar e orgulhar, encha sua barriga e de algum brinquedo, passa-tempo, distração, deixe os cercados amplos para causar a impressão de liberdade gado vai pastar e engordar sem causar nem se preocupar se é tocado, ou com o abate. E vá lá como somos gente, e não bicho gostamos de pensar ninguém gosta de pensar que é só uma barriga ambulante, precisamos acreditar ou pelo menos mostrar aos outros que somos nobres e temos preocupações maiores, mas no fundo cá estamos presos ao processos como o homem que virou barata do conto a metamorfose de Kafka, ocupados demais como nossas ocupações para nos preocupar em sermos ou pelo menos não deixar de ser humanos.

Não há portanto teoria do caos, nem complexidade alguma nesse sistema determinista. A borboleta que bate asas em Wall Street e o tempestade que termina em enchente e morte nos confins do mundo, o drone que explode gente um casamento no Afeganistão não estão ligados por uma matemática da complexidade, nem por nenhum processo cármico transcendental, mas por uma contabilidade simples e interesses regidos pelos instintos mais primitivos. Do café gourmet nos centros

metropolitanos dos Estados-burgos mais desenvolvidos e a pilha de lixo que desaba sobre quem procura dejetos para comer nos grotões mais periféricos do mundo, da represa que arrebenta cobrindo de lama e morte aquela cidade do interior que você já nem sabia o nome e já esqueceu, as motos voadoras no deserto de Dubai essas desigualdades extremas estão conectadas por uma ordem artificial muito mais tosca que a lógica da natureza. Fora a cegueira seletiva não há mistério, não existem forças ocultas, números mágicos, nem vetores complexos a produzir essa matriz. Não é o que de desagregador que está por trás a governar o logos desse mundo, mas o que evidentemente falta de gregário o fator determinante desse peculiar progresso.

Sejamos sinceros, estamos cagando e andando, e se estamos, vai dar merda porque a bosta vai para algum lugar. Mas agora vem a parte interessante, ela vai, e por mais longe dos olhos e narinas que mandemos o esgoto da nossa (falta de) humanidade, por mais que seja na cabeça do outro e não na sua, ela vaza, e volta. De modo que na falta ou perda da sensibilidade haveríamos de ter desenvolvidos ao menos a inteligência. Uma inteligência suficiente para que aquele que não sente mais os pregos que come, consiga ao menos como o jogador de xadrez o que vai acontecer nos próximos lances com o seu próprio rabo. Só que não. Até porque inteligência não é substituta da senciência, mas um produto da sua evolução. E quanto mais perde-se da primeira, mais comprometido fica o desenvolvimento da segunda. De modo que trate-se ou deixe-se tratar como animal de fazenda ou zoológico e você vai terminar com como um, batendo sua cabeça na jaula e com tanta vontade de dar continuidade a sua existência quanto um panda com um monte de biólogos fantasiados fazendo dança erótica para ver se levanta sua libido perdida, ou cuidando da prole que ele renega. Como diria o colunista simplesmente uma fo-fu-ra...

Descobrimos o emprego mais fofo do mundo: babá de pandas na China

A vaga de "babá de panda" tem sido comparada pelos seus recrutadores ao "melhor emprego do mundo" --o de zelador de uma...

noticias.uol.com.br

Mais fofo que isso, só mesmo meu chocolate quentinho na noite Natal...

Natal chegando - e as crianças matando-se de trabalhar

Chocolate tem um lado sombrio: 1,2 milhão de crianças trabalham na lavoura do cacau, e a maioria dos cacauicultores não...

www.salveaselva.org

Mas se você é cristão não se preocupe, olhe para a cor da pele do menino da foto, sua pele escura indica que é descendente da tribo de Cam, amaldiçoada por seu pai Noé para ser escrava de seus irmãos de tez mais clara.

Mas não sejamos injustos com a mitologia bíblica. Eles não inventaram isso, copiaram. E copiaram até onde conseguimos até hoje rastrear arqueologicamente dos Sumérios. Ou melhor, copiaram não, copiamos. Já que praticamente tudo aquilo que define o que chamamos civilização, encontra sua origem neste ponto. E até que novos métodos e técnicas de investigação descubram uma origem ainda mais ancestral, se é que existe, fica valendo para todos efeitos, eles, os sumérios. Até mesmo porque se não foram eles que criaram mas também copiaram, assim como nós apenas deram continuidade ao mesmo padrão sem grandes alterações, o

que interessa é que outras origem ou padrões civilizatórios concorrentes se não desapareçam por completo da nossa gene cultural não deixaram traços tão marcantes e determinantes quanto eles. Da religião a burocracia Estatal, passando pelos modos de produção, organização e exploração, da terra, dos bichos e dos outros homens. Do cultivo a domesticação, das organizações e relações hierárquicas passando pelo servidão, obediência e idolatria aos senhores todos poderosos somos tributários desses modelo de organização dos povos e populações humanas. E olhar para essa gene da cultura das civilizações ajuda a entender o que hoje está aparentemente separado em Política, Economia e Religião, em verdade está geneticamente ligado. E mesmo não sendo mais a mesma coisa, ainda sim tem o mesmo DNA que define e portanto a leitura desse código explica, o porque e como, entre muitas outras coisas é tão difícil separar conceitos aparentemente distintos como trabalho, servidão e adoração que dirá portanto as práticas.

Pensamos na escravidão como a corrupção do trabalho, pensamos na mistura entre Estado e religião como a corrupção do Estado, quando em verdade historicamente não houve nenhuma corrupção, pois o que consideramos hoje como o mal e perversão ou o cruzamento indevido dessas instituições é na verdade a própria essência da sua constituição e cuja completa separação leva nada mais nada menos que a ruína das mesmas, que continua a depender simbólica e concretamente uma das outras para se perpetuar e prevalecer como um mesmo modelo de civilização.

Tanto a mitologia quanto as instituições sumérias são transparentes quanto a isso novamente não pelo que tinham, mas pelo o que não tinham tanto etimológica quanto etinologicamente. Assim como no grego antigo não havia palavras distintas para as palavras amor e amizade, no língua suméria não havia distinção para as palavras trabalho, servidão e

adoração. Trabalhar como escravo, obedecer servir e adorar os deuses, eram uma única ideia e prática, povo, plebe e escravo eram (vejam só que descoberta completamente contra o senso comum do povão) uma mesma bosta. Assim como dentro das divisões hierárquicas a classe dos governantes e sacerdotes que se sustentavam desse servidão sagrada, também não estavam completamente distintas e mesmo depois de devidamente discriminadas, nunca estiveram completamente separadas nem apartadas. E sejamos sinceros, nem mesmo no mais laicos dos Estados modernos na prática jamais estiveram, e nem poderiam porque a partir do momento que a pedra fundamental do trabalho perde esse caráter de dever sagrado, servil e idolatria aos todos poderosos, caem por terra desde a base toda a pirâmide, a arquitetura vertical as relações de poder e autoridade simplesmente se desfaz em redes horizontes de relações entre pessoas que desconhecem qualquer preconceção de supremacia, superioridade.

E haja chicote para domesticar colocar essa gente selvagem no seu devido lugar para montar de novo em cima sem cair do cavalo. Porque nessa época a política do pão e circo ainda não havia sido inventada, e nem podia, não tinham tecnologia para estabelecer colônias nem portanto se firmar como impérios. Não podiam, se dar ao luxo de prescindir da servidão da sua plebe mantendo-se a urbes resguarda das suas revoltas provendo o mesmo direito ao usufruto do ócio e futilidade, enquanto não tivessem como administrar a pilhagem e servidão bem longe dos centros palacianos ou importar escravos. Construir capitais administrativas no meio do nada, então nem pensar.

De modo que a divisão e logo disputas pelo poder entre Estado e religião, só podem surgir a partir do momento que a divisão entre política e econômica ou está muito bem sacramentada, ou mais precisamente o bicho-povo está devidamente domesticado, ou corre-se o risco de perder

o controle das massas. Assim, mesmo onde o estado laico não só separou mas por ventura veio a a excluir do poder, ou mesmo suprimir os cultos religiosos, não o fez jamais sem ocupar essa dimensão simbólica do poder, assumindo o culto ao estado, o nacionalismo e patriotismo, a função sociocultural de regulação e aglutinação geneológico da identidade das massas, ou seja a representação do patriarcalismo enquanto culto não a divindade paterna mas ao pátrio-poder como instituição temporal. Porém a obrigação sagrada do fiel há que se manter inalterada, seja ao deus pai, a pátria, ou mesmo numa fase posterior quando esses direitos e obrigações são transmitidos conforme o sistema politico-econômico vai se tornando mais complexo para a 3 figura dessa santíssima trindade o patrão: trabalhar, servir e adorar nem que seja hipocritamente com bajulação e adulação, não importa. Se os ritos são cumpridos, por adoração, temor, interesse ou mera força do hábito, pouco importa desde que se cumpra religiosamente a obrigação, o resultado pode até variar mas o objetivo maior que o mesmo está perfeito, o sistema está mantido... e girando.

Diz-se que os médicos cubanos trabalham compulsoriamente para o governo, e vejam que absurdo são obrigados a entregar parte dos seus rendimentos para sustentar a sua burocracia corrupta e tirana senão sofrerão punições. Nossa como será que eles conseguem viver assim pergunta o brasileiro, não o rentista, o sacerdote, nem o governante, mas o assalariado que não por acaso trabalha meses a fio, apenas para pagar tributos que evidentemente ao contrário de lá da ditadura de lá serão empregados no nosso rico e democrático e excelente sistema públicos, inclusive de saúde, e obviamente não para sustentar uma classe de parasitas. Então muda para Cuba, eu não, sou escravo, mas não sou idiota. E por isso mesmo sei diferenciar qual fazenda trata melhor ou pior seus escravos, como também sei que não levar chibatadas ou levar menos, não me faz uma pessoa livre. A igualdade é meramente uma operação mental, sempre relativa, pois depende como o maior o menor, o mais e o

menos de no mínimos dois seres ou objetos distintos. Já a liberdade não. Sozinho ou cercado de uma multidão, a liberdade mais do que uma condição relativa a miséria ou prosperidade alheia, é uma propriedade do ente antes de tudo para com ele mesmo. Uma propriedade que sim, pode ser roubada pelo alheio, mas que não pode ser dada por ele, porque somente ao titular natural pertence de fato, enquanto verdadeira liberdade, fenômeno que antes do estar livre desta ou daquela condição de privação é o viver sem ser dependente nem da riqueza alheia para sobreviver, nem muito menos da empobrecimento alheio para enriquecer, algo portanto impossível onde riqueza e pobreza ou a chamada desigualdade socioeconômica não é meramente abstração conceitual, mas um resultado contábil, onde os ganhos e posses de A se fazem as custas de B.

Ora é evidente que é possível produzir e acumular ganhos e posses enfim riquezas sem necessariamente produzir pobreza, até porque mesmo o roubo mesmo o legalizado implica em trabalho no sentido físico da palavra. De modo que poder-se-ia empregar a mesma energia ou até menos produzindo e criando do que pilhando, escravizando, vigiando e domesticando e pior aprendendo e ensinado técnicas essas técnicas a outros seres humanos, mas o ponto não é produzir, nem muito menos enriquecer strito senso da palavra. Riqueza que não produz pobreza ao alheio, apenas aumenta as posses enquanto possibilidades de subsistência e liberdade, mas não enquanto poder, e realização das taras e manias a ele relacionadas. Em outras palavras na cabeça do doente, de que adianta a riqueza se não for para submeter os demais aos seus desejos e vontades? Sem desigualdade a riqueza perde sua função dentro da civilização, e eis que o tarado como um maniaco favelado teria volta a recorrer com ainda mais frequência aos meios mais primitivos e violentos que o privação para poder violar os outros. Ou como diria o padre ou treinador pedófilo o que seria dos orfanatos e do esporte sem a pobreza para eles exercerem sua infinita caridade e filantropia.

Iniciação esportiva, um reduto dos abusadores de crianças e adolescentes

Promover a integração social, estimular o desenvolvimento físico e mental, cultivar uma vida saudável e, por que não...

brasil.elpais.com

Ou como diria nosso querido futuro presidente da república num dos seus arroubos furiosos de sinceridade, tanto faz se confessional ou de denuncia: “serve para comer gente”, em todos os sentidos metafóricos da palavra espero.

E nisto voltamos aos princípios de economia mais básicos, não só domésticos mas internacionais. Uma das definições mais tragicômicas da economia política é aquela que diz que a economia é a ciência que lida com a distribuição dos bens escassos. O trágico e cômico da definição está portanto no seu fundo de verdade. Se não escassos, haverão senão por força econômica então política, de o sê-lo, para o bem da preservação da econômica, a começar por sua predefinição e precondição. De modo que quando portanto falamos em riquezas das pessoas ou nações, se não estão falando das formas de encarceramento que gera os domínios e relações domésticas ou internacionais de poder não só não estamos jogando o mesmo jogo, ao menos não o jogo que os verdadeiros players do mundo do qual somos apenas peças, como sequer estamos falando a mesma língua, para entender como o jogo é jogado.

Não que os recursos sejam infinitos. Não são. Mas mesmo que o fossem, ou mesmo abundantes de tal forma que seria como se assim fossem, isto não mudaria a forma de organização das nossas civilizações, dado que não nos organizamos para subsistir ou mesmo meramente multiplicar,

mas escolhemos como estratégia ou sentido existencial prevalecer e dominar. Na miséria ou na fartura, o objetivo permanece o mesmo, nossa mentalidade e cultura não é imutável, mas salvo exeções que são rapidamente exintas e absorvidas, e mudanças insignificantes, o padrão civilizacional não só não muda como se expande e replica e complexifica sem sair da mesma toada, isto pelo menos nos últimos 5.000 anos. ditando o que hoje chamamos estados-nações mas suas relações na ordem internacional.

Há quem acredite que fontes inesgotáveis de energia, poriam fim aos conflitos inerentes entre os povos e nações, supondo como ironizou Machado de Assis que a luta da humanidade seja para ver quem fica enfim com as batatas. Mas assim como no banco imobiliário, ou na caça esportiva, não jogamos nem matamos para comer, desconhece a anima que move os seres e seus atos em busca de sentido para sua existência. Algo que não só fontes infinitas de energia, mas nem mesmo uma fonte infinita de juventude e a extinção da morte, ao menos a natural por velhice, não são capazes de fornecer. Sentido a vida. A unica coisa que uma vida eterna, material ou imaterial ou meios infinitos de produção fornecem sem fim é tempo. E tempo para quem não sabe o que quer, nem onde quer ir é absolutamente irrelevante ou a garantia de tédio e vazio eterno para quem se condenou ao inferno de não mais como se decompor para se reinventar.

Felizmente e também infelizmente estamos longe de compreender isto. De modo que a estupidez que nos mata pouco a pouco também é a mesma que vai nos mantendo vivos e entretidos em viver ou pelo menos tentar. Eis a única coisa que os despostas mais convictos e esclarecidos, e os mais radicais anarquistas tem em comum, ambos sabem que essas convenções são manobras de ilusionismo para a audiência cativa, porque as verdadeiras forças e leis naturais são outras, e se um luta para reduzi-las a

desordem e pervertê-las a sua ordem para governar os demais, e outro para libertar-se deles e seguir as naturais para governar a si mesmo, ambos sabem que de fato não existe outra coisa senão essa realidade para concretizar suas vontades.

Ambos sabem que não existem soluções mágicas, nem de transformação do mundo nem dos homens. Sabem que não existe a menor possibilidade de viver em paz, seja porque se tem tudo, seja porque não se tem nada, seja porque nunca se tem o suficiente, porque o suficiente de hoje, é o nada de amanhã. A forma como as pessoas vão canalizar essa força infinita de transformação, se como uma fome insaciável fim de tudo e de todos, um grande cronos a devorar tudo por mais tempo, ou se na própria autorealização atemporal da sua existência, isso já é muita metafísica para tão pouco tempo de vida principalmente livre para gastá-lo com tanta reflexão.

E metafísica fora ou dentro, o que resta de concreto é guardadas as devidas proporções e tempos como civilização somos todos sumérios. Cada avanço ou retrocesso tecnológico, cada máquina e automação otimiza e acelera os processos, mas não muda a lógica do sistema, e mesmo os ditos progressos e conquistas civilizatórias apenas lubrificam a estroenga, diminuindo inegavelmente os estragos, mas não cessando, porque o padrão permanece e prevalece, mesmo quando uma civilização, potencia ou império desaparece, ele se replica no seguinte. Voltando para o raciocínio que abre esse escrito, a chave não está neste ou naquele sistema, mas no código da sua programação que independente da linguagem ou cultura são ainda escritos dentro de uma mesma lógica. De tal modo que nem o deus ex machina, nem o deus máquina, salvam e libertam, mas pelo contrário, fazem parte da engenharia e arquitetura desse arcabouço desde suas versões de edificação. Porque o deus dos sumérios, o senhor de escravos temporal e transcendental, ainda é o

mesmo deus de todas as plebes do mundo. O deus que exige fidelidade, servidão e obediência em todos os tempos e lugares, o dono da vida e senhor do tempo e espaço dos seus criados, o senhor da guerra todo poderoso que demanda o sacrifício e holocausto nas guerras santas perpetradas em seu nome, em nome do pai e da pátria, mas também o senhor, patrono e patrão dos sacrifícios e holocaustos perpetrados em fogo brando da labuta cotidiana em tempos de pax. O deus senhor de escravos que a plebe suméria era obrigada a servir e adorar quisesse ou não como sua cruz, é ainda o deus o mesmo ou dos trabalhadores e desempregados “pós-modernos” o deus do Trabalho, da negação do ócio para os servos e provedor da ociosidade como negócio e sacerdócio sagrado para os eleitos e seus herdeiros, governantes dos fanos e fanáticos, senhores dos cultos e culturas e donos dos templos e palácios. O Deus dos ghettos, campos de concentração, fábricas, prisões que não se contenta com sacrifício de sangue e suor e alma, mas se alimenta do sofrimento e alienação da alma humana, naquilo que só a profissão do trabalho livre e não o servil e alienado poderia dar realização, sentido e vocação existencial. Eis a essência do poder deste culto e cultura sob a qual se erege aquilo que chamamos civilização, o sacramentalização sacrificial da servidão como função social da pessoa humana não como ser, mas como mera criatura que cão ou gado deve sua vida aquele que supostamente a prove, seus criadores e senhores capaz de entregar não só a si, mas sua prole em estase da sua fidelidade canina ao mesmo altar de sacrifícios. Um animal domesticado pelo seu semelhante. A base epistemológica das civilizações que tomam por bárbaro ou selvagem, ou mesmo desumano todos os outros que não rezam nem idolatram a mesma divindade e claro em permanente guerra para impor seu credo e modo de vida sagrado para todos os demais. Pois a simples existência de outra forma de vida ou credo é uma heresia para a pressuposição fundamental que sustenta esse representação de divindade feita a imagem e semelhança das todos poderosos ou mais precisamente as suas taras de violação do alheio, e uma ofensa tácita a sua condição de servo e

fiel. A liberdade do outro é a negação da relação de poder e servidão como única legítima e real, e a denuncia e lembrança ambulante de tudo que está profundamente enterrado e amputado e transmutado como inveja, ira, ódio e frustração nas camadas mais profundas da sua inconsciência, a criança que um dia ele foi e o adulto que ele não conseguiu ser, ambos mortos e sepultada na cova rasa da maturidade verde e apodrecida.

Tome por exemplos os diários do missionário que se martirizou para evangelizar a tribo dos sentinelas, o “último reduto do diabo”, e você vai entender as forças que simplesmente impedem nossa civilização não só de viver em paz, mas de deixar qualquer um, em qualquer lugar vivendo em paz. Não é uma mera questão de não conseguir se colocar no lugar do outro, mas justamente de um instinto de empatia completamente corrompido e adulterado num ethos senão pervertido, furado. Dizemos que estamos sempre a querer fazer pelos outros o que gostaríamos que fizemos por nós, uma mentira deslavada, que contamos senão para só outros para nós mesmos. Estamos a fazer a pelo outro o que gostaríamos de fazer com ele, se estarelemos como regra de ouro, o que supomos que o que ele quer, é o que nós queremos, longe disso ser a resultante do exercício natural da empatia, isto é, o exercício cego de uma doutrinação, porque até um animal que não tenha sido amestrado, consegue ler o que o outro animal deseja pelos sinais claros que transmite do quer ou não quer da sua parte. E se você entra num lugar que para o outro é o que você chama de casa ou território, quando você já deixou claro e patente que simplesmente não quer ver sua cara, tenha ele um exercito com tanques e misseis ou só um arco e flecha, qual parte da mensagem não foi entendida do quer você quer e gosta outro quer distancia, a começar por nada menos nada mais do que ter que conviver com sua própria presença. Não é meramente uma questão de não saber lidar com a rejeição, ou com o fato de não conseguirmos conceber que tudo que achamos tão maravilhoso em nós mesmos, seja absolutamente repugnante ao outro, e ao contrário do estuprador não ficar pensando que o outro não quer porque

não sabe o que está perdendo. Isso vai muito além do desrespeito ou livre-arbítrio, ou falta de noção da consensualidade como base da possibilidade de qualquer relação e comunhão de paz. Nem pode ser considerado com um mero fato isolado, porque guardadas as devidas proporções, é basicamente como vemos e operamos no mundo dentro do modo “civilizado”.

Quando nos perguntamos porque da cisma específica deste jovem com essa tribo, ou chamado como queiram. Quando nos perguntamos o que ela isolado no seu fim de mundo o incomodava estamos aplicando exatamente o mesmo raciocínio do infeliz, estamos usando nossa régua e sistema de valores para tentar julgar, medir, explicar e prever os quereres que movem que ação e comportamento alheio. Podemos estender essas pergunta a todos chamados ou cismas, especialmente quando uma das partes não tem a menor intenção de ditar como a outra deve viver, mas justamente o oposto apenas ver-se livre dessa ditadura em específico, nem que seja para viver sob outra. Uma pergunta que desconcerta os ditos autoritários que idolatram onipotência, onisciência e onipresença porque isso implica justamente em aceitar que seu culto e ídolos não tem jurisdição sobre tudo o que eles querem, mas somente e tão somente sobre quem aceita estar sob está cultura. Mas é também os ditos libertário que acredita que todo esse mal não passa apenas como de uma falta de conhecimento, obviamente do seu modo de saber viver, quando o componente da vontade é o fator determinante, mesmo quando a ação é promovida por alienados, pois se o amestrado e doutrinado não move por sua própria vontade e concepção, ainda sim se move pela vontade de quem o doutrina. E então é sobre essas vontades que estamos no final das contas tratando, vontades que podem ser meros desejos fruto de compulsões, vícios e frustração do qual o doutrinador é também prisioneiro, mas que também podem pura e simplesmente ser fruto nada mais nada menos da manifestação daquilo que ele deliberadamente quer ser e fazer. Uma escolha. Escolha que não só conhece as suas

consequências como não se importa ou mesmo é a realização do que procura. Loucura? Não do ponto de vista dos interesses de quem assim procede porque quer proceder. De modo que o desafio da verdadeira libertação, seja a de ontem, hoje e mesmo se um dia num futuro, o desenvolvimento da consciência permanecerá o mesmo: como se lidar como indivíduos e coletivos organizados e constantemente a se organizar dentro desse padrão supremacistas de culto, adoração e sacramentalização do autoritarismo, violação e exploração do outro manifestos como sua forma, razão e sentido de ser?

Já usei em outros escritos a metáfora, com os predadores naturais, podemos não só conviver, mas até mesmo proteger a vida e liberdade desses antigos “inimigos” naturais, desde que estejamos num estágio de desenvolvimento suficiente para nos mantermos fora do alcance da sua violência. Mas essa não é uma metáfora perfeita, porque enquanto o predador natural, mesmo aquele que esteja no topo de sua cadeia alimentar, como por exemplo o lobo pode perfeitamente viver em paz dentro de um território com espaço e recursos suficientes para satisfazer seus instintos predatórios dentro de um ecossistema que mantém equilibrado inclusive no número da sua população por conta dele. O homem é enquanto predador é um lobo de outra natureza, não só porque não se especializou não só em predar e domesticar a sua própria espécie, mas sobretudo porque sua fome e portanto sua caça não é das presas que estão a sua disposição, mas justamente daquela que está além. Sua fome não é de qualquer maçã, pois se fosse contentaria-se com a sua, mas sempre a maçã “proibida”, a maçã do outro. De modo que mesmo que tudo tivesse, ainda sim não está satisfeito, porque sua fome e desejo insaciáveis não são de meramente um desejo de possuir mais e mais, mas de possuir nada menos que tudo que seus olhos alcançam, incluso o outro que também não passa de uma maçã. Como conviver com essa pessoa, cuja a pisque, não se satisfaz enquanto não reina, controla e consome a vida e liberdade alheia? Uma pessoa que quando já não tem uma única

pessoa nessa condição natural, as cria e cultiva em sua infância com todo o carinho e proteção necessária para que ela cresça e floresça apenas nos primeiros sinais da maturação poder salivar e novamente satisfazer seus instintos primitivos mais pervertidos?

A resposta é simples. Não se convive. Uma resposta que hoje em dia, graças a sociedade da informação onde as pessoas desnudam narcisa e voluntariamente seus pensamentos e disposições mais inconfessáveis em público. E há quem se ressinta pelas relações que rompe, ou culpe exclusivamente a arquitetura das redes de telecomunicação social, por transformar num o monstro aquela pessoa pacata que vivia a seu lado, quando a arquitetura das redes desenvolvida dentro dos valores e interesses predatórios tudo o que faz, é revelar e claro potencializar a perigosa união de quem até então estava disperso e pensando estar sozinho, literalmente e tão somente não se revelava. Longe de transformar a arquitetura os meios e veículos apenas revelam os monstro que havia dentro de você, e se isso serve para você identificar e se unir a seus afins, também serve para as potenciais presas saberem enfim onde estão os predadores, em sua armadilhas e tocaias, inclusive da próprios rede ou veículo de comunicação enquanto tais. Eis o perigo da ditadura do politicamente correto, você só descobre que está dormindo com o inimigo, infelizmente tarde demais. Há quem se surpreenda com o que tem se tornou primeiro o mundo virtual da internet, e agora real das ruas, e os conflitos que como nuvens se espriam no horizonte anunciando as futuras tempestades, mas apenas porque vivíamos sob o véu da ilusão das aparências de civilidade, mantidas não pela tolerância, mas pela submissão silenciosa dos violados e violentados. Bastou, o levante deles, ou melhor deles e principalmente delas, para que o predador que não, não estava dormindo, mostrasse seus dentes e garras e toda a sua disposição para defender com toda a força os meios que tem a sua disposição, incluso a violência o que considera sua posse, domínios e territórios exclusivos, nada mais nada menos tudo ele alcança com olhos

e mãos, o seu mundo como tudo o que há dentro dele, incluso a identidade, destino, comportamento, relação, comunhão, das outras pessoas. Um processo reacionário que não se iludam, já vinha ocorrendo a esquerda progressista e agora ganha força ainda mais à direita conservadora, que inclusive se sentia oprimida pelo autorismo disfarçado de proteção da esquerda autoritária. Uma simbiose, que gera um ciclo vicioso já que agora invertidas as forças, será o outro lado a tentar esmagar totalitariamente o modo de vida diverso e impor o seu.

O que os autoritários a esquerda e direita não conseguem aceitar, e nem podem pois isso seria a extinção de tudo que fantasiam e desejam como tara disfarçada e racionalizada como ideologia, é que não tem direitos para impor adesão a um conjunto de normas e formas de viver aos outros. Até porque tal respeito as relações regidas pela consensualidade, implica na renúncia a qualquer pretensão de legitimidade do emprego da coerção, repressão e violação como forma de manter a união leia-se domínios. Tal respeito a liberdade de culto, crença, identidade, relação, comunhão, implica em abandonar seus desejos de reinar e possuir e controlar todos os espaços a todo tempo, ou em outras palavras implica em renúncia nas pretensões jurisdição e governo de quem não deseja estar submetido a esse regime e sociedade, mas a outro, o seu. O que exponenciaria a autonomia e independência dos indivíduos, mas multiplicaria os territórios autônomos (con)federados ou não. De modo que aquilo que é a solução para quem só quer viver em paz e deixar os outros viver como bem entendem em paz por sua conta e risco, é o problema para quem não quer e já não consegue mais manter o sistema que satisfaz seus desejos de posse e poder sem recursos humanos para mantê-lo e satisfazê-lo. Uma padrão de dependência da exploração que antes de ser tão somente material, é psíquico, e não raro o monstro que perde o seu reino, prefere matar todos que estavam sobre seu domínio, e morrer do que renunciar a ele, ou o que na prática a mesma coisa, vivendo livres e independentes dele.

Digamos eufemisticamente que o autoritário daquele tipo de maluco possessivo perigoso que não aceita ser nem contrariado, que dirá rejeitado, e quando não estamos falando mais dessa mentalidade a imperar sobre comunhões pessoais, mas sobre sistemas de produção, temos um sério problema que antes de ser socioeconômico é psico-cultural. Um grave afeção do ethos, como vimos ancestral. Mas uma afeção da alma não só no sentido de uma forma de ser melhor ou pior, bom ou mal, mais bonito ou feio, dentro de conceitos de bondade, beleza, sabedoria ou ética clássicos ou mesmo saúde ou sanidade modernas, mas um problema de teratologia que afeta não só a qualidade manifesta do ser e forma de vida que temos ou somos ou pretendemos ser, mas sua potencia e potencial em qualquer forma ou qualidade, um problema de envelhecimento e morte precoce do que sequer consegui crescer e amadurecer, um questão de extinção do que sequer se se realizou completamente, a humanidade.

Como afirmei anteriormente, esse caos não termina quando a borboleta bate asas num lugar e um terremoto ocorre em outro, ele ressoa, e volta, não por nenhuma razão cármica ou cósmica transcendental, mas por causas e consequências bem mundanas não só transformação do meio ambiental, mas sobretudo do ser vivo ou de potencial pela concretude dos seus atos, um processo de mão dupla que altera sua natureza tanto quanto altera a própria a natureza do mundo esteja o mundo vendo ou não. Uma obviedade. Porém cujo o mero reconhecimento inteligente ou mesmo a vivência sensível não tem alterado, não significamente, a gene dos comportamentos. De tal modo que assim como essas civilizações de outrora que se não engendraram seu próprio fim e desaparecimento com suas contradições, também não foram capazes de superar nem elas nem as vulnerabilidades a que eventualmente foram expostos. Em outras palavras, se suas políticas e econômicas não forma diretamente responsáveis pelos males que determinaram sua falência e queda, fome, pestes, guerras uma coisa é certa, não foram capazes de lidar e sobreviver

a elas. Não que isso seja uma tragédia em si, que se tiverem que cair que caíam, mas como essas instituições não caem em outro lugar senão na cabeça de quem vive sob elas, o problema são as vidas que se perdem, e eventualmente em alguma momento toda a vida. O que seria o equivalente ao que chamamos de morte natural se fosse produto do esgotamento das suas possibilidades como envelhecimento e morte, o que não se aplica principalmente que chamaríamos ao equivalente as mortes que poderiam ter sido evitadas principalmente se as escolhas poderiam ter sido outras. Uma pressuposição absolutamente necessária não só para se viver, mas para enfrentar o momento derradeiro com o mínimo de dignidade e não esperando a morte chegar.

Para entender esse processo do ponto de vista Macro. Deixemos por hora, a gênese da nossa cultura e mentalidade, o passado, descansar em paz, sem contudo apagá-la como da nossa memória, como dado para os próximos raciocínios e voltemos nossos olhos novamente para os desafios de um futuro que já cada vez mais presente e raciocinemos.

Quando portanto falamos do emprego de mão-de-obra mesmo a que carece ser altamente instruída e especializada como os médicos, temos que levar em conta não só como o emprego e exercício dessa profissão como a prestação desses serviços, estão e são regidos por interesses que não são apenas administrados e regulados pela jurisdição estatal, mas estão submetidos as disputas de interesses nele institucionalizados e que regem suas relações não de domínios geopolíticos mas de disputa das riquezas ou butim, tanto como capital quanto trabalho tanto dentro do mercado doméstico quanto exterior. Precisamos observar qual a forma predominante do capital, e de que forma o emprego dessas pessoas se insere como mero dentro de um sistema complexa mas cujo paradigma é se resume a uma simples questão para quê e portanto quem eles estão a serviço, lembrando pode ser mais de um elemento privado ou estatal, mas

enganar-se ou deixar-se enganar que estão servido exclusivamente a si mesmo ou a saúde da população, isto não é desconhecer a condição do trabalho e trabalho desses médicos e pacientes seus desafios, obstáculos, mas é desconhecer a sua própria condição seja como quando presta um serviço ou produz, ou quando o é atendido em suas demandas por ele. A vocação a dedicação não estão excluídas da equação, pelo contrário, são a essencial que move, mas não só se movem sozinhos, é da apropriação e uso ou mesmo deturpação dessas motivação para outros fins que se consiste o emprego de qualquer um que seja um empregado ou mesmo ou empregador que não tenha o controle sobre a produção. Esqueça portanto os termos que mudam como os supermercados de um Abílio de Diniz, e se concentrem na natureza do negócio onde estas mudanças fazem parte não só da sua propaganda mas da sua engenharia jurídica e fiscal. As diferenças de grau de expropriação e alienação e logo autonomia e propriedade sobre seu trabalho e produção são sempre de grau e nunca de gênero. Comprar as maravilhas de um estado e não de outro, é cair e ser conformado a uma outra armadilha ideológica, considere a sua gaiola como se feita de ouro, ou um chiqueiro para porcos a margem de manobra consciente para a verdadeira ação vocacionada e solidária é sempre menor e está sempre restrita e determinada por esses encercamentos. E sair deles longe de ser um mero querer ou saber, mas uma questão de poder, da mesma forma que o operar com o mínimo de liberdade ainda encerrado dentro desses arcabouços.

Dito desta forma parece até que estou me atendendo a dimensão micro, de uma problema macro. Não, este arcabouço que rege e delimita o campo das possibilidades de ação dos empregados, também constitui o xeque-mate em que não só os regentes acabam por se colocar, os limites e o fim do próprio jogo.

Algo que se explica e compreende, mais uma vez, melhor com um outro exemplo, e que não precisa nem fugir ao tema, a saúde desse bem, a saúde. Ou mais precisamente, o dilema atual da sua produção e distribuição e sobretudo financiamento no atual de transição do capitalismo entre o estágio terminal do capitalismo industrial-bancário, para o não mais embrionário, mas ainda em construção, leia-se guerra, informático-financeiro.

Um estágio onde o problema da incapacidade de prover mão-de-obra médica nos grotões e periferias mais distantes e consequentemente ao mesmo tempo que se superlotados centros metropolitanos é apenas um das dimensões e sintomas a agravar a falência e esgotamento de um sistema, que está perdendo a guerra que declarou unilateralmente contra a natureza. Explico.

O sistema de capitais, não importa aqui o regime da sua administração dita capitalista ou socialista, se fundamenta na transformação de bens para acumulação de capitais que são investidos para a produção e provisão de bens e serviços artificiais, sociais ou comerciais. Novamente não importa, não neste raciocínio novamente se públicos ou privados, porque nenhum dos modos de produção e destruição nem sozinhos ou em parceria estão conseguindo vencer o problema. No caso da saúde, um dos grandes adventos do século passado que contribui com criação e manutenção grandes centros urbanos e industriais, jamais dada a insalubridade inerente a concentração de bundas e bocas um monte de gente cagando e se contaminando mutuamente, foi justamente a descoberta dos micróbios e consequentemente de uma forma de tratamento baseada no combate aos mesmos, com a produção massiva de remédios quanto vacinas para populações. Para se entender o tamanho dessa revolução e seus impactos, basta pensar se os projetos filantrópicos financiados por Bill Gates tivessem sucesso e as populações humanas

adquirissem imunidade as doenças tropicais, quantas oportunidades de ocupação e mercados de negócio se abriram para o “progresso da civilização” em lugares como por exemplo a Amazônia. Pois é. Mas não é por causa disso que o progresso vai parar. E não é pelo que vai acontecer no futuro que o sistema está falindo hoje, nem pelo que deixarmos de fazer que ele, ou mais importante a natureza e a vida das pessoas, vão se salvar, mas justamente pelo contrário, pelo que foi feito e continua a ser feito a espera que algum gênio da raça humana encontre a solução ou melhor remédio que irá mais uma vez remediar o problema e transferi-lo a uma próxima geração. Mas não nos percamos o fio da meada, estamos ainda no século XX. A revolução científica como bem sabemos não ficou só a medicina humana, mas também a animal. e assim como na agricultura o uso intensivo de aditivos agrotóxicos permitiu produções de grãos, também o uso de antibióticos também permitiu ganhos em produção industrial, novamente o calculo de bundas, bocas, sujeira e fezes entre na equacionamento do espaço e tratamento das populações que passam a literalmente cagar uma em cima das outras e até serem alimentadas dos restos moídos uma das outras sem maiores prejuízos, conhecidos até então, doenças como a da vaca louca, ou variedades ultra-resistentes aos antibióticos senão eram até então complementarmente desconhecidas eram ignoradas bem como suas possibilidades de mutação e proliferação em outro ambiente ideal para tanto os hospitais, em especial do mundo subdesenvolvido, onde a salubridade não é uma das prioridades no trato e tratamento dessa outra espécie recurso vivo, o humano. Some-se então o uso indiscriminado dos antibióticos em humanos e animais, com condições de tratamento e assepsia hospitalar precários e você tem a cultura perfeita para produzir cepas mais resistentes, é como se estivéssemos a imunizar... as bactérias.

Um problema até então menor, aos menos para os civilizados, mais para nativos e eventuais turistas e trabalhadores exceto evidente para gado e gente tratada com tal. Afinal, se os microorganismos se adaptam aos

velhos medicamentos, a ciência desenvolve novos. Certo? Errado. Não é a ciência é a indústria que usa os avanços científicos para produzir novas drogas. E embora a lógica que produzimos nossos bens, o capital, incluso como conhecimento científico também é capaz de adaptar, não na mesma velocidade competitiva, ou melhor na progressão com que a natureza no caso específico a microbiótica tem demonstrado possuir, ou seja, numa velocidade inferior a necessidade. A última grande corporação a trabalhar com a produção de novos antibióticos vendeu seu asset recentemente, não simplesmente porque vender outros remédios e cosméticos dá mais lucro, mas simplesmente porque mais do que inviável produzir qualquer lucro com essa produção, não é possível produzir medicamentos que funcionem, não em tempo. Entre o processo de investimento, pesquisa, produção, aprovação e enfim distribuição da nova droga contra a cepa anterior que adquiriu resistência, novas cepas já se multiplicaram. Mesmo que não houvesse nenhuma perda nesse processo de produção, com por exemplo burocracia, ou seja mesmo com todo o investimento e pesquisa e produção necessárias para produzir novas armas contra esses pequenos agentes biológicos, a corrida armamentista para a produção estaria perdida, porque na medida que o homem elimina ou neutraliza uma variedade, a partir dela e da própria necessidade de mutação desencadeada pelo ataque, as outras se desenvolvem cada vez mais rápido e diverso. E aqui entra o problema que vai muito além apenas do financiamento em pesquisa e desenvolvimento, a evolução. Os vírus ou bactéria, mesmo fungo assim como nós seres humanos não só sabem se adaptar para sobreviver incluso em nossos ambientes tóxicos como tem naturalmente uma capacidade muito maior de mutação, adaptação e proliferação do que a nossa, apresentando não só resistência mas variedades numa velocidade muito maior que nossa capacidade não só científica, mas econômica de produzir as armas biológicas contra eles, drogas.

A indústria farmacêutica não tem conseguido acompanhar as transformações ou mais precisamente as mutações que a próprio combate potencializa, ou seja não ao mesmo intervenção humana tanto econômica quanto científica ao mesmo tempo que elimina uma ameaça, engendra outras mais agressivas e resistentes por seleção natural. E não só por conta das contradições e falhas inerentes aos nossos modelos econômicos, mas por conta da própria visão e abordagem da questão que define tanto a economia quanto a própria ciência como uma espécie ou combate aos inimigos, ou seja uma guerra. Uma guerra contra um outro reino da natureza, que está perdida desde que foi assim entendida e declarada, porque a vitória completa a extinção desses micro organismos resultaria na morte do vencedor e a adaptação deles contra nossas armas os torna não só mais agressivos e resistentes, mas amplia sua diversidade e potencial aleatório destrutivo.

Guerrear contra a natureza é como travar uma luta contra uma hidra, onde você corta uma cabeça e não só duas, mas incontáveis novas cabeças surgem em seu lugar, algumas não só resistentes a sua velha espada, mas prontas para se multiplicar em novas formas resistentes as espadas que nem sequer ainda pensamos em criar ou conseguimos criar. Uma luta portanto contra a própria vida. Uma estratégia que tem colhe seus sucessos no primeiro momento da batalha, mas enseja sua própria derrota sempre a longo prazo. E acaba por prejudicar o próprio desenvolvendo de medicamentos que visam promover a resistência do homem a esses micróbios, o processo do desenvolvimento de vacinas que trabalham com a abordagem inversa, a imunização, isto é, a produção de medicamentos que permitem ao organismo humano conviver com esses micro organismo sem ser mais prejudicado por eles. O que não afeta a sua capacidade de se mutar e eventualmente se tornarem novamente nocivos, mas a um progressão evolutiva que os avanços da medicina e economia teriam a mínima chance de acompanhar.

Notem portanto que seja nas limitações intrincadas dos nossos modelos socioeconômicos, sejam nas limitações intrínsecas do nosso modelo de saúde e medicina como combate as doenças, a raiz do problema é mesma, e não (só) de paradigma científico nem econômica, mas epistemológico, um problema de visão e concepção da natureza e ação humanas, onde impera a abordagem de guerra, cuja finalidade não é por sua natureza estabelecer ou manter equilíbrio ou harmonia, mas impor domínios e hegemonias. Digamos como o general que escolhemos mal não só nossa estratégia de guerra bater de frente com um inimigo que não podemos vencer, mas escolhemos mal nossa estratégia e ponto. Elegemos como inimigo uma força que não pode ser subjugada: a natureza ou mais precisamente a vida.

Não, não estou defendendo que deveríamos cruzar os braços, enquanto pessoas morrerem doenças, mas entender que cada investida onde somos escolhemos ou somos obrigados a atacar uma determinada doença ao invés de trabalhar com a imunização não só estaremos dificultando a posterior cura em definitivo, como fortalecendo e ampliando o espectro desses males. Um padrão de abordagem de solução e resolução dos problemas que está presente portanto não só na relação com esse reino, ou a produção desse bem, a saúde, mas em todas as relações e processos produtivos.

Em suma, mesmo que o processo de produção de um novo medicamento, antibiótico ou vacina, tenha todo financiamento, e nenhum entrave, o processo no que tange a fase de pesquisas e desenvolvimento, não é de modo algum automático, pode consumir uma quantidade imprevisível de tempo e trabalho, e sem garantia de sucesso. Como um outro fator importante neste sistema de produção e reprodução do capital, cada vez mais significativo na era da informação, o conhecimento em sua forma de propriedade intelectual é uma das contradições inerentes desse sistema

socioeconômico, pois ao mesmo tempo que a valoração e proteção garante o retorno, ela por outro lado acaba gerando obstáculos sobretudo a quem não possui capitais para adquirí-lo. De tal modo que quando um Instituto como o Butantã que produz ciência de ponta, como recentemente a vacina contra a dengue esse conhecimento é facilmente comprado para produzido em massa por pelo capital privado de empresas do mundo desenvolvido. Mas o caminho inverso, não, quando por exemplo um país subdesenvolvido precisa adquirir mesmo readquirir de volta esse mesmo produto ou a licença para produzir e distribuir a sua população, e simplesmente não tem capitais para tanto, levando a guerra de quebra de patentes. E nisto voltamos a questão da propriedade, a quem pertence o conhecimento, a informação desenvolvidos com base no patrimônio não só genético não só cultural mas biológico e natural de uma pessoa como indivíduos, nações como coletivos e humanidade como bem comum enquanto simplesmente vital a todos sem nenhuma especie de segregação ou discriminação.

Como se vê não o questão das produção e prestação de serviços de saúde, vai muito além do problema da formação e emprego de mão de obra especializada, ele passa pela posse e produção dos meios necessários tecnológicos para que essa mão de obra possa fazer seu trabalho, um trabalho que hoje regulada pela jurisdição sobre o trabalho mas sobre a propriedade intelectual, e cuja contradições e desigualdades não afeta só o campo do desenvolvimento e pesquisa, mas também o exercício de toda a clínica em geral determinando não só a precariedade da sua prestação, mas da formação e em ultima instancia da própria relação de trabalho enquanto emprego de uma mão de obra menos mais defasada, menos competitiva, e mais barata, porque mais otimizada, mas porque menos valorizada. Mão de obra pobre, para gente pobre em lugares pobres com recursos pobres recebendo salário de miséria. Não surpreende portanto que o emprego de subterfúgios que recorram a formas mais ou menos mal disfarçadas de coercitividade baseados senão na ameaça na falta carestia

ou falta de opções sejam empregados como gambiarras provisórias que se se tornando definitivas.

Da mesma forma que desenvolvemos nossas defesas, não só colateralmente nas externalidades, mas inerentemente a sua arquitetura constituirmos também nossas vulnerabilidades. E o homem que é o biozard para as formas de vida nativas, e os nativos, também é o vetor dessa mesmo mal em constante mutação em seu meio já transformado. E esse principio não é um padrão apenas da vida biológica, mas da vida social e cultural, política e econômica, simplesmente um padrão de organização da vida em todas as suas dimensões e possíveis relações, não por uma razão mística, ou axiomática, mas porque o ser completamente apartado do universo é uma abstração conceitual e não o fenômeno. De modo que mesmo quando nossos males não são causados por como consequência das nossas próprias ações, não são em sua grande maioria evitados pela pobreza da nossa visão e projeção, algo que como concebemos nós e o mundo do que propriamente como ele é de fato. Em outras palavras, muito embora sejamos dotados da capazes de problematizar e solucionar situações, incluso as que não criamos, a dura verdade é que não só não solucionamos o que problematizamos como estamos criando problemas a longo prazo insolúveis com nossas soluções imediatas.

No fundo a grande odisseia da progresso da história da civilização dentro dessa mentalidade se resume apenas simples pergunta: quem vai limpar a nossa merda?

[Em feira na China, Bill Gates apresenta privada inteligente - Link - Estadão](#)

[Bill Gates, cofundador da Microsoft, participou de um evento em Pequim, na China Embora seja conhecido como fundador da...](#)

link.estadao.com.br

Falta agora só inventar as bundas pensantes, talvez mais fácil do que a castas dos patros cagantes e fodentes adquirem consciência e comecem a pensar...

O primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, prometeu construir 60 milhões de banheiros em residências das áreas rurais do país ao longo de seus cinco anos de mandato, iniciado em 2014. A ideia é acabar com a evacuação a céu aberto, uma das principais fontes dos problemas de saúde pública por lá, e resultado da falta de acesso a estruturas sanitárias de qualidade. O governo foi pego de surpresa, contudo, ao detectar que mesmo com novas latrinas em casa, parte da população continua indo à natureza para fazer suas necessidades fisiológicas. O sistema de castas, os hábitos enraizados e até mesmo o machismo são os principais fatores que afastam grande parte dos indianos das áreas rurais do país, onde a prática é mais comum, do sanitário privativo. A questão é colocada como um ponto central das mortes de crianças até cinco anos na Índia. Isso porque a diarreia lidera o ranking de causas desse tipo de ocorrência e é gerada por problemas sanitários e ausência de higiene básica. A dificuldade em destinar dejetos humanos de maneira correta tem um papel importante nesse caso. 130.000 crianças de até 5 anos morreram por diarreia na Índia em 2013, segundo a Unicef 22,8% das mortes no mundo decorrentes desse problema aconteceram no país. A evacuação a céu aberto não é um problema exclusivo da Índia. Outros países, principalmente na África e no Sudeste Asiático, com economias pouco desenvolvidas e onde grande parte da população não tem acesso a saneamento básico de qualidade, também convivem com o problema.(...)

Por que fogem do banheiro?

PRECONCEITO DE CASTAS No sistema de castas da Índia, que divide em classes hierárquicas a população de acordo com seu nascimento, a tarefa de limpar dejetos humanos é diretamente associada aos dalits. É a casta que ocupa a posição mais baixa da hierarquia e sofre com um profundo preconceito estrutural no país. Eles constituem 16,6% da população. A ideia de limpar o fosso do banheiro é ainda mais delicada por esse motivo. Famílias que podem — e querem — construir seus próprios banheiros, optam por gastar mais e construir fossos maiores, que não precisem ser esvaziados pelo tempo aproximado de uma geração. O relatório da Rice aponta que como os fossos dos banheiros construídos pelo governo são menores, as famílias optam por nem começar a enchê-los para não terem de encontrar uma forma de limpá-los posteriormente. “O ato de esvaziar o fosso é associado com o degradante sistema de castas. As pessoas temem que, quando eles encherem, ninguém irá querer limpá-los por causa do estigma social. Esse medo desencoraja o uso dos banheiros” Sangita Vyas Diretor da ONG Rice, em entrevista ao “Washington Post” (...)

*MACHISMO O contexto de violência disseminada contra a mulher, em um país que estupra 92 delas por dia, segundo dados de 2014, faz do acesso ao banheiro mais do que uma simples questão de saúde, mas também de segurança. A população feminina se vê ainda mais insegura quando tem que sair de casa para se aliviar, especialmente durante a noite. Casos de estupros e mortes de mulheres nessa situação não são raros, e o direito delas a ter um banheiro em suas casas passou a ser uma demanda do próprio movimento feminista indiano. Contudo, campanhas publicitárias que associam o uso do banheiro à segurança da mulher, delegando inclusive a missão de construir o toalete ao ‘pai de família’, tiveram como uma consequência não prevista a associação do uso da latrina à feminilidade. Para os homens, evitar o banheiro passou então a ser também uma questão de reafirmação da própria masculinidade. -**Castas, hábito e machismo. Por que a Índia constrói banheiros, mas sua população não os usa***

Castas, hábito e machismo. Por que a Índia constrói banheiros, mas sua população não os usa

No país onde mais crianças morrem por consequência da falta de saneamento básico, convencer a população rural a usar o...

www.nexojornal.com.br

Uma questão de falta de infraestrutura política-econômico ou organização sociocultural? Só na Índia? Ou um problema de falta e corrupção de algo ainda mais essencial e universal?

Em busca de um ‘momento de glória’

Em 1901, um médico britânico que morava na Malásia descreveu um fenômeno que lhe chamava atenção: o de pessoas sem histórico criminoso que tinham rompantes de violência e saíam cometendo assassinatos indiscriminadamente, atacando a quem não havia feito nada contra elas.

“Um homem de 23 anos roubou uma espada e atacou seis pessoas que estavam dormindo ou fumando ópio. Ele quase decapitou um, matou outros três e feriu seriamente os demais — tudo sem razão aparente”, escreveu na época o médico John Gimlette no Journal of Tropical Medicine.

Era o fenômeno cultural local chamado de amok, quando uma pessoa alvo de frustrações ou humilhações — na maior parte dos casos, um homem — passava por um período de reclusão e isolamento e depois se lançava em um ritual catártico e bárbaro: ir a um lugar público e movimentado para matar pessoas desconhecidas, sem motivo ou conexão aparentes. A palavra deu

origem ao termo em inglês “running amok”, que pode ser traduzido como “tomado pela ira”. (...)

Diferentemente dos amoks originais, de caráter catártico, os atiradores da atualidade parecem nutrir a ideia de que as matanças lhes proporcionarão o momento de glória, triunfo e atenção midiática que não haviam conseguido em vida até então, avalia o acadêmico brasileiro Gabriel Zacarias, professor de História na Unicamp e estudioso de casos recentes de extremismo islâmico na França (abordados no livro No Espelho do Terror: Jihad e Espetáculo; ed. Elefante, 2018).

“A maior parte é de pessoas apontadas pelos conhecidos como introspectivos, que ninguém imaginava que poderia fazer uma coisa dessas (uma matança indiscriminada). São homens geralmente, de alguma forma, frustrados”, explica Zacarias à BBC News Brasil.

Essas frustrações podem ser pelo fato de não terem desfrutado de popularidade, sucesso profissional ou integração à sociedade competitiva onde vivem, exemplifica.

“Os extremistas na França geralmente são de um estrato social mais baixo e de família de origem imigrante, o que coloca o preconceito em jogo na sua dificuldade de ascensão social. (...) Parecem ter encontrado no terrorismo uma forma de dar um sentido mais nobre a uma vida que já estava fora da norma”, explica. “Quem comete um atentado sabe que vai ser apresentado de uma determinada maneira na imprensa, nos telejornais, nas redes sociais jihadistas. Vai ter um momento de ‘triunfo’”, explica.

“O que nos leva ao caráter espetacular desses fenômenos: a maioria (dos extremistas) produziu vídeos com armas, mensagens ou até filmagens de seus

próprios ataques. Eles já tinham a percepção de que seria um momento de grande repercussão midiática e de que eles, até então fracassados (dentro de suas comunidades), teriam seu reconhecimento.”

Claro que frustrações em si não bastam para explicar uma matança indiscriminada — todos, afinal, temos momentos de frustração, e pouquíssimos de nós transformamos isso em violência extrema. No caso de extremistas islâmicos, é preciso levar em conta também componentes étnicos, religiosos e geopolíticos. No caso dos atiradores de escolas, porém, há pesquisadores nos EUA que acreditam que existe no país uma “crise de masculinidade”: jovens do sexo masculino que se sentem desconectados da sociedade e encontram na cultura de valorização das armas de fogo uma forma de expressar que são “durões”.

“Todos os atiradores de escola e terroristas domésticos que analisei em meu livro exibiam raiva masculina, uma tentativa de resolver uma crise de masculinidade por meio de um comportamento violento e demonstravam fetiche por armas”, escreveu em 2008 o pesquisador Douglas Kellner, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, autor do livro Guys and Guns Amok.

Kellner estava se dirigindo à imprensa poucos dias após o atirador Steven Kazmierczak ter invadido a Universidade Northern Illinois e matado cinco pessoas, em 14 de fevereiro daquele ano.

“Tanto em massacres em escolas quanto em atos de terrorismo doméstico, os perpetradores usam armas e/ou cometem violência para resolver crises de masculinidade e se constituírem como ‘durões’, ‘homens de verdade’. Também usam a imprensa para criar espetáculos de terror e firmar-se como celebridades”, escreveu Kellner em artigo posterior.

Para o pesquisador, “em cada caso, os homens sofriam de problemas de socialização, alienação e busca por identidade em uma cultura que valoriza armas e militarismo como símbolos poderosos de masculinidade”. (...)

Mas esse é apenas um aspecto da complexa questão.

Para Gabriel Zacarias, é difícil propor soluções sem antes refletir para além das motivações imediatas dos perpetradores de massacres e para as contradições da sociedade ocidental atual — que estimula a concorrência aguerrida e a busca (principalmente masculina) por um ideal de sucesso nem sempre fácil de ser alcançado.

“Existe um problema mais profundo de crise do sujeito: do ponto de vista clínico, se manifesta na enorme epidemia de depressão que vemos. (Mas também) é concorrencial: da busca por triunfar aniquilando os concorrentes, que é como estruturamos nosso mercado de trabalho atual”, diz.

“Os indivíduos frustrados não sabem contra quem se vingar e vingam-se contra alvos aleatórios. Daí mais uma vez que as justificativas simbólicas que canalizam o ódio e o ressentimento são extremamente perigosas. Se for dito que a culpa de todos os males é de um certo sujeito social, o tipo se torna alvo potencial dos atiradores. Os EUA atuais exemplificam bem isso. A ascensão da extrema direita e de discursos racistas, homofóbicos, anti-intelectuais e antisemitas tem redirecionado a ação de atiradores, caso dos ataques em sinagogas e boates. Há razões para se esperar fenômeno semelhante por aqui.”

O americano Kellner, por sua vez, defende controles mais rígidos para o porte de armas nos EUA, mas também “a projeção de imagens novas e mais construtivas de masculinidade”, menos associadas à violência e a

agressividade. (...) -**O que pode levar a 'explosão de violência' como a do atirador de Campinas, segundo a ciência**

Ah, se bastasse só a projeção de imagens... ou difusão de novos valores...

Por trás da imagem está a história de Anil, um indiano de 27 anos que trabalhava na rede de esgotos da capital, Nova Deli, e que morreu quando a corda que usava em serviço para descer até um bueiro se rompeu, provocando sua queda.

Estimativas apontam que cerca de 100 trabalhadores morrem na Índia todos os anos nesse segmento. Muitos deles são sufocados pelos gases tóxicos presentes nos esgotos.

Sindicatos denunciam que isso ocorre porque muitos dos funcionários não contam com equipamentos de segurança adequados. A forma de contratação desses trabalhadores, eles acrescentam, também contribui para deixá-los vulneráveis. A maioria não tem contrato fixo e acaba sendo paga por dia de trabalho, sem direito a assistência médica ou seguro de vida.

Segundo seu depoimento, a intenção da foto era chamar a atenção para a morte de trabalhadores nos esgotos na Índia. Mas acabou sendo fundamental para mostrar a difícil situação daquela família.

O jornalista disse que eles precisaram contar com a ajuda de vizinhos para bancar os custos para cremar o corpo.

Parentes da vítima contaram a Sunny que um dos filhos de Anil havia morrido de pneumonia uma semana antes, por falta de tratamento, já que ele não tinha dinheiro para comprar os remédios necessários. O bebê tinha quatro meses.

O homem também tinha duas filhas, de sete e três anos de idade, além do menino de 11 que aparece junto ao seu corpo.

Sunny disse que tirou a foto minutos antes de Anil, que foi identificado apenas por esse nome, ser cremado.(...)

As inúmeras perguntas e comentários sobre a família que surgiram nas redes sociais levaram o jornalista a procurá-los.

Foi aí que ele conversou com o desolado filho de Anil, que lhe disse que às vezes acompanhava o pai no trabalho e esperava por ele do lado de fora, para evitar que as roupas e sapatos que deixava para trás quando estava sem serviço fossem levados por ladrões.

*“Meu pai dizia que ainda não era a hora de eu entrar nos esgotos”, disse o menino, conforme o relato do jornalista Hindustan Times. (...) -**A comovente foto que chama atenção para o drama dos trabalhadores mortos limpando esgoto na Índia***

Enquanto isso, futurólogos preveem a formação de assentamentos urbanos e metropolitanos ainda mais densos e gigantescos, as chamadas megacidades globalizadas. Mas nessa guerra, falta combinar com os russos, a natureza. A gestão da água, do lixo, e da saúde cuja qualidade incluso a mental é medida hipocrisia fora, no final das contas e

contabilidades, pelo número de dias “utéis” perdidos, pelos dias que a galinha não está botando ovo nesse gigantesco galinheiro. Pode dar certo, claro que pode, desde que os recursos estratégicos não se esgotem, e as doenças não se espalhem ou então o que teremos outras aprenderemos com os civilizações antigas a lição derradeira que temos fugido: como é que uma civilização aparentemente tão desenvolvida simplesmente desaparece. Algo inevitável porque quem vive como um sumério, morre como um sumério. senão hoje, amanhã - que o diga lendário pastor de cabras e patriarca de tantas civilizações que não nasceu no campo, mas na Ur dos “Caldeus”.

Pós-Modernidade? Não, a pré-história de uma Nova Era

Das disputas e mudanças de paradigma



Estamos a caminhar para uma nova idade das trevas ou uma nova era das luzes? Estamos entrando na idade da consciência agora, ou vamos amargar novamente um longo período de fanatismo, fundamentalismo e

ignorância até o inevitável despertar ou extinção? Eis a questão. A disputa dos paradigmas que definirão nosso tempo... e espaços.

Recentemente conversei em particular com um amigo sobre o futuro do Brasil, renda básica, democracia direta, e cultura. Eis uma breve introdução sobre o tema, e algumas das impressões que gostaria de compartilhar com todos que também tem as mesmas preocupações.

Introdução

Tempo. Dias, Semanas, Meses, Anos, Décadas, Séculos e Milênios. A ideia de tempo, sua evolução e revoluções, mais do que a simples noção de passado-presente-futuro, ensaia em seus ciclos e marcações, a construção e indexação de sonhos e memórias, saudades e esperanças e até mesmo identidades. Nossa geração- geração uma ideia marcada por idades e por tempos e pelo advento do tempo- assistiu nos últimos 20 anos, não apenas a virada de um século, mas de um milênio, carregada de todos os mitos e medos de fim do mundo e dos tempos quanto dos símbolos e esperanças de início de uma nova e um novo mundo.

Nas grandes metrópoles, nos grandes centros, o otimismo e confiança no progresso da ciência e tecnologia, o avanço do conhecimento, informação e comunicação ditava as visões e planos para o futuro. Cientistas, acadêmicos e intelectuais preconizavam: os problemas da velha Economia Política e sobretudo da recém “descoberta” Ecologia, seriam solucionados: fome, guerra, doenças, ignorância, ditaduras, escravidão, desigualdades, ódios e guerras de raça, nações, gêneros, gerações e classes, iriam ficar no passado. Pobreza, genocídio, preconceitos, apartheids, tortura, golpes, invasões, ocupações militares, poluição, extinção em massa, armas nucleares, estavam com seus dias contados. A democracia, o capitalismo, a ciência e a civilização haviam vencido e prevalecido.

Era o fim da história diria o até então celebrado Fukoiaama. A pax romana, o sonho clássico da dita civilização ocidental crente na sua predestinação divina e natural enfim estava se realizando: a pax enfim prevaleceria o mundo inteiro finalmente estaria sob o império e hegemonia de um mesmo poder político e econômico maior enquanto cultura e civilização.

A última revolução industrial do capitalismo, não havia pois engendrado seu fim, mas sua supremacia. A sociedade de informação, automação e telecomunicação sob liderança da grande potência norte-americana, vencedora das grandes guerras mundiais e da guerra fria, enfim traria a civilização para o mundo inteiro, pondo um ponto final nos povos bárbaros e nativos e suas “barbaridades”. “A civilização” enfim prevaleceria como globalização. Democracia, capitalismo e liberalismo prevaleciam como centro moderador do mundo e conservador de um status quo que duraria mais que as pirâmides do Egito. Seus opositores e radicais eram uma espécie em extinção.

Fascismo e nazismos estavam então para sempre aniquilados. Anarquistas mortos e esquecidos. Comunistas fracassados e derrotados. O império Russo desmantelado. A Grande China, reduzida a exportadora de produtos baratos a provedora de mão-de-obra “semi” escrava. Estados satélites democratizadas e redemocratizadas com governos, comércio, economia livres apenas no nome, papel e fachada. Religiões e igrejas, devidamente submetidas ao império da lei e da ordem dos Estados-laicos e lógica e propaganda dos mercados... há tempos. As populações neutralizadas pela sociedade do espetáculo. Os Movimentos, lideranças e organizações sociais devidamente comprada e vendidas a governos ou empresas. Tudo e todos estavam no seu devido lugar cumprindo sua função e razão social, e nada poderia mais impedir a marcha da ordem e progresso.

Da defesa das classes e categorias, da luta de classes e categorias, até a por direitos e causas universais, dos direitos humanos ao ambientais tudo estava devidamente institucionalizado, corporativizado e instrumentalizado. Responsabilidade social e ambiental reduzida a responsabilidade empresarial; movimentos sociais e agrários reduzidos a peões e militantes de projetos de social-democratas e populistas de poder.

Dos partidos populares aos sindicatos trabalhistas; das associações não-governamentais às não-lucrativas, tudo e todos finalmente estavam respondendo às mesmas leis e lógica de mercado e de aparelho estatal. Submetidas à mesma jurisdição, mentalidade e condição de toda população: a mendicância institucionalizada e o empreguismo burocrático e tecnocrático e servil.

Criminosos, marginais, encarcerados para serem reeducados e populações. Doentes devidamente medicados, tratados e internados para se tornarem novamente cidadãos produtivos. As classes médias e remediadas prontas capacitadas e empregadas para cuidar e ensinar, todos plenamente empregados e trabalhando para inserção e reinserção de todos nos mercados de trabalho.

Mas não mais como escravos e semi-escravos. Não. O paraíso neoliberal estava próximo, muito próximo, bastavam apenas mais alguns pequenos passos. Estávamos às portas do século XXI, e um novo milênio um novo futuro estava chegando... um futuro onde as máquinas fariam o trabalho sujo e pesado, a automação levaria os custos de produção a praticamente zero, e toda a plebe, todos os trabalhadores e seus filhos poderiam enfim ascender a burguesia. Fontes de energia limpas renováveis e inesgotáveis poriam um termino a destruição do meio ambiente e as guerras por ocupação, domínio e controle de espaços vitais e recursos naturais e estratégicos. Tudo graças a hegemonia do capital e sua engenharia social

e cultural, sua arquitetura política e econômica e suas visão, senso e razão de ser para as pessoas e para o mundo.

Mais alguns passos e a humanidade inteira finalmente, chegaria a terra prometida. Mais alguns passos... promessa, traduzida em Setembro de 2000, pelos representantes dos Estados-Nações em sua Organização a ONU, como documento: os **Objetivos do Milênio**. Uma série de metas a serem cumpridas pelos países signatários até 2015.

Prepotência, ingenuidade, demagogia? Ignorância ou só desonestidade intelectual mesmo?

Bem, o fato é que independente das reais motivações e interesses, a ilusão dura pouco.

Um ano depois em setembro de 2001, as Torres Gêmeas desabam ao vivo.

Os EUA declaram unilateralmente guerra, e invade e ocupa Afeganistão e Iraque. Estava iniciada a guerra ao Terror e sua ideologia nacionalista: a doutrina Bush. Doutrina marcada pelo desenvolvimento e expansão do emprego massivo de novas técnicas e tecnologias de espionagem, vigilância, policiamento, tortura, prisões, assassinatos, guerra, invasão, ocupações...

Como quem ascende um fósforo em um barril de pólvora, a frágil, artificial, autoritária e sobretudo ilusória estabilidade do Oriente Médio e do Mundo estava quebrada. Emerge em meio ao caos criado pela pax americana, o Estado Islâmico. Em 2011 eclode a guerra civil na Síria. E em 2015, exatamente no ano em que se cumpriria a entrega do pacote das

primeiras promessas, o que o mundo assiste é a maior crise de refugiados no mundo desde o fim da segunda guerra mundial, e criação da ONU.

O fim da história, se tornará nada além de um período de transição marcado como todos os anteriores pela disputa pela hegemonia histórica que irá determinar não só quem contará como foi o nosso presente e futuro como narrativa e discurso sobre o passado, mas antes disso de fato será nosso presente e futuro como prática e dura realidade.

O fim da história, nada mais foi que o recomeço do ciclo de uma nova era, infelizmente não tão nova e diferente das antepassadas. Um período de transição, marcado pelo crescimento do nacionalismo-xenofobia na exata medida dos lucros da indústria bélica-armamentista e expansão dos domínios financeiros comerciais e potenciais, e conflitos pela hegemonia por vir. O ápice de todo um sistema econômico e monetário internacional lastreado em última instância por um commodity: armas, ou mais precisamente, **o subsidio do poder de destruição em massa, o instrumento de dissuasão e persuasão na negociação e negócios transnacionais convertido na própria base fiduciária do sistema monetário internacional. O ápice, e também o início da sua queda.**

Evidentemente não a queda da supremacia e monopólio da violência como superestrutura cultural hegemônica, mas a queda da potência monopolizadora do capital na atual forma de produção e reprodução: a financeira. Como em outras revoluções industriais, a revolução das informação e telecomunicação, transferiu o centro de poder, e logo as suas disputas para outros objetos e objetivos. Para outros campos do saber, e da exploração de Matérias-primas, outros meio-de-produção e desenvolvimento de tecnologias estratégicas. A cadeia produtiva da riqueza das nações são outra, e as disputas pelo poder, leia-se supremacia

entre as potências, dentro dessa nova fase do capitalismo, idem. **Em suma a cultura da violência prevalece como culto a supremacia armada, mas armas dessas guerra e pax já são outras.**

Usando as novas tecnologias da informação e telecomunicação, em parcerias com gigantes privadas a maior potencia do mundo estabeleceu toda uma rede de dispositivos e aparelhos de vigilância, desde cidadãos americanos até os chefes de Estados estrangeiros, dos considerado terroristas, até aos aliados e satélites, abrindo uma vantagem estratégica sem precedentes no campo da inteligência. Mas que não duraria muito, como sempre os outros players começaram a apreender como funciona as novas regras do jogo, seus códigos e suas falhas especialmente as propositais. E pelos mesmos backdoors criados por empresas e governos, passaram também a espionar e roubar o novo ouro do século XXI, a informação, incluso dos cofres e sistemas de segurança e defesa dos pioneiros inventores desse novo sistema de controle, pilhagem e exploração. Mais do que uma via de mão dupla, uma faca de dois gumes.

Usando as contradições inerentes dos sistemas econômicos baseado na exploração das classes produtoras-trabalhadoras pelas classes governantes-gerenciais em sua fase globalizada e governos de potencias subjugadas, e novas correntes ideológicas construíram suas estratégias de retomada do poder. Hackearam o sistema de controle usando suas brechas e falhas estruturais usadas para vigiar e extrair informação. Não propriamente para mudar o sistema mas para tomá-lo e controlá-lo.

Não estamos só em uma crise sistêmica, estamos num período de revolução de paradigmas. E paradigmas não só de um campo do pensamento, mas do pensamento em todos os seus campos, políticos, econômicos, culturais, materiais e espirituais. Mais do que uma crise de um campo do saber e do conhecimento, estamos em plena crise de

credibilidade de todo um sistema de princípios, valores, suas razões de ser e finalidades. Crises financeira, monetária, socioeconômico e política, falência de Estados-Nações e organismos de diplomacia internacional. Ruptura de tratados internacionais, e organismos de diplomacia, institucional já em sua fase de desastre humanitário e guerra de propaganda e desinformação.

O maior erro do pensamento científico, síntese do iluminismo, racionalismo e humanismo, foi ter aceitado as fronteiras da materialidade e se encerrado dentro dos domínios e castelos do materialismo para reinar como autoridade absoluta sobre essa mentalidade e seus campos de saber, nas ruínas do que se convencionou chamar pós-modernismo. A indicação da falta de um novo paradigma consolidado e do período de transição onde o contemporâneo é uma fase onde o que conhecemos como hoje será o pré estado de nova idade.

Em outras palavras não existe um pós na história, porque ela não é contada por quem fica no passado, mas por quem está no futuro e olha para o que passou com as lentes do paradigma que consolidou. De modo que o que é o pós para quem cai, é o pré para quem prevalece. E quem vai prevalecer? Isso é justamente o que está em disputa. E disputa não meramente ideológica, mas paradigmática não só política, econômica, e nem mesmo só cultural, mas epistemológica, disputa pelo futuro como visão do cosmos e de ordem da natureza, do homem e do mundo. Disputa do paradigma que funda o normal e o real.

Sobre o nosso tempo e espaço

(...)Estamos passando por um período de transição muito mais profundo do que uma simples troca da velha guarda pela nova, ou mudança geracional. Essa nova revolução indústriio-informacional vai muito além de uma “mera”

crise sistêmica e institucional, estamos vivenciando o que Thomas Kuhn chama de crise paradigmática do normal, ou seja, estamos em pleno momento de disputa de qual será o novo paradigma hegemônico que definirá historicamente o nosso tempo.

O conceito de pós-modernidade, é apenas um termo provisório, para o que esse período de transição de construção da temporaneidade onde o que é o pós será o pré de algo que ainda nem sequer possui nome, nem definição, porque não só é um futuro que está em plena construção, mas em disputa. E disputa não só geopolítica por “mentes e corações”, mas social pela cultura que irá definir toda a produção, criação e inovação que caracterizará esse novo período da história que marcará o século XXI.

Neste sentido acredito que o momento brasileiro é de um grito por renovação e inovação na falta de alternativas concretas, revolucionárias no sentido cultural e social. E que o projeto que assumiu poder, tanto como ideologia ocupou mas sem propriedade intelectual, não só no que sua narrativa tem de reacionária, mas do que suas propostas de avanços liberais inegáveis são por si tardias e já ultrapassadas pelo pensamento político-econômico libertário, tanto de direita quanto de esquerda.

Assim como a social-democracia de direita e esquerda implementou de forma tardia o welfare state quando ele já estava em pré-falência no mundo, agora o novo governo tentará trazer o necessário choque de liberalismo e capitalismo que o Brasil nunca teve, porém de forma igualmente tardia e retardatária, e aqui vou usar uma metáfora, para resumir o problema, vai implementar uma rede de telegrafo, porque o Brasil nunca teve uma quando precisou, ao invés de pular etapas e implementar as políticas institucionais e econômicas mais avançadas a disposição no mundo. Um erro que pode parecer só estratégico, mas é antes de tudo cultural, porque essas tomadas de decisão estão fundamentadas sobretudo numa mentalidade.

É um momento seríssimo no Brasil e no mundo. O sistema socioeconômico capitalista está em plena fase de transição da era financeira para a informacional, e nós conseguimos entrar na fase do capitalismo industrial. Necessário se faz um verdadeiro salto cultural e social, coragem para inovar e recriar mais uma vez nossa cultura e não só importar, copiar e reciclar soluções prontas como sucata ideológica de fora como se fosse o novo para o Brasil.

É o momento dos novos paradigmas tomarem o lugar dos velhos decadentes. Mas isso precisa ser feito com urgência, porque o timing histórico é fundamental. No caso do Brasil em específico, precisamos nos livrar e nos livrar o mais rápido possível dessa cultura, literalmente enfadonha, do populismo, messianismo e sebastianismo seja a esquerda ou direita, para poder construir um novo projeto não só político-econômico mas antes de tudo sociocultural, capaz de trazer para o Brasil a cultura cosmopolita de valorização do fenômeno da vida em sua manifestação mais fundamental: a liberdade. Uma cultura de igualdade de liberdades fundamentais como espaço para o desenvolvimento e realização de todas as infinitas vocações e potências que não podem mais serem perdidas ou amputadas no berço.

Enfim, você tinha razão, ao antever que nos idos de 22 teremos uma revolução cultural e social no Brasil. Agora se ela será belicosa, destrutiva, reacionário e autoritária, ou pacífica, criativa, revolucionária e libertária, isso vai depender e muito da nossa capacidade de mobilizar pessoas. Porque as soluções e senão os caminhos, mas as direções que devemos seguir e não seguir estão claras. A questão é, quantos além de nós estão conscientes e dispostas não a transferir responsabilidades para terceiros, mas a chamar essa responsabilidade cultural para si na medida de nossa capacidade de ação social.

A necessidade e os desafios e até mesmo os perigos frente a uma omissão são enormes, mas nesse sentido sou otimista, acredito que para quem está disposto a tomar a vanguarda em direção ao futuro e não se entrincheirar em resistências vãs nas fantasias do passado, o caminho finalmente está aberto, sem os impedimentos, obstruções que tanto atrasaram o crescimento dessas livres iniciativas.

Em suma acho que o status quo foi arrasado, como tinha de ser. Agora é hora de quem acredita em algum projeto de Brasil e não de poder tomar a frente, acho que chegou a hora tanto da esquerda quanto a direita libertária se firmarem como as alternativas que faltaram não só políticas, mas sobretudo socioculturais que faltou às pessoas, para que elas pudessem fazer uma escolha livre de verdade de um mundo melhor e não entre qual seria dos pesadelos o menos pior, ou nenhum.

Da razão e loucura nos retrocessos

O retrocesso no campo das liberdades não só de pensamento e expressão, mas de afirmação de relacionamentos consensuais e identidades, tanto coletivas quanto individuais. Você tem razão. Houve um erro descomunal no lido como essas causas e direitos fundamentais da pessoa humana. Houve todo um processo de apropriação e subsequente monopolização e por fim instrumentalização político-partidárias dessas causas e direitos. Esse processo gerou flancos e afastamento dessa percepção da população que passou a identificar essas causas como se pertencessem ao ideário ou até mesmo fossem mera peça de propaganda ideológica deste ou daquele campo do espectro político, quando não, eram direitos jusnaturais da pessoa humana de liberdade de consciência, credo, e pensamento e sobretudo formas de viver, manifestar e relacionar que não poderiam sequer ser postos em questão, não eram propriedade nem objeto de nenhuma outra autoridade para dar, nem tirar de ninguém, mas única e exclusiva da pessoa tanto como

indivíduo quanto coletivo formado pela livre comunhão dentro do absoluto respeito da consensualidade de todas as partes integrantes.

Esse processo de apropriação e instrumentalização de causas e direitos universais e cosmopolitas em bandeiras desse ou daquela ideologia, acabou permitindo aos detratores e opositores desses direitos para todos, reduzi-los e pichá-los como se fossem peças de propaganda demagógica ou até mesmo de falsidade ideológica ou de manipulação de massas, quando em verdade eles jamais poderiam ter sido tratados como bandeiras nem da esquerda nem da direita, mas princípios fundamentais de um estado de paz e defesa da liberdade.

Em outras palavras, a demagogia política fez desses direitos fundamentais o cavalo de suas aspirações de poder político e as pessoas naturais que são peças ideários mera moeda de troca de suas negociações políticas. Agora que os usurpadores caíram do cavalo, é preciso preservar esse direito de quem também prefere vê-los ceifados. E o mais importante, para que isso não se repita, não deixar ninguém mais montar em cima, do que não veiculo nem meio para levar ninguém ao poder, mas é o princípio e finalidade da sua existência enquanto estado de proteção e garantia, preservação e provisão do acesso e usufruto deles enquanto liberdade fundamental.

Hoje portanto o desafio é muito grande, impedir que se o fronte autoritário, a dos fundamentalistas de direita avancem contra eles pelo flanco aberto pela esquerda autoritária ao mesmo tempo sem deixar que esses direitos novamente sejam monopolizados como se essas representações políticas de esquerda fossem o dono e senhor deles.

Liberdades concretas são direitos de propriedade e usufruto desde o seu corpo, as suas criações quanto as suas relações. Preservar a autonomia e

soberania de cada pessoa humana sobre a definição da sua humanidade, personalidade e identidade é absolutamente fundamental para a construção de uma cultura que respeita não só as escolhas e opções de cada pessoa, mas sua livre vontade e vocação. Vida e liberdade. Não são princípios relativos ou submissíveis a ideologias, não são ideações, são fenômenos basilares à criação e conservação e reinvenção de tudo. E isso antes de ser questão de lei ou governo é uma questão de mentalidade e cultura. Cultura de respeito a liberdade, inclusive acima a reverência e adoração servil a todo poder total ou todos poderosos. Um princípio de irreverência e liberdade absoluta de criação que permeia a percepção artística do mundo e que precisa ganhar o espaço no cotidiano sobretudo o popular. Em suma, mais pensamento libertários e menos autoritário para que as pessoas parem de querer vigiar o rabo dos outros e aprendam a cuidar um pouco mais do seu.

Renda Básica e Democracia Direta e Cultura Libertária, ou o quê?

Por causa do ranço que eu peguei do teorismo e da demagogia dos tempos que frequentei a USP, acabei perdendo a noção da importância do plano semiótico simbólico da comunicação e conscientização em detrimento do ativismo e ação social.

Renda Básica, democracia direta são bases importantíssimas dessa pirâmide, mas falta o topo que norteia essa revolução social: a ação e produção cultural.

Quanto a renda básica e democracia direta você pode ficar tranquilo, nesse ponto eu felizmente consegui adquirir um domínio sobre a questão razoável. Muitos camaradas gringos tentaram reproduzir o modelo e copiar a tecnologia social, achando que o negócio era só distribuir dinheiro, a lá Silvio Santos, ou bolsa-família, e até hoje estão tentando descobrir porque só Quatinga Velho se manteve enquanto os outros nem saíram ou caíram — e

olha que não foi por falta de palestra e aviso. Mas não pense que estou me gabando e é evidente que pode ser aperfeiçoada mas, essa meu amigo, essa é a parte relativamente fácil, no que concerne ao desenvolvimento. Difícil, e especialmente desafiadora é justamente a outra sem a qual o político, nem o social nem com todo o tempo e dinheiro do mundo prospera, o desenvolvimento da consciência, algo que se opera no plano da cultura, contra-cultura e como eu disse você anteviu bem antes, da devida integração em tempo real, das ações culturais com as sociais, políticas e econômicas.

Especialmente difícil, ao menos para mim, é a transformação da mentalidade, a transformação cultural algo que o social, o político, e o econômico são na verdade linhas auxiliares ou mais precisamente plataforma e produtos, mas a programação do novo código, a nova programação dessa matriz que é feita da linguagem estética, artística, literária, filosófica e erudita sim, mas necessariamente também popular. Enfim, é feita de um trabalho que você é um artífice completo tanto como artista quanto mecenas e idealizador de um movimento plural.

O que eu estou dizendo? Sem ela, o projeto de renda básica e democracia direta podem estar perfeitamente desenhados e integrados para funcionar e crescer, mas não vão se expandir organicamente porque a formação da consciência é o maior desafio que um ser humano pode ter na sua vida, que não é o de realizar todas as suas vontades, ou governar as vontades alheias, mas governar-se, ou o que é a mesma coisa se tornar um adulto plenamente emancipado e capaz não só de tomar suas próprias decisões de acordo com seus desejos, mas tomar decisões de acordo com sua livre e espontânea vontade mesmo quando ela contraria seus desejos, vícios, carências e necessidades- que por sinal podem ser manipuladas como estímulos e condições por outros. Sei que você entende perfeitamente o que estou dizendo, e talvez até com mais verdade do que eu, porque como artista você sabe que o desafio do despertar da consciência é o desafio da libertação do pensamento e

sensibilidade como vocação criativa e artística. E se no plano pessoal já é uma verdadeira odisséia o que dirá no plano do despertar de uma nação.

Governar-se, portanto não é só uma questão de ter os meios econômicos, capital e renda básica ou políticos, para ter uma república sob o regime de uma verdadeira democracia direta é preciso um contrato social que celebre e funde essa sociedade, é preciso uma cultura de liberdade e logo um movimento que enseje uma busca por sentido e significado da vida além da realização e satisfação materialista e hedonística da existência. É preciso imbuir a população desse sentimento que antes de ser moral é estético, de que não basta inteligência nem sciência, é preciso desenvolver a capacidade que nos faz humanos, a consciência. É preciso sair da infância como povo e aprender que a liberdade é a livre vontade e a capacidade de governar a nossa própria vontade e não ser governado por elas, ou por quem domina as técnicas para manipulá-la. Esse é hoje o maior desafio. E que entra no campo onde o projeto de renda básica e democracia direta fornece a condição, a base material da transformação, mas a verdadeira transformação de operar com a introdução desde o primeiro momento dessas ações, produtos e produções culturais.

Os projetos de renda básica e democracia direta poderiam ajudar nisto dentro do movimento. Eu particularmente poderia contribuir no plano intelectual ajudando quem realmente vai criar e produzir passando um pouco do meu conhecimento de causa nesses 10 anos fazendo trabalho de base e estudando o libertarianismo, como você sabe, fora escritos filosóficos que dependem muito mais da inteligência do leitor do que da minha capacidade de comunicação, do ponto de vista estético-artístico, teoria da arte fora, sou um verdadeiro ignorante.

Quanto a Democracia Direta, por causa das eleições vários amigos que quiseram encampar o tema me pediram projetos e modelos para efetivar em

suas propostas. Esse é um tema extenso, que precisaríamos trabalhar também em cima.

Já quanto ao projeto de Renda Básica, nesses 10 anos evoluiu bastante desde o primeiro desenho. E hoje está bastante consolidado tanto no que tange a sustentabilidade e emancipação financeira. A renda básica de quem entra é por toda a vida, e depois de dado período cada pessoa e comunidade passa a pagar sua própria renda básica conforme sua vida e da comunidade que vai crescendo. O nome agora é Basic Income Startup, porque conforme aumenta o capital do fundo também aumenta o número de pessoas, mas o custo operacional não. Mérito da revolução informacional, não nossa. Claro tem o trabalho de base, que usa a metodologia que lembra uma mistura de Rudolf Steiner com Paulo Freire, mas não é preciso mais que 2 ou 3 meses de trabalho de base.

Como disse essa é a parte fácil. Usando mapeamento georeferencial e um pouco de planejamento estratégico, podemos eliminar a pobreza território por território do Brasil, partindo dos lugares mais carentes e periféricos até os centros mais desenvolvidos. Como disse, o grande desafio é a tirania política e pobreza cultural que retroalimentam seus populismos e paternalismo usando esses territórios para formar seus exércitos de crentes e militantes desesperados. O desafio é envolver a sociedade a assumir livre, voluntária e conscientemente sua responsabilidade sociocultural na medida de suas capacidades e não ficar esperando e rezando que quem tem mais poder ou riqueza façam e resolvam tudo por elas.

Na verdade, a pergunta não é “senão o quê?”, é o com muito mais propriedade “senão nós, quem?”

Uma questão que vai muito além da educação e cultura da liberdade, passa necessariamente pelo desenvolvimento da senciência empática e inteligência solidária até daquilo que chamamos consciência, mas pode chamar invulnerabilidade a manipulação ou capacidade de se governar pela sua livre vontade.

O Elogio da Loucura é um livro de Erasmo de Rotterdam, um humanista e teólogo que viveu durante a idade média, este livro é um ensaio escrito em 1509 e publicado em 1511. Erasmo nasceu em 1465 na cidade de Rotterdam, Holanda. Foi um intelectual que viveu em um convento onde se entregou aos vários clássicos da literatura greco-latina e ao mais diversos autores da Idade Média, sua época. Ordenado padre, teve contato com padres, bispos, papas, reis, cardeais, etc. Foi amigo de Thomas Morus, amigo a quem ele dedicou o prefácio de O Elogio da Loucura.

“Foi pelo fato de ter pensado, no início, em teu próprio sobrenome Morus, tão próximo ao da Loucura (Moria), quanto realmente longe dela estás e, certamente, é seu maior adversário, segundo o conceito que em geral dela se tem.” (carta a Thomas Morus)

Erasmo era cristão, porém com uma visão além de seu tempo para ver as falhas que existiam no fanatismo religioso e na opressão causada pela igreja católica, não esqueçam que ele era teólogo, e dos bons. Ele foi um dos responsáveis pelos pensamentos críticos da sociedade da época que foi base da Reforma Protestante. Agora vamos ao livro... Erasmo de Rotterdam não faz uma crítica apenas à religião fanática, mas também a muitos comportamentos e pensamentos da sociedade, não apenas da sociedade da época, mas de um modo completamente atemporal, já que os maus costumes humanos não são perdidos.

(...) O Elogio da Loucura é uma total sátira a sociedade dos séc. XV e XVI, onde ele tinha por objetivo fornecer uma nova visão eclesiástica e renovar a igreja, pois tentou mostrar a sociedade um espelho de si mesma. Seu escrito acabou tornando-se atemporal, pois se você ler O Elogio da Loucura hoje, ainda verá uma sociedade vivendo com os mesmos males e problemas de séculos atrás, a hipocrisia e a perda dos valores da vida ainda são constantes. A loucura, como a definição gramatical, é a insanidade mental, porém ele não define esse termo ao pé da letra, como uma condição humana que podemos adquirir, ele trata a loucura de uma forma externa ao homem, e o homem só será louco se desejar ser.

Em seu livro ele criou a “Deusa da Loucura”, um divindade que metaforicamente é responsável por todos esses maus comportamentos humanos, ela se auto elogia de ser a única forma de fazer o homem sentir-se bem perante seus atos que afrontariam e afrontam as demais divindades, como a luxúria, o fanatismo, etc. A Loucura é filha de Plutão, ela conta sua origens neste trecho:

“Nasci de Plutão(...). Meu pai foi um Plutão ainda robusto, cheio do calor da juventude, e não somente por sua juventude, mas também, sem dúvida, pelo néctar que acabara de sorver avidamente ao goles no banquete dos deuses” (VII — A Origem da Loucura).

A Deusa da Loucura dá ao homem tudo o que ele quer e pode fazer, ela afronta o outros deuses que disponibilizam apenas “alguns favores” a humanidade. Por exemplo, seguindo os preceitos cristão o homem deve ser bom e evitar ao máximo ser corrompido com os devaneios da vida, a loucura entra nesse ponto, ela é a desordem e protege o homem por ter cometido tais atos, a Loucura exerce um poder que não é tirânico nem ditador, a Loucura é a própria alegria...o próprio delírio onde o homem eternamente encontrará o seu conforto. Neste post vou deixar alguns trechos e alguns comentários das

*partes que mais me chamaram a atenção durante esta leitura. “Não ponho a máscara como aqueles que pretendem representar um papel de sábios e andam desfilando como macacos vestidos de púrpura e como asnos com peles de leão. Que se vistam com disfarces quando quiserem que suas orelhas sobressalientes sempre revelarão um Midas oculto.” (Capítulo V — A Sinceridade da Loucura)(...)-***O elogio da loucura - erasmo de rotterdam**

o elogio da loucura - erasmo de rotterdam

O Elogio da Loucura é um livro de Erasmo de Rotterdam, um humanista e teólogo que viveu durante a idade média, este...

lounge.obviousmag.org

Sim Thomas Morus, o autor de Utopia e por muito considerado um dos precursores do ideal de uma renda básica...

“RENDA BÁSICA DE CIDADANIA: UMA UTOPIA POSSÍVEL”

Como bem afirmou o filósofo belga Philippe Van Parijs, assim como a abolição da escravidão no século XIX e a adoção do sufrágio universal no século XX foram os grandes avanços da humanidade nos últimos tempos, a renda básica de cidadania poderá ser a grande conquista do presente século.

Imagine uma comunidade onde todos os moradores têm direito a uma renda básica incondicional e indiscriminatória. Ou seja, todos os seus membros recebem um pagamento mínimo mensal, independente da classe social, gênero, idade, ocupação, estado civil ou qualquer outro fator. Impraticável, diriam alguns. Um incentivo ao ócio, argumentariam outros.

Pois bem, esse lugar existe. E não se trata da clássica Ilha de Utopia, de Thomas Morus. Fica aqui mesmo no Brasil, no estado de São Paulo.

Desde outubro de 2008, a OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) ReCivitas (Instituto pela Revitalização da Cidadania) paga uma renda básica de cidadania no valor de 30 reais a moradores da comunidade de Quatinga Velho, localizada na zona rural do município de Mogi das Cruzes, região metropolitana de São Paulo. Para ter acesso ao rendimento básico basta residir na comunidade.

Preconcebidamente, devido à sua aparente simplicidade, a possibilidade de um pagamento mínimo a todos os indivíduos de uma determinada organização social pode parecer ingênuo e quimérico.

Entretanto, os primeiros resultados do projeto Quatinga Velho comprovam que a renda básica de cidadania não é somente justificável do ponto de vista humanitário, é também possível sob o aspecto prático. De acordo com relatórios divulgados pelo próprio ReCivitas e por outras instituições, o rendimento extra de 30 reais mensais, embora modesto, permitiu aos residentes de Quatinga Velho uma melhor alimentação, quitar dívidas, aumentar suas economias, comprar remédios, reformar alguns imóveis e abrir cadernetas de poupança para filhos e netos.

Ao contrário do que se poderia pressupor, em relação ao trabalho não se observou nenhuma mudança na rotina dos moradores por conta da renda básica. Segundo Pedro Theodoro dos Santos Neto, não foram observados estímulos à preguiça, vagabundagem e acomodação ou sinais que corroborem com tais suposições. Não obstante, um morador, com o rendimento básico, pôde fazer uso de transporte público para procurar por emprego.

Além dos benefícios sociais e econômicos, o projeto de renda básica de cidadania também é modelo de solidariedade a ser seguido pelos membros da comunidade. A partir do exemplo do ReCivitas uma família de agricultores passou a destinar os excedentes da colheita para serem distribuídos em uma vila vizinha.

Bom, Quatinga Velho é uma comunidade pequena, possui cerca de 100 habitantes. Dessa forma, uma questão se torna inevitável: seria viável um projeto de renda básica em uma organização social maior? A resposta é positiva. No estado norte-americano do Alasca encontramos o mais duradouro e abrangente exemplo de aplicação de um rendimento básico.

Durante a segunda metade do século passado foram descobertas significativas jazidas de petróleo na baía de Prudhoe, localizada na porção oeste do território alasquense. Jay Hammond, governador do Alasca entre 1974 e 1982, receoso de que os dividendos gerados pela extração do combustível fóssil pudessem vir a beneficiar somente a população que na época residia no estado, propôs a formação de um fundo que destinava garantir, a partir do investimento de parte da receita oriunda do petróleo, a perenidade dessa riqueza.

Sendo assim, em 1976 Hammond enviou ao legislativo um projeto de emenda à Constituição estadual que propunha a separação de 25 % dos royalties da exploração petrolífera para um fundo que pertenceria a todos os residentes do estado (denominado Alaska Permanent Fund). Posteriormente, através de um referendo popular, a proposta foi aprovada.

A partir de então, todos os habitantes do Alasca passariam a receber um dividendo anual, proporcional aos anos de residência no estado, referente aos recursos obtidos através da extração de petróleo em território alasquense.

Contudo a proposta foi declarada em desacordo com a “cláusula da proteção igual”, décima quarta emenda da Constituição estadunidense, pois discriminava imigrantes vindos de outras unidades da federação. Corrigidas as distorções, em 1980 uma nova emenda feita por Hammond propunha que 50% dos royalties do petróleo fossem destinados ao Fundo Permanente do Alasca, instituindo-se um pagamento igual, anualmente, a todos os habitantes do estado.

*Finalmente, dois anos após a nova proposta de Hammond, é implantado um programa de abono universal no Alasca. Doravante, toda a riqueza gerada pela extração de petróleo é igualmente distribuída entre todos os que residem legalmente no estado. (...) -**Francisco Ladeira, [renda básica de cidadania: uma utopia possível](#)***

ReCivitas: 10 anos de atuação social. Renda Básica, Democracia Direta e Propriedades Alternativas

[Ou da construção de sentidos para quem está em busca de um.](#)

[medium.com](#)

Renda Básica: “A autopoiese da Liberdade”

[Quatinga Velho: a experiência de Renda Básica como projeto cidadão para o cidadão](#)

[medium.com](#)

Renda Básica como vocação

[Em Outubro de 2018 vai 10 anos que nós fizemos o primeiro pagamento de uma renda básica em Quatinga Velho. Nós quem...](#)

medium.com

Tsedacá: A Igreja, o Trabalho e a Renda Básica

“Não reclamem trabalhem” assim disse o grande líder. O satanista Temer? Não, o santo-padre Francisco em coro com ele

“Alô, Alô marciano, a coisa tá ficando russa...”

Ou eram os deuses astronautas?

Objeto interestelar pode ter sido enviado à Terra por alienígenas, dizem pesquisadores de Harvard

Dois cientistas do Centro de Astrofísica de Harvard acreditam que o ‘Oumuamua’, objeto interestelar visualizado no ano passado com ajuda de telescópios, pode ter sido enviado ao nosso Sistema Solar por alienígenas. Abraham Loeb e Shmuel Bialy, autores do estudo, levantaram a hipótese em artigo publicado na quinta-feira (1), quando tentavam explicar a aceleração do objeto.

O Oumuamua é um objeto raro: de acordo com o estudo, é o primeiro do tipo a entrar no nosso sistema solar. Ao tentar explicar seu deslocamento, os astrofísicos admitiram a possibilidade de que a rota do Oumuamua tenha sido direcionada, e não aleatória.

“Pode ser (parte) de uma sonda totalmente operacional enviada intencionalmente para as proximidades da Terra por uma civilização alienígena”, dizem os autores.

Três hipóteses para o Oumuamua

O físico e vice-presidente do Instituto Principia, Renato Vicente, explica que a hipótese de uma origem alienígena para o objeto tem relação com o fato de os telescópios terem flagrado algo muito raro.

De acordo com Vicente, a visualização da passagem do objeto pode significar três coisas:

Que muitos outros objetos do mesmo tipo circulam pelo espaço, e as atuais teorias que usamos para explicar sua existência não se aproximam do número real deles.

Que o objeto é mesmo raríssimo e tivemos muita sorte de ver um deles

Que ele seja um objeto artificial, por isso a hipótese de que seja um produto de origem alienígena é compatível

“Ao longo do período de tempo que estamos observando (o espaço interestelar), que é curto, a produção (criação de objetos do tipo) deveria ser, no mínimo, 100 vezes maior para que pudéssemos conseguirmos ver um.” — Renato Vicente, vice-presidente do Instituto Principia

Vicente faz, no entanto, algumas ressalvas. “A explicação do objeto artificial parece fácil, mas não é. Envolve uma história anterior. Para ter uma civilização capaz disso, é preciso assumir que existe essa evolução numa sociedade, com a capacidade de fazer viagens interestelares. E a gente tenta assumir a menor quantidade de coisas possível”, lembra. -Objeto

interestelar pode ter sido enviado à Terra por alienígenas, dizem pesquisadores de Harvard

Objeto interestelar pode ter sido enviado à Terra por alienígenas, dizem pesquisadores de Harvard

Os cientistas levantaram a hipótese de que a rota do 'Oumuamua', descoberto no ano passado no Havaí, pode ter sido...

g1.globo.com



Eram os deuses astronautas?

Qual seria a origem desse modelo? Ele teria surgido de forma endógena ou exógena? De dentro das relações entre os indígenas ou de fora na relação como povos alienígenas? Não importa. A resposta a essas perguntas é irrelevante. Ao menos irrelevante as soluções que buscamos. A hipótese de entidades superiores toda poderosas perante a vulnerabilidade existencial dos meros mortais, sejam feitos de mitos ou eventos é irrelevante para explicar esses fenômenos. E quando digo irrelevante, não estou dizendo que deus ou deuses existam ou não. Estou dizendo é irrelevante se eles existam ou não.

Sejam o que forem, creia-se no que for, sejam lendas ou invasores de outras terras, a domesticação do homem pelo homem se processaria com ou sem eles.

Podem tanto existir quanto não. Podem ser mitos ou entidades reais, podem ser fantasias mitológicas de situações jamais vivenciadas ou mitos sobre personas e histórias de fato vividas. Podem ser peças de propaganda e amestramento de raças e classes construídas a imagem e semelhança das suas pretensões de superioridade e domínio sobre os que tomam por inferiores. Podem ser fantasias transcendentais de corporificação do poder total, ou todo-poderosos encenando e encarnando essa ideia de poder. Podem ser personificações de medos das forças naturais fenômenos desconhecidas, ou entidades e personas que passam a habitar o inconsciente coletivo das massas como traumas da sua história de vida. Podem ser meros navegantes e conquistadores de um outro mundo de um outra terra, ou sua projeção desse medo para além de todo o mundo conhecido. Podem ser a ideia de alienígenas de outras espécies, planetas, ou até mesmo do além, ou simplesmente o medo do estranho, do extraordinário ou do estrangeiro, o medo do que não podemos compreender e logo controlar seja entidade ou fenômeno encarnado como deus ou fim dos tempos. Ou pode até mesmo ser esse projeção imagética emergindo dos desejos de pessoas e compartilhados por toda a sociedade, tanto como medo quanto adoração. Pode ser o que for, ou o que se creia, Simplesmente não importa. Não importa se a ideia de entidades todo-poderosas e fenômenos de poder total sejam só ideias, ideologias, fantasias de realidade concretizada, ou alucinações. O que importa é a razão pela qual nos tornamos e somos completamente vulneráveis e carentes delas. Não importa se os senhores sejam a idealização ou encarnação do bem ou o sejam do mal. Se o poder e supremacia foi inventado pelo dominador, se nascemos ou fomos colocados em correntes. Não importa quem nos gerou, criou ou educou, não importa seus propósitos e intenções. Não importa sequer se havia um proposito, se ele era bom ou mal. Não importa o que eles querem ou queriam de nós. Isso é um problema deles. Na verdade não importa sequer se eles

existem ou deixaram de existir. Simplesmente não importa se há algum sentido ou qual ele era na criação, ou se ela um dia ocorreu. A grande questão, a pergunta que nos faz seres humanos é o que pretendemos ser e fazer com isso : o que queremos ser, a partir do fato de que somos? O que vamos fazer com tudo que somos com as condições que temos?

Crendo ou descrendo, a questão e tomada de decisão permanece. Seja para aquele que não crê em absolutamente nada, seja para aquele que acredita em absolutamente tudo. Independente de quais sejam suas crenças do que tenha gerado ou criado do que rege ou governa sua existência, seja isto um absoluto vazio sem sentido, ou a existência para além da compreensão ou concepção de tudo e do nada. Não importa se somos filhos de senhores ou escravos, de deuses ou demônios, do controle mais absoluto do nosso destino, ou da mais completa falta de sentido para viver. Nada disso tira um fio, aumenta ou diminui sequer um instante da vida, e a questão permanece imutável, escolha-se acreditar e obedecer a ordem ou a lei escolha descrer e se revoltar contra todas as leis. A vida segue e permanece como questão e escolha, incluso de crer ou descrer em tudo o que se quiser, mas sobretudo para o quê se quer.

Venham como venham essas forças, seja como adversidades naturais ou a perversidade de outros seres humanos, venham como medos e fantasias ou legiões, surjam do seio da nossa sociedades ou de fora dela, emerjam do outro ou habitem dentro de nós. Rompam violentamente os frágeis horizontes de eventos das nossas concepções ou assaltem nossos mais profundas emoções, pensamentos nos cegando, acorrentando ou amputando até no prazer de viver e conviver, a pergunta ainda permanece enquanto a sopro de vida. Independente de tudo, o vamos fazer a partir de agora? A existência autônoma sempre permanecerá como singularidade, onde não só o futuro pode ser autodeterminado por esse estado que é sempre presente, mas a o próprio passado não como fato constituinte, mas como nexos e fator determinante do futuro.

A gene e a origem não faz de nós o que somos, como um desfecho, mas possibilidade. Porque “ser” é possibilidade e não a sua ausência. O passado factual que constitui o presente perfeitamente predeterminado é o dos mortos, e não os dos vivos. De modo que a gênese de tudo o que somos, imaginária ou real, deixa de ser relevante quando deixamos de ser mero produto destas causas, para nós tornar produtores das nossas consequências. criaturas que são criadores, seres dotados de organismo e força própria, e não mais apenas parte de um ordem ou organismo maior. Dentro desse universo que a singularidade do ser, não só o futuro é uma tentativa de projeção, mas o passado enquanto justificava de nexos para o presente. Se tal construção é realista ou incrível, a validade dessas correspondências não é pela confirmação dessa passado, mas do futuro, como atualização presente. Realidade que dentro do universo mental não se configura de forma diferente do próprio cosmo, construindo e destruindo ligações como a própria percepção do que existe ou não.

Para efeito da constituição do que somos e seremos nossa origem não é mais um fator determinante, a partir do momento em que ela apenas constitui exatamente isso que somos: uma força dotado de construir o seu campo de probabilidades, seres autônomos. O ponto de criação não está mais fixo em um momento do tempo, mas continuamente presente e renovado, na atualidade e sua atualização. É o ato que determina a relevância dos eventos passados como causas conexas, e futuras como conexões consequentes. Rigorosamente é a gene é a própria mutação com força constante e autodeterminante enquanto força criativa, ou nos organismos vivos, vontade. E é sobre esta força elementar que não só constituímos nossa percepção do cosmo, mas o cosmo mental onde o eu e mundo se constituem antes de tudo epistemologicamente.

Mesmo que toda a estrutura da mente e da realidade seja artificial ou naturalmente construída para o quer que seja, servidão ou poder, para que

venhamos a nos libertar e criar, ou apenas sobreviver e reproduzir. Seja qual for a configuração, o ponto é que não somos pedras que vão para onde são jogadas, nem animais que mordem ou abanam o rabo conforme o dono ou a vida nos trata. Somos dotados da capacidade de alterar nosso sentir-pensar e agir de acordo com nossa vontade, assim como termos toda nossa pisque alterada pela manipulação exterior dela. E isso que constitui toda a ciência do nosso poder e liberdade, também constitui a nossa maior fraqueza e vulnerabilidade, a capacidade de entender, controlar e manipular as vontades ao invés de ser controlado por elas, tanto as nossas próprias quanto as dos demais.

Exposto assim superficialmente, o controle da vontade, a nossa ou alheia, parece ser apenas uma questão de qual é o sujeito e objeto do controle. Não é. Muito longe disso o controle da própria vontade e o da alheia, são procedimentos tão distintos e contrapostas quanto poder e liberdade, ataque e defesa, conquista e resistência, onipotência e invulnerabilidade, contrários, diversos e antagônicos não só em objetivos e princípios, mas em meios. Completamente diferentes nos métodos, processos, e técnicas aplicadas sobre as vontades que resultam não só em relações completamente diferentes, mas em pisques completamente distintas. Tanto na relação daquele que busca a manipulação da vontade alheia para a consecução da sua própria e quem sofre com tais procedimentos. Quanto daquele que não só busca evitar controlar e ser controlado pelas vontades alheias, mas até mesmo pela sua própria como desejos incontrolláveis.

A chave para o domínio e poder seja sobre uma única alienado, seja sobre massas deles, a porta para realizar os desejos de poder e onipotência também é também o ponto fraco, a vulnerabilidade de todo ego. E se a luta pela imposição das vontades uns sobre os outros é uma guerra, a sua preservação é uma arte marcial. Uma espécie de jujitsu mental onde aquele que quer controlar nem ser controlado busca sempre uma posição onde não só

evite ser dominado inconscientemente pelo outro através das sua própria vontades, mas assumindo o controle das suas próprias vontades conscientemente, não como instância decisória, mas como força de vontade.

KOYAANISQATSI: A Idade da Consciência

E a primeira Inteligência Artificial Psicopata

Uma questão de probabilidades?

O bate-papo virtual entre Einstein e Hawking

Deus não joga dados”. Nem é dono de cassino. As teorias das probabilidades e suas leis não se aplicam a esse outro campo do conhecimento que não é um jogo de azar regido pelo acaso, por coincidências, mas sim pela ordem das causas e consequências, as leis físicas do universo. Bem, isto é o que poderia contra-argumentar um objetor mais sério da proposição que a certeza no nascer do Sol não é uma uma jogo, não é uma brincadeira nem uma aposta praticamente certa, mas uma certeza praticamente absoluta, e não tem graça. Ou melhor graça tem, mas não é engraçado: O Sol não é uma loteria, nem a vida ao menos para a maioria de nós é uma roleta nem de Monte Carlo nem russa. Ou pelo menos não deveria ser.

Entretanto entre o deveria ser e não-ser, e como as coisas são e não-são, não há nenhuma relação necessária. E talvez ninguém (recentemente) tenha procurado objetar com mais afinco a aleatoriedade ou, o que é quase a mesma coisa, encontrar essa ordem necessária que Albert Einstein. Não só com frases de efeito mas buscando anos a fio provar sua tese que ele próprio considerou seu maior erro (e talvez não tenha sido): a “constante

cosmológica”. Mas sobre essa pedra filosofal da física contemporânea falaremos mais a frente. Por enquanto, vamos ficar só nas frases de efeito.

“Nada é por acaso. Deus não joga dados com o mundo. Deus é sutil, mas não é maldoso”. Disse Einstein.

*Ao que Stephen Hawking objetou (em seu dialogo imaginário): “ **Deus, [não só] de fato, joga dados. [Como] (...) o problema é que muitas vezes ele os lança em lugares que não enxergamos”***

Só faltou completar que ele não existe, mas se existisse pode ser até que não fosse maldoso, mas certamente teria um senso de humor negro infinito... como o deus do cartunista ao lado que definitivamente é brasileiro. Mas é claro que isso seria de novo uma piada, deus brasileiro é um paradoxo, pois capacidade infinita para rir das desgraças, não só dos outros mas as nossas, implica em resignação existencial igualmente sem fim, o que logicamente elimina a possibilidade de se mover para criar qualquer coisa que dirá o mundo... e em 6 dias. Embora pensando bem, se sou um todo-poderoso tipicamente brasileiro e tenho ainda por cima todo o tempo livre do (outro) mundo, para quê então a pressa? Posso pegar alguém, escravizar, amarrar a um piano e esperar que mais hora menos ele componha uma sinfonia para mim, afinal ele vai estar preso lá para sempre; enquanto isso... vou jogando paciência enquanto espero para poder jogar dados, (ou vacas na cabeça dos outros). Sem problemas. Porque afinal, mesmo que meu bom humor não seja infinito, minha resignação é eterna.

E enquanto o brasileiro espera o futuro chegar com esperanças matemáticas ainda menores do que uma vaca cair na sua cabeça, ou um meteoro cair na Praça dos Três Poderes em Brasília. Voltemos para a guerra pop entre os

deuses de Einstein e Hawking, mas agora mais atentos para as é figura de linguagens na retórica de cada um.

Não se deixe enganar pelas metáforas: nem Einstein acredita no deus teológico, nem Hawking é um niilista cosmológico. No fundo, o credo de ambos é o mesmo, a ciência, a existência de uma ordem que pode ser conhecida e explicada pela razão. As dúvidas discordâncias não estão sobre a existência de uma ordem natural no Universo, mas no grau de certeza e logo incerteza sobre a possibilidade de conhecimento dela. O que faz de ambos ateus do ponto de vista religioso, mas pessoas de uma fé profunda na ordem do Universo, e no credo da ciência como sua fonte de revelação descobertas quanto das certezas nas pressuposições não demonstráveis, os axiomas ou dogmas. E querendo ou não os princípios e finalidades do credo estão mais próximos de Laplace ou no máximo do mártir da ciência o panteísta Giordano Bruno do que dos crente do deus ex machina antes durante ou depois da criação.

Pode soar estranho se referir a ciência como credo, mas tanto o racionalismo do qual o pensamento e método científico se assentam num pressuposto de fé. Fé na existência de uma ordem no universo passível de ser conhecida pela pensamento racional e científico. Mas certamente não mais estranho, aos mais puritanos, que essa mistura de deus, ciência e jogos de azar.

Probabilística-metafísica-cosmologia: Uma mistura quase psicodélica. Porém, o problema- digo problema para quem não gosta de misturas as coisas- é que essa mistura está presente justamente na origem histórica tanto da física quanto da matemática como as ciências que hoje conhecemos.

Historicamente falando não é correto dizer que os pensadores que fundaram essas ciências misturavam as coisas, mas sim que as coisas a época que as essas obras seminais foram concebidas não eram pensadas de forma tão separadas e compartimentadas. Porém o fato permanece, misturadas est. E se

a obra seminal da Física Clássica “Principia” de Newton entrega a mistura não só no título mas dentro de toda sua composição. Na probabilística os laços são ainda mais estreitos.

*(...)Os alicerces da teoria do cálculo das probabilidades e da análise combinatória foram estabelecidos por Pascal e Fermat, as situações relacionando apostas no jogo de dados levantaram diversas hipóteses envolvendo possíveis resultados, marcando o início da teoria das probabilidades como ciências.- **História da Probabilidade — Brasil Escola (...)***

O Determinismo no Indeterminismo

Quando portanto falamos que deus não joga dados estamos a discutir tanto o tanto o grau de predeterminação da ordem do universo quanto do nosso grau de conhecimento desses fatores determinantes das causas e consequências. A indeterminação é portanto um objeto do nosso conhecimento e desconhecimento tanto dessas predeterminações das causas quanto do nível de predeterminação de causas, isto é, se ou quanto são predeterminadas.

A teoria do caos, lida com a complexidade de causas e consequências fenomenologicamente todas predeterminadas bem ao gosto de Laplace, mas ainda sim fora do alcance completo da nossa cognição pela complexidade dos eventos frente a limitações cognitivas da nossa capacidades naturais e artificiais de percepção-cognição, ou seja que não dependente do estágio ou condição atual de conhecimento, aquisição e produção do saber, mas dos limites inerentes da sua produção por seres que não observadores oniscientes mas partes integrantes do universo, ou seja, objetos da observação tentando ser o máximo que podem apenas sujeitos.

Não estamos portanto aqui falando da conhecida Teoria do Caos.

Aqui, não estamos propondo que as causas da indeterminação de todos fenômenos percebidos como caóticos é produto da complexidade do sistema, uma consequência das infinitas possibilidades de interação de fatores predeterminados versus uma possibilidade de conhecimento em espaço-tempo real delimitado, mas sim que o comportamento caótico dos fenômenos de fato gerados por forças entrópicas não é só gerado espontaneamente como toda força elementar mas instantaneamente autodeterminado. Como o matemático disse “o processo não guarda memória”, o seja, sua configuração é definida no exato instante da sua manifestação. É portanto literalmente definido por nenhuma causa, ou o que é a mesma mais precisamente como única ordem que estabelece tal padrão aleatório, o acaso. Assim sendo, mesmo a um ser onisciente, um demiurgo platônico, o universo continuaria um mistério imprevisível, ou mais precisamente, probabilisticamente menos determinístico quanto maior for a propriedade caótica em sua composição.

Logo o acaso é de fato uma propriedade fundamental do universal, segundo tal tese, a mais primordial e fundamental de todas, mas isso não quer dizer que o acaso é desprovido de suas razão determinante. Em outras palavras deus joga sim dados e os joga longe do alcance da nossos olhos, mas o saber da constância desse comportamento aleatória, não torna a previsão do comportamento do universo insondável, pelo contrário, o saber das suas constante indeterminista torna as previsões probabilísticas que levem em consideração essa constante da inconstância mais corretas e precisas. Pois de tal tese não for uma fantasia, a ordem caótica no final das contas, em amostragens suficientemente representativas do espaço e do tempo, tendem a apresentar um padrão.

A constante da inconstância, ou o que é a mesma coisa da variação sob nenhuma ordem ou razão restabelecida, evidentemente não pode ser

diretamente deduzida da pressuposição de ordem, mas pode ser logicamente deduzida da pressuposição da sua ausência, ou seja a pressuposição de desordem. Deduzida a partir da suposição de que a ordem conhecida e estabelecida está sempre na eminência de se desfazer, assim como da absoluta desordem a possibilidade de emergência de uma configuração ordenada pode emergir espontânea. E o mais importante tal nível de desordem do sistema pode ser relativamente calculada e prevista de acordo com tanto com a ordenação possível e projetada quanto a estabelecidas e configuradas. Ou seja se o sistema não possui memória, ele não pode se comportar como se tivesse uma. Se o sistema não possui causas para produzir ordenadas num tempo infinito ele não só irá apresentar todas as configurações ordenadas possíveis, como não poderá manter somente a elas. Pelo contrário, não é necessário um tempo infinito, mas tão somente uma amostragem de tempo suficiente para empiricamente sabermos se o sistema é regido por causas e consequências, é predeterminado, ou se é indeterminado regido por padrões aleatórios que apresentam a configuração específica da ordem aleatória. Ou seja, se o jogo é de cartas marcadas ou se é de fato uma loteria justa.

Mas qual configuração seria essa que caracteriza o comportamento dessa liber elementar da natureza? Qual é o padrão de ordenação que caracteriza a onipresença dessa ordem entrópica universal?

A constante universal e o Universo em expansão

Tomemos uma sistema finito e fechado e regido predominantemente entropia uma panela de pressão, por exemplo. Qual é a probabilidade de todas as moléculas sincronizada se concentrarem ou mesmo atingirem espontaneamente um único ponto como se estivessem organizadas?

Supondo que a panela jamais perderia pressão nem explodisse, se pudéssemos mapear a história da trajetória de cada molécula numa matriz espaço tempo, durante um tempo infinito a distribuição e variação das moléculas em cada posição tenderia sempre ao absolutamente igual. Não há uma ordem determinando cada trajetória de cada partícula a cada instante, mas há uma ordem determinando o padrão do conjunto das moléculas que tende literalmente a ocupar igualmente todo o espaço, quanto maior for a amostragem de tempo. Se não houvesse, não haveria razão para que as moléculas não apresentassem determinados padrões ordenados constantes em diferentes sistemas não importa o tempo de observação, mesmo que infinito fosse.

Se não houvesse tal força e ordem entrópica universal diferentes sistemas fechados apresentariam de fato o que se supõe como comportamento completamente desprovido de qualquer razão, ou logos. Se assim fosse, uma loteria poderia simplesmente cair sempre no mesmo número, e isso não seria um fato extraordinário, mas normal. Isso porque infinitos sistemas aleatórios apresentariam espontaneamente infinitos possibilidades de padrões lógicos de ordenação aleatória e não um mesmo padrão, a saber, o caótico, isto é justamente o padrão que tende a variar as a realização das combinações de forma absoluta igual em termo de probabilidade instantânea em relação as possibilidades de ordenação, um fenômeno que é percebido e pode ser deduzido semioticamente como padrão que justamente demanda a ausência de ordem preestabelecida.

Interessante notar que em espaços abertos, gigantescos e potencialmente infinitos em relação a matéria existente, o padrão desse sistema seria justamente o observado ao nosso Universo, a expansão. Dado que num espaço-tempo infinito a matéria tenderá entropicamente sempre a distribuir igualmente por todo essa matriz. Ou seja tenderá a expansão. Isso não quer dizer que não houve Big-Bang, nem que não exista a tal “matéria ou energia

escura”, mas que com ou sem esse evento e elementos, o universo ainda apresentaria o comportamento observado, se expandiria por conta dessa propriedade, ou melhor força elementar inerente que compõe (e decompõe) toda matéria.

A física da matemática

Aplicamos a matemática para produzir os cálculos da física, mas muitas vezes nos esquecemos de aplicar a física para produzir os cálculos matemáticos. Quando tanto a física quanto a matemática, antes de serem representações simbólicas do saber e campos distintos do conhecimento, são fenômenos da physis[4] e seu logos. Fenômenos epistemológicos produzidos tanto por esse mundo e seus padrões quanto pela observação deles enquanto conceitos físicos, matemáticos, filosóficos ou de qualquer outra categoria abstrata do pensamento, que represente o conhecimento do que tomamos por concretude e realidade do mundo e das coisas e suas relações.

Quando Newton, por exemplo, formula a lei da gravidade, o que está fazendo é descobrir a razão fenomenológica por detrás de eventos computados intuitivamente como um padrão matemático intuitivo. Mais precisamente, construindo um modelo que fundamente os padrões observados e contabilizados de ocorrência de um evento. Porém a sua lei universal da física como qualquer outra lei universal da natureza não só tem jurisdição limitada por mais extensa que seja sua validade no tempo e espaço do conjunto universo observado, como também tem brechas e furos, como toda lei humana artificial, mesmo quando essas brechas e furos não são a intenção de um legislador desonesto.

As leis da física não fogem às leis matemáticas da probabilidade. Se existe a possibilidade incondicional de uma lei falhar submetida há um tempo e

espaço infinito, a probabilidade dela eventualmente falhar ou estar falhando, agora mesmo, se inverte tornando a possibilidade da existência dessa singularidade praticamente infinita, ou seja, a certeza.

Pensar na infabilidade das leis científicas como se fosse uma infabilidade papal é produto dos mesmos erros aplicados a diferentes campos do pensamento que tem por objeto não diferentes universos, mas o mesmo. Fenomenologicamente não existem fronteiras, campos nem territórios do pensamento e saber, não entre os objetos do saber e dos credos. Se na ciência e na religião essas divisões abstratas entre territórios do ver e saber é produto de um tratado de paz entre a autoridade sobre seus respectivos domínios, sobre mentes e corações. Na matemática e na física a divisão e disputa não chega a tanto e tem suas aplicações, mas não deixa de ser política, também não deixa de ser mero produto de uma cultura do saber que imita e replica, inconscientemente ou não, os hábitos e costumes antropológicos na sua estruturação compartimentalizada dos seus campos e domínios.

Ora, então não seja por isso. Não percamos tempo em desatar o que não é feito para ser desatado. Vamos mandar às favas, as divisões e fronteiras sobre o abstrato e concreto, e sobre o físico e o metafísico. Esqueça a navalha de Occam[5] e pegue logo a espada de Alexandre e vamos cortar esse nó górdio e entender os conceitos mentais em sua concretude em toda a sua abstração mental.

A lei das probabilidades está abrindo mais do que portas para a ciência da incerteza, está abrindo as portas para a ciência do impossível. Ela não tem implicações cognitivas não apenas epistemológicas, mas fenomenológicas. Ao afirmar matematicamente que não existe possibilidade absolutamente certa, logicamente a lei também está afirmando que não existe impossibilidade absolutamente certa ou, o que é a mesma coisa, que não existe o impossível. A mera incerteza da possibilidade fenomenologia de um evento elimina, ao

menos do ponto de vista científico, a correção com que se aplica o conceito impossível. Saber que se aplicado à física implica que o impossível concebido como concretude ou, mais precisamente, o vazio não passa de um campo abstrato de probabilidades momentâneas praticamente nulas, mas também praticamente certas numa somatória infinita desses momentos, mas pode chamar pelo nome popular, eternidade.

A física da matemática trata, portanto, deste campo relegado à transcendentalidade, o campo do impossível, erroneamente confundido com o campo do incognoscível. Parece lidar com abstrações sem correspondência fenomenológica, quando, na verdade, está estudando a lógica dos fenômenos invisíveis, altamente improváveis e tido como impossíveis, no limite do horizonte de eventos do buraco negro do cognoscível, mas ainda, não dentro dele.

O vazio, a ausência de substância ou matéria, seja como ausência de padrão ou ordem, o vácuo e o caos não são uma caixa fechada sem sentido. Os conceitos inexistências fazem referência aos fenômenos concebidos por negação aos senso inteligidos, porque os que incognoscíveis, esses por óbvio e definição, passam batido, não são nem deixam de ser, aos nossos olhos, sendo ou não.

As probabilidades não funcionam quando aplicadas como teorias e cálculos racionalizados, nem heurísticamente por sorte ou uma feliz coincidência. Essa capacidade de pensamento abstrato se desenvolveu como adaptação à natureza, mas isso não é prova, sim é apenas uma evidência. Uma pista de que o raciocínio matemático probabilístico se fundamenta em observações de leis e forças ainda mais fundamentais e logo mais banais e despercebidas que as que levam as maçãs e outras coisas ao chão.

Sim leis tão universais quanto a gravitação, porém mais difícil ainda de serem descobertas já que não estamos dentro da lei, mas da sua exceção. Não somos a chance certa, mas o impossível que aconteceu. A singularidade. A sequência ordenada em meio aos infinitas combinações e padrões aleatórios. Um ponto ínfimo fora da curva do universo repleto de vazios e caos, mas pode chamar de entropia[6] e se ela falasse diria: Prazer. Você é a pulga eu sou o cachorro.

Não, a entropia não é só a segunda lei da termodinâmica, mas sim é o padrão de organização do que não possui nenhum padrão ordenado de combinação. Isso não faz da entropia um Deus, Criador do Universo, bastante imprevisível, mas não incognoscível nem completamente indeterminado. Pois não importa se Deus joga dados, e ainda faz suas jogadas longe das nossas vistas. Porque ao fazê-lo e necessariamente fazê-lo, permite que façamos previsões sobre elas. Não podemos saber qual ele vai certamente jogar, mas podemos enumerar e apostar em quais ele não poderia jogar sem quebrar a entropia e constituir um padrão ou uma ordem, esse sim bem mais previsível. Em outras palavras, não sabemos nunca com certeza qual será o padrão ou se ele se manterá, mas da mesma forma que apostar com razoável certeza que é possível que ele se mantenha uma vez estabelecido, podemos saber com a mesma razoável certeza que os eventos continuarão a se comportar aleatoriamente dentro de padrão entrópicos enquanto nenhuma ordem se estabelecer com razoável certeza de continuidade.

Isto é, quando os matemáticos fazem cálculos das probabilidades para eventos aleatórios, eles estão fazendo previsões baseadas na observação de um princípio fundamental de organização do Universo: a entropia, o caos. Cujos padrões não é ausência fenomenológica de padrão, mas justamente a presença de um determinado padrão de organização que se caracteriza e pode ser rastreado epistemologicamente pela ausência de padrões ordenados. Fisicamente falando, o caos é, portanto, um padrão de organização,

caracterizado não pela igual emergência de ordem ou desordem, mas justamente pela alta probabilidade da continuidade de ausência de qualquer padrão ordenado percebido.

*Vamos trocar então a metáfora do Deus dono de cassino, para não causar confusão a quem o tenha ao pensamento literal, até porque nem como metáfora ele é político nem mafioso. Vamos lidar com a Entropia com termos e conceitos mais neutros e palatáveis de princípio criador, ou seja, uma lei universal proveniente de uma força elementar do universo. Quando um físico prediz usando a probabilística, a distribuição mais ou menos igual, mas sem nenhuma ordem, que se mantenha ao longo de um tempo infinito das possibilidades de combinação das partículas, dentro de um determinado espaço fechado ou quando um matemático está calculando as possibilidades de uma combinação em uma loteria, sabendo ou não, ambos estão fazendo cálculos em cima da entropia do sistema. Mais precisamente, fazendo cálculos das incertezas dentro dos limites do seu conhecimento, enquanto observador-apostador, dentro do sistema de probabilidades. (...) -**Conexões: Da Matemática da Física à Física da Matemática***

Conexões: Da Matemática da Física à Física da Matemática

Deuses, Loterias e Mercados: A ilusão do Apostador e as esperanças matemáticas

As primeiras civilizações

Não, esse não foi o nascimento da humanidade nem sequer das primeiras civilizações. Até porque, ao contrário da narrativa prepotente e absolutista desse modelo civilizatório, ele não foi, nem é o único, e sequer foi o primeiro

modelo de civilização. Simplesmente não tem como, não possui o necessário para sê-lo.

Não criou a maioria conhecimentos e invenções que se atribui a ele, por uma simples razão, não saberia como fazê-lo. Em verdade, tomou para si junto com as terras, povos e comunidades e outras civilizações que pilhou e colonizou esse saber, porque se apropriar do pre-existente é o saber e arte das civilizações que prevaleceram. Gostemos ou não, nossas civilizações. Há de haver portanto outras civilizações. sim civilizações e e não só comunidades que antecederam e desenvolveram saberes que não se produzem pela arte da apropriação e alienação, mas somente pela arte da próprio-concepção e autoprodução.

Uma outra história da origem das civilizações que está só começando a ser buscada, e que talvez seja desenterrada de sítios arqueológicos no Vale do Indo no Paquistão.

A história de uma civilização tão, ou até mais, antiga que as do crescente fértil na mesopotâmia. Um outra história para a origem da civilizações humanas. Uma outra gene bem mais ao oriente, bem mais negra, possivelmente matriarcal, mas certamente bem menos ariana. Onde os invasores tem um papel muito menor nessa gênese do que eles atribuem e celebrar (até hoje) para si.

Descobertas, portanto, que poderão mudar não só o locus do centro do mundo civilizado, mas dos povos e arquétipos raciais. Poderão revelar como de fato se desenvolveu tanto a produção da civilização quanto do seu progresso, assim como como se deu a apropriação e produção de narrativas que tanto apagou essa memória e criou outra onde aqueles que tomaram os edifícios

que ergueram a humanidade e inscrevam seus nomes como os pais da sua criação e invenção.

Seria ainda muito cedo e precipitado dizer o quanto dessa cultura e civilização as “raças arianas” tomaram para si; o quanto pilharam, se apropriaram ou absorverem dessas sociedades que escravizaram. O quanto essas sociedades belicosas e escravagistas, formadora de castas e classes destruíram ou tomaram para si dos costumes, saberes e artes. Ou mesmo o quanto estas sociedades subjugadas também já não tinham muito da mesma belicosidade e escravagismo dos invasores arianos, para afirmar que também não estavam assentadas sobre as montanhas de escombros e ossos de outros povos mais antigos, ou mesmos que não se sustentaram nas costas dos sobreviventes e as custas da riquezas que também só fizeram pilhar.

Mas é por isso mesmo que tais investigações são de extrema importância. Fundamentais tanto para compreender melhor tanto como tais civilizações fundadas e sustentadas pela rapinagem se estabeleceram e se sustentam, até hoje, quanto prosseguir rastreando a origem do óbvio: se não foram nem poderiam ter sido elas a produzir os adventos que constituíram as civilizações, do advento do contrato, ao comércio, da arquitetura a urbanização entre outras invenções que essencialmente materializam formas de relação e produção. Então quem?

Se não for também a civilização de Harappa, qual seria então a primeira sociedade civil, o primeiro estado de paz? Onde estariam, estas primeira civilizações sobre as quais o modelo imperial, do parasitismo do homem sobre o homem pode tomar para si, se hospedar e disseminar. Porque o dia só tem 24 horas e a vida apenas poucos anos, em relação a todo conhecimento acumulado e passível de se acumular e produzir nesse curto espaço de tempo. De modo que se tais civilizações que predominaram como império sob as demais gastaram seu tempo em alguma coisa foi para desenvolver a arte da

dominação, apropriação e defesa do que tomaram; e não para produzir. Se criaram algo foi justamente a arte de manter tais domínios como divisão do trabalho entre aqueles que irão produzir e aqueles que irão comandar, se apropriar e usufruir. Até porque se tivessem desenvolvido a arte da produção e não da expropriação não teriam prevalecido e subjugado, mas sido subjugadas e exterminadas por aquela que melhor desenvolveu essas técnicas e tecnologias.

E portanto, exatamente pela mesma razão que conquistaram e prevaleceram, também não foram eles que criaram as bases técnicas e tecnológicas — não as civis e produtivas, e sim as belicosas e militares- as bases civilizatórias propriamente ditas do progresso da humanidade como civilização. Não foram eles primeiro enquanto povos dedicados e especializados na rapinagem e escravidão e depois enquanto classe dominante sobre os povos subjugados e suas prole que formaram as bases civilizatórias que tomaram e sob as quais se assentaram e continuam assentados do topo dessa espécie de enorme cadeia alimentar entre os povos, raças e classes. Mas justamente dos povos e suas culturas, do qual se alimentaram, e que cujos descendentes continuam a constituir a base de suas pirâmides.

Ou simplesmente, aquele que pilha e parasita precisa do que e quem pilhar e parasitar. Pensar o oposto é o mesmo que acreditar que aqueles que tem o poder e até são capazes de apertar o botão de uma bomba nuclear, são os mesmo capazes de construir uma bomba atômica, ou sequer entender quanto mais criar a teoria que lhes “deu” essa arma. De modo que origem da civilização longe de estar na história das guerras, conquista, ocupações, colonizações de uma povo ou raça sobre outra, está na história não contada e enterrada dessas outras civilizações cuja memória foi apagada ou adulterada. Talvez esteja até mesmo presente na memória dessas mesmas civilizações, não apenas entre os descentes daqueles que foram subjugados, mas dos dominadores, isto se algum dia não viveram apenas apenas da caça,

escravização e domesticação de outros clãs e tribos. Talvez, não exista tal civilização primeira, mas o primeira vítima das raças com mentalidade ariana, ou melhor das mentes que se concebem como outra raça do tipo ariana foram sempre seus próprios povos e nações antes de qualquer outra em outros territórios. E as suásticas antes de serem símbolos de holocausto foram o símbolo roubado junto com a vida de quem os criou.

Conhecer e reconhecer essa outra gene da nossa humanidade e civilização, ainda que tenha sido roubada e pervertida, que esteja reiterada e constantemente sendo pilhada e esteja fadado a desaparecer no contato com essas outras civilizações, que mais do que raças ou culturas, são mentalidades, padrões mentais e comportamentais que se adaptados e especializados na exploração e predação de outros seres vivos incluso os humanos como recursos a seres consumidos até a exaustão; ainda sim é fundamental para entender não só nossa gênese, mas nossos genes, os códigos culturais que reproduzimos e transmitimos geração após geração.

Porque mesmo extintas como sociedades, tais formas de civilização ainda estão presentes tanto em classes sociais, como na totalidade do organismo que somos , ou ainda somos; e que subsististe dentro de nós tanto como padrões mentais quanto na complexidade das contradições da organização das nossas formas de viver nas sociedades atuais.

De qualquer forma uma revolução já está em progresso. As descobertas de que muito daquilo que nos caracteriza e nós chamamos propriamente de humano ou civilizado, não advém de raças e povos brancos e arianos tão celebrados aberta ou disfarçadamente por apologistas do supremacistas raciais cultural ou nacionais, mas sim do que saber dos ancestrais de povos e classes que foram desqualificados como bárbaros e selvagens, tratados como animais e não raro exterminados e escravizados. Do saber e descobertas dos antepassados daqueles que sobreviveram e subexistem como pessoas

invisíveis intocáveis e descartáveis. Do saber de povos que foram objetivos de holocaustos e genocídios, rápidos ou lentos em guerras ou guetos.

Uma revolução sem precedentes saber que se todos carregamos o saber cultural como gene da nossa civilização, ele não só foi transmitido por aqueles que se miscigenaram, como não foi transmitido pelo exércitos de pais rapinadores e seus reinos, mas sim pelas mães histéricas e neuróticas (principalmente as de criação), as sobreviventes dos subjugados tomadas como servas domésticas e domesticadas desses conquistadores e até mesmo como escravos dos escravos deles.

*Uma descoberta, que no fundo não precisamos de escavações arqueológicas para descobrir. Mas sim um pouco mais de psicanalise, não da psique e infância dos civilizados, mas da psique e infância das civilizações. Até porque como civilizações ainda não saímos dela, como coletivos ainda vivemos na primeira infância. — **KOYAANISQATSI: A Idade da Consciência***

Logo, considerando que santo de casa não faz milagre, os deuses são sempre alienígenas, mesmo quando são apenas ideais ou entes imaginários ou simplesmente outros povos vindos de outros terras e mundos. Ou em outras palavras não são os deuses que são alienígenas, são os nativos que são prisioneiros da alienação. Não é o estranho o estrangeiro o alienígena, o invasor jamais um ente superior ou divino, é o culto idolatra ao medo do desconhecido e supremacia do poder que faz de qualquer sinal seja ele uma expectativa mitológica ou um fenômeno ainda a ser descoberto, a espera irreal por um resposta messiânica nem apocalíptica que nunca está no céu nem nas estrelas, nem mesmo se um dia cair dela nas nossas cabeças, mas de como lidamos e autodeterminamos nossa própria existência. Algo que não depende nem de nenhuma espécie imaginária ou real de ente ou entidade suprema, nativa ou alienígena, doméstica ou internacional, física ou metafísica,

mas unica e exclusivamente da força que constitui nosso ente e essência, a liberdade enquanto livre vontade.

Tradução: Com ou sem marcianos. Com ou sem deus, ou deuses, ou messias, o problema e a solução permanece o mesmo e no mesmo plano: o da humanidade na Terra. Não é uma questão da chegada de quem. Mas sim do quê. Se a humanidade continuará dentro da mentalidade patriarcalista infantil ou finalmente entrará na adulta da emancipação, responsabilidade e fraternidade, a idade da consciência. Algo que só o ser pode fazer por si mesmo e seu semelhante, definir-se. O problema nem a solução são eles os alienígenas, de todas as espécies, somos nós os alienados. O problema não são os outros, os marcianos, mas nós, que vivemos sob o culto servil ao signo de Marte.

Acabou as (des)eleições, um escrito inacabado...

O antes e o depois das eleições como teatro de guerra híbrida da informação

Acabou. As eleições terminaram. Ainda vai levar um tempo até baixar todo o clima de euforia e histeria, mas com a diminuição do bombardeio e terrorismo midiático de parte a parte, a tendência é que fora os permanentemente sequelados, que os demais voltem gradualmente ao seu estado “normal”, ou mais precisamente, aos níveis toleráveis e socialmente funcionais de normose e loucura cotidiana.

E bombardeio não é uma figura de linguagem. É um termo emprestado da guerra convencional, que explica tecnicamente as estratégias empregadas numa eleição que não foi uma só uma deseição, mas uma

verdadeira guerra de informação e desinformação, ou melhor uma batalha, porque a guerra da psicológica informação é só uma das dimensões da guerra híbridas e o teatro de operações brasileiro apenas mais um entre muitos campos de batalha.

A termo público-alvo nunca fez tanto sentido, ou teve um sentido tão literal. Na era da informação as linhas tênues entre guerra e paz, estão ainda mais cinzas, e a democracia nada mais do que o palco de mais batalha dentro da guerra híbrida global que quer gostemos ou não fazemos parte mais como alvo do que como player seja enquanto sociedade civil, seja como Estado-Nação. Alvos; seja como país ou cidadão.

Evidente que não podemos romantizar o passado. O cidadão e a sociedade de civil nunca foram o protagonista deste teatro, nem outras eleições jamais deixaram de ser uma guerra suja. A arte da política sempre foi uma guerra feita com outras armas, uma guerra simbólicas, feita de signos e palavras, um jogo sujo semiótico e psicológico. Mas essa batalha escalou para outro nível, e não me refiro de baixaria, porque isso é básico, já que como em toda guerra a moralidade não entra em campo de batalha. A guerra escalou nessa batalha para outro nível não tecnológico, mas estratégico. O tecnológico é mais do que evidente, no emprego massivo das mais novas ferramentas de telecomunicação em rede via internet. Mas por trás do emprego das novas ferramentas tecnológicas, há também as estratégias.

Estratégias militares seria até um pleonismo, já que não só a palavras mas toda estratégia deriva do pensamento militar. No entanto esse foi o diferencial. E se engana, e engana muito, quem acha que as patentes militares se saíram tão bem nesse embate só como propaganda eleitoral. Generais venceram marqueteiros com facilidade, não só porque o caixa

dois sua principal função de campanha estava comprometido, mas porque a propaganda política perdeu espaço para táticas mais avançadas de guerra de propaganda. As estratégias de marketing perderam para as militares, porque na era da informação, as táticas de guerra psicológica da informação e desinformação (que o mercado também usa e abusa) ganharam um peso muito maior do que o simples embalar um produto pré-fabricado. Foi assim que a direita tomou o palácio e de quebra dizimou a esquerda na batalha demagógica do teatro da política representativa: com uma bazuca e guerra de guerrilha contra e exércitos de militantes e mercenários em enfileirados em frentes convencional completamente ultrapassadas.

Mas não é sobre essa batalha, nem esse teatro de operações que quero falar, mas sobre a guerra. Ou melhor o nossa era, o nosso tempo de guerras globais domesticas e internacionais não-convencionais, guerras híbridas marcada onde a vantagem do conhecimento ganhou outro dimensão, com a psicologia e computação, e definitivamente a baleia azul e o momo não são apenas um jogo. Ou se são o são mais um jogo de guerra.

Dizem que as torres gêmeas marcaram o início do século XXI. Não, eles marcaram o fim do século XX. Estamos em plena fase de transição, ou se preferir de disputas de hegemonia. Não só entre potenciais ou ideologias, mas de disputa entre novos paradigmas, porque os velhos já eram. Embora muita gente ainda vá viver e morrer, sem nem saber, cega e presa ao arcabouço dos velhos paradigmas ultrapassados e decadentes.

Vivemos tempos de crise sistêmica. Tempos de adaptação e transição onde a seleção natural opera historicamente com muito mais rigor e rapidez que nas fases de paradigmas hegemônicos bem estabelecidos como normais, especialmente para os menos “aptos” ou se preferir os

mais carentes e marginalizados. O pós-moderno é só a antessala de um tempo contemporâneo demais para receber uma denominação, até porque a denominação correta depende de como ele se define, e é a sua definição histórica que está em jogo. Termos bonitos para dizer uma coisa simples, o jogo ainda não acabou. Ele mal começou. E quanto mais demorarmos para nos reposicionarmos hoje e não amanhã nos nosso tempo e espaço, quanto mais insistirmos numa visão e práxis do passado para o futuro, por mais tempo permaneceremos alienados como players do presente.

A ultradireita não chegou como futuro para ficar, mas é inegável, chegou primeiro. E quanto mais renegarmos a realidade, mais tempo demoramos não só para entendê-la, mas para conseguir lidar com ela e mais tempo ela vai ficar pela mesma razão pela qual ascendeu ao poder: pela mais absoluta falta de novas alternativas. Não adianta negar a realidade, a falta de visão e incoerência da narrativa foi e continuará a ser fatal. Pois se a narrativa nos diz que quem chegou ao poder é uma “ditadura fascista” e a o que havia antes era uma “frente de resistência democrática”, o fato é que segundo os próprios termos dessa narrativa o resultado não poderia ser pior: a população preferiu a dita “ditadura fascista” a essa tal “ frente democracia” do antigo status quo. E o quão ruim, não só em estratégia, ideologia, ou demagogia, mas em fora os discursos pode ser na prática, ou memória das práticas, essas velhas representações democráticas para perderem do que qualificam de nazi-fascistas. Notem que não importa se você, ou eu, concorde com essas autoproclamada qualificação e desqualificações de si mesma e do adversário, o fato é que esses ideólogos e estrategistas perderam dentro dos próprios termos e dentro do seu próprio jogo, ou da sua democracia representativa, tanto no sujo quanto no limpo.

Como certeza, muita gente ainda vai continuar enebriada por um bom tempo até cair na real de novo. E não haverá choque de realidade capaz de tirá-las do seu estado de inconsciência, não porque cachorro velho não aprende truque novo, mas porque está ou política-economicamente comprometida ou definitivamente psico-ideologicamente sequelada. Mas como Haddad e Ciro descobriram, ou melhor já sabiam, mas ao que parece, -porque na política tudo é sempre jogo de aparência-, só tomaram dimensão da extensão muitos nas suas fileiras ou mesmo dentro do seus partidos sequer jogaram para vencer. Ou melhor jogaram para atingir outros objetivos estratégicos: a sua sobrevivência política e quiça ainda a hegemonia onde ainda poderiam mantê-la; se não mais no território de um país inteiro, então em redutos e outros campos. O campo da esquerda. Lutaram uma batalha não para vencer mas para manter a hegemonia dentro do campo da esquerda, não em redutos políticos, ou como líder da oposição, mas muito mais importante do isso como ideologia hegemônica dentro do campo social e cultural dos ditos campos de esquerda. E nisso foram bem sucedidos porque cada voto é uma cabeça arrebanhada a ser usada moeda de troca para as negociações palacianas.

Em outras palavras, enquanto os militares de Bolsonaro jogavam para vencer, as lideranças não só da esquerda, mas de todo o estatamento tradicional lutavam entre eles para ficar longe da cadeia, quem mantinha sua parcela do butim, e quem iria liderar suas fileiras. E ainda estão. E isso é só o aspecto da luta de poder doméstica. Na questão geopolítica, enquanto a esquerda lutava para emplacar sua narrativa conquistando mentes e corações de intelectuais gringos alinhados, ou seja, pregando para convertidos e comprometidos, aqui E aqui, como nos EUA, o “azarão”, trabalhava para conquistar a população, ou mais precisamente para manter o que já haviam conquistado com anos de trabalho de base dos evangélicos (neopentecostais).

O resultado todos já sabem. O feitiço se voltou contra todos os feiticeiros, e toda a narrativa caiu frente ao juiz e julgamento que a própria esquerda escolheu, ou melhor apostou, como o único legítimo: o povo nas eleições. Erraram feio na escolha do campo de batalha, apostando na natureza plebiscitária do pleito — mesmo não faltando exemplos, como o Brexit e a paz na Colômbia- e erraram mais ainda em suas suposição que eram capazes de reverter a percepção da população quando tivessem os meios de comunicação a seu favor. Um erro de prepotência e cálculo gigante. Os meios de comunicação tradicionais não são mais hegemônicos, muitos deles estão falindo, como poderiam sustentar a hegemonia das narrativas se mal se conseguem sustentar sua credibilidade e finanças?

O resto do que segue agora foi escrito antes do pleito, mas ainda vale...

Pare, um segundo e pense. Projete o futuro, olhando o quadro como se estivesse de fora. Fora, não só deste ou daquele lado da trincheira, mas fora ate mesmo do meio do fogo cruzado se eventualmente não escolheu um lado. Tente se puder, parar e pensar friamente por um segundo não como se tudo isso fosse o presente, mas como se o cenário que estamos vivendo agora já fosse passado. E você irá compreender meu ponto de vista, ligeiramente deslocado do calor do momento atual, a qual eu chamo de realista, mas se você chamar de pessimista, aceito a crítica.

Há quem ainda tente manter as aparências e reputação da mulher de César, nos tribunais e instituições, mas mesmo entre os não há mais quem tenha coragem de chamar esse triste espetáculo, de a festa da democracia. Pelo contrário, depois desse freakshow, que eles insistem em chamar de eleições, a tendência não é só que as divisões e alianças e traições, e sobretudo o conflito rancoroso e belicoso pelo poder e sobrevivência política perdure, mas escale.

Haviam quem apostasse nas eleições como vetor para a resolução para as tensões sociais que assolam o país, mas ao final do pleito ganhe quem ganhar, o resultado continua não só continua o mesmo como a situação se escalou: a sociedade está mais dividida. E nos centros do poder o sistema permanece intacto em suas regras de governabilidade: quem ganhar vai ter que compor também com a banda podre e representantes dos interesses nada republicanos se quiser governar, ou melhor, se não quiser, virar um espantalho a lá Temer ou Sarney, ou cair feito um Collor ou Dilma.

Quanto ao problema da pacificação dos polos extremos, pode até haver uma trégua, mas apenas para reorganizar as tropas. Nenhum dos dois lados vai descansar enquanto não der um fim ao outro campo. E enquanto esse embate durar a sociedade continuará refém dessa guerra. E não, ao contrário do que muitos pensam, quando um dos lados enfim prevalecer, muito longe de termos um estado de paz, teremos um estado de pax, nas aparências mais democrático do que é hoje, mais de fato menos republicano do que já é mais autoritário e hipócrita ainda.

A título de exemplo, de que você pode mudar as variáveis da equação que o resultado permanece o mesmo, porque as premissas e a matemática política ainda é a mesma use a imaginação.

Já disse que não acredito numa virada, mas imagine que ela ocorra. Imagine quais seriam as condições populares e institucionais de governabilidade de um governo encabeçado pelo PT. Agora image o oposto. Qual é a chance de um governo Bolsonaro governar sem o sistema, sem o SFT de Toffoli, Gilmar, e Leva, Mello, e pior sem — como diria a cartilha da pragmática realpolitik de Lula- o “negociar o apoio” de tantos coronéis e acusados de corrupção que escaparam da guilhotina dessas deseleições para formar maiorias no congresso? Tem como? Claro

que tem. Porém, nenhuma dessas formas é absolutamente legal, moral, constitucional nem republicana. De modo que ou elas vão decaem em medidas autoritárias que passam por cima dos corruptos ou decaem em leniência e corrupção na medidas que cedem dentro do presidencialismo de coalizão as demandas pela governabilidade.

Mais do que isso, imagine ou melhor tente projetar qual são as chance de um governo Bolsonaro ou Haddad pacificar seus opositores? Isto sem apelar para o emprego do monopólio da violência e vigilância, como já anunciaram. Quais são as chances de isso vir a ocorrer, sem que nenhum deles apele para seu viés autoritário e consume de fato a ameaça já declarada do emprego da força de fato para perseguir e reprimir os opositores mais radicalizados mesmo os que não cometeram crime algum? E qual a chance de efetuar essa repressão só dos criminosos de forma cirúrgica sem vigiar e eventualmente ferir direitos e opositores cujo único crime abominar o que que lhe indigna ou fere sua dignidade?

Há grande euforia com a renovação. Mas renovou-se os nomes, não as regras do jogo. Ou melhor, só metade dos jogadores, de modo que para mudar as regras de como o jogo de poder é jogado, dentro das regras do jogo é preciso de maioria, e não simples, mas absoluta, de modo que mesmo supondo que a renovação tenha sido enorme e perfeita, ainda sim ela não foi o suficiente.

Logo euforia a parte, sem desconsiderar a renovação de metade do poder legislativo, mas justamente levando-a em considerando, o problema não é outro, mas este mesmo, ou seja, a outra metade de tudo que ainda permaneceu. E se é injusto afirmar que todos não prestam, é também pela mesma lógico ingenuo acreditar que toda a renovação foi feita só do que há de mais cândido, puro e honesto. Logo, podres fora do velho e novo, o governo, seja qual ele for, terá que negociar com a banda podre.

E notem que estou pressupondo a título de mera simplificação que esse novo poder executivo será feito monoliticamente do que há de mais puro melhor e honesto, e não como todos os demais poderes, composto das mesmas contradições de todo corpo e corporativismo. Estou portanto supondo que eles seja feito só de virgens vestais ou pecadores arrependidos, idealistas convertidos a causa pública, sem judas, pilatos e fariseus em sua composição, um governo feito só de salvadores da pátria e seus fieis apóstolos. E mesmo dentro mitologia o mito não funciona, sem decair nos pecados mundados, ou virar um extremistas fundamentalista, porque: (i) ou o salvador dos gregos ou troianos vai ter que negociar e pactuar com o capeta; (ii) ou vai ter que expulsar os vendilhões do templo, ou melhor dos palácios. Vai ter que operar o milagre de comer como um porco, se comportar como um porco, viver no chiqueiro e rolar na lama, e não só sair limpo, mas transmutar toda essa merda em vinho. Ou se comportar como tirano, falar como tirano, agir como tirano e ainda sim ser considerado por um número razoável de fiéis que o sustente um legítimo representante da democracia liberal. É possível? Claro, Trump, tem conseguido as duas coisas, rolar na lama feito um porco com o mercado, se comportar como um ditador fascista com os excluídos e continuar sendo aclamado mesmo sobre fogo cerrado como grande estadista pela sua audiência cativa e cidadãos de bem devidamente protegidos por suas medidas comerciais, econômicas, e jurídico-políticas ... ao menos a curto prazo.

Vê-se porque tanta gente espera nada menos que um messias, seja no meio do catequismo proselitista bolsonarista ou lulista, só mesmo alguém capaz de operar um milagre, o milagre da transmutação do sistema sem sair do sistema para transformar de fato o Brasil. Não é a toa que tantos brasileiros esperem um messias mais no old style do velho testamento e velho testamento capaz de trazer pragas e abrir terras e o mares para engolir seus inimigos do que na fraca, anêmica lei cristã do oferecer a outra face.

E nisso estou apenas falando das relações das problemas das relações palacianas entre o poder executivo e o legislativo e judiciário. Há a questão econômica, que se supõe ainda como remédio ou melhor unção milagrosa para todos os males, das divisões e tensões sociais, até a desigualdade de privilégios adquiridos incluso os de direito e justiça não só social mas penal, até o mais grave de todos os problemas de desenvolvimento brasileiro, que não é só o da falta de uma cultura de respeito absoluto as liberdades fundamentais, mas de respeito a mais fundamental de concreta de todas as liberdades como fenômeno e direito natural: a vida.

Ou em termos ainda mais precisos, um principio universal que saiu ainda mais abalado e relativizado, o direito humano, e logo a noção dos crimes contra a pessoa humana e a humanidade.

Se acham que vou bater na obviedade, Bolsonaro, se enganam. Como disse, sua apologia é o óbvio. Não vou colocar em questão suas tendências fascistoides e autoritárias devidamente maquiadas e que tanto esperam que a matura e consolidada instituições democráticas brasileiras ponham um freio ou arreio. Até acredito que irão. Mas os freios e arreios que as ditas frentes democráticas chamam de “normalidade” e “civildade”, é o que os excluídos da sociedade e sobretudo dos círculos de poder do estado chamam de autoritarismo e barbárie nessas periferias do sistema.

Como nos EUA, não adianta chamar de Trump de fascista, porque o que o discurso e as práticas que o caracterizam como tal, não diferem em gênero das práticas dos seus antecessores republicanos nem democratas, mas em grau tanto de retórica como práxis. Ou seja, isso não fez, nem faz, dessa extrema-direita de viés fascista com discurso “anti-sistema” que renasce no mundo um elemento completamente estranho a cultura e sociedade, nem muito menos ao próprio poder ou sistema. Não são água e

óleo como tentaram se vender, e por isso mesmo o jogo da propaganda do contraste entre democratas defensores da liberdade, e fascistas autoritários defensores de regimes ditatoriais não funciona. E pior do que não funcionar embaralha confunde e sobretudo relativiza ainda mais tanto o senso comum não só do que bem ou mal, mas do que é verdadeiro e de fato sagrado. E se pensou em coisas e poderes e entidades intangíveis, quando falo em sagrado, e não sem pessoas e seres e absolutamente sensíveis e reais, como a vida de uma pessoa sem nenhum tipo de discriminação então você verá que o problema do que consideramos normal e anormal como culto e cultura não nasceu e nem vai morrer com petistas nem bolsonaristas, ou mesmo fascistas e comunistas, de fato não nasceu nem vai morrer com nenhum tipo de ideologia ou fanatismo ideológico, porque esse fanos não é a fábrica dessa loucura mas o produto dessa mentalidade de culto autoritário-servil ao poder e a força, e não a vida e liberdade.

Não é um vírus ao qual este ou aquele ser humano seja invulnerável, mas apenas uns e outros estão mais vacinados, ou apresentam mais ou menos sintomas dessas outra forma de raiva que não se transmite nem se propaga por nenhum agente patogênico, mas ao qual todos estamos dentro de ambientes e comportamentos facilitadores da sua disseminação. O ódio é como uma doença endêmica se espalha e contamina as pessoas. E nisto consiste o principal erro dos detratores dos petistas e bolsonaristas, confundir fiéis com pastores, confundir a mentalidade de seguidores com as das lideranças. Confundir um país, um povo, um mesmo um grupo quer se comporte como manada quer não, como seus lideranças que eles elegeram ou não.

Porém pior do que confundir idiotas com idiocratas, é se achar muito esperto ou muito inocente por não ser nem uma coisa nem outra. É confundir os arquétipos ideológicos com pessoas e achar que só você é

uma pessoa em toda a sua complexidade e contradições enquanto os demais são monstros ou santos. Não são. Monstros e santos não existem, ou melhor só existem como mitos, como farsas ideológicas. Mesmos os piores genocidas da humanidade, os criminosos mais psicopáticos, não eram monstros, como os mais abnegados pacifistas nunca foram santos. Isso não quer dizer que os primeiros não sejam perigosos, nem que os segundo sejam corruptos. Isso não é uma tentativa de relativizar seus atos, mas de reafirmar a única coisa que seus atos nem os melhores nem os piores relativizam, por que é a sua e a nossa condição comum a todos e portanto universal, gostando ou não, eles ainda são tão humanos. E não há quantidade de erros e crimes, nem de acertos ou mesmo bons atos que uma pessoas faça na vida que efetue esse milagre da transmutação da matéria, por melhor ou pior que sejamos em palavras ou atos somos todos seres humanos.

E isso incomoda muita gente, que não quer ver o aspecto monstruoso do outro, existe dentro de si mesmo como sua potencia. O que faz uma pessoa boa não é a incapacidade de produzir causar e semear os maiores males, mas justamente o oposto, a capacidade e potencia e liberdade de poder fazê-lo e ainda sim, por livre e espontânea vontade e as vezes até mesmo contra interesses e desejos ou até vícios, fazer o oposto. O que faz uma pessoa ser boa não é ter propensão a empatia ou simpatia, mas mesmo nos piores momentos quando até esses instintos estão completamente sequelados, conseguir por força da sua vontade e consciência fazer o que deve não por dogma, mas por por essas capacidade senciente, o mínimo denominador comum ao entendimento como comunicação e consenso: ser capaz de se colocar sensivelmente no lugar do outro.

Acusar os outros de terem tendências machistas, tirânicas, autoritárias, racistas e totalitárias ou desonestas é algo que é sempre uma acusação

hipócrita se não vier com a reflexão e autocrítica não só do próprio comportamento, mas da consciência de que tais caracteristas não podem ser atribuídas exclusivamente a nenhum campo de uma sociedade ou culto, quando tais elementais fazem parte da cultura e mentalidade de toda nossa sociedade. Isso não elimina a responsabilidade de cada um sobre suas palavras e atos. Pelo contrário isso implica em justamente com o devido juízo a responsabilidade de cada um sobre seus atos e palavras.

É por isso que a retórica da civilização versus a barbárie não funcionou. Era só uma retórica. E só na retórica não funciona, porque na prática os termos se tornam vazios pela ausência de contraste entre aquele quem se proclama defensor de direitos, frente quem se acusa de persegui-los. E direitos humanos e justiça social na boca de demagogos não enfraquece o discurso oposto, fortalece enquanto mais uma ato de propaganda demagógica. Mas isso não é um erro estratégico, é um imperativo desses atores políticos que se autoproclamam , progressistas, democráticos, ora de esquerda, ora de centro-esquerda, ora socialistas raiz, ora social-democratas, deturpar o significado da palavra “fascista” como acusação ou xingamento a todos que não se aliam ou se alinham a suas posições. Um imperativo não só da sua estratégia de formação de desconstrução do outro e divisão, mas de dissimulação da sua própria natureza e práticas. Precisam acusar o tiozinho sem noção de ser uma fascista, para formar uma cortina de fumaça de que suas lideranças domésticas e regimes internacionais aliados, tem mais semelhanças e interesses comuns com as ditaduras de direitas, mais crimes contra a pessoa humanas e até mesmo contra a humanidade em sua folha corrida do que essas pessoas que hoje compram e repetem discursos autoritários, muitos pela mais absoluta falta de melhores opções minimamente críveis.

Em outras palavras chamar um Maduro de democrata, e aquele seu parente de um nazi-fascista, não é só de uma hipocrisia e incoerência e

cara-de-pau sem tamanho, é entregar a faca e o queijo na mão para o adversário. É não só colocar todo mundo num mesmo saco, fazendo o trabalho deles de criar uma unidade, mas banalizar e relativizar pela generalização o verdadeiro perigo. O mesmo procedimento que é usado por exemplo por governos autoritários quando querem transformar todo imigrante em potencial terrorista. É evidente que existe a probabilidade de dentro de uma massa de imigrantes você encontre um terroristas. Porém, ao classificar todos como tal, você consegue perseguir uma classe por discriminação dela da sua imagem, e generalização da via imputação da imagem do perigo ou do inimigo.

Em outras palavras quando você generaliza, você hiperdimensiona a percepção de um problema ou perigo menor e ao mesmo tempo diminui a percepção do perigo maior, diminuindo o contraste e criando as sombras onde a banalização do mal se passa por normal. Onde o perigo real consegue se passar por discurso de boteco. Vou dar um exemplo, bem direito desse erro epistemólogo nessa guerra do politicamente correto contra a violência simbólica que virou uma ditadura ideológica cujo feitiço está se virando e sendo virado contra os feiticeiros: a perseguição do humor e da piada. Criminalizar o humor, chamar um humorista de fascista que um fascista se passe por humorista perseguido pela patrulha do politicamente correto. E pior não só renuncia e entrega uma das principais armas contra toda a forma de autoritarismo, a irreverência nas mãos de quem não tem nenhuma afinidade pela liberdade como pior aproxima a irreverência, entrega de bandeja a posição de oposição ao status quo ao autoritário que sabe melhor do que eles disfarças e tendências com figuras da linguagem. Assim como do outro lado, medidas autoritárias atraem quem não dá a mínima para a proteção do que das causas, pessoas ou princípios que elas visam defender, mas encontrar nesses dispositivos e aparelhos de patrulha e repressão os instrumentos perfeitos para realização de seus projetos de poder e satisfação dos seus desejos de controle do outro. De modo que no final, o

que era uma causa progressistas ou mesmo revolucionária a passa a ser vista como autoritária e autoritária porque é aplicada e usada dessa forma. E o que era piada de mau gosto, ou pior ou ameaça séria mas motivo de piada por falta de apoio passa a se tornar apenas um piada mortal. A palavra é uma faca de dois gumes, e eis que também agora pode-se atribuir a lógica reversa, e pode-se se minimizar tudo que se fala.

Um erro de estratégia de comunicação? Não, como eu disse um imperativo de todo projeto de poder. Todo projeto progressista e revolucionário autoritário está fadado a se tornar o projeto retrogrado e reacionário com ares de ditadura, porque sua causa nunca foi a defesa da vida e liberdade, mas o poder, defesa de causas e princípios para projetos de poder são meramente meios de tomar o poder, porque o poder é sempre o princípio, meio e o fim. Por isso que em ditaduras disfarçadas ou não o que existem para além da polícia da moral e dos bons costumes, seja ela de direita ou esquerda, são ou os bobos da corte. E essa farsa que leva um projeto de poder aos palácios é também, a causa da queda das suas cabeças quando o teatro perde a verossimilhança não com a vida, mas com a sua projeção passada, presente e futura do público, a dita realidade. De modo que a arte de governar o outro é essencialmente a de vender sonhos como esperanças e pesadelos como medo, e tanto o projeto de poder quanto o poder estabelecido que perde essa confecção como a imagem do real do seu público, perde também o controle primeiro da platéia, depois do espetáculo, e enfim do teatro. O teatro das representações políticas e ideológicas, seja a peça encenada o mito da teocracia de um faraó filho encarnado do próprio deus, seja a de um democracia, onde o grande líder eleito é a encarnação da própria vontade coletiva de todo um povo.

Como disse se quiser me chamar de pessimista . Afinal, o pessimismo e otimismo nunca são aferições de estado da realidade, mas de juízos de

valor dado por relação comparativa não de visões de mundo, mas de estados de espírito em relação a essas projeções. Impressões portanto que se tem não da realidade, mas do estado outro, e que portanto pertence a visão de quem julga e não a natureza de quem é julgado. Um raciocínio que ajudaria a compreender a muitas coisas, isso se estivéssemos em geral dispostos a raciocínios, especialmente os dialógicos.

Entretanto quem geralmente lê o que escrevo não é regra é a exceção. Ou se preferir o desvio padrão, aquela pessoa que sabe que sua opinião na prática tanto faz, seja nas urnas ou mesmo em pesquisas, porque não se encaixa dentro dos 2000 amostras de tipos de gente com as quais se pode compor a visão de 200 milhões, já que não só pessoas com comportamento, mentalidade e personalidade absolutamente própria e individual, mas tipos, classes compostas, por renda, etnia, gênero, idade, preferencias etc... Somos tipos, ao menos para todos os efeitos tanto de pesquisa quanto de tomada de decisão coletiva, como as votações.

Há quem se surpreenda com o fato de muitas pesquisas errarem tanto, supondo e suspeitando não sem uma certa dúvida razoável, serem flagrantemente desonestas ou tendenciosas. Afinal respeito não se dá, se ganha a começar dando-se ao respeito, de tais pesquisas de opinião serem flagrantemente manipuladoras ou tendenciosas. O que não me deixa de surpreender não é quando eles erram, mas acertam. Não porque não deveriam, seus métodos estatísticos e probabilísticos quando aplicados com correção e honestidade a princípio realmente conseguem prever com razoável certeza e confiabilidade as decisões de um futuro próximo de um grande número de pessoas apenas tomando por base algumas amostras dessas populações. E é justamente isso, que não deixa de me surpreender como cultuamos e cultivamos a projeção e ideação de imagem pessoal própria e individual, mas no final das contas e no que interessa as

tomadas de decisão, somos e nos comportamos como tipos e tipos em manadas.

Claro que não é desprezível o dado que essas tomadas de decisão são compulsórias e estão delimitadas a leques predeterminados de alternativas, que não representam nem a vontade própria nem sequer propriamente alternativas, mas ainda sim, não deixa de ser um feito notável e surpreendente a extração de comportamentos tão homogêneos de quantidades tão gigantes de pessoas dotadas de livre-vontade, tantas visões, e forma de vida e pensamentos e juízos tão iguais de seres que os quais cada um tem uma cabeça, mas não exatamente uma sentença.

Não me entendam mal, isso não é uma crítica a capacidade de entendimento, comunhão, concordância e consenso. Longe disso, é justamente o contrário. É uma apologia a essas capacidades, um elogio a concórdia, mas sobretudo uma defesa da condição absolutamente necessária para que o dialogo, entendimento e concórdia possam existir entre cada ser humano: a diferença. Diferença como propriedades e liberdades pessoais, e não como relação de desigualdade de propriedades e autoridade sobre o direito de livre expressão e associação. Mas não só essa diferença como direito igual de ser diferente, mas a diferença como expressão da autonomia e independência do ser enquanto entidade e não mera parte integrante de um todo.

Como disse se quiser me chamar de pessimista . Afinal, o pessimismo e otimismo nunca são aferições de estado da realidade, mas de juízos de valor dado por relação comparativa não de visões de mundo, mas de estados de espírito em relação a essas projeções. Impressões portanto que se tem não da realidade, mas do estado outro, e que portanto pertence a visão de quem julga e não a natureza de quem é julgado. Um raciocínio

que ajudaria a compreender a muitas coisas, isso se estivéssemos em geral dispostos a raciocínios, especialmente os dialógicos.

Entretanto quem geralmente lê o que escrevo não é regra é a exceção. Ou se preferir o desvio padrão, aquela pessoa que sabe que sua opinião na prática tanto faz, seja nas urnas ou mesmo em pesquisas, porque não se encaixa dentro dos 2000 amostras de tipos de gente com as quais se pode compor a visão de 200 milhões, já que não só pessoas com comportamento, mentalidade e personalidade absolutamente própria e individual, mas tipos, classes compostas, por renda, etnia, gênero, idade, preferencias etc... Somos tipos, ao menos para todos os efeitos tanto de pesquisa quanto de tomada de decisão coletiva, como as votações.

Há quem se surpreenda com o fato de muitas pesquisas errarem tanto, supondo e suspeitando não sem uma certa dúvida razoável, serem flagrantemente desonestas ou tendenciosas. Afinal respeito não se dá, se ganha a começar dando-se ao respeito, de tais pesquisas de opinião serem flagrantemente manipuladoras ou tendenciosas. O que não me deixa de surpreender não é quando eles erram, mas acertam. Não porque não deveriam, seus métodos estatísticos e probabilísticos quando aplicados com correção e honestidade a princípio realmente conseguem prever com razoável certeza e confiabilidade as decisões de um futuro próximo de um grande número de pessoas apenas tomando por base algumas amostras dessas populações. E é justamente isso, que não deixa de me surpreender como cultuamos e cultivamos a projeção e ideação de imagem pessoal própria e individual, mas no final das contas e no que interessa as tomadas de decisão, somos e nos comportamos como tipos e tipos em manadas.

Claro que não é desprezível o dado que essas tomadas de decisão são compulsórias e estão delimitadas a leques predeterminados de

alternativas, que não representam nem a vontade própria nem sequer propriamente alternativas, mas ainda sim, não deixa de ser um feito notável e surpreendente a extração de comportamentos tão homogêneos de quantidades tão gigantes de pessoas dotadas de livre-vontade, tantas visões, e forma de vida e pensamentos e juízos tão iguais de seres que os quais cada um tem uma cabeça, mas não exatamente uma sentença.

Não me entendam mal, isso não é uma crítica a capacidade de entendimento, comunhão, concordância e consenso. Longe disso, é justamente o contrário. É uma apologia a essas capacidades, um elogio a concórdia, mas sobretudo uma defesa da condição absolutamente necessária para que o dialogo, entendimento e concórdia possam existir entre cada ser humano: a diferença. Diferença como propriedades e liberdades pessoais, e não como relação de desigualdade de propriedades e autoridade sobre o direito de livre expressão e associação. Mas não só essa diferença como direito igual de ser diferente, mas a diferença como expressão da autonomia e independência do ser enquanto entidade e não mera parte integrante de um todo.

Como disse se quiser me chamar de pessimista . Afinal, o pessimismo e otimismo nunca são aferições de estado da realidade, mas de juízos de valor dado por relação comparativa não de visões de mundo, mas de estados de espírito em relação a essas projeções. Impressões portanto que se tem não da realidade, mas do estado outro, e que portanto pertence a visão de quem julga e não a natureza de quem é julgado. Um raciocínio que ajudaria a compreender a muitas coisas, isso se estivéssemos em geral dispostos a raciocínios, especialmente os dialógicos.

Entretanto quem geralmente lê o que escrevo não é regra é a exceção. Ou se preferir o desvio padrão, aquela pessoa que sabe que sua opinião na prática tanto faz, seja nas urnas ou mesmo em pesquisas, porque não se

encaixa dentro dos 2000 amostras de tipos de gente com as quais se pode compor a visão de 200 milhões, já que não só pessoas com comportamento, mentalidade e personalidade absolutamente própria e individual, mas tipos, classes compostas, por renda, etnia, gênero, idade, preferencias etc... Somos tipos, ao menos para todos os efeitos tanto de pesquisa quanto de tomada de decisão coletiva, como as votações.

Há quem se surpreenda com o fato de muitas pesquisas errarem tanto, supondo e suspeitando não sem uma certa dúvida razoável, serem flagrantemente desonestas ou tendenciosas. Afinal respeito não se dá, se ganha a começar dando-se ao respeito, de tais pesquisas de opinião serem flagrantemente manipuladoras ou tendenciosas. O que não me deixa de surpreender não é quando eles erram, mas acertam. Não porque não deveriam, seus métodos estatísticos e probabilísticos quando aplicados com correção e honestidade a princípio realmente conseguem prever com razoável certeza e confiabilidade as decisões de um futuro próximo de um grande número de pessoas apenas tomando por base algumas amostras dessas populações. E é justamente isso, que não deixa de me surpreender como cultuamos e cultivamos a projeção e ideação de imagem pessoal própria e individual, mas no final das contas e no que interessa as tomadas de decisão, somos e nos comportamos como tipos e tipos em manadas.

Claro que não é desprezível o dado que essas tomadas de decisão são compulsórias e estão delimitadas a leques predeterminados de alternativas, que não representam nem a vontade própria nem sequer propriamente alternativas, mas ainda sim, não deixa de ser um feito notável e surpreendente a extração de comportamentos tão homogêneos de quantidades tão gigantes de pessoas dotadas de livre-vontade, tantas visões, e forma de vida e pensamentos e juízos tão iguais de seres que os quais cada um tem uma cabeça, mas não exatamente uma sentença.

Não me entendam mal, isso não é uma crítica a capacidade de entendimento, comunhão, concordância e consenso. Longe disso, é justamente o contrário. É uma apologia a essas capacidades, um elogio a concórdia, mas sobretudo uma defesa da condição absolutamente necessária para que o dialogo, entendimento e concórdia possam existir entre cada ser humano: a diferença. Diferença como propriedades e liberdades pessoais, e não como relação de desigualdade de propriedades e autoridade sobre o direito de livre expressão e associação. Mas não só essa diferença como direito igual de ser diferente, mas a diferença como expressão da autonomia e independência do ser enquanto entidade e não mera parte integrante de um todo.

Como disse se quiser me chamar de pessimista . Afinal, o pessimismo e otimismo nunca são aferições de estado da realidade, mas de juízos de valor dado por relação comparativa não de visões de mundo, mas de estados de espírito em relação a essas projeções. Impressões portanto que se tem não da realidade, mas do estado outro, e que portanto pertence a visão de quem julga e não a natureza de quem é julgado. Um raciocínio que ajudaria a compreender a muitas coisas, isso se estivéssemos em geral dispostos a raciocínios, especialmente os dialógicos.

Entretanto quem geralmente lê o que escrevo não é regra é a exceção. Ou se preferir o desvio padrão, aquela pessoa que sabe que sua opinião na prática tanto faz, seja nas urnas ou mesmo em pesquisas, porque não se encaixa dentro dos 2000 amostras de tipos de gente com as quais se pode compor a visão de 200 milhões, já que não só pessoas com comportamento, mentalidade e personalidade absolutamente própria e individual, mas tipos, classes compostas, por renda, etnia, gênero, idade, preferencias etc... Somos tipos, ao menos para todos os efeitos tanto de pesquisa quanto de tomada de decisão coletiva, como as votações.

Há quem se surpreenda com o fato de muitas pesquisas errarem tanto, supondo e suspeitando não sem uma certa dúvida razoável, serem flagrantemente desonestas ou tendenciosas. Afinal respeito não se dá, se ganha a começar dando-se ao respeito, de tais pesquisas de opinião serem flagrantemente manipuladoras ou tendenciosas. O que não me deixa de surpreender não é quando eles erram, mas acertam. Não porque não deveriam, seus métodos estatísticos e probabilísticos quando aplicados com correção e honestidade a princípio realmente conseguem prever com razoável certeza e confiabilidade as decisões de um futuro próximo de um grande número de pessoas apenas tomando por base algumas amostras dessas populações. E é justamente isso, que não deixa de me surpreender como cultuamos e cultivamos a projeção e ideação de imagem pessoal própria e individual, mas no final das contas e no que interessa as tomadas de decisão, somos e nos comportamos como tipos e tipos em manadas.

Claro que não é desprezível o dado que essas tomadas de decisão são compulsórias e estão delimitadas a leques predeterminados de alternativas, que não representam nem a vontade própria nem sequer propriamente alternativas, mas ainda sim, não deixa de ser um feito notável e surpreendente a extração de comportamentos tão homogêneos de quantidades tão gigantes de pessoas dotadas de livre-vontade, tantas visões, e forma de vida e pensamentos e juízos tão iguais de seres que os quais cada um tem uma cabeça, mas não exatamente uma sentença.

Não me entendam mal, isso não é uma crítica a capacidade de entendimento, comunhão, concordância e consenso. Longe disso, é justamente o contrário. É uma apologia a essas capacidades, um elogio a concórdia, mas sobretudo uma defesa da condição absolutamente necessária para que o dialogo, entendimento e concórdia possam existir entre cada ser humano: a diferença. Diferença como propriedades e

liberdades pessoais, e não como relação de desigualdade de propriedades e autoridade sobre o direito de livre expressão e associação. Mas não só essa diferença como direito igual de ser diferente, mas a diferença como expressão da autonomia e independência do ser enquanto entidade e não mera parte integrante de um todo.

Dizem que somos grãos de areia no universo, mas não somos. Somos universos dentro de universo compostos não de uma totalidade totalitária, mas de uma universalidade que nasce do átomo da individualidade. E quando falamos de direitos humanos, se não estamos falando no respeito a essa condição fundamental de respeito absoluto a inviolabilidade dessa forma de vida em liberdade em relação as forças formadas por brigadas de maiorias ou minorias beligerantes, não estamos falando de nada de real e concreto, mas de uma abstração, quase tão fantasiosa quanto os delírios de poder dos membros ensandecidos dos inconscientes coletivos que formam as entidades, primeiro imaginárias e transcendências de idolatria de todos poderosos, depois absolutamente reais e mundanas do corpo das máquinas mundanas, incluso as estatais.

Em outras palavras, o entendimento e consenso, pressupõe dissenso, incluso de entendimentos. Assim como a comunhão que estabelece as comunidades em torno de um bem como denominador comum; e as sociedades que se estabelecem a partir da definição de partilha ou compartilhamento desse bem como igualdade de direito entre os associados; em todas formas de relação que implicam união e concórdia, há de haver no princípio e no final, antes e depois do processo, um mesmo bem fundamental absolutamente necessário preservado: a vida de cada pessoa não como um estatuto, mas como liberdade e identidade próprias, como sua propriedade sobre si e tudo mais que é exclusivamente seu, quanto o que não nem pode jamais ser propriedade

exclusiva e particular de ninguém, mas de todos o bem comum, ou se preferir o termo pós-contrato social, a coisa pública.

Um bem que diferente dos demais é mais uma direito de cada um para usufruir como bem quiser, mas antes de tudo um dever, ou melhor uma responsabilidade de todos de preservação para usufruto primeiro naquilo que é absolutamente vital e necessário dentro do possível. Para além disso, para além da política, lidar com a regulação do excedente e não com a escassez existe a economia. Cujo nome completo é Economia Política, e não tem esse sobrenome por acaso. Mas por uma questão de ordem não de superioridade moral mas de princípio natural, não há possibilidade de nenhuma economia onde não existe política, não confundir com classe política-governamental, mas política como exercício do pacto social, a preservação do contrato social que funda a sociedade, isto é claro, supondo que tal contrato social tenha um dia existido entre os fundadores da sociedade brasileira, e não como uma farsa de poucos, para poucos a revelia ou contra os interesses da esmagadora, perdão, esmagada maioria, da população.

Onde portanto não existem indivíduos como partes não existem sociedade, existem totalidades, e a quantidade de partidos ou grupos totalitários formados para tentar impor a sua visão e controle do todo, não é indicador da diversidade, tolerância nem de liberdade, mas de rigorosamente da grau de tensão e discórdia e perigo de ruptura da sociedade, que tanto pode se fragmentar quanto ser esmagada ou devorada por qualquer um desses projetos totalitárias se por ventura eles não se destruírem mutuamente e a todos ao redor na sua luta para dominar o território, o ambiente, as instituições e a sociedade, ou o que restar delas. É portanto indicador de quantas são as diferentes ameaças de projeto de poder, e visão fundamentalista e totalitária, disposta a impor a força, ao através do império ou monopólio legal (ou nem tanto)

da violência sua visão de mundo despótica e absolutista, variando do explícito ao dissimulado como tática de propaganda e guerra ideológica de informação conforme o momento estratégico.

Em suma dentro das relações sociais, há dois tipos de associação ou organização:

Uma é aquela baseada na preservação da diferença e diversidade para se efetuar como entendimento e igualdade de liberdade. A comunhão que forma os estados de paz republicanos.

A outra é aquela que é baseada na supressão ou eliminação dos diferentes, para a imposição de absolutos e totalidades. A união que forma os estados de pax imperial.

Uma suprime individualidades para formar coletivos de mentecaptos infantilizados fanáticos por suas bandeiras e lideranças de pátrio-poder, incapazes de se relacionar sem serem mediadas e tuteladas pela clássica solução aristotélica do terceiro homem, ou o Deus-Estado, um poder supremo que supostamente não seja um “homem” mas uma entidade desprovida de vontade e interesses particulares e portanto capaz de representar a todos, incluso como vontade coletiva e mediador conflitos dos seus interesses difusos. Ou seja um mito, hospedeiro de mitos, mitologias e mitólogos cínicos ou loucos.

Outra de cidadão adultos e emancipados capazes de se relacionar e resolver seus conflitos sozinhos e em paz, sem precisar da mediação, tutela de ninguém, especialmente de quem tendo a pretensão de se impor como tal poder literalmente no meio de toda relação e comunhão, se faz na prática como semeador da discórdia, e não da concórdia. Ou numa

visão menos estática e pontual e mais dinâmica e sistêmica, literalmente o pregador que planta discórdia para colher medo e terror e vender segurança e restauração da paz e liberdade que eles mesmos, e quando digo eles mesmos me refiro a todos os partidários do autoritarismo de diferentes espectros e bandeiras derrubaram para estabelecer o estado que favorece a ambos: a guerra.

O Princípio Federativo e a preservação da cultura e diversidade

A palavra “cultura” assim como qualquer outra palavra possui diferentes acepções, positivas ou negativas. Porém assim como o conceito de educação que lhe é próximo e relativo, quando essas palavras “cultura” e educação” não estão acompanhada de nada que as desabone- ou seja, isoladamente- são tomadas geralmente em sentido positivo. Exemplo: a palavra cultura sozinha transmite uma boa impressão ao ouvinte, já a expressão “cultura do estupro”, da “cultura da violência”, não. E com razão. Porém, talvez, alguém objete o uso de tais expressão são contradição de termos. Em geral quando culturalmente temos uma palavra, que remeta a um conceito sagrado é costume fechar a definição dentro de um arcabouço do que seja substantivo, e do que cabe como predicado a essa substantivação, atribuindo outra denominação classificatória ou qualificativa ao objeto, produzindo a desejada discriminação entre os seres. Um exemplo de tais processos é a distinção entre “seitas” e “religiões”.

Mas não é essa a questão. Se for uma contradição, ou um uso inapropriado da palavra que distorce seu significado positivo, ou o significado positivo ou sagrado que consensualmente uma determinada cultura gostaria de dar a palavra, isso é mais uma questão de álgebra gramatical, de nominação das variáveis do que propriamente da lógica com a qual equacionamos o problema, no caso, de representação conceitual da realidade. Um problema de linguagem e comunicação e não

propriamente de senso e noção dos fenômenos discriminados e denominados como culturais.

Com a educação é o mesmo se colocada de forma genérica é sempre tomada por processo benéfico, mas a partir do momento que o conjunto de valores e práticas que são ensinadas poderão até compor os hábitos, costumes, ritos, a forma de viver e ver o mundo, educação também passa a ser uma palavra assim como a próprio saberes e cultura que ela forma de princípio e propósito. Quais são os saberes visão e valores que compõe as bases dessa educação? E qual é exatamente a finalidade dessa formação instrução, qual é o saber e cultura que pretende se transmitir, e sobretudo qual é o proposito dessa cultura.

Pode parecer estranho perguntar qual é o proposito de uma cultura? A cultura é algo tão orgânico e inerente a organização das populações humanas que parece sem sentido a pergunta. A educação serve para transmitir de forma os saberes e procederes. A cultura é então geralmente pensada como finalidade educação, passa a ser definida em sua função, e seu proposito, é tomado como um processo natural voltado a si mesmo, como sobrevivência e preservação natural. O objetivo da cultura como forma de vida seria então simplesmente preservar-se, transmitir-se como fosse um ente com vida e razão de ser próprias. A educação seria então o processo de transmissão desse código fonte das relações pessoais, formadoras das diversas instituições da sociedade (num sentido amplo da palavra), E a gene ou herança cultural, carece do aprendizado para ser adquirida, diferentemente da herança biológica que é sabida também precisa ser trabalhado para ser desenvolvido, mas diferentemente ou simplesmente cultura seria portanto a herança não-genética sociais, políticos e econômicos família, escola, igreja, estado, etc... comunidades uma espécie de herança

para como uma propriedade positivo. Há quem julgue as culturas inerente boas ou ruins sem sequer se dar ao trabalho de estudá-la, através da lente de seus próprios preconceitos culturais e ideológicos; outros analisando criticamente seu impacto tanto na vida social na natural. Mas o que é cultura? Não tenho nenhuma pretensão de estabelecer Rigorosamente ela é composta de um conjunto padrão de visões de mundo e o forma de viver e proceder nele, incluso a forma de ver e

qualificar se relacionar como os outros, padrões portanto que compõe os costumes, ritos, credos e saberes de uma determina população e que são transmitidos pelo comportamentos observados e aprendidos. A capacidade de aprender e transmitir essas formas de ver, viver e se relacionar são inatas, não se perdem destruindo o que ela produz, a cultura como produto material. Se destroem podam e manipulam controlando essas capacidade de produção, a educação que não deve ser confundida apenas como seu processo institucionalizado, mas a transmissão de visão e comportamentos como o própria rede socioambiental onde a sociedade em todas as suas camadas, da família até arquitetura urbana é a escola que a escola não substitui ainda que usurpadores famintos e transferidores de responsabilidades acomodados o queiram.

A cultura portanto acabou sendo impregnada até em seu nome, pelo processo anciente pelo qual as tribos humanas transferem seus símbolos e códigos de representação e processamento das suas interrelações entre si e o mundo. Mas cultura não é necessariamente feita de cultos, fanos, rituais e seitas. Esse é apenas um dos processos de transmissão da forma de viver e saberes de geração à geração. Outros métodos e metodológicas, outras idéias foram desenvolvidas e aplicadas, produzindo não só outras abordagem da cultura, mas outros produtos culturais, entre eles por exemplo a filosofia e a ciência, e toda a tecnologia derivada dessa visão e abordagem de mundo que abriu as portas o desenvolvimento não só da cultura, mas da consciência da cultura para além da visão estreita que toda verdade começa e termina nos cultos. Abriu as portas para contracultura e a cultura como outros ethos ciente da natureza dos cultos, das culturas e dos processos pelos quais de operam a sua preservação e evolução para o bem ou para o mal.

O domínio racional sobre as construções de culto, e seus elementos dos ídolos aos mitos, passando pelas narrativas fantásticas permitiu ao homem tanto aprimorar essa forma primitiva de domesticação do homem pelo homem através da alienação, quanto desenvolver formas de libertação e proteção da mente e coração das pessoas contra essa reprodução artificial do comportamento de manadas.

Quando falamos em cultura e educação estamos falando dentro de um universo de significados de uma palavra, não só de conceitos completamente distintos, mas projetos e projeções da realidade passada, presente e futura não só absolutamente distintas, mas que levam a comportamentos e destinos diametralmente opostos. De um lado a educação e cultura como o processo e resultado de introjeção de comportamentos e preconceitos que repliquem ou produzam o comportamento e predestinação desejado pelos aculturadores. Do outro a educação e cultura como o processo de preservação e desenvolvimento da capacidade de produzir conhecimentos como próprio-conceitos, pela apropriação de transformação do conhecimento para autodeterminar seu destino e forma de viver, não como aculturados pelos mortos, mas como herdeiros do antepassados e senhores do seu próprio futuro.

Na cultura e educação como culto e para a idolatria aprendemos que o mundo deve ser como se prega, independente se ele natural assim ou se achamos que ele deveria ser assim. É a cultura da alienação e educação para servidão. Na cultura como saber, e para a libertação dos saberes, aprendemos a desconfiar sempre do mundo que se prega, e observar como o mundo realmente é por conta própria, não para se conformar como ele é, mas para se quisermos realmente transformá-lo como deveria ser, sem destruí-lo, o fazê-lo como ciência e consciência. É a cultura do livre pensamento e educação para a liberdade.

A primeira produz massas de dementes fanáticos e famintos por poder, que não suportam diferenças, e só idolatram e respeitam o que conseguem projetar como sua imagem e semelhança, o poder total, a violência e força bruta, com seus sonhos de monopólio, absolutismo e totalitarismo em todos os planos. Gente que acredita que nasceu com direito de conquista e jurisdição cultural, política e econômica não só sobre todos os cantos do mundo, mas sobre a vida de todos, os demais e que interpreta qualquer forma de viver distante da sua credo, como uma heresia e afronta a sua pessoa, em toda a autoridade e poder que ele confere a si mesmo e a sua forma fundamentalista de pensar, como célula e corpo, como servo e senhor do poder todo poderoso. Ou sejam crácias. Sua visão de paz no mundo implica é a de pax imperial, um

poder e cultura deve prevalecer sob as demais, quando não eliminá-las. Autoritários.

A segundo produz pessoas e sociedades autônomas, independentes, soberanas e autodeterminas, organizadas em redes que não suprimem a soberania do indivíduo pela ditadura da coletividade, mas constituem a comunidade pela somatória da distribuição igual de forças co-soberania entre todos os membros constituintes destas n tribos e culturas e civilizações que não se supõe donas e senhoras da justiça, vida espaço ou credo alheio, mas da sua própria, primeiro como pessoa humana e depois entre aqueles que concordam em viver da mesma forma sem submeter uns outros a força. Ou seja nações, onde a paz não se dá pelo sonho tirânico dos totalitários, mas pela mesma lógica e razão pela qual pessoas livres conseguem viver em paz em sociedade, cada um no seu canto se relacionando com quem quer consensualmente e , e se protegendo mutuamente daqueles que exigem que os outros se relacionem com eles a força, os violentadores e rapinadores. Libertários.

Há os que sonham em converter os violentadores, rapinadores, idolatras e totalitários afins a sua cultura de paz e liberdade. Mas se esquecem de um detalhe : a livre vontade é o princípio fundamental da sua cultura, não só como relação de respeito, mas como força elementar que a constitui enquanto tal, liberdade e não sua corrupção o poder. De modo que aquele que pretende “converter” ou outro contra sua vontade, ou acredita que sua visão de mundo é tão perfeita que lhe permite assumir o controle da vida e desenvolvimento alheia para eliminar o direito dele de escolher livremente e consequente acertar ou errar. Não converteu ninguém a cultura da paz e liberdade, foi é contaminado e convertida a cultura da violência, violação e adoração do seu cheiro do seu próprio peido como poder. E o pior tipo de poder, aquele que se disfarça sua tirania com demagogia e hipocrisia, e se justifica o injustificável a sua ditadura com a falácia prepotente do mal necessário para o bem.

O que prova que entre esses polos arquétipos da forma de ver de se agir e reagir ao mundo, desse ethos que compõe as culturas e educações a diferença não é entre pretos e brancos, mas gradual de infinitos tons e cores que produzem uma diversidade que de pensamentos dos mais

autoritários aos mais libertários, que não são monolíticos, não são homogenios, não são estáticos, mas diversos, difusos e mutáveis.

A diferença é que autoritários impõem condições. Libertários dispõe condições. Autoritários impõem contratos sociais como prerrogativa de jurisdição. Libertários dispõe justiça como liberdade de associação e contrato social.

Mas isso são os produtos culturais, a cultura como sua produto, na forma de organizações política-econômica da vida socioambiental. Não a cultura como a mentalidade criadora e reprodutora dessa instituições e forma de viver como sociedade e civilizações.

Consciência versus a alienação. De educação e cultura de liberdade e libertação versus a a pregação e culto de domínios e domesticação.

A condição nunca é um lugar ideal e paradoxal, é sempre um meio do caminho entre um outro polo. As trajetórias e velocidades são sempre oscilantes e erráticas, e não raro andamos em círculos ou simplesmente paramos no meio do caminho por um longo tempo. Mas a direção no exato momento de cada evento, constituído não pela mera passagem e marcação predeterminada do tempo, mas marcação autodeterminada da tempo histórico constituído pela tomada de decisão e exercício da força da livre vontade. Essa direção que forma o instante presente, a atualidade, é ou não é. E a contabilidade dos eventos, passados e futuros jamais eliminará o que foi. O tempo libertário não passa ele se revoluciona, é motor constituído de revoluções por minuto, segundo. E não fio condutor que conduz sua vida como se ele fosse um cavalo da carruagem da história da cultura.

Se o libertário olha para o mundo como ele com a intenção de preservá-lo e transformá-lo colocando adaptando seus juízos e valores em segundo plano a lógica e natureza da vida como materialização da liberdade, e a propriedade como materialização dessa liberdade. Enquanto o autoritário simplesmente impõe o que ele determinada ou foi determinado como lei ou dogma, rasgando mundos, pessoas e corpos de vidas humanas independente das suas causas e consequências em nome do seus credo

de poder, incluso quanto ele vem (disfarçado como Liberdade como nome e embalagem do veneno).

Isto posto, ou seja sabendo o libertário consciente que sua disposição incluso ao pensamento científico e uso e preservação da consciência no lugar da obediência e doutrinação, não dão a sua cultura de livre pensar e experimentar ou o produto cultural desta, a ciência, nenhum estatua ou estatuto de poder ou verdade sobre nenhuma outra cultura, nem de superioridade nem impositiva nem coercitiva, mas apenas a vantagem natural de não jogar no poço porque seu senhor mandou ou porque os outros se jogaram. O saber não implica em responsabilidade, não em poder. Ninguém tem o dever nem muito menos o direito de deter uma pessoa convencida em causar danos a ela mesma. Ela tem o direito e dever natural de se defender como puder quando elas cismam justamente com ela, para impor o que elas consideram correto. O que resulta em legítima defesa, que é justamente o oposto da intervenção e imposição de jurisdição ao alheio, é a contraintervenção para preservar a jurisdição sobre sua vida e relações consensuais contra as impositivas, sejam de desintegração ou integração forçada.

Em outras palavras, não é meramente uma questão de tolerância ou intolerância de valores, mas de tolerância e intolerância da convivência. Sejam libertários ou autoritários, o que todos os seres e suas culturas estão buscando na vida em sociedade ou relações pessoais é determinado pelo quê e quanto eles querem uns dos outros, e o quê quanto estão disposto a suportar e conviver ou não para tanto.

Em casos extremos, por exemplo, há pessoas que só querem viver livres e em paz suportam sofrer ou conviver com as piores privações de liberdade apenas para não ir a guerra. Por outro lado a gente que não se importa em impor as piores privações e mesmo ir a guerra para impor sua forma vida e condição de convivência aos demais. E quando esses grupos com diferentes mentalidades se encontrar num mesmo território, esse encontro é literalmente o encontro entre lobos e ovelhas, que produz exatamente o retrato do país que vivemos a união da fome como a vontade de comer, a fome perpetua de uns com a vontade insaciável de comer de outros.

Qual é a solução. A democracia? Uma coisa que nossa cultura autoritária-alienada ainda não entendeu sobre a democracia é que ela não é a ditadura da maioria nem sobre a minorias, nem sequer sobre uma única pessoa. A democracia sem républica, sem posse de fato do patrimônio e seus rendimentos e controle a todo tempo de quem o administra o governo, não é uma democracia é uma farsa. É uma falsificação grotesca de ditaduras. Não é sequer uma ditadura da maioria sob a minorias excluídas, escravizadas ou marginalizadas, mas a ditadura de uma minoria contra uma maioria de impotentes, expropriados e alienados.

Seja essa ditadura da minoria contra as falsas maiorias de idiotas e demais minorias abaixo dela marginalizadas, a ditadura de oligárquicas aristocráticas e escravagistas.

Seja essa a ditadura de minorias de idiocratas compostas das lideranças populistas político-burocráticas das maiorias alienadas ensandecidas e belicosas a cultuar e seguir cegamente seus os símbolos e personas do seu culto ideológico.

Seja ainda em sociedades contemporâneas uma aliança e combinação desses dois grupos, uma arranjo onde populismos de esquerda ou direita e oligarquias se apoiam mutuamente, para manter alienados e marginalizados em seus devidos lugar, presos ou servido, mas longe do poder.

Como eles conseguem perverter e se apropria a democracia dessa maneira? Qual é o problema imonológico dos regimes democráticos que se tornaram a imagem e semelhança das aristocracia e monarquias mais absolutistas, onde o povo é tratado como plebe por parasitas que se acham dono deles e da terra?

A naturalmente o problema cultural. A mentalidade. Ela é a raiz. Mas essa mentalidade não pairá no etéreo, ela está materializada no arquitetura e dinâmica do sistema, no desenho e padrões de movimento do regime democrático. Ou mais precisamente dos padrões que delimitam o seu livre movimento e programação o tornam presa fácil e hospedeira desses vírus e parasitas.

A mentalidade produz os códigos, os algoritmos que fazem de um regime política, um sistema que opera tomada de decisões coletivas e esse programação tem falhas gravíssimas de lógica e concepção. Falhas não backdoors como as leis, que são feitas furadas, para quem as fez ou mandou fazer escape dela por suas brechas, ou tome o poder através delas.

Uma delas é evidente é a democracia direta. Que não vou adentrar por que desde de 2011 venho promovendo e divulgando tal necessidade urgente de correção. E evidentemente não esgotei o tema com meus argumentos, mas definitivamente esgotei (por enquanto) meus argumentos sobre o tema.

A outra falha que está intrinsicamente a natureza de preservação da soberania e autodeterminativa dos povos e cidadãos, e portanto inerentemente e inseparavelmente ligada a própria natureza da genuínas democracias, as diretas, é a falta de verdadeiras repúblicas. Não adianta ter o poder virtual de decidir o que será feito da sua casa ou condomínio, se você não tem a posse de fato dela. Posse e controle, poder político e poder econômico são indissolúveis, e a desintegração e compartimentalização do direito de posse do direito de decisão sobre o bem comum e público, consiste justamente na divisão que anula e aliena ambas, a posse de fato e poder de decisão. O direito de decisão deriva da posse de direito, assim como qualquer possibilidade do exercício desse direito da posse de fato do que é de direito. De modo que poderes direitos e iguais para decidir de nada servem se a sociedade não tem de fato a propriedade do bem comum para definir o que se fará ou não com ele. O regime de tomada de decisão depende do poder de fato para fazer valer nossas decisões, e o nome disso é posse. A república democrática onde o povo não tem o poder de decidir diretamente o que será feito do seu patrimônio, não é dona de nada, nem decide porra nenhuma, não é nem república nem democracia, é uma idiocracia, é um grande Gato. onde o povo compra gato por lebre, apenas por que o comerciante pôs o nome da lebre de gato.

E por fim a um terceiro falha estrutural na lógica das democracias atuais, usada e abusado por esses parasitas hospedados nela. O federalismo. Democracia não existe sem república. Mas nem república nem

democracia existe sem o principio federativo, sejamos federados ou confederados.

E se republica e democracia no Brasil são apenas nomes sem nenhum significado ou correspondência como marcas, nomes e propagandas de produtos, ou siglas de partido partidos. Federalismo no Brasil, é um unicórnio. A União Federal Brasileira é tão federativa, quanto a républica popular Democrática da Coreia do Norte, é o que diz no nome.

O Princípio Federativo

O principio federativo é uma forma de organização social e política que imita a arquitetura e funcionalidade orgânica em rede dos ecossistemas, onde o grande ou todo se organiza a partir do pequeno ou elementar pelo principio inverso ao da constituição dos órgãos e corpos. o principio corporativo. Ou seja enquanto corpos e corporações são organismos e instituições constituídas pela relação de poder e subordinação das células e suas funções aos órgãos e os órgãos e suas funções a um sistema nervoso central controlado por uma cabeça onde as decisões e ações sobre a totalidade da união são tomadas pelas elementos ou células constituintes dessa cabeça. Órgãos e organizações federadas e confederadas são instituições formadas pela relação de associação, mutualidade entre todas as unidades constituintes desses organismos como sociedade, onde não só a união não tem poderes para anular e usurpar a liberdade, autonomia e independência das unidades constituintes da união, como cada órgão e organismo formado até a totalidade da união e suas funções estão subordinadas as tomadas de decisão das suas respectivas células constituintes que assim preservam não só preservam sua soberania e autodeterminação individual mas instituem a soberania coletiva ou compartilhada, a co-soberania sobre a federação. Um arquitetura política organizacional onde as unidades constituintes, não são pensadas (nem se deixam tratar) como células ou membros pertencentes a um corpo, mas se pensam (e demandam que se trate) como cabeças pensantes de sociedade que lhes pertencem, assim como cada órgão, organismo e instituição que a componha ou eventualmente represente.

Em observância a esse princípio constitucional, a divisão entre estados federados ou confederados já é uma adulteração do federalismo, já que por definição ou as unidades constituintes da união preservam sua plena soberania, ou estão parcialmente subordinadas e tuteladas, o que é um eufemismo para a condição de parcialmente privadas de sua liberdade, soberania e autodeterminação, ou o que é a mesma coisa que tais poderes de decisão forma anulados e subordinados por outras unidades ou instancias por elas formada como união a revelia do seu consentimento- que por definição é o poder de dizer sim ou não, a qualquer tempo e ser respeitado e não currado. Ou seja, a divisão entre federalismo e confederalismo já é a corrupção da federação, a introdução do princípio de poder coercitivo seja de partes da união como instâncias superiores a outras, se como inversão do próprio principio federativo onde o poder e soberania que emana das unidades elementares constituintes sobre os órgãos, organismos e uniões, passa a ser exercido ilegítimamente por essas instituições não só a revelia, mas enquanto coerção contra o direito unilateral ao divorcio e usurpação do poder de decisão consensual de todas as partes constituintes de agregar novos membros a união. Em suma, é chamar uma união que já se tornou um corpo máquina estatal a demandar sobrepor-se como poder sobre e contra a sociedade, como se fosse uma sociedade e não o que de fato é um corporação monopolista não mais a serviço das pessoas e sociedades mas a demandar que estas lhe sirvam, sacrifiquem e sustentem, com tributos e trabalho e até mesmo em caso extremos -como a guerra, mas não só guerra- com sua vidas.

Como isso é possível? Justamente por essa abstração das posses e poderes das de direito. Onde a arquitetura do sistema organizacional e o funcionalidade de fato do sistema são na realidade duas coisas completamente distintas, quanto o nome e a substância, ou o produto e suas embalagens. De tal modo que quando se afirma e escreve no código constitucional de um sistema que todo poder emana do povo, sociedade ou cidadão, esse código constitucional tem tanto poder sobre as forças fisiológicas e intestinas do corpo estatal quanto o papel higiênico sobre o aparelho digestivo e seu necessidade do seu corpo de obrar. Separação portanto que é possível no plano das representações por falsificação ideológica e estelionato, e no plano concreto pela

reinvidicação do direito do uso da violência pela posse e supremacia das forças e vias de fato, conhecidas simplesmente a prerrogativa de monopólio legítimo da violência. Como se houvesse qualquer possibilidade de legitimidade em qualquer forma de regime ou relação imposta por violência e violação sem consentimento, ou no pior via falácia baseada na mentalidade típica dos estupradores: o consentimento tácito.

Evidente também que quando afirmo que os Estados não mais servem mais pessoas e a sociedade, estou apenas fingindo ou pressupondo para fins teóricos que historicamente um dia ele esteve a serviço delas. Na verdade os Estados-Nações ditos federados jamais sequer saíram na melhor das hipóteses de acordo “de paz” entre diferentes governos de domínios territoriais, acordos de rendição e anexação e tributação a união, isto quando se deram o trabalho de celebrar tais acordos e não simplesmente não ocuparam tomaram e passaram por cima dos ditos povos bárbaros e selvagens. Mas a questão aqui não é o processo histórico de formação dos Estados e Nações, mas sim da estrutura organizacional e relacional enquanto Estado e Sociedade. A única relação que existe de fato no processo corporativo, porque não existe nenhuma relação orgânica nem muito menos federativa entre o Estado e o cidadão, entre a máquina estatal e a pessoa natural não como parte integrante da união.

Como vimos na arquitetura das organizações federativas o poder de decisão deve emanar de fato e direito das unidades constituintes da união, das mais elementares até a totalidade da federação. Mas esse princípio não está apenas invertido de forma piramidal e hierarquista do topo do poder até as bases, como as bases não fazem sequer parte da pirâmide organizacional. A população, ou mais precisamente cada pessoa não só é cabeça de coisa alguma dentro do aparelho que rege a coisa pública, como sequer faz parte como unidade elementar subordinada a união dentro da federação. Em outras palavras a pessoa real e natural, o indivíduo simplesmente inexistente com unidade constituinte da federação.

Municípios, Estados e Governo “Federal”, todas essas entidades que representam os governos sobre cidades, territórios e a nação, fazem parte da federação. E essas pessoas jurídicas, leia-se fictícias, criadas

pela sapiência de políticos profissionais (que inclusive são capazes de criar até mesmo novos Estados para hospedar seus interesses que já não cabem nem podem mais ser supridos pelo antigos completamente sugados pelo seu parasitismo), essas pessoas e entidades jurídicas passam a direitos assim como seus representantes enquanto cargos e funções pessoas e entidades jurídicas enquanto pessoas e seres naturais esses não só não possuem em igualdade, como passam a ter para com a preservação do deles obrigações. Essas tão concretas e reais quanto as punições correspondentes e os privilégios adquiridos via parasitismo coercitivo.

Ou seja: pessoas e seres naturais tem seus direitos naturais expropriados e renegados em favor da construção de uma arquitetura organizacional, ou se preferir sistema de instituição de posses e poderes mantidos nada menos que pelo subsídio da força de fato (violência). Logo mais do que uma mera assimetria ou desigualdade de posses e poderes sobre a coisa pública, estamos diante de uma arquitetura que anula as posses e direitos naturais de liberdade e propriedade para instituídos como títulos em conformidade dos interesses de quem ocupe ou controle a cabeça desse corpo estatal, que impõe a força a todos sua jurisdição mas exclui ou inclui dentro da sua proteção jurídica de direito e sobretudo de fato conforme os interesses dos donos e controladores órgãos e instituições estatais e paraestatais, nem sempre legais que controlam a predefinição não só do legal, mas usurpam e falsificam o Direito e seu Estado.

Em suma, esse sistema de falsificação e substituição dos direitos naturais de a vida, liberdade e propriedade pelo direitos (im)positivos dos “donos” da lei e da terra, começa e termina em nas pessoas jurídicas por ele totalitariamente instituídas. Rigorosamente falando a menor unidade da “federação” e subordinada a união é a cidade ou município, comunidades, sociedades, e sobretudo o verdadeiro átomo indivisível, inalienável, a unidade real e elementar de todo esses universos, a pessoa natural, o indivíduo, o ser humano, esse não existe enquanto tal nessa farsa de representação do universo social. Sua soberania inexistente de fato, ele é o povo, não como sociedade não como associação de cada pessoa livre, proprietária e soberana sobre si e co-soberana do bem comum enquanto, mas coisa pública, mas ainda como plebe, a qual seus supostos

governantes ainda se arrogam o “direito” de impor seu domínio se preciso for a força e violência contra sua vontade real em nome da abstração de uma vontade coletiva que é de fato senão o codnome hospedeiro dos seus mandos e desmandos sobre os súditos impotentes.

Pessoas naturais para exercerem ou defenderem seu direitos individuais mais básicos e privados precisam constituir associações coletivas ou recorrer a elas. E não raro tais associações de defesa quando não são já oficialmente paraestatais, são ilegal ou extraoficialmente aparelhos pelegos das mesmas ou de interesses outros que compõe as cabeças e interesses que governam o próprio aparelho estatal. Exatamente como num banco temos que praticamente vigiar e implorar para ter em mãos um direito de propriedade e controle sobre uma posse que é nossa. Também no dentro do aparelho tecno-burocrático estatal temos que vigiar e implorar para ter nossos direitos liberdades e poderes mais fundamentais não só respeitados, mas até mesmo reconhecidos! Já que não raro precisamos gastar todo o tempo para provar que existimos e somos gente, no pouco tempo livre que nos resta para fazê-lo.

Em suma a pessoa natural, a humana não tem acesso a seus direitos de propriedade, liberdade, identidade, e comunidade se não for reconhecida juridicamente como cidadão. Porém esse reconhecimento como entidade política, como unidade fundamental da polís, não implica nenhum dos direitos das demais unidades da federação que compõe a república, como não implica sequer em reconhecimento, nem de direito quanto mais de fato, o cidadão como unidade da federação. Ou seja, seus direitos políticos, de tomada de decisão sobre a coisa pública não são apenas desiguais em relação de poder como entre as unidades da federação, cidades, estados, e governo central, eles são de outra espécie de direitos políticos. A saber o direito político de escolher quem irá representá-lo em cada uma dessas instâncias de poder e suas respectivas divisões - executivo, legislativo e judiciário. Ou o que exatamente a mesma coisa, vista da bunda e não da cara, o dever de renunciar ao seu direito de participação direta nos destinos da coisa pública e as vezes até mesmo regramento da vida privada em favor de quem irá tomar essas decisões em seu lugar, em cada instância e divisão do poder, menos o judiciário

(esse as aristocracias jamais colocar em risco nem mesmo com a farsa da representação democrática).

Há quem goste de pensar que o cidadão é a unidade soberana da sua vida privada, do seu corpo, propriedade e trabalho e forma de viver, com quem irá se relacionar, associar ou conviver em comunhão de paz. Os reis ou soberanos ou co-soberanos das suas terras e casas, dos seus domínios e condomínios, tanto como território quanto liberdade de associação e organização. E que esses cidadão e suas comunidades associações e sociedades, esses indivíduos, e suas coletividades, seriam assim entidades e organizações, pessoas de direito natural e jurídico devidamente reconhecidas na plenitude de todos seus direitos dentro dessas estados republicanos de direito democrático. Mas que pessoas e entidades soberanas e co-soberanos da sua vida privada, social e pública são estas que não tem plena jurisdição nem autonomia plenas sequer sobre sua vida pessoal nem associativa que dirá qualquer soberania soberania sobre a coisa pública quando sequer é de fato ou de direito uma unidade instancia da união, ou sequer tem lugar ou voz dentro dessas divisões de poderes institucionais que legislam, julgam e executam como ordem e sentença e regramento a definição dos seus domínios públicos e privados e sociais?

Não quero desfazer nem muito menos me desfazer do avanço histórico revolucionário dos estados democracias liberais e sociais. O advento das repúblicas e democracias representativas foi responsável constituição de contratos sociais que libertaram os povos do despotismo absolutista, incluso o ilustrado. Mas daí a tomar o avanço como a totalidade do progresso e o fim da história, e tomar o atual estagio da democracia representativa como o melhor regime possível dentre tudo o que há de pior, isso é propaganda alienista e conformistas.

A questão da autonomia dos entes da federal é delicada, mas ou se começa imediatamente a tratar dessa questão desde o seu principio fundamental, a soberania da jurisdição de cada ser humano sobre sua vida particular e das comunidades e sociedades sobre seus respectivos relações livre e consensuais sobre bens comuns e sociais, ou a tendência mundial é cairmos numa luta por segregação e fragmentação, ou manutenção forçada das união em molde autoritários. Nenhum delas

interessa. Mas a reação, que vem como consequência da prévia omissão é ainda pior.

Ninguém pode ser separado a força do convívio com quem aceite e queira viver com ele. Assim como também não pode impor sua convivência a força. Esse dilema se resolve com a definição distinta e respeito dos espaços e propriedades públicas e privadas. A noção clara daquilo que pertence como posse soberana exclusivamente só a um ou alguns, e aquilo que não pertence a ninguém como posse, mas a todos como responsabilidade. A noção da qual deviram os direitos e deveres que não se estendem de nem de uma sobre a outra, nem de um espaço, propriedade ou território sobre o outro, mas começam e terminam assim como a liberdade nos limites de cada uma dessas soberanias e liberdades individuais e coletivos, determinando uma coisa que na cabeça do brasileiro criado para servir e cultuar todos poderes e poderes supremos e absolutos não entra: todo poder tem de ter limites. Ou o que é a mesma coisa, não importa as justificativas e razões para intervir na vida alheia, a intervenção é sempre ilegítima se fora da sua jurisdição, por um simples fato ninguém é juiz, senhor ou deus de quem não aceitou seu credo político econômico religiosos ou mesmo científico expressamente como tal. Sem essa noção vivemos permanente em guerra, ou pacificados por tiranos, seja eles absolutos, minorias ou mesmo majorias.

Neste princípio federativo do respeito a autonomia e soberania de cada ser e organismo natural ou artificial formado dentro do princípio da livre associação comunhão e consensualidade, reside tanto aquilo que chamamos como estado de paz, quanto o estado de direito, ou seja o de garantia das liberdades como propriedades fundamentais de cada pessoa dentro da abrangência da jurisdição de uma sociedade formada se legitimamente por contrato social.

É muito difícil para entendermos essa ordem libertária, porque construímos toda nossa cultura baseada em princípios fundamentalistas de adoração, fidelidade e servidão a ideia e entidades que encarnem o poder absoluto não raro como força de fato. Seres e entidades que por definição tem direito de jurisdição e intervenção infinitos de apropriação e controle da vida e dos meios de vida dos demais, enquanto supostamente seus senhores. Mas o fato é que a o direito de fazer justiça não importa o

quê, o bem ou o mal, mesmo quando essas intenções não são relativas, mas absolutas não termina onde começa a jurisdição de outra pessoa ou entidade soberana, ele sequer começa enquanto relação onde não existe esse autorização via consentimento explícito e permanentemente reatualizado que constitui a única forma legítima de dar liberdade ou delegar poderes constituídos como autoridade.

Todas as demais estados e uniões ditos de direito e de paz, são de fato, estado de pax, mantidos a revelia da autorização dos membros, e não tem no direito natural mais autoridade que um tribunal de traficantes, landlords ou qualquer outro grupo que por meio da monopolização da violência introduza a pacificação, ou melhor a sua pacificação do alheio, por que suas forças devem estar sempre preparadas para atacar, ou cairão. Um indicio claro da legitimidade de um Estado: o quanto ele precisa empregar a sua próprias forças armadas policiais ou pior de guerra dentro do seu próprio território e contra seus próprios cidadãos. Fazer distinção a posteriori de quem é de bem ou mal, não remedia o problema fundamental: não existe um estado de pax e direito, porque não existem as condições necessárias para garantir a segurança e liberdade sem discriminação nem da unidade mais fundamental da federação, a pessoa humana, que se dirá então das demais.

A democracia direta assim como outrora ocorreu com a renda básica começa a deixar de parecer uma utopia maluca, para ser vista como de fato é, uma avanço absolutamente necessário e urgente se não quisermos amargar uma longa noite de regimes autoritários e retrocessos de direitos libertários. A cortina de ferro do teatro das representações começa a cair. E claro está que a democracia tem que progredir não só tecnologicamente, mas cultural e conceitualmente.

Mas, assim como renda básica não é só pegar um saco de dinheiro e sair distribuindo, isso é claro se não quiser fracassar ou nem sair do papel em seu intento, os modelos de democracia direta, que são plurais, também precisam observar as leis jusnaturais se não quiserem virar uma panaceia. A democracia não funciona sem um regime republicano, você pode até deixar lá um rei ou família real de enfeite, pode até deixar até todo uma aristocracia para gringo e turista ver, viva ou empalhada em museus, mas na prática a posse da coisa pública precisa ser do povo,

assim como a posse da pessoa sobre seu corpo, destino, produção e meios de cada pessoa em particular para se associar livremente nas comunidades, coletivos, empresas, enfim associações de paz para a produção do comercial ou do social como bem ou mal entenderem.

A democracia direta sem a principio republicano de respeito do bem comum não existe. Assim como sem o principio federativo do respeito do que é bem particular em relação ao todo, a começar pelo respeito da vida, liberdade, propriedade e sobretudo autonomia e soberania e autodeterminação da unidade fundamental do estado de direito, o ser humano, é ainda mais hipocrisia e demagogia sob o nome de democracia. Pura falsidade e falsificação ideológica.

O principio federativo, a liberdade absoluta de cada entidade de forma a união, partindo do átomo desse universo, o cidadão. É a contrapeso que impede uma república democrática de se tornar uma ditadura de maioria contra as minorias, ou mesmo a ditadura de todos contra tão somente um.

Em geral nas democracias representativas o perigo do autoritarismo seja de líderes populistas representando maiorias, ou de lideranças de minorias elitistas é remediado pelo poder supremos de tribunais de justiça. Isso serve nos mais das vezes para preservar privilégios das elites que os indicam, já que não são eleitos pela população, nem sequer por seus pares, mas também é a solução para impedir que por exemplo uma população racista desvele e institucionalize seus preconceitos num estado de apartheid. Como o nome indica supremo tribunal uma solução que recorre ao principio autoritário, para moderar um sistema de garantias de igualdade de liberdades fundamentais propositalmente mal elaborado para perpetuar de forma dissimulada das desigualdade de poderes, autoridades e privilégios.

Porém nem essas solução é funciona, afinal trocamos o perigo das decisões populares, pelo perigos das decisões das aristocracias togadas. Nem é democrático, nem muito menos legítimo enquanto estado de direito. Porque na verdade o dilema é falso. Nem um nem outro, os 3 poderes tem o direito ou mais precisamente a jurisdição para regular aspectos da vida particular, nem muito menos o povo enquanto

coletividade. Nem minorias nem majorias tem absolutamente nenhum direito ou sequer jurisdição sobre a vida particular de nenhuma pessoa humana, esteja ao alcance dos seus braços armados ou longe desses territórios. Nem supremos tribunais superiores, casas legislativas, poderes executivos, e nem mesmos plebiscitos populares tem jurisdição para decidir sobre a vida alheia. De fato, toda legitimidade da autoridade, jurisdição e direito de intervenção ela de um magistrado, governante ou simples cidadão deriva não dos seus propósitos ou da supremacia da sua força de fato, mas do principio *jusnatural* da legitima defesa. Não é seu direito portanto definir qual são as leis naturais as quais ele não tem poder para criar, mas somente e literalmente juízo para entender e entendendo cumprir e fazer cumprir. Em outras palavras nem um juiz nem uma sociedade tem nenhum poder legitimo para por exemplo legislar sobre a vida e morte de nenhuma pessoa, nem em tribunais, nem em parlamentos nem em plebiscitários populares, todo o poder que uma sociedade e quem quer que trabalhe para ele possui sobre a vida de cada pessoa, pertença ela ou não a sociedade, começa e termina no seu direito natural a legitima defesa, enquanto legitima defesa. O resto é racionalização e institucionalização da violência, vingança e poder através da instrumentalização do estado de paz e justiça, sejam ele uma ditadura real e absolutista ou uma república democrática e popular.

Uma tropa de policia armadas com mandato de um juiz, ou uma turba de cidadãos revoltados podem ter a força de fato, mas nenhum deles tem o direito de determinar nem no momento, nem muito menos a priori quem vive nem quem morre, seja de fome, a bala, seja por ação omissão contra a vida ou obstrução dos meios vitais. E nada do que eu disse aqui inaugura, ou muda nada, porque esse direito reconhecido ou não por uma sociedade permanece como lei natural em todas suas causas e consequências. De modo que não é preciso nem de uma assembleia de tecnocratas e aristocratas a legislar e jurisprudenciar nem uma assembleia plebiscitárias de populares para reconhecer o que não só cabe, mas não pode ser revogado pelo direitos dos homens, mas apenas reconhecido e assumido como responsabilidade, dever e obrigação de sua proteção: a defesa, garantia e provisão da vida e liberdade. Por que sem os nomes no papel podem dizer o contrário, mas o que temos não é um estado de paz, mas de guerra, ou o campo de concentração e

trabalhos forçados dos vencidos e seus descendentes em favor dos herdeiros dos conquistadores. Um estado de pax, onde a qualquer momento organizadamente ou não os mais excluídos podem se levantar para pedir direitos iguais ou então simplesmente independência e autonomia. Divorcio, que nunca é pacífico, porque as bases da comunhão nunca são consensuais.

Em outras palavras, há objetos sob os quais não cabe nem a ditadura de tribunais supremos, governantes, legisladores nem muito menos a ditadura de maiorias, porque são decisão que não pertence como direito a ninguém conceder ou revogar, porque simplesmente não pertence a ninguém como jurisdição sequer julgar, mas tão somente reconhecer, respeitar e defender a quem reconhece expressamente como autoridade legítima tal intervenção. Há direitos e liberdades fundamentais que não só precisam ser enunciados, mas como não cabe julgamento, mas tão somente reconhecimento e cujo poder de tomada de decisão começa e termina exatamente na legitimidade da sua jurisdição: dar provisão e garantias. Não são direitos de poder, mas deveres e obrigações de quem quer que chame responsabilidade seja para constituir uma sociedade ou estado de paz. Até porque legislar ou judiciar contra esse direitos a vida, liberdade, e propriedades fundamentais não é fazer justiça mas declarar por escrito guerra contra as pessoas que são alijadas de seu bem comum e direitos *jusnaturalis*.

O ponto fundamental desse argumento é portanto que o princípio federativo é absolutamente essencial para que uma democracia direta popular também não degere como todos os outros regimes em ditaduras de privilégios até a falência moral, institucional e eventualmente conflitos e fragmentação da união, da qual essa instancia como novo contrato social é a pedra fundamental.

E isso esta embasado em teoria dos jogos, ou mais precisamente nos custos para o estabelecimento de uma cooperação competitiva. Quando todos os contratos são verdadeiramente livres, não só os de trabalho, de comércio, mas o social, quando todas as partes podem negociar sem que a outra esteja apontando uma arma para sua cara, mesmo legalizada, caso ela se recuse a aceitar seus termos e levantar da mesa e procurar uma outra sociedade com melhores propostas. Abre-se a possibilidade do

equilíbrio necessário de poder entre as partes e a consequente resolução pacífica. Porque todas as partes da união terão que ceder e contribuir se quiser manter o compromisso, já que nenhuma pode obrigar a nenhuma parte a se manter via ameaça e coerção da violência. Não é só no casamento entre as entidades jurídicas componentes do Estado que há de haver esse respeito mútuo entre as partes, mas no casamento do cidadão com cada organismo coletivo e instancia que se proponha a representar e trabalhar seus interesses. Porque no final das contas quem paga é ele. E se não decide se vai ou não pagar ou para quem isso não é tributo, isso é literalmente um roubo.

Assim como no casamento a relação do estado e sociedade não pode estar baseada na supremacia do pátrio-poder. Com a sociedade submissa e submetida contra a sua vontade a um relação que não consente. A relação do indivíduo com a sociedade deve ser voluntária. E evidentemente que abandonar esse ou aquele regime, ao deixar de contribuir ele perde o direito aos benefícios concedidos por essa sociedade, mas não as direitos derivados do bem comum que não são objetos de concessão nem revogação do contrato social. A sociedade como um todo, assim como cada indivíduo continuam tendo respectivamente deveres e direitos naturais derivados do simples fato do convívio em um mesmo espaço e do respeito ao princípio da legítima defesa, ou que é a mesma coisa a obrigação de viver e deixar viver em paz ou responder pelas consequências da reação proporcional necessária. Mas no que concerne aos seus direitos de participação política e econômica, usufruto da renda básica como dividendo do patrimônio natural e social comum e direito de tomar parte das decisões coletiva que estabelecem como ele será administrado, isso é um direito natural inalienável, ou mais precisamente formas contemporâneas de garantia desses direitos dentro do atual estágio de capitalização e civilização da humanidade.

Um novo regime onde podemos conviver não só apenas com diferentes instancias de governo dentro de um mesmo território, mas diferentes representações que ao invés de lutar para tomar o poder e fazer e mandar fazer o que bem entenderem, precisam parlamentar e negociar constantemente entre si para empreender o que julgarem melhor ou

necessário. Um estado libertário, onde não mais o monopólio da violência é o centro do poder, mas o poder está descentralizado e igualmente distribuídos entre todos os cidadãos livres e de paz. E se você se perguntar como será possível realizar qualquer obra ou serviço público dentro de um livre mercado de produção não só do social como o governamental, lembre-se que nem todo empreendedor ou empresário é um mafioso, que para construir o que quer faz ameaças para quem não quer vender sua propriedade, comprar seus serviços, ou trabalhar para ele. Há quem diante da resistência, ofereça uma melhor oferta, e em última instância simplesmente procure uma alternativa e contorne o problema. Um princípio de posse e negociação de paz que deveria valer como obrigar para absolutamente todos, incluso o Estado. Ninguém absolutamente ninguém deveria ter autorização previa para usar da ameaça e agressão para fazer absolutamente nada senão se defender de uma agressão. Quando extinguirmos esse privilégio e todos estivermos dentro de uma mesma lei de paz. Então teremos enfim uma sociedade de paz, não feita de totalitarismo e fundamentalismo, mas de tolerância e diversidade de culto, credo, identidade não só política, econômica, cultural, mas pessoal. Um contrato social e união estabelecido e regido pela consensualidade entre as partes. E não das prerrogativas de monopólio nem supremacias de nenhuma espécie, a começar de culto e reverência a autoridade da violência.

Não precisamos de juízes nem messias, precisamos de juízo e liberdade consciência. Cultura de liberdade e não mais culto a autoridade. Mais prática e pensamento libertário e menos autoritarismo.

Em outras palavras uma democracia direta econômica de renda básica não é simplesmente a garantia de renda básica incondicional e de direitos de livre associação plenos, mas o contrato social libertário que não só proíbe absolutamente toda forma de violência, mas todo monopólio. É a república fundada na garantia da provisão do básico a vida, liberdade e a paz. Estabelecida para que ninguém seja mais movido primitivamente por suas necessidades e sim rica e livremente por sua vocação, mas sobretudo para que ninguém jamais seja servilmente compelido, detido ou alienado pelas privação alheias sobretudo para a agressão.

É o estado de direitos plenos constituído pelo dever social não só de renuncia a violência mas de renuncia a apropriação dos bens necessários para que todas as outras pessoas e formas de vida possam viverem em paz e equilíbrio ecológico. O estado não só de paz mas de contra-violência fundado por contrato social desintermediado feito de renuncia a direitos, mas pela disposição a mutua de defesa universal contra a violência e violação dos bens naturais individuais e comuns, assim como pelo compromisso de provisão social destes bens comuns como direitos fundamentais a vida liberdade e concepção.

Logo por contra-violência não entendo somente os dispositivos de neutralização da violência deflagrada priorizando de recursos não-violentos, mas sobretudo a transposição das causas geradoras da violência pela provisão das condições necessárias para a paz acima de todos os riscos e circunstancias. Eis a importância constituinte da renda básica e da garantia de direitos individuais inalienáveis tanto como direitos de propriedade associação e negociação valoração plenos para as pessoas de paz.

Os direitos de concepção da própria vida e liberdade precisam ser reintegrados ou não teremos jamais garantido nosso direito de conceber livre e em paz nossa própria identidade nem de participar do mundo como ente igual em autoridade, os elementos essenciais que constituem a liberdade fundamental de um ser humano como sua propriedades particulares e comuns, a soberania e autodeterminação não apenas dos povos e nações mas antes de cada indivíduo constituinte.

A democracia de renda básica não paira num território virtual, mas se assenta numa república libertária. E república libertária que não é sinônimo de anarquia em seu sentido corrompido, mas sim como afirmação da ordem livre natural- necessária como princípio autogerador e não pressuposição ideológica de superioridade. Estado libertária derivado de um único princípio regulador e pedagógico: o direito pleno de liberdade dos indivíduos de paz ou o que é a mesma coisa o igual poder de todas as pessoas comprometidas com a paz de se preservar a natureza e seus direitos naturais contra todos os adoradores do poder, supremacistas monopolistas violadores e violentos da vida liberdade e concepção e seus corpos estatais e privados.-A verdadeira Democracia

Direta contra o Populismo e o Fascismo, e A Democracia de Renda Básica e a Paz

Governo Bolsonaro: Renda Básica para idosos?

Será que vai sair? E se sair, seria um passo concreto para uma renda básica para todos?

“Folha: Reforma da Previdência de Armínio Fraga cria benefício mínimo universal”

Uma nova proposta de reforma da Previdência já chegou às mãos dos integrantes do atual e do futuro governo.

Capitaneada pelo economista Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central, com elaboração técnica coordenada pelo especialista na área Paulo Tafner, ela propõe uma revolução no sistema previdenciário.

Entre as medidas listadas estão a criação de uma renda mínima para idosos — benefício universal sem limite de contribuição ou comprovação de renda;(...)

A primeira medida da nova regra é retirar da Constituição os benefícios previdenciários, que passam a ser detalhados em lei complementar.

A ideia é dar flexibilidade a eventuais futuras mudanças, que podem se tornar necessárias de acordo com o [envelhecimento da população](#).

Na tentativa de reorganizar todos os regimes em pouco mais de dez anos, a nova regra unifica todo o sistema atual (INSS, servidores públicos, professores e rural), estabelecendo uma idade mínima comum para a aposentadoria: 65 anos tanto para homens quanto para mulheres ao fim do período.

O ponto de partida do sistema é a instituição de uma renda mínima universal para pessoas acima de 65 anos equivalente a 70% do salário mínimo no primeiro ano.

Os reajustes são feitos com base na inflação anual e não será preciso contribuir para ter direito ao benefício.

“Para receber esse benefício básico, basta provar que está vivo e tem 65 anos”, diz Tafner.

Para receber acima desse valor, será preciso contribuir com o sistema previdenciário.

A partir de um ano de contribuição, um pequeno percentual é adicionado ao valor mínimo e assim sucessivamente até a aposentadoria.(...)

A renda mínima substitui o BPC (Benefício de Prestação Continuada), que garante um salário mínimo para aqueles idosos com renda familiar de até um quarto do salário mínimo, independentemente de contribuição.

Nesse sentido, a nova regra universaliza o benefício. Em contrapartida, diferentemente do BPC, que garante o mínimo, o novo benefício se restringirá a 70% dele.(...)

Questionado sobre a possibilidade de que sua proposta tenha que dividir os holofotes com a reforma de Temer, Tafner diz que os desenhos são diferentes. “A PEC do Temer põe tudo na Constituição, na nossa proposta a desconstitucionalização é geral. Mas, no mundo político, tudo é possível, eles dão nó em pingo d’água.”

-Reforma da Previdência de Armínio Fraga cria benefício mínimo universal

Antes de mais nada um breve esclarecimento. Analisarei esse proposta de reforma sem entrar no mérito das seguintes questões:

1. A natureza ideológica do futuro governo Bolsonaro.

Embora seja evidente que a natureza de fato do regime de governo, influencie a solidez institucional dos garantias e dispositivos constitucionais e por consequência a confiabilidade, eficiência e efetividade dos programas sociais que dão cumprimento executivo (ou não) a essas lei, não vou entrar no mérito dessa questão porque constituiria dentro do contexto dessa análise em especulação. Para todos os efeitos, suspendo portanto minhas seríssimas objeções e projeções a respeito do que seria o futuro governo para tratar a proposta exatamente como ela é uma proposta técnica. E logo para efeito de análise, o futuro governo em questão como a incógnita da equação, que irá se definir concretamente não mais por suas declarações e promessas de fazer o bem ou mal, mas por suas ações e omissões no cumprimento das obrigações e responsabilidade assumidas.

2.O caráter da reforma previdenciária proposta em cada aspecto

Da mesma forma não vou analisar como um todo, ou mais precisamente em cada aspecto da proposta. Embora novamente também seja de

extrema relevância para a definição de qual seria, se é que viria a ser, essa renda básica para os idosos. E mais importante como por ventura essa proposta poderia, de como evoluir para uma genuína renda básica universal, ou mais melhor, nacional, uma renda básica para todos os brasileiros sem nenhuma condicionalidade nem contrapartida. Claro, que para tanto, haveria de haver na provisões que dão conta dessa progressão na proposta, o que não é o caso. Não é esse o objetivo da reforma, mas isso não impede que façamos uma análise das do que essa proposta se positivo ou negativo em direção a uma verdadeira renda básica mais universal, ou seja para todos.

3. Chamarei o benefício em questão de incondicional e não de universal

Vou chamá-la de incondicional, porque o uso da palavra universal junto como a discriminação de qualquer tipo ou espécie se não é uma contradição de termos, é uma confissão da falta de noção da própria discriminação e segregação inerentes a composição dos seus pensamentos e mentalidade. É como dizer direitos fundamentais, iguais e universais para todos nós! Nós quem? Nós, que se nos enquadram nessas exigências. A palavra universalização tem um significado muito importante para ser usada no conjunto universo tão restritos e particulares. Universalização especialmente de direitos, assim como a própria renda básica não é são ideários que devemos permitir imposturas terminológicas e conceituais. São ideias e conceitos importantes demais para serem usadas como meros rótulos ou propagandas.

Em suma, não chamarei o benefício em questão de universal, porque mesmo ele sendo incondicional, ou seja não exigindo nenhum tipo de contrapartida, ele é focalizado. Isto é não estabelece nenhuma condição para que as pessoas de mais de 65 anos obtenham tal renda, mas essa

linha de corte no universo da população que constitui o foco o público-alvo, mas define a incondicional e não universal da proposta.

Isso, é importante para quem um dia realmente sonha com em ter uma renda básica não comprar gato por lebre. Por mais que ter um gato quando não se tem nada seja sempre um avanço matematicamente infinito.

Dito isto, vamos lá.

Como todos sabem, até porque ninguém mais faz segredo disto, pelo contrário até as vezes faz propaganda de terror. O Estado está falido. E alguns eixos foram eleitos para fechar o rombo nas contas fiscais: reforma tributária, privatização e reforma na previdência. Logo a dita renda básica incondicional para os idosos não foi projetada pensando nos pobres velhinhos passando necessidade, mas de foram técnica para contribuir para diminuir com o rombo fiscal. E isso tem um lado bom e um ruim.

O lado bom, é que o técnico que elaborou o projeto de reforma compreendeu um dos aspectos mais importantes da incondicionalidade nos benefícios em geral, no que concerne a economia dos recursos e portanto a eficiência do programa de transferência de renda: a desburocratização. Fora o evidente ganho de cortar o mal da corrupção pela raiz, ou seja salgar a terra, porque quanto menos burocracia menos espaço para corrupção. A eliminação de contrapartidas e condicionalidades, reduz as perdas de eficacia e eficiência dos programas com transferência de renda para burocratas fazerem um trabalho não só inútil mas contra-produtivo o criar e executar burocracias.

Burocracia quando não é um desculpa para impor dificuldades para vender facilidades, ou seja, a base para a institucionalização da mafia da corrupção legalizada, ou seja, quando absolutamente honesta o remendo necessário em um sistema ou processo mal desenhado, ou desprovido dos meios de execução e operação ótima, ou seja automático e sem intermediários. Em suma burocracia é uma solução ótima para empregar gente como burocrata, e aumentar custos operacionais e administrativos para consumir mais da arrecadação. Ou seja ótima para quem usa o Estado como um parasita, e péssima para a sociedade que lhe serve de hospedeira tanto para o cidadão que pode mais e banca o serviço, quanto pior ainda do que pode menos e deveria recebê-lo, mas não recebe, porque o saco sem fundo da máquina político-administrativa come.

Em outras palavras burocracia quando não é corrente amarrada nas pernas é muleta de processos e projetos mal desenhados ou desenhados para outros fins que não o cumprimento da razão social. No mundo natural não há lugar para burocracia, porque se um espécie natural precisasse de uma classe de burocratas para poder levar ou não sua comida a boca, ela já teria desaparecido, como por sinal desaparecem especies que carecem de proteção ambiental quando caem na armadilha dupla da perseguição do homem e toda a burocracia dos seus instituições de proteção. Só um exemplo.

O calculo é ecomicista de buteco é simples. Gasto mais pagando um beneficio sem exigir nenhuma condicionalidade ou contrapartida. Ou com pessoal e dispositivos para fazer toda esse controle? Dentro mesmo conjunto universo, sempre a segunda opção: a incondicionalidade é a mais barata. E dependendo da dimensão populacional desse conjunto a única viável. Até porque o Estado tem em mãos os dados da receita federal e a triagem da focalização já está prontas. Ou seja, não dá fraudar o sistema de fora, mas só invadindo ou estando já dentro do sistema.

E eis que nesse exato momento mando as favas e abandono o texto original, e quero me concentrar numa ideia que veio a mente exatamente agora nesse instante que escrevo estas palavras.

Falei em focalidade, condicionalidade, contrapartida, linha de corte, publico-alvo, tudo isso são ferramentes conceitos de técnicos e também tecnocratas para na construção de modelos de projetos e programas sociais. Essas uso e o sentido do emprego dessas ferramentas são sempre inversamente proporcionais ao grau de universalização, não só em tese, mas na prática da garantia do benefício ou direito para todo o universo da população em questão. Notem que por exemplo a focalização nas pessoas de 65 anos ao restringir o acesso, imediatamente demanda o controle para impedir que as pessoas mais jovens que isso seja inadvertidamente ou fraudulentamente acessem esse benefício. Se todas as pessoas de um universo populacional seja ele qual for, realmente tivessem acesso igual ao mesmo benefício, tanto a fraude quanto por consequência a vigilância (e seus custos) não fariam sentido. Ou seja uma excelente medidor objetivo do verdadeiro grau de universalização de um direito, é jogo de palavras fora, o quanto na prática ele carece ou não de controles para excluir que poderia de fato ter acesso, mas por regra não deve, enquanto por outro lado quem deveria estar por direito incluso nesse acesso, esta de fato fora por falta de dispositivo e disposição tanto como regras quanto meios que as colocam em execução.

Simplificando, você tem uma execente medida ou quantificador tanto do potencial de universalização quanto do grau de universalidade de fato do programa se eventualmente posto em prática, não pela quantidade de regras, mas pela simplicidade da forma que esse direito é equacionado na definição e provido e acessado na prática. Ou em outras palavras quanto menos excluídos e logo os privilegiados por simplicidade da garantia dos direitos fundamentais mais universal é o programa e menor é a burocracia e corrupção; e por um simples motivo, não há onde enfiar

burocrata nem o corrupto, nem seus esquemas. Vê-se porque só em tempos de vacas magras ideias que se aproximam ou guardam similaridade com uma verdadeira renda básica tem chance de prosperar dentro do pensamento estatista e sua máquina estatal. Há um evidente conflito de interesses particulares entre os coletivos do Estado e da sociedade.

Neste sentido o projeto ao reduzir a burocracia do acesso, eliminando todas as condicionalidades para que as pessoas com mais de 65 anos tenham uma renda básica pode ser lido como um progresso relativo em relação a renda básica, inclusive do ponto de vista humano na medida que retira o humilhante condicionalidade da comprovação da carestia para uma pessoa poder sobreviver, no caso das pessoas com mais de 65 e 64 e 12 meses para baixo. E se você está se perguntando com que sapiência esses sábios tecnocratas chegaram a conclusão que só a partir dos 65 anos uma pessoa tem o direito a sobreviver independente do quanto tenha ou não contribuído para a sociedade, e não um recém-nascido por exemplo. A resposta é simples. Economia. Ou mais precisamente ajuste fiscal.

E agora vem o lado ruim da proposta.

Seu objetivo maior passa longe da ampliação nem universalização de direitos, porque as preocupações e interesses são outros que os sociais. Evidentemente que para se poder cumprir as obrigações sociais é preciso ter caixa, a famoso dilema entre o cumprimento da garantia do mínimo vital e a reserva do possível. O problema não está nessa equação, mas na definição do que como é composta o orçamento dessa tal reserva do possível. O problema é que a máquina estatal é por definição e origem histórica inclusive um instrumento de administração de interesses tanto de quem a integra quanto de quem refinancia seus endividamento

coberto pela pilhagem tributária. Quanto a isso não existe solução, porque o Estado-Nação foi desenhado para tanto, tentar reverter esse processo de redistribuição de renda inversa, é como querer transformar um avião em submarino colocando um piloto disposto a jogar essa aeronave de bico no mar. Porém, que era possível diminuir os custos dos privilégios legais e ilegais das classes políticos e corporações amigas do rei, para ter mais recursos, que era possível cortar o luxo na casa grande ao invés de cortar a ração na senzala. Mas novamente para isso ocorrer é preciso que a crise na casa grande seja tal, que seja preciso dar os anéis para não perder os dedos e sobretudo que os donos dela, se apercebam disto.

Os critérios poderiam não só ser outros, mas cortando onde se deve poderia não só garantir a renda básica para as pessoas mais velhas, mas também para todos os brasileiros nascidos a partir de uma determinada data, retroagindo para atingir os coitados que deram azar de nascer um dia antes conforme a bendita reserva do possível. Uma ideia que não é minha (**ver o trabalho de Marina e Francisco Nobrega**) e é um outro exemplo de como usar essa ferramenta conceitual das linhas de corte, para tentar dar passos concretos que realmente representam uma progressão em direção a uma renda básica para todos.

Mas porque então não pagar para crianças que carecem e tem por direito não morrerem por viverem numa sociedade tão cafajeste e imbecil que perde seu futuro por falta de uma renda básica incondicional para as crianças?

Por uma razão de interesse tributário, administrativo e fiscal do Estado, que não é o mesmo da sociedade que banca os impostos e sustenta os salários e benefícios vultuosos dos 3 poderes. Crianças mesmos as mais carentes e famintas tem o péssimo habito de sobreviver mesmo em países de merda, e mesmo que as sequelas de uma infância carente e miserável

sejam um custo para toda a sociedade, o Estado sempre tem o monopólio da legalidade e violência ora para se omitir ora para usar da força de fato para empurrar o problema com sua enorme barriga, se precisar inclusive para uma cova rasa. Velho, velho num país de merda, quando mais merda pobre e dura tiver sido a sua vida desgraçada tende a morrer mais cedo. Se bem empregado e usado, e um pouco de sorte para o Estado até mesmo antes dos 65. Mas uma velhice precoce e doente não custa caro? É claro que custa, mas quem disse que o Estado vai cobrir. Não tem dinheiro. Mas e os trilhões que arrecada por ano? Opa, aí é mexer no leitinho das crianças, as minhas crianças.

Assim voltando a questão, os critérios para a tomada de decisão de a lei é a do ventre livre ou a do sexagenário é o matemático e estatístico, devidamente voltado aos interesses do Estado e a quem ele de fato está a serviço, que não é o seu público alvo, nem de 6 nem de 60 anos, mas dos detentores dos direitos adquiridos como privilégios hereditários que são mantidos as custas de todo uma burocracia e controle gigante sobre a população sobretudo a mais carente.

Então voltando ao critério anterior de desburocratização e progresso em direção a universalização, tal conceito também poderia ser aplicado ao bolsa-família por exemplo. Diversas condicionalidades poderiam ser extintas, e uma economia enorme ser feita se livrando de gente fiscalizando o que uma pessoa vai fazer com 40 reais por cabeça, ou melhor até 5 cabeças por família. Mas e como eles vão usar o dinheiro, como quiserem como os senhores de 65 anos ou mais, alguns bem outros mal, alguns até para fazer o mal para os demais, mas a imensa maioria para fazer, uma pessoa que precisa de uma renda básica. Até porque se ruga e velhice fosse sinal de candura e honestidade, Maluf e Temer e Sarney deveriam ser canonizados. Na verdade a lógica dos fatos é inverso nascemos inocentes.

Mas não vou nem entrar nesse debate. Porque quando esses cidadãos de bem se deram conta que gastavam mais com um presidiário do que com uma criança carente, não chegaram a conclusão que era melhor investir, e há um custo bem menor na criança para reduzir a tendência, novamente um de fato estatístico, do número de presidiários. Mas como cidadãos de bem e bons cristãos praticantes efetuaram o raciocínio é claro o raciocínio oposto: vamos matar os bandidos para o cemitério antes que se tornem presidiários. Não eles não são nazi-fascistas.

Vamos cumprir as obrigações sociais constitucionais de prover uma vida digna a todos que nascem em nosso país?

Não vamos cavar valas e atirar para matar nos que ousarem viram criminosos tenham tido ou não o mínimo vital para crescer.

Mas isso já é assunto para um outro texto. Neste o importante é notar o seguinte: de que forma e em que medida irá se reduzir a tão criticado aparelhamento burocracia governamental pela qual se contrabandeia as agendas e efetiva os cabrestos político-partidários dentro dos programas sociais? Trocando os burocratas e agendas dos inimigos pelo dos amigos ou eliminando a burocracia, aparelhamento ideológico hospedeiro não só da corrupção mas pior de projetos de manipulação de massa autoritários?

Não é possível, converter o bolsa-família em renda básica nem incondicional nem universal, não só sem redesenhar completamente o programa e alterar suas pré-definições, ou seja sem fazer dele outro programa completamente diferente. Mas é possível sim, reduzir a burocracia, e retirar uma séria de contrapartidas. Mas para isso será preciso contrariar 3 interesses poderosos:

1. o da classes cuja profissão é vender serviço de tutela a população que no dia que não precisar de quem eles supostamente precisam para checar o que estão fazendo ou não, vão ter que arrumar uma coisa mais produtiva para fazer, ou do que cuidar da vida alheia. Ou reinventar seu trabalho de forma como algo útil, e não meramente o da gerencia do desemprego e miséria.
2. o da classe que de empregadores que abomina a possibilidade de qualquer pessoa trabalhe sem estar empregada ou desempregada, segundo os ditames do que ele determina como produtivo ou improdutivo, para seus ganhos por óbvio. Como se qualquer corporação que vise o lucro tivesse ou pudesse ter dentro do mercado outra preocupação maior que não isso. Hipocrisia ridícula.
3. E por fim o mais difícil de contrariar entre todos os interesses: o seu, enquanto classe político-governamental, que se beneficia eleitoralmente automaticamente sem precisar colocar a faca no pescoço de ninguém, enquanto tiver o poder segundo critérios técnicos tanto de conceder quanto suspender o que deveria ser obrigação de cumprir como lei. Esse é sempre o maior paradoxo, o de não legislar em causa própria, mas em favor da sociedade.

Porque a lógica jurídica-legislativa desse paradoxo do Estado versus a Sociedade é inexorável:

Cada direito que se atribui em favor da cidadão, constitui-se em dever do Estado e obrigação dos governantes para com a sociedade. Enquanto que cada obrigação sobretudo tributária que se estabelece como dever do cidadão se constitui em direito e fonte de recursos para manter esses

“direitos adquiridos” como privilégios da classe governamental. De modo que ou a sociedade escreve esses contrato social de direitos e obrigações e depois se negocia os termos do contrato estatal quem é que quer assumir tais obrigação como máquina administrativa-executiva pública. Ou vai amargar eternamente essa tola esperança de um poder constituído por gente disposta a desconstruir e renunciar o poder que tomou e restitui-lo como empoderamento e soberania do povo como sociedade. Se é para acreditar em milagre, vamos no milagre menos improvável: mais Cristo reencarnar mesmo.

Mas críticas a parte, não posso ser tendencioso nem leviano. Não é lebre, é gato. E desse mato dificilmente sai outro coelho, salvo absoluta necessidade. No entanto, sejamos honestos para quem não tem nada, para quem tem 65 anos até o gato representa mais avanço que a demagogia da mais linda das lebres que nunca saem dos discursos. Ou em outras palavras até a demagogia quanto prática é mais efetiva que só as promessas. Ou se preferir uma avanço tardio perdido em meio a retrocessos. Ou ainda um retrocesso enrustido em pequenos avanços que pouco contribui como medida isolada para tirar da falência fiscal, ou eliminar os problemas e contradições e desigualdades sociais. **Fora os riscos, porque notem que a proposta abriu a porta para facilitar e flexibilizar ainda mais futuras reduções dos benefícios.**

Contraditório? Com certeza, mas só pelo fato de retirar todos os preconceitos em relação abordagem e tratamento incondicional aos benefícios e direitos representa um avanço simbólico e conceitual imenso, não sei se intencional ou não, mas um avanço enorme contra essa cultura paternalista e autoritária brasileira cuja simples menção de prover qualquer direito sem exigir tutela e vigilância sobre os beneficiários já provoca urticárias no DNA dos descendentes da mentalidade dos

escravagistas (a esquerda ou direita) de plantão. E contudo como quem está de plantão não é o que possamos chamar de libertário, faz muito bem o pobre que não só desconfia da esmola, mas também do santo. Prudente esperar o que vai sair de fato, se é que vai sair de fato afinal como diz o técnico: “Mas, no mundo político, tudo é possível, eles dão nó em pingo d’água.” Mais técnico e preciso que isso impossível.

A nova direita, a dissonância Cognitiva e seus estrategistas militares

Duas entrevistas obrigatórias para quem quer entender um pouco melhor, quem, como, onde e principalmente o que afinal está acontecendo no Brasil e no mundo.

A primeira é do Steve Bannon o estrategista de Trump que acaba de sair das sombras para nas palavras dele para explicar porque e como resolveu “apoiar” e endossar” pela primeira vez em âmbito internacional outro candidato a presidente.

Exclusivo: Steve Bannon declara apoio a Bolsonaro, mas nega vínculo com campanha: 'Ele é brilhante'

Após meses de intensas especulações sobre uma eventual participação na campanha de Jair Bolsonaro (PSL) à Presidência...

www.bbc.com

A segunda é do antropólogo Piero Leirner, professor da Universidade Federal de São Carlos e especialista em estratégia militar que explica como a equipe de Bolsonaro soube usar e

retroalimentar a dissonância cognitiva como estratégia de guerra de informação até o ponto do nó tático semiótico do “quanto mais bate mais cresce”.

"Contradições e bate-cabeça da campanha de Bolsonaro são intencionais"

Pergunta. A campanha de Bolsonaro frequentemente aparenta bater cabeça , com o capitão tendo que rebater colocações de...

brasil.elpais.com

Em suma dois textos excelentes textos para se entender o que o status ainda não entendeu. Onde a esquerda se perdeu, e o como a direita aprendeu a hackear a velho sistema operacional-cultural da democracia liberal.

Bem vindos as matrizes do século XXI.

“O País vive um momento bastante complicado de instabilidade psíquica” — O Antagonista

O diretor do Conselho Federal de Psicologia, Pedro Paulo Gastalho de Bicalho, disse ao Estadão que a entidade tem...

www.oantagonista.com

Do estado de negação da realidade sua produção e exploração

(...) Viver em negação é básico. E negar a negação, projetando ao outro é mais básico ainda.

É aquela história, eu não tenho coragem de matar um pobre e indefeso bichinho, nem estômago para estripa-lo e esquarteja-lo, mas se ele for gostoso que se dane, me manda que eu como. E nisto mesmo quando digo “eu” parece ainda sim que estou falando de um “outro”, e não de mim mesmo- já que também não sou vegetariano.

Pois é. Viver em negação da realidade como uma alteralidade é básico. Mas já passamos desse estagio. E aqui não falo como “eu” ou “eles”, mas como nós porque a loucura pode ser do outro mas o realidade é todos. A sociedade ou mais precisamente sua mentalidade entrou numa nova fase, na qual excluir e renegar já não basta para sustentar seu universo de preconceitos, fantasias e dogmas ideológicos- e claro relações de poder e privilégios derivados a quem interessar possa, agora deles é preciso eliminar o contraditório. Entramos numa fase onde a intolerância evolui para a desintegração. Na qual mesmo os mais tolerantes, querendo ou não, em breve se verão obrigados a encarar ou fugir da dura realidade, se puderem. Ou melhor, obrigados a lidar com a loucura alheia impostas como sua realidade tão absurda e concreta quanto pode ser tudo que é imposto via a força de fato, incluso os delírios histéricos mais insanos. No entanto para lidar com essa realidade, é preciso sair do estado de negação de essa loucura é normal. Nunca foi antes só por que conseguimos suportá-la. Nem é agora que não teremos condições de conviver com ela.

Dizem que hábitos e costumes se adquirem, mas não eles se desenvolvem. E se desenvolvem ou por uso e exercício das capacidades, ou pela perdas. O ser

humano é capaz de se adaptar as mais tristes, miseráveis e absurdos condições de vida. E essa capacidade que nos ajuda a sobreviver e suportar o que seria insuportável, é também fatal quando nos leva a armadilha de nos acostumar com o que fatalmente será nosso fim. A pessoa que vive ou trabalha nos esgoto vai perdendo a capacidade de sentir o seu fedor, até perder toda sua sensibilidade, ou seja, vai se habituando até o hábito se tornar um costume. Porém não o hábito e costume de exercer seu potencial como vontade de transformação da sua vida, mas o hábito e costume justamente oposto o de conformação com a impotência perante a sua condição de vida. E é assim considerando cada dia mais normal o que é cada dia um pouco mais absurdo só por que cada vez mais banal que vamos nos se acostumando e conformando com perdas e condições, privações e agressões que não devemos podemos nos jamais permitir ninguém impor nem supor que ninguém tenha a obrigação de suportar.

Viver em negação é o segredo da felicidade. Ao menos a felicidade de quem vive como hiena comendo merda e rindo. Porém foi-se o tempo que eramos capazes de engolir o fantástico show da vida como se fosse realidade sem ao menos nos perguntar: mas será que isso não é um monte de merda !@ Foi-se o tempo, que bastava não saber como e do que as coisas eram feitas para engoli-las. Continuamos a engolir, mas já precisamos mais do que mera embalagens bonitas para conseguir ajudar os vendedores de ilusão a enganar nossos cérebros. Hoje para ajudá-los a nos ajudar a manter nossa confortável ilusão precisamos muito mais do que o autoengano, ficção e ilusão, precisamos de anestesia, alucinação e fantasia não como entretenimento crível e verossível, mas fantasia como realidade virtual e artificial substituta da pessoal completamente apodrecida e insuportável. Com drogas ou sem drogas precisamos viver como drogados, porque nóias e viciados em ser felizes completamente narcotizados e dependentes do viver de fantasiar uma realidade explicitamente insuportável e insustentável, isso já o somos. E como todo viciado estamos sempre atrás de um dose maior para produzir o mesmo efeito, já que, como disse, o cérebro se conforma e acostuma.

Como cocainados pessoas saem verdadeira comovidas ou excitados ao assistir após uma dose do seu imagético de projeção de uma outra realidade, saem alegres, tristes e revoltadas do seu mundo dos espetáculos, as vezes até chorando sinceramente com a triste história dos pobres negros e índios pelos colonos norte-americanos, ou pelos sofrimentos e angustias e misérias do protagonista, se solidarizando como o personagem, mas incapazes não só de se sentir o mesmo pelo mendigo negro e índio que jaz na sua porta, mas incapazes de se solidarizar consigo mesmo, ou as vezes sequer notar a sua própria condição sofrível, miserável e angustiante- não sem o intermédio da mídia. Não sem a droga. O viciado pode perder a família ou ganhar na loteria, e mesmo assim só consegue sentir felicidade se drogando ou drogado, não importa qual seja o processo que efetue esse mecanismo de dependência cerebral se químico ou psicológico o resultado é o mesmo. Euforia no pico, apatia angustia e depressão na normalidade e novamente a nóia crises de abstinência. O pior é que na era do broadcast yourself, onde todos são os protagonistas do espetáculo de si mesmo, o personagem fictícia não é mais um personagem, uma imagem projetada pelo outro, mas pelo próprio, onde os sentimentos não alienados não estão senão a projeção não só narcisista da imagem do seu eu virtual, mas pior da projeção da bolha de aprovação virtual dos olhos e opiniões alheias.

É...foi-se o tempo em que os olhos não vem o coração não sente. Hoje os que os olhos veem o coração ainda não sente. E mesmo o que a cabeça a sabe como verdade e até mesmo o coração sente como verdadeiro, não consegue se impor como vontade sobre o desejo e medos. Já não importa que seja falso, já não importa nem que por trás das boas e aparências e sensações há podridão e monstruosidade; não importa o que nos espera, nem de quê e como as coisas são feitas, precisamos de uma outra dose e não importa quem perdemos ou foi sacrificado ontem, ou quem mais será amanhã. Nada importa senão nossa dose instantânea de felicidade presente feita de um passado romantizado e falsa esperança de futuro, mas sobretudo da aprovação fugaz e instantânea da nossa casca cada dia mais vazia e sem sentido.

Na vida contemporânea o sentido da vida foi reduzido a um mero estado fisiológico, o de bem estar e estar bem. Não importa se as coisas o quão mal andam as coisas, o quão mal se esteja, os mecanismos de recompensa e punição introjetados na mente humana do homo civilizado se resume a uma busca desesperada e viciada pela busca constante da felicidade, como se esse estado fosse o estado ideal de realização plena do sentido da vida de pessoa adulta. Uma busca onde o ser feliz, se resume a sentir e parecer feliz a luz do julgamento alheio, não importa o quão falsa seja essa projeção ou sensação. Entre a nossa percepção e a percepção, entre a relatividade das percepções e a subjetividade das noções, a humanidade perdeu na contemporaneidade a sensação e noção natural e instintiva da sua próprioconcepção, autodeterminação e com ela não só a soberania sobre sua livre vontade, mas sobre seu juízo, fé e razão. Perdeu a capacidade não só de pensar sozinho sem intermediários, mas de sentir, gozar e sofrer sem plateia, direção, roteiro, premiação, maquiagem e curso de atuação.

Naturalmente como qualquer ser dotado de sensibilidade os seres humanos buscam evitar a dor e buscam o prazer, como qualquer ser dotados de memória e raciocínio buscam evitar situações que lhe tragam sofrimento ou coloquem em risco seus prazeres e felicidades. Mas a busca por esse estado, faz tempo que deixou de ser uma resposta instintiva, para se tornar o comportamento devidamente condicionado de manadas de aliados dispostos a viver em completa alienação, letargia ou mesmo alucinação, para manter seu cérebro viciado abastecido da sua droga que substitui o falta de sentido existencial da suas vidas: felicidade.

Não importa, se tudo e todos que você ama estão mortos ou vão morrer; Se sua vida é um fracasso, ou jamais se realiza ou terá a mínima chance de. O que se busca desesperadamente não é a transformação da realidade, mas a fugir desse sofrimento. Como se viver o luto, a amargura, a revolta, o sofrimento, a dor e a raiva fossem o mal do seu ser e estar, e não a condição

da real da sua vida. Como se o sofrimento fosse o doença e não o sintoma, ou mesmo a reação natural e necessária. Anestesiados e viciados em nossas bolhas e doses de felicidade artificial, vamos nos tornando cada dia mais incapazes não só de sentir a infelicidade e sofrimento alheio, mas incapazes de sentir e perceber o sofrimento e infelicidade da nossa própria condição. E como poderíamos se tudo o que nosso cérebro drogado e viciado consegue pensar é: onde posso arrumar outra dose de felicidade? Ou pelo menos outra dose de qualquer anestésico diminuía um pouco a dor da realidade e me faça esquecer um pouco onde estou e quem sou e não sou, outra dose de fantasia como felicidade, ou já só droga mesmo como dose de felicidade e fantasia.

A descoberta de que o mundo que não só imaginamos, mas vemos e sentimos e concebemos, não é nem precisa ser exatamente 100 por cento a correspondência do real, é bem antiga. Tão antiga quanto a loucura. Desconectar-se da realidade como forma de suportar a dor ou encontrar o prazer, viver seus sonhos ou lidar com os problemas, é uma resposta natural, e por vezes, até estrategicamente saudável para a mente recompor-se e reencontrar as forças que carece para enfrentar a dura realidade. E avançamos bastante no conhecimento desses processos, tanto no plano social e psicológico quanto químico e neurológico. De modo que hoje não só é perfeitamente possível viver de forma socialmente aceitável, politicamente passivo, e ser economicamente produtiva nesse estado, como é possível fazer desse estado a condição de funcionamento normal e produtiva do ambiente social, econômico e político. Seja na criação de gado de abate, seja na de empregados socialmente aptos, as técnicas e tecnologias de lido com as manadas avançaram, e tão importante para quanto manter um cercado é manter a carne das massas sempre calma e macia. E claro senão absolutamente feliz, ao menos passiva, impotente e conformada, mesmo que para tanto seja necessário o emprego da estratégia o oposta, o da ameaça da suspensão da droga e perda da fantasia.

Esse estado mental se manifesta em todos os campos ideológicos e classes sociais. Por exemplo. Nada mais sintomático que as críticas a legitimidade de uma pleito eleitoral e seus futuros resultados feitas por ambos os lados.

A direita questiona a segurança e fidedignidade das urnas eletrônicas. E questiona por qual razão! Porque o eleitor não pode ter um comprovante do seu voto que possa servir de prova e conferência do resultado em caso de contestação?

A esquerda questiona porque não permitir que os eleitores dos grotões que tiveram seu direito de votar cancelado por não comparecerem ao cadastramento biométrico não possam votar em urnas não-eletrônicas?

Quando não só a resposta para ambas as questões eliminada a crítica e cegueira seletiva a mesma, mas a questão como um todo é irrelevante, dado que a raiz do problema é mesmo. E não está restrita a tecnologia nem na tecno-burocracia que dominam a polêmica e o debate. Mas na realidade como um todo que prefere negar para se ater esquizofrenicamente aos detalhes.

Sim as urnas eletrônicas, o cadastramento eleitoral, e até mesmo as eleições são apenas um mero detalhe ou se preferir sintomas ou consequências do problemas e não a sua causa. Mas já que somos impotentes para salvar a vida do paciente a república, então nos contentamos em escolher com qual caixão e terno vamos enterrá-lo. As pessoas estão discutindo a legitimidade das técnicas e tecnologias quando se esquecem que de nada adianta o provimento das melhores práticas e sistemas quando eles estão nas mãos e a serviço de quem sabidamente não poderia nem deveria estar? De que adianta discutir a honestidade e bom funcionamento dos botões que se aperta quando todos sabem, é publico e notório, que quem aperta esses botões não é nem honesto, nem está se lixando para o bom ou mal funcionamento do sistema,

desde que ele esteja na cadeira e continue apertando os botões como bem quiser e como melhor o interessar? Prova de que todos sabem do quê e quem estou falando, não só como pessoa mas como função, é que não preciso sequer citar nomes ou cargos. É triste e patético, estamos a discutir sobre a legitimidade dos exames, quando eles serão entregues a falsos médicos, ou pior médicos de verdade mas que fazem parte de uma gangue especializada no trafico de órgãos humanos.

A esquerda minimamente honesta e não alucinada sabe que a denuncia contra a manipulação e falsificação dos resultados no sistema eleitoral não é de ontem, remonta a eleição de Brizola no Rio de Janeiro de 82. Assim como a direita também minimamente sã, sabe que os processos de controle biométrico servem a composição de bancos de dados a serviço de estados totalitários de vigilância e patrulhamento politico e policial do cidadão sejam eles de inspiração fascista ou comunista. Isso sem falar em material que será vazado corruptamente para corporações amigas em troca de propina.

As eleições funcionam como a copa do Mundo e Carnaval, as pessoas dão um reset no cérebro e parecem de nascerem ontem, só para acordar de ressaca, e se perguntarem no dia seguinte onde é que eu estava com a cabeça quando fiz isso?

O sociólogo, filósofo e estadista Tiririca dizia que “pior que está não fica”. Mas fenômenos contemporâneos periódico como as eleições, ou isolados como por exemplo a dita epidemia da Tarantela na idade média provam que não. A tarantela que dá nome a dança tradicional italiana e que deriva da palavra tarântula descreve um “curioso” fenômeno na idade media, onde as pessoas começam a dançar freneticamente sem parar em grupos que iam atraindo mais e mais pessoas que não conseguiam resistir e que não paravam até caírem exaustas ou literalmente mortas de exaustão. Acreditava-se que tal comportamento era porque as pessoas tivessem sido picadas por tarântulas

daí, o nome Tarantela. Mas evidente que não, a culpa não era das aranhas. Não era por causa do veneno delas ou de nenhum outro animal que as pessoas passaram a comportar como manadas de insanos, nem na idade média nem no passado mais recente ou agora no presente. Os gatilhos e a vulnerabilidades fisiológicas e psicológicas que disparam esses comportamentos sociopatológicos epidêmicos são outros e tem outras causas.

Seria curioso se não fosse triste e trágico, assistir como as pessoas em geral são e estão vulneráveis, a serem cooptadas em massas para transes catárticos teráticos, verdadeiras danças da morte, onde a sensação de morrer em grupo e menos desoladora de que uma vida em solidão e isolamento imersa no vazio “do veja como sou feliz!” das multidões.

Felizes dos feios, solitários e inconvenientes porque deles é o reino do saber viver sem a carência da aceitação do alheio, e aprovação do alienador. As pessoas acham que o mal está na tecnologia da hiperconectividade, não meus amigos. O Facebosta, jamais funcionaria e prevaleceria, se não vivemos numa sociedade de hipercarência e necessidade de hiperatenção. Onde estar completamente sozinho com seus próprios pensamentos e sentimentos é mais assustador do que enfrentar esquadras e patrulhas de neofascistas ou neobolcheviques. Chamar responsabilidades e tomar o destino nas próprias mãos e muito mais apavorante do que entregá-lo ele aos piores déspotas e tiranos.

Mesmo diante de um evidente e gritante beco sem saída, preferimos afundar-nos em nossas narrativas fantásticas de realidade. Sabemos que as alternativas que se impõe como alternativas, não são alternativas a coisa nenhuma. Sabemos que a próprio processo de escolha e tomada de decisão coletiva não é representa nenhuma escolha, nem decisão verdadeira e que no final dessa seleção e eleição, o que quer que resulte dela, não representará a vontade nem terá o apoio verdadeiro de não mais que 1 ou 2, sendo otimista 3

entre 10 brasileiros, e que o restante apenas terá feito uma não-escolha, uma não-eleição, de outra parte. Sendo que 1, 2 e sendo pessimista até mesmo 3 entre brasileiros continuarão dispostos a tirar por todos os meios quem ele não conseguiu deselegar.

O processo da manipulação eleitoral da democrática representativa que empurrava todos para escolher entre falsas opções iguais de modo a manter o sistema, degenerou e como uma câncer anti-sistema está comendo o sistema e empurrando agora as pessoas a eleger entre duas opções

Quem vive da imbecilidade morre pela imbecilização. De modo que os já limítrofes idiocratas também se desconectaram completamente da realidade e em sua prepotência cometeram o mesmo erro da plutocracia norte-americana. Acreditaram que ao eliminar tempo de TV, que ao trancafiar lideranças mafiosas, ou expor as tendências fascistas iriam literalmente arrebanhar a aterrorizada população de volta para o seu cercado do status quo de centro da moralidade e moderação. Mas que moralidade? Que moderação? O centro de poder não só se desintegrou ele derreteu. E só ele não percebeu, graças ao nível de tara, fantasia e descolamento da realidade que só o encastelamento palaciano e poder sem freios (nem imputabilidade) é capaz de prover. O status quo não percebeu que entre o truculência fascista dos Bolsonarianos e o bolchevismo mafioso dos Lulopetismo, o asco pelas hipocrisia das personas e intuições desse poder constituído era ainda maior, mesmo com todas os dados da dimensão da rejeição ao espantalho que foi escolhido para representar seu interesses: Temer.

Será que é preciso fazer um desenho, para que para uma parcela significativa da população, embora uma esteja a esquerda e outra direita, o pior dos seus males é melhor do que está aí, e que cada qual só não se une porque considera a outra polo ideológico como parte desse sistema que abominam? É possível que pragmaticamente dançando sua tarantela as pessoas aceitam novamente

as velhas alianças como a podridão, tanto a esquerda quanto a direita. Mas quando a festa da democracia passar e a ressaca vier, quando o novo governo, não puder cumprir o que prometeu, seja porque é impossível, seja porque teve que vender o rabo para chegar lá, teremos novamente uma país em uma crise ainda maior, com uma população que odeia quem está no poder, e outra mais uma vez traída por quem chegou.

Sei que as pessoas estão enebriadas pelas eleições e que eu estou estragando a festa. Mas tanto faz infelizmente já selamos nosso destino cagamos de novo onde comemos e agora comemos chorando, amanhã novamente rindo e celebrando e arrotando caviar. A sociedade não vai se dividir ela já foi dividida. De modo que a pergunta não é quem mantê-la unida, mas se seremos capazes de reintegrá-la ou se mais uma vez ela será costurada de novo a força e tocada como uma rebanho.

Porque não importa quem vença com ou sem apelação, não vai ter bases para governar, mas no máximo para se segurar no poder, comprando apoio e reprimindo e espoliando a população. Todas as outras alternativas estão fora da mesa, não só porque estão fora do esquema institucional, mas da concepção de mundo possível das pessoas dentro da abrangência desse sistema que antes de um domus político-econômico e domínio sociocultural é uma matriz psico-epistemológica que se replica como relações de poder e produção baseadas na violação e condicionamento do desenvolvimento cognitivo e emocional antesdetudo como privação de posses de meios e recursos vitais e ambiental tanto os comuns quanto os absolutamente privados e pessoais.

Eis um exemplo atualíssimos de como a separação de credos e razão não só é impossível, ela não existe como fenômeno. Mas que não só a separação e discernimentos dos juízos políticos, religiosos e científicos não só pode mas precisa ser feita, e se isso implica logicamente e necessariamente como

prática na devida separação dessas instituições, não diz nada a respeito a da manutenção delas como são e estão, ou mesmo na necessária perpetuação das mesmas como única realidade ou os únicos campos e esferas do possível nem como saber, fazer nem muito menos viver.

*Igrejinhas políticas, politicagem religiosa, intrigas palacianas ou episcopais, são modelos, projetos que não possuem só uma mesma arquitetura, mas uma mesma lógica. Não ideal, mas psíquica e modelar não só a visão, a percepção sensível de mundo, mas a episteme, a capacidade ver, de distinguir, entender, dar sentido e significado as abstrações concretudes e operações mentais e fenômenos que compõe o mundo, a sua imagem de semelhança ou dissemelhança como signos e representações do imagético como real. A arte milenar de comprar tudo que é naturalmente real vendendo sonhos e pesadelos como realidade artificial. — **Do estado de negação da realidade sua produção e exploração***

Explicando o inexplicável para Roger Waters: “O que está acontecendo?”

Malcolm X, explica... em 1964 em “Ballots ou Bullets”

Ou da falência moral e tecnológica da velha democracia... como hipocrisia



*“Na primeira noite eu não soube que tinha aparecido no telão. Achei que todos aplaudiriam, por que era isso que deveria acontecer. Naquele momento do show, em todos os lugares em que tocamos, todos ficam tão contentes nessa parte, Aí me perguntei: ‘O que está acontecendo?’”... — **Roger Waters***
admite erro em hashtag #EleNão, mas mantém crítica a Bolsonaro
[que bosta de título...]

Bem, para começar nada melhor do que o clichê clássico:

“O Brasil não é para Principiantes”

Porém, como para explicar é preciso primeiro entender, leia essa curta crônica que explica para nós que nós que nos achamos muito espertos, o que essa expressão realmente significa, na origem e não no significado (um tanto quanto estúpido quando toma o caráter de um autoelogio, ufanista da sua capacidade de conviver com a desgraça, que não, não é exatamente a mesma coisa do que sobreviver às adversidades.

Para principiantes por Ruy Castro (2008)

Uma frase muito repetida há algum tempo, “O Brasil não é para principiantes”, já começa a entrar para a categoria de móveis e utensílios da língua. Quando isso acontece, sua autoria se torna secundária -embora, no caso, essa autoria seja tão ilustre que citá-la emprestar-lhe-ia ainda mais autoridade: Tom Jobim.

Tom não tirou essa frase do nariz. Era uma “blague” com o título de um livro, “Brasil para Principiantes”, de um húngaro radicado aqui, Peter Kellemen, e lançado em 1961 pela editora de maior prestígio na época. Tratava-se de um apanhado minucioso, hilariante e quase sempre exato dos pequenos golpes e

vigarices que os brasileiros -para ele, uma massa de corruptos benignos- se aplicavam para ir levando a vida. Muitos se revoltaram com esse retrato tão cru do Brasil feito por um estrangeiro, mas até eles compraram o livro, que vendeu dezenas de milhares.

Kellemen dizia-se diplomata ou médico, dependendo do freguês, mas sua real ocupação era a de pilantra. Se qualquer leitor de seu livro já se daria bem ao se orientar por ele, pode-se imaginar o que Kellemen não tinha na manga. E ele não se fez de rogado.

Logo a seguir ao livro, lançou o “Carnê Fartura” -boletos que custavam uma mixaria e concorriam a sorteios milionários. Voluntários venderam o “Carnê Fartura” por todo o país, e papalvos sem conta o compraram. Nunca se soube de um sorteado. Quando a bolha estourou, Kellemen, milionário, fugiu para a Bolívia e sumiu de cena. Tinha feito o Brasil de principiante.

*Mas isso não invalida a frase de Tom. Num país em que traficantes cheiram, prostitutas gozam e, para se manter no poder, a direita elege governantes de esquerda, o Brasil pode ser para qualquer um, menos para principiantes. Ou para gente de muitos princípios.- **Folha de S.Paulo — Rio de Janeiro — Ruy Castro: Para principiantes — 22/03/2008***

Por sinal, o fechamento politicamente incorreto da crônica faz referência a outra famosa frase que também virou clichê cunhada também por outro grande nome da MPB, Tim Maia:

“o Brasil não tem como dar certo...aqui prostituta se apaixona, cafetão tem ciúme, traficante se vicia e pobre é de direita”

Mas sejamos sinceros, nem o pensamento do Antônio Carlos nem o do Sebastião explicam o que aconteceu no espetáculo de rock progressivo em

terra tupiniquins, nem o que acontecendo com a sociedade espetáculo nonsense brasileira. Talvez, o do Mano Brown...

[Deseleções 2018: Quem vai contar para a esquerda? Inês é morta](#)

Quanto ao que aconteceu na cena do rock e MPB, e com os antigos ícones dessa contracultura, isso quando ainda era contracultura, essa eu passo. Esta é uma história que não tenho conhecimento de causa nem estudo para me aventurar. Como mero observador superficial da cena, fico no lugar comum resumido pela frase de Lennon de 1971, “o sonho acabou”. Senão em 71, com certeza em 81 quando um “fã” viria a por um termo a todas as polêmicas levantadas por ele com um argumento para o qual não existe possibilidade de réplica, “lacrador” diriam hoje... aliás, “um” não, “o”, o argumento “lacrador” preferido da democracia americana para resolução de conflitos e dissuasão de divergentes, um maluco, um revolver, e 2 balas. E sejamos sinceros, não só da americana, e muito menos só das democracias. E assim de fato e pelas vias de fato, a polêmica estava encerrada: todos os sonhos tinham acabado, com certeza ao menos para Lennon: sonho e sonhador estavam mortos numa calçada de Nova Iorque. Fim da polêmica, fim do polemizador; corta a cena, cai o pano; choro e aplausos... Intervalo. E está encerrada a participação de mais um não convidado no espetáculo das representações democráticas, o fim de mais um ato do teatro dessa Democracia “read e loaded”.

Do sonho e sonhador morto no chão ficara somente uma lição ou aviso: só há uma coisa mais perigosa do que sonhar em voz alta, acordado, mais perigosa do que cantar em versos e prozas ou em espetáculos seus sonhos é tentar vivê-los de verdade em atos e palavras, ou pior ainda tentar fazê-lo realidade em meio ao pesadelo dos adormecidos em estado de vigília e vigilância da sua confortável e reconfortadora inconsciência.

Varia-se o “como” e “quem” entrega as mensagens assim como os costumes e ritos das culturas e sociedades, muda-se o nome dos regimes e governos, mas no final, o resultado do culto é o mesmo. Ou como teria explicado outro causador de problemas, que não por acaso encontrou um mesmo fim, crivado de balas (junto com tanto outros antes (e depois dele), no lendário e ainda atualíssimo discurso de Malcolm X, “Ballots or Bullets” — que por sinal é sugestivo na sua atualidade até no nome: votos ou balas (numa tradução livre):

The Ballot or the Bullet (April 12, 1964)

Mr. Moderator, Reverend Cleage, Brother Lomax, brothers and sisters, friends...and I see some enemies. In fact, I think...

malcolmxfiles.blogspot.com

Mas de 50 anos depois, o dilema continua o mesmo votos ou balas, assim como a venda compulsória e casada: Votos e balas. Democracia como hipocrisia. Democracia como cavalo e fachada e disfarce para toda a espécie de regimes autoritários seja a direita ou esquerda volver, de viés fascista ou stalinista. Socialismo e liberalismo, capitalismo e comunismo, conservadores e liberais, progressistas, moderados, reformistas, reacionários, todas as vertentes mesmos as mais neutras e moderadas, não deixam de conter dentro delas de forma latente a semente da monstruosidade fundamentalista que cresce em tempos de crise como radicalismo e autoritarismo até o máximo do desrespeito ideológico e atentado criminoso contra a vida e liberdade.

Para autoritários sejam eles de esquerda ou direita, a democracia não passa de mera peça de propaganda, ou um dos tantos meios alternativos antes do emprego das vias de fato, para a atingir sua finalidade, ou

objetivo estratégico: a tomada e perpetuação no poder. Não é uma bem, um princípio nem muito menos um fim, mas apenas meio entre tantos outros que podem ser usados, dentro da doutrina que une os polos opostos de todos projetos de poder e regimes de viés totalitário num mesmo campo autoritário: os fins justificam os meios. A base de toda ciência e práxis da política (e geopolítica) como guerra com ou sem armas, pelo poder. Ou mais precisamente com uso de toda e qualquer arma, ou o uso de toda e qualquer coisa sempre como arma para prevalecer, incluso o dialogo e a palavra. Como vimos Mourão e Dirceu podem em lados opostos da trincheiras, mas o seu desprezos, amores e disposições para passar por cima de qualquer coisa, incluso do que não é coisa, mas ser porque vive, é o mesmo. São sonhos mudam de cor e forma, mas são feitos da mesma matéria, poder. O pesadelo dos infelizes que serão tomados como objetos de construção dos seus castelos e realização de suas fantasias onde o outro não cabe, senão morto ou rezando a mesma cartilha.

Mas porque é tão difícil assim para os polos mais afeitos a esse ou aquela ideologia enxergar que dos lados, a um passo de lá ou de cada, cercando a população temos não um mais dois precipícios? Onde as opções dadas, não são opções. Dois precipícios de diferentes regimes autoritários, de diferentes grupos que serão beneficiados, mas a população permanecerá num mesmo lugar de sempre.

O que está acontecendo então?

A culpa é das fake-news? Pós-verdade?

Quanta hipocrisia...

Notícia descaradamente falsa circulando em grande mídia em bolhas e grupinhos fechados é novidade onde? Fake-news, pós-verdade são termos importados que se constituem numa verdadeira piada pronta com direito a claqué e risada falsa de auditório. A tentativa de um antigo modelo de preconceção e julgamento da verdade e falsidade que perdeu sua hegemonia para uma nova mídia um novo artifício ainda mais poderoso e perigoso, mas feita ainda da mesma velha lógica da alienação: a intermediação da verdade da natureza da vida como imagem e representação do artificial como real.

Num país onde a guerra da informação, desinformação e contrainformação sempre foram a realidade fantástico , ou “a vida como ela (não) é”, transmitida pelos show da vida. como “verdade” para milhões de brasileiros aficionados pela “magia” das telinhas, telões e, programas de tele-visão, muito antes do advento do computador ou celular. Não é de se estranhar que as explicações de Waters tenham sido dadas nada menos o programa dominical cujo sugestivo nome já diz tudo, “Fantástico: o Show da Vida”.

Como diria que o velho comunicador de massas Chacrinha:

“Meu filho, eu não estou aqui para explicar, eu estou aqui para confundir...”

“Meu filho, eu não estou aqui para explicar, eu estou aqui para confundir...”

É muito fácil, bater em fascistas quando se tem uma ilha, ou num show que custa 800 reais. Onde quem vai xingá-lo e aplaudi-lo como se fosse o povo é uma burguesia de direita e esquerda que enchem a boca para falar dos perigos autoritários de seus inimigos e vizinhos de burgo, mas que da realidade fascista ou stalinista (fica ao gosto do fregues) de carestias e

privações política, econômicas e culturais que a grande maioria sua população está submetida conhecem tanto quanto a realidade concreta e sensível da Síria, ou qualquer outro campo de guerra das disputas por hegemonia geopolítica das potências internacionais.

Como explicar então para Waters ou seu amigo gringo qual é a real de uma realidade que ele só conhece através da narrativa falsificada dos seus respectivos interesses ideológicos? Isto é claro supondo que ele tenha algum interesse em conhecer essa realidade, e não perpetuar como ideólogo vendido ou idiota útil dos interesses nativos que seja no sim ou não no final das contas sustentam do mesmo modo as vendas dos seus belos e engajados espetáculos no freakshow da sociedade do espetáculo.

Ideologia é artigo luxo, um privilégio das democracias desde que as democracias foram inventadas nas agoras de Atenas. Um privilégio de quem desfruta do direito ao tempo livre de todos transformado em privilégio do ócio de poucos para parlamentar e decidir sobre a coisa pública nos espaços públicos a revelia de quem sustenta sua civilização no lombo. É fácil ter consciência social com o rabo cheio de dinheiro para decidir sem o império do medo da sobrevivência como um cruz ou espada sobre a sua cabeça. É fácil pedir para que se vote com a cabeça e não com o bile, quando não é o seu rabo que está na reta, mas o do outro. Ou melhor com a bile, não, com o estomago ou cu literalmente na mão.

Nos grotões onde impera a miséria as as pessoas os mais pobres votam com estomago. E nas cidades entupidas de gente e violência urbana, votam com o cú fechado. Cada qual no seu respectivo salvador da pátria. A pergunta não é o que está acontecendo, mas sim o que nunca nunca aconteceu versus o que sempre continuou a acontecer na real.

Quem não entende porque um alguém cede a retórica da violência e quer armas, seja para garantir as propriedades que conseguiu com tanto esforço, ou para conseguir aquelas que não importa o quanto trabalhe ou se esforce não irá jamais conseguir, não entende sabe o que é liberdade para saber o que é desigualdade, nem sabe o que falta de democracia para saber o que é fascismo, ainda que não conhece o significado dessa palavra. Não o velho, mas o novo, que não é o mero xingamento da velha esquerda que desqualifica qualquer adversário um que não reze sua cartilha. Não, não era Bolsonaro a comandar a invasão do Carandiru. Não, não Bolsonaro que assinou as tantas os decretos de Garantia de Lei e Ordem onde o Exército vem sendo sistematicamente empregado, seja para conter grandes protestos da população de grandes eventos até mesmo reservas indígenas. Foi que hoje se autodenomina como campo democrático incluso o de esquerda.

Hoje causas e até mesmos instituições de defesa dos direitos humanos, minorias, da reforma agrária a proteção do meio ambiente, passando para direitos fundamentais a assistência social são vistas como agenda exclusivas não só da esquerda, mas de um partido único que preferiu se apropriar e monopolizar desses direitos como peças da sua propaganda, e das populações deles carentes como massa de manobra e moeda de troca em negociações espúrias. Não, não foi opção da direita nem extrema direita reduzir direitos fundamentais a políticas governamentais ou até mesmo político-partidárias meramente eleitorais. Não foram os fascistas que sequestraram esses direitos da guarda e proteção constitucional do estado democrático de direito, mas esses autoproclamados estadistas democratas, que colocaram a criança a mercê de quem quisesse tomá-los.

O grande problema de qualificar Bolsonaro de fascista, neofascista, ou protofascista, é que essa embora verdadeira soa sempre hipócrita e vazia dependendo da sua procedência, ou melhor de quem exatamente

procede. Uma democracia hipócrita ou seja por definição da palavra incapaz de efetuar a autocrítica da sua própria natureza não falseta de socialismo de bolsa Vutton, mas como práxis tão fascistoide e colonialista quanto dos seus adversários.

O grande problema para lidar com as novas faces do fascismo é que ele ou demonizamos o adversários, ou somos obrigados a reconhecer que muito do que ele tem de autoritário, totalitário e fascistoide é algo que pode não permear nossa retórica, mas inegavelmente permeia a práxis não só da nossa sociedades e instituições que sustentam a posição confortável e privilegiada, mas sustentam a nossas posição privilegiada de defensor de direitos cuja subtração não nos atinge diretamente mas as populações excluídas as quais nossas representações políticas são o roubo institucionalizado do verdadeiro lugar de fala, como cidadão numa verdadeira democracia direta onde um trabalhador empregado ou desempregado não precisa de um burguesinho de esquerda bem nascido use seu tempo livre para falar e pensar por ele na Ágora, porque ele desfruta NA PRÁTICA, COMO HERDEIRO E BRASILEIRO dos mesmos direitos oportunidades dos bem nascidos.

Uma esquerda que não pregue a abolição da escravidão assalariada e o fim dos atravessadores políticos, mas pelo contrário alimenta o culto ao trabalhismo e salvadores da pátria, para manter suas posições privilegiadas como classes intelectuais, tutoras e intermediadoras das massas ignorantes, semeia o ciclo histórico do qual por veze em tempos de crise sistêmica também é vítima.

Aumento do número de sem-teto nos EUA é ‘bomba-relógio’

Elas parecem estar em toda parte. São pessoas de diversas idades, dormindo sobre papelão ou diretamente no chão, sem teto, debaixo de pontes ou em

parques com seus pertences em sacolas plásticas como símbolo de suas vidas em movimento.

Muitos chegaram às ruas recentemente, vítimas da prosperidade que nos últimos anos transformou muitas cidades da costa oeste dos Estados Unidos.(...)

O jornalista da BBC Hugo Bachega visitou a vibrante cidade de Portland, a maior de Oregon, no noroeste dos Estados Unidos e uma das que estão vivendo o problema.

“É uma cidade de clima agradável, cultura rica e pensamento progressista”, conta Bachega.

“É também um núcleo de inovação, parte do chamado Silicon Forest (Floresta do Silício, em tradução literal) — apelido dado ao grupo de empresas de alta tecnologia localizadas na área metropolitana de Portland — e os novos residentes se mudaram para lá nos anos pós-crise, atraídos pelas empresas de alta tecnologia e seus trabalhos bem remunerados”.

“Mas a bonança não chegou para todos”, acrescenta o jornalista.

Como era de se esperar. (...)

A crescente demanda em uma área com falta de moradias rapidamente elevou o custo de vida e aqueles que estavam financeiramente no limite perderam a capacidade que tinham de pagar um lugar para viver.

Muitos foram resgatados por familiares e amigos ou programas governamentais e organizações de ajuda. Outros, no entanto, acabaram na rua. Os mais sortudos encontraram lugar em abrigos públicos. Não poucos estão agora em barracas de acampamento e veículos nas ruas.

“Mesmo que a economia esteja mais forte do que nunca”, disse o prefeito de Portland, Ted Wheeler, do Partido Democrata, “a desigualdade está crescendo a um ritmo alarmante e os benefícios de uma economia em crescimento se concentram cada vez mais em menos mãos”.

Muitos especialistas acreditam que é “uma bomba-relógio” nas ruas americanas que pode explodir para as autoridades, já que o problema está aumentando. “Temos mais desigualdade nos Estados Unidos, e isso, sem dúvida, tem impacto sobre as pessoas”. (...)

Acampamento para quem não tem teto

Joseph Gordon, um homem transgênero conhecido como Tequila, vive em um acampamento para pessoas desabrigadas chamado Hazelnut Grove e fundado em 2015, quando Portland declarou pela primeira vez estado de emergência devido à crise dos sem-teto.

“É muito assustador. As pessoas que conheço têm origens de vida muito diferentes, e a população de rua só cresce”, diz à BBC o homem de 37 anos.

“Estando na rua você lida com todos os tipos de situações, como ter que relaxar convivendo com ratos. Você também começa a apreciar a água corrente ou o fato de poder ir ao banheiro sempre que quiser”, conta Tequila.

As pessoas normalmente pensam que ele é mexicano pela cor de sua pele e seu apelido, em referência à famosa bebida do México.

Os idosos e as minorias têm sido desproporcionalmente afetados pelo problema de falta de moradias, segundo um estudo da Universidade de Portland, que prevê que a tecnologia pode ter como consequência o corte de milhares de empregos de salários baixos, provavelmente piorando as coisas.

Fartos dos vizinhos

A presença dos desabrigados em Portland e outras cidades americanas com o mesmo problema é mais visível do que nunca.

Os moradores se queixam cada vez mais de cheiro de urina, fezes humanas e objetos abandonados que se acumulam em espaços públicos, às vezes em suas próprias escadas.

Em alguns lugares, há uma sensação de que é uma batalha que está sendo perdida.

Mas essa é uma crise que vem se construindo há muito tempo.

Os cortes do governo federal em programas habitacionais acessíveis e instalações para saúde mental nas últimas décadas fizeram com que muitas pessoas acabassem nas ruas dos Estados Unidos, segundo autoridades e provedores de serviços, enquanto os governos locais têm se mostrando incapazes de preencher a lacuna.

Relatório devastador das Nações Unidas

O acadêmico australiano Philip Alston, relator especial das Nações Unidas para a pobreza extrema e os direitos humanos, viajou pelos Estados Unidos por duas semanas em dezembro do ano passado.

*Sua missão incluiu visitas a Los Angeles e São Francisco, que resultou em um relatório contundente no qual diz que “o sonho americano” está se tornando rapidamente, para muitos, a “ilusão americana”. (...) -**Aumento do número de sem-teto nos EUA é 'bomba-relógio'***

Aumento do número de sem-teto nos EUA é 'bomba-relógio'

Elas parecem estar em toda parte. São pessoas de diversas idades, dormindo sobre papelão ou diretamente no chão, sem...

g1.globo.com

Logo, o que vale para nós que nós as burguesias nativas, também vale para os gringos encastelados que vivem devidamente protegidos por seus Estados-Burgos, cada vez mais com cara de Alphaville, como direito a muro e polícia, para impedir que a ralé invada com sua miséria suas bolhas num mundo cada dia mais parecido com o Brasil, onde as desigualdades e a hipocrisia impera. Entender o que acontece no Brasil não é tão difícil assim, bastaria olhar para o que está acontecendo agora mesmo no mundo. Qual a estratégia adotada de enfrentamento para a crise? A solidariedade internacional, o fechamento das portas e a demonização do outro? Mais água no feijão? Ou quem precise que vá bater em outra porta?

Itália envia policiais à fronteira com a França após devolução de migrantes

(...) Salvini, político de extrema-direita, divulgou um vídeo da devolução de migrantes para o território italiano, um “ato hostil” segundo ele. As imagens foram filmadas na manhã de sexta-feira por um morador da cidade e mostram um carro da polícia francesa deixando três pessoas antes de retornar para o território francês, a poucos metros de distância.(...)

A cada ano, milhares migrantes que tentam entrar na França são interceptados e levados de volta para a fronteira italiana. (...)

Não é a primeira vez

No início da semana, Salvini denunciou uma “ofensa sem precedentes”, depois de uma operação da polícia francesa para deixar migrantes em uma área de florestas do território italiano.

*Neste caso, a França reconheceu um “erro” e alegou que os policiais não conheciam bem a região, mas um porta-voz do presidente francês, Emmanuel Macron, acusou Salvini de “uso político” do caso. (...) -**Itália envia policiais à fronteira com a França após devolução de migrantes***

Ou como diria Tyler Durden: “Sticking Feathers Up your Butt Does Not Make You A Chicken”

Aliás essa política eu conhece bem, nasci na cidade com o maior IDH do Brasil, onde mendigo que dormia na rua, acordava no dia seguinte nas

praias de outra cidade... ah, meu querido ABC paulista, “**tutti buona gente**”...

EXCLUSIVO: Limpeza Social? Mendigos estariam sendo expulsos de Salvador por conta da Copa do Mundo...

Moradores estariam sendo levados para cidades vizinhas

varelanoticias.com.br

Neste exato momento, as portas de fecham para os desesperados que marcham, frutos inclusive das guerras, mas onde estão instaladas as tropas e as empresas nativas dessas mesmos Estados burgos, nos seus territórios? O que vocês acham que aconteceria se um país que cujo cidadão não serve para pisar na Alphaville deles, decidisse, que a empresas de Alphaville também não podem mais ocupar seus territórios? Não senhores, é muito fácil, falar em defesa dos direitos fundamentais quanto a garantia de fato dos nossos direitos fundamentais a vida, liberdade, propriedade está assentada não de desigualdade de riquezas, mas de direitos universais devidamente subsidia pela assimetria da supremacia armada do poder de fato, seja o policial seja o militar.

Trump ameaça enviar tropas à fronteira com México se caravana de imigrantes não for contida

À medida que uma caravana de imigrantes hondurenhos avança rumo aos Estados Unidos, o tom das ameaças de Donald Trump...

brasil.elpais.com

É por isso que Bolsonaro incomoda tanto, mesmo ainda não tendo feito, nada e tanto que já infringiram de fato direitos humanos a direita e a

esquerda do campo democrático caminham impunes, não é pelo que ele pode fazer, e não duvido que ele faça, mas pelo que sua retórica brutal denuncia como um espelho a nossa hipocrisia. Ele é o policial que sorri quando o burguês de esquerda chama a polícia opressora para defendê-lo dos marginais. Ele é o espelho sem maquiagem das contradições e hipocrisia de uma sociedade escravagista, racista e protofacista que em seus círculos gosta de se vender e ver como civilizada, ilustrada e vejam só até mesmo progressista, só porque tem amigos gays ou não trata seus empregados como lixo humano como aquele seu vizinho de condomínio elitista.

Ah, façam-me o favor, vamos deixar de ser hipócritas, Lula e Bolsonaro são os dois a cara do Brasil, e ao mesmo tempo, porque nós brasileiros temos duas caras, e a maior prova disso é a internet onde o homem invisível revele como dizia Platão sua outra face. Não adianta demonizar o outro, porque o demônio mora dentro dos nossos hábitos, mora dentro da nossa cultura, seus paradoxos, contradições, e negação da realidade que hoje explode como um ferida purulenta, mas que não, não nasceu ontem, não desceu de nenhuma nave alienígena.

Subir num pedestal, vestir-se de vestal, e chamar o outro de fascista, machista, autoritário, sem rasgar a fantasia, sem admitir a falsidade ideológica, sem enterrar de uma vez por todas as mentiras, e manipulações e inações que tiram qualquer possibilidade de fidedignidade, credibilidade e até mesmo legitimidade de qualquer discurso, só fortalece ainda mais a posição daqueles que assumiram abertamente quem são e jogam estrategicamente justamente no flanco aberto que virou verdadeira avenida das incoerências entre discurso e a prática de uma democracia que virou a própria institucionalização da demagogia.

Eis o problema das frentes democráticas domésticas ou internacionais. Para haver a frente, há de haver uma democracia, um regime político e socioeconômico que seja claramente oposto e distinto daquele essa frente se opõe. E não um campo que, retórica a parte, mais se assemelha ao que demoniza do que aquilo que professa sem jamais praticar, discursando como se jamais tivesse estado ou tivesse sido o poder ou não fosse ela própria aliada de ditaduras e governos autoritários não só de esquerda mas até mesmo de direita Brasil adentro e America Latina afora. Como apontar para os vícios autoritários e tirânicos alheios com Renan e Maduro ainda como aliados? E mesmo que não tivessem o rabo preso, será que bastaria renegar isso, para restaurar a confiança e credibilidade popular perdida?

A confiança e reciprocidade, o capital social, não é algo que se contabiliza com créditos e débitos. Confiança e reputação que se perde, não se restaura, somando feito da conta negativa dos desfeitos, ou vice-versa. Como disse Paulo Freire sobre a educação, a confiança também não é um processo bancário, um banco onde vão se depositando informação e desinformação, mas um delicado processo orgânico como a vida, um fenômeno relacional que uma vez quebrado e perdido, não se recupera, não se ressuscita principalmente com o mesmo receituário que a matou, o charlatanismo dos demagogos.

O problema são as fake news? Não a falsificação da realidade sempre foi um dos maiores problema e obstruções a transformação social do mundo. E a solução para esse problema é tão antiga quanto a invenção dessa armadilhas: ação social. Só há um remédio contra a falsificação do real, factual. Fatos. Mas fatos não se produzem por narrativas, discursos, fatos se produzem por atos e ações que discursos e narrativas não conseguem nem desmontar nem substituir. O discurso é meramente subsidio é sinal que aponta o caminho para Roma, desde que Roma exista, e não mais um

171, mais um conto do vigário, mais uma terra prometida onde entre o que existe de fato e o que foi prometido ou narrado, há a distancia que separa o gato da lebre.

A velha esquerda se especializou em construir ídolos e desconstruir adversários. E se esqueceu de um detalhe: a verdade está na práxis e não no discurso. Na ação e não ideação. Na realização e na propaganda. No real e não no espetáculo. No povo e não nos representantes e representações. Na verdadeira democracia e não nos “democratas”. E quanto mais a esquerda se agarrar no corpo velho, podre dessas falsas representações demagógicas, mais tempo e espaço dará para projetos de poder reacionários e autoritários se firmarem como a nova ordem entronada no seu antigo objeto de desejo e consumo: o poder.

A esquerda preferiu atalhos não só para chegar ao poder. Mas para a transformação social corrompida neste objetivo da tomada como meio necessário as transformações sociais e não consequência das mesmas como trabalho social de base. Comprou a mentira autoritária que é a tomando o poder que se muda um país dos palácios, de cima para baixo. Quando de cima para baixo a unica coisa que se faz é perpetuar a própria superstrutura que mantém tudo como está: as relações de desigualdade, de autoridade, liberdade, as relações de poder.

O atalho para poder, é atalho para os grupos que tomam o poder como falsos representantes do povo, não o atalho para emancipação do povo. à emancipação, libertação e desenvolvimento não existem atalhos, mas só o verdadeiro trabalho que não é o alienado, nem o pelego, mas o de base libertário e educador por definição. Emancipador da própria tutela do educador, que se não se extingue no processo como tutor e autoridade não é educação, mas doutrinação, arrebanhamento populistas para caudilhos e ditadores mal disfarçados de salvadores da pátria. As

bandeiras podem ser outras mas a estrutura e sobretudo a mentalidade onde esse mal perpetua alternando em ciclos é a mesma: autoritarismo.

Ou a esquerda se reinventa não em discurso mas em ato, com práticas de abolição da escravidão assalariada, e evolução libertária da democracia e economia. Ou abandona o subsídio do monopólio autoritário, estatal e demagogia política-partidária volta a trabalhar com sistemas sociais e solidários e libertários de base, ou vai amargar esse descolamento espetacular da realidade popular de um povo que ela não mais conhece, e nem ele mais a reconhece como representação de nada senão eles mesmo enquanto parte de uma mesma classe: a política-governamental.

Nem Bolsonaro nem Haddad: eleitores optam por votar nulo no segundo turno

(...) *“Ficou no ar essa de votar contra o fascismo ou votar contra o comunismo e nenhum dos dois representa isso, na minha visão”, afirma Fernando Teló, 29 anos, morador de Maringá (Paraná), zona eleitoral em que **60,1% dos votantes escolheu Bolsonaro no primeiro turno**. O jovem se refere ao cenário político partidário do segundo turno como um “Grenal Eleitoral”, em referência ao clássico entre os times Grêmio e Internacional, e confessa que tem evitado falar de política. “Me sinto obrigado a pisar em ovos nesse assunto, ficou tudo mais delicado e as pessoas ficaram imprevisíveis. Evito ainda mais quando se trata do Bolsonaro, pois tem número maior de eleitores dele aqui”.*

Jennifer Ferreira mora na periferia de São Paulo e também tem sentido receio em relação aos apoiadores do Bolsonaro. “Eu tive que bloquear um cara que nem me conhecia e veio me perseguir no Facebook porque eu tinha repudiado em um comentário as **agressões sofridas pela MC Banana [que é transexual]**. É uma loucura, parece que estamos voltando à ditadura”. Mas,*

apesar de a jovem de 23 anos temer a eleição de Bolsonaro, ela não acredita que mais um governo do PT seja a saída. Durante a gestão Haddad, ela morou embaixo do Viaduto Alcântara Machado e relata que lutou contra pelo menos [três tentativas de remoção](#) de sua casa. “Eu não votei no primeiro e não tô com nenhuma vontade de ir votar no segundo. Morei na rua e sei que os de baixo sempre sofrem.” (...)

*Fátima Pacheco Jordão aponta para a manifestação dos não-votantes como um ato de descontentamento com o instrumento político partidário. “A população não consegue perceber nas lideranças políticas partidárias aquilo que elas procuram”. “Mas à medida que o dia da eleição se aproxima, parte importante do eleitorado resolve em quem vai votar. Às vezes, na última semana, quiçá, no último dia”, diz a também especialista em pesquisa de opinião. **Com o cenário, ela enxerga uma forte tendência popular em reivindicar outras formas de democracia, mas pondera: “é provável que a população peça por uma maior participação num sentido plebiscitário, mas é provável que as elites irão preferir fazer uma reforma política.”**[grifo meu]. -[Nem Bolsonaro nem Haddad: eleitores optam por votar nulo no segundo turno](#)*

[Nem Bolsonaro nem Haddad: eleitores optam por votar nulo no segundo turno](#)

[Bruno Santos*](#) tem 21 anos e não vai escolher um candidato a presidente no próximo dia 28. Em sua opinião, há um...

brasil.elpais.com

Porém, o trecho do discurso de MalcolmX que explica melhor a falha da democracia, ou se preferir do status que a direita fora do poder soube aproveitar, enquanto a esquerda não, é exatamente esse aqui:

Foram as bases políticas que saíram para a rua o que assustou mortalmente o homem branco; assustou mortalmente a estrutura do poder do branco de Washington DC; eu estava lá. Quando eles descobriram que o rolo compressor negro ia derrubar a capital, chamaram a esses líderes negros da nação, que você respeita e nos quais acredita, para dizer-lhes: “Suspenda as ações”, disse Kennedy, e acrescentou: “Olha, vocês estão deixando isto ir longe demais”. E o Velho Tom falou: “Patrão, não posso pará-las, porque não fui eu quem começou”. Estou falando para vocês o que disseram. Eles disseram: “Nem mesmo estou lá, e muito menos as controlo”. Os brancos então disseram: “Estes negros estão fazendo as coisas por conta própria. Estão se adiantando a nós”. E a velha e astuta raposa falou: “Se vocês não estão lá, nós colocaremos vocês lá. Colocaremos-os na direção desse movimento. Promoveremos vocês, lhes daremos boas-vindas [...] Isto é o que eles fizeram na marcha de Washington. Eles se somaram a ela [...] tomaram parte, assumiram-na. E logo que eles assumiram-na ela perdeu seu caráter militante. Deixou de ser um aborrecimento, deixou de ser incendiária, deixou de ser comprometida porque inclusive deixou de ser uma marcha. Tornou-se um piquenique, um circo. Nada mais do que um circo, com palhaços e tudo [...] Não, foi uma traição. Foi uma absorção [...] a levaram a rédeas curtas, falaram para esses negros em que momento eles deveriam golpear a cidade, onde deveriam parar, que símbolos levar, que canções cantar, qual discurso poderiam fazer e qual não poderiam, e então falaram para eles que fossem embora antes do anoitecer.

Sim. A analogia, nem tão analógica assim é como os protestos populares de 2013. Não que o governo não tenha tentado se apropriar e manobrar e cooptar e introduzir novas lideranças, mas eis o problema, a lógica da propagação e controle das manifestações não era mais a mesma, nem de comunicação nem de organização. As mídias e formas de organizações eram outras, a da internet, celular e redes sociais. A nova direita soube adaptar suas táticas e estratégias de propaganda comunicação e sobretudo organização de base, e capturam o movimento, literalmente, a

esquerda não. Tentaram frear o irrefreável: a história, e em sua pior frente transformação como sistema de produção tecnológico e ideológico. Hoje tentam levantar barreiras contra o whatsapp, do mesmo vendedor de do bolhas e caos em forma de algoritmos e lucros, sem entender a natureza em rede desse arma que é ao mesmo tempo campo de batalha, onde bloqueios não funcionam, onde a tática do “não passarão”, é complementemente inútil. Necessário sim era ultrapassar essa tecnologia em todos os seus vícios, construir novas redes, disruptivas dentro, e construtivas fora, redes e plataformas e programas fundamentados na lógica da democracia direta, capazes de competir. Não adiantava persistir no velho. era necessário construir o novos modelos, para competir pelo futuro. Futuro que agora chegou, e a realidade não perdoa, entre o velho podre, o lixo autoritário reciclado, o reciclado torne-se a esperança ou melhor ilusão de renovação por falta de novidade ou mais precisamente inovação, tecnológica e ética da democracia.

Em suma era preciso investir em plataformas de democracia direta, era preciso investir em transferência de renda como emancipação e não fonte de alienação. Ainda é. Correr atrás do tempo perdido. Mas não para fazer dessa causa cavalo dos velhos podres poderes, mas causa social. Do contrário o resultado a longo prazo será o mesmo: a volta dos que não foram.

Essa é a dimensão moral da reinvenção não só da esquerdas, ou também dos ditos campos que se reivindicam progressistas e democráticos, mas da reinvenção da democracia como sistema institucional e tecnologicamente compatível com o mundo no século XXI, a nova democracia na na era da informação. Um imperativo da necessidade. É isso ou amargar o retrocesso ao autoritarismo reacionário num nível inédito: o da ditadura da informação.

(...) a democracia representativa, como a inventaram nos EUA, é um **processo de filtrar informação**. Há 250 anos era impossível consultar todas as pessoas e as pessoas tampouco estavam informadas. Então os “pais fundadores” da nação americana inventaram um filtro de informação que chamaram de representação: ter representantes que em seu nome deliberam e definem o que serve à sociedade. Rompemos isso completamente.

Os representantes hoje podem ter acesso a tudo o que os cidadãos fazem. E os cidadãos podem ditar a vida dos representantes, com tuítes e outros recursos. A democracia representativa não está preparada para isso.

É o que vemos agora, com a última eleição nos EUA e como o novo presidente usa as mídias sociais — é parte dessa confusão em que estamos.

É preciso refletir e reinventar a democracia representativa. Caso contrário, ela pode facilmente se converter em ditadura da informação. E attem que a visão mais antiga da sociedade da informação é de 1948, quando George Orwell publicou seu livro 1984. **A visão era de uma ditadura da informação.**

Se alguém dissesse isso há dez anos, certamente seria contestado pela maioria que acreditava que a internet era democracia pura e liberdade. Mas hoje pessoas começam a entender a necessidade de atuação rápida. A democracia não está preparada para a era digital e está sendo destruída.

Estamos num processo que (o economista austro-americano Joseph) Schumpeter chamou de destruição criativa. E não teremos nenhuma criatividade, porque não há proposta de como fazê-la de modo diferente. Não há uma saída, e isso preocupa.

*(...) (O ex-presidente americano Barack) Obama entende muito bem de big data. **Depois do caso Snowden muitos perguntaram porque Obama nada fez.** Bom, porque ele também o usou muito.*

A maior despesa da campanha de Obama em 2012 não foi para comerciais de TV: criou-se um grupo de 40 engenheiros recrutados em empresas como Google, Facebook, Craigslist, e que incluiu até jogadores profissionais de pôquer. Pagou milhões de dólares para o desenvolvimento de uma base de dados de 16 milhões de eleitores indecisos: 16 milhões de perfis com diferentes dados: tuítes, posts do Facebook, onde vivem, o que assistiam na TV.

É preciso reinventar a democracia representativa. Caso contrário, ela facilmente se converte em ditadura da informação

Quando a campanha conhecia suas preferências, se um amigo seu no Facebook dava uma curtida na campanha de Obama, a equipe ganhava acesso à página desse amigo e passava a enviar mensagens.

E conseguiram mudar a opinião de 80% das pessoas alcançadas desta maneira. Com isso, Obama ganhou a eleição. É como uma lavagem cerebral: não mostra a informação, apenas o que querem escutar.

(...) O representante político tem muita informação sobre você, mas o inverso também é verdade. Veja o presidente Trump, que muitas vezes reage em tempo real ao que as pessoas dizem. É como alguém se convertesse em uma marionete do que recebe pela TV ou pelo Twitter.

A ideia do mandato representativo, como criado pelos “pais fundadores” dos EUA, era: confiamos em você como pessoa e você lidera e toma decisões em

nosso nome. Agora os políticos medem sua popularidade no Facebook e mudam o discurso ao vivo para ajustá-lo aos comentários do Twitter. Isso não é a ideia que foi desenhada. Os grandes presidentes não se guiaram por populismo: eles lideraram. — ‘Despreparada para a era digital, a democracia está sendo destruída’, afirma guru do ‘big data’

'Despreparada para a era digital, a democracia está sendo destruída', afirma guru do 'big data'

Quando Martin Hilbert calcula o volume de informação que há no mundo, causa espanto. Quando explica as mudanças no...

www.bbc.com

Ou a demanda por democracia deixa de ser cavalo de troia para velhos demagogos, e evolui para verdadeira democracia usando as ferramentas tecnológicas hoje empregadas para raquear-la e destruí-la, para se reinventar como democracia direta digital ou vai decair de vez por todas em ditaduras distópicas onde o estados de direito democrático fake de hoje vai parecer um paraíso de respeito a igualdade de liberdades como direitos fundamentais.

Ou os programas de combate a desigualdades deixam de ser benesses, peças de propaganda e instrumentos de manipulação governamental e partidária de massas, e passam a ser de direitos na prática , garantias de fato de direitos fundamentais sem nenhuma discriminação, nem segregação ou relação de poder, ou as desigualdades vão simplesmente arrebentar o tecido já tênue esgarçado e das sociedades contemporâneas.

Mas isso já não é uma demanda por um novo ethos, e já para de uma nova tekne, construída como inovação a partir do novo paradigma, onde essa nova mentalidade é literalmente a plataforma criativa dessa nova cultura e tecnologia que já são um sonho de futuro de utopistas, mas uma necessidade cada dia mais presente e urgente: renda básica e democracia direta, para ontem. Ou mais Trump e Bolsonaro e afins de novo para amanhã... isso enquanto o mundo, o ambiente ou a ordem nacional e mundial aguentar.

Resumo da opera:

Continuem a não assumir responsabilidade por nada e jogar a culpa na tia do whatsapp; continuem desconstruindo e bloqueando ao invés de dar lugar a inovação e renovação; continuem insistindo em tudo que já caiu de podre, velho, reacionário, corrupto e autoritário; continuem apostando no discurso demagógico e prepotente no lugar do ativismo social LIBERTÁRIO de base para ver quanto tempo vamos demorar para conseguir construir qualquer resistência ao autoritarismo que dirá qualquer progresso de fato democrático.

E quando digo “continuem” não falo com os representantes políticos, porque esses não tem cura, falo com quem se considera da sociedade civil. Até porque está claro, ganhando ou perdendo só uma coisa é absolutamente certa e demonstrada nessas eleições: eles nunca mudam. No máximo se replicam.

Claro que também pode-se continuar sonhando com o retorno de Dom Sebastião também... sonhar é livre, mas não se engane sempre custa caro. mesmo quando não colocamos um centavo um dedo de trabalho por eles. Viver e sonhar não são tão diferentes assim, ambos cobram um mesmo

preço, e preço caro sempre corrigido com juros e correção monetária, quanto mais distantes um do outro eles estão não só como realidade, mas antes de tudo como verdade.

O fator D: O denominador comum do Mal

Mas pode chamar de Estatopatia mesmo, ou se preferir o nome clássico: Tirania.

Há mais de 100 anos, Charles Spearman disse que a inteligência é composta pelo chamado fator G. (...)

Um século depois, especialistas dizem que essa mesma tendência também pode ser usada para explicar a “malevolência” ou o “lado obscuro” das pessoas. E também lhe deram um nome. Trata-se do “fator D”.

Uma nova pesquisa conduzida por uma equipe de psicólogos da Alemanha e da Dinamarca sugere que características como egoísmo, rancor e sadismo tem um mesmo denominador comum.

Ainda que nos pareça mais normal que uma pessoa seja egoísta e não psicopata, o certo é que o estudo demonstra que todos os aspectos obscuros da personalidade humana estão relacionados e se baseiam numa mesma tendência. (...)

O fator D é “a tendência geral a maximizar a utilidade individual sem levar em conta ou provocar de forma mal-intencionada a falta de utilidade para os

outros, isso tudo acompanhado de crenças que servem como justificativas”, diz o relatório.

Dito de outro modo, o fator D é o hábito de colocar nossos próprios objetivos e interesses na frente dos de outras pessoas, sentindo até prazer pelo fato de fazer mal aos outros.

Essa tendência costuma vir acompanhada de desculpas ou justificativas que servem para evitar sentimentos de culpa ou vergonha. (...)

A pesquisa demonstra que os traços obscuros em geral podem ser compreendidos como exemplos de um núcleo comum, ainda que aspectos diferentes possam predominar. Por exemplo, o aspecto das justificativas é muito forte no narcisista, enquanto que o aspecto da falta de utilidade provocada maldosamente é a característica principal do sádico.

Segundo os especialistas, sua pesquisa demonstra como o fator D estão presentes em nove traços obscuros de personalidade mais estudados:

Egoísmo: preocupação excessiva com as próprias vantagens às custas das dos outros.

Maquiavelismo: atitude manipuladora e insensível e a crença de que os fins justificam os meios.

Desconexão moral: estilo de processamento cognitivo que permite que as pessoas se comportem sem ética sem sentir angústia.

Narcisismo: *excessivo ensimesmamento e uma sensação de superioridade e extrema necessidade de receber atenção dos demais.*

Direito psicológico: *crença recorrente de que é melhor que os outros e merece um tratamento melhor.*

Psicopatia: *falta de empatia e autocontrole, combinadas com um comportamento impulsivo.*

Sadismo: *desejo de causar dano mental ou físico a outra pessoa para seu próprio prazer ou para se beneficiar.*

Interesse próprio: *desejo de promover e ressaltar seu próprio status social e financeiro.*

Rancor: *disposição para causar danos ou destruir outras pessoas, mesmo se machucar a si mesmo no processo. -O que é o fator D, que define egoísmo, rancor, psicopatia e outros traços obscuros da personalidade*

O que é o fator D, que define egoísmo, rancor, psicopatia e outros traços obscuros da personalidade

Há mais de 100 anos, Charles Spearman disse que a inteligência é composta pelo chamado fator G. Segundo a teoria do...

www.bbc.com

Não sei se o leitor atento percebeu, mas basicamente os ‘traços obscuros de personalidade’ que compõe o denominador comum da “malevolência”, o dito fator D, são quando somadas todas numa única persona, são as

características que constituem a personalidade arquetípica dos ditadores, déspotas e tiranos. Personalidade por vezes, encarnada no corpo de pessoas reais de alguns dos mais conhecidos monstros da história, reis, imperadores, conquistadores, governantes e estadistas, responsáveis pelos maiores crimes contra a humanidade.

Traços de personalidade que compõe para muitos o perfil do líder, tão elogiados e buscados para os mais altos cargos de chefia e governança. Traços de personalidade que estão presente na esmagadora maioria dos líderes das classes governantes em geral, políticas, empresariais, e religiosas, e maximizados nas personas dos regimes mais autoritárias, absolutistas, despóticos e totalitárias.

Assim se você não tiver nenhum deles, então esqueça, você jamais terá o perfil para ocupar nem mesmo os baixos cargos de liderança nem tão pouco os mais altos cargos dentro das classes governantes e culturas corporativas hierárquicas. Lado bom, da história você jamais será um estatopata, corrupto ou genocida. Lado ruim, num mundo que ainda acha normal segui-los e obedecer seus mandos e desmandos, ou pior até mesmo reverenciá-los e idolatrá-los, você corre sempre será uma das suas vítimas potencial. E considerando o poder que insanamente concedemos temos por habito e costume conceder aos gênios do perfil D, as vítimas continuarão não só a ser exterminadas em série, mas em massa.

Psicopatas, Estatopatas e Sociopatas

[Coreia do Norte, Russia e EUA... e o Brasil?](#)

(...)Não era só a mentalidade de um individuo considerado normal que poderia apresentar os chamados “traços” de psicopatia e psicopatia, mas a mentalidade coletiva formada pela sociedade enquanto uma rede de pique conectas e interação. Uma interação que não se restringia a relação pessoa a pessoa, mas da pessoal com a totalidade dessa mentalidade coletividade através de cada relação pessoal.

Isto implica que a sociedade, ou mais precisamente a mentalidade de uma população não é um campo monolítico, mas um processo simbiótico onde os traços psicopáticos e os psicóticos formavam esse fenômeno manifesto na nossa inconsciência coletiva, que quando interpretado substantivamente como se fosse uma entidade, tomava a a forma desse simbiote psíquico, essa egrégora teratológica que parece ter vontade e comportamento próprio, a inconsciência coletiva. Um simbiote parasitário onde o comportamento psicopático, o comportamento amputado de empatia enseja as traumas que produzem as psicoses que alimentam seu impulsos eróticos e tanáticos dentro do seio da própria sociedade, reproduzindo-se como mentalidade cultura e sociedade doente-doentia de geração a geração. Ou a grosso modo a história da civilização de como pessoas que um dia foram crianças cheias de potencial humano se tornaram o espelho daquilo que matou a sua potencia da sua humanidade.

A história da humanidade de como adultos que um dia foram crianças foram amputados se suas sensibilidade empática e instinto gregários, para se tornarem os escravos de suas psicopatias e psicoses e na busca por satisfazer suas manias matam a humanidade da sua própria prole para reproduzem a imagem e semelhança dos homens e mulheres desumanizados que se tornaram, já incapazes de se surpreender com seu feito: como da matéria senão pura e inocente, livre e repleta das infinitas possibilidades que forma uma nova vida encarnada numa criança, nós criamos esse singular forma de viver, e conviver que não raro há quem prefira a solidão companhia de outros animais para estimar do seus confiar essa estima a seus semelhantes. Passando ainda que não tenhamos consciência disto tanto a odiar a si mesmo

como ser humano, quanto o outro como se não fosse, o ser humano que não encontramos nem no espelho do que somos nem do que o outro.

Fico imaginando o dia em que essa mentalidade enfim triunfar de vez, e a tecnologia dessa civilização encontrar não só energia inesgotáveis, mas conseguir satisfazer seu desejo egótico de existência infinita no tempo e espaço descobrindo a “cura” para morte. O dia que esse ser humano completamente envelhecido e desnaturado na alma não sentir nem mais a necessidade egoísta de se reproduzir meramente para perpetuar seu legado, a extensão da projeção imagética materialista de si mesmo. Um mundo onde a o nascimento de crianças se tornará enfim a máximo dos meros caprichos de egos, ou ordem de superegos naturais ou artificiais sem fim. A morte da humanidade de fato como um sono eterno, do qual não teríamos mas nenhuma esperança de despertar, não mais por nossa própria força de vontade como consciência.

KOYAANISQATSI no fundo não passa disso, uma investigação crítica a cerca de como sair dessa problema que já não era simplesmente um problema de trabalho, mas pessoal na medida que essa cultura hegemônica não só despreza o que não entende, ou lhe é estranho, mas faz um ultimato totalitário: submeta-se a ao que lhe foi predestinados, os nós devoraremos você. (...) -**Der Uberrnensch: Supersapiens? Não, superegos mesmos.**

Koyaanisqatsi: A idade da Consciência

[Clique aqui para ler online o livro "Koyaanisqatsi: A idade da Consciência de Marcus Brancaglione", além de obter...](#)

www.topleituras.com

(...) Governar as vontades dos outros permite a um tirano governar o mundo. Mas de que isso serve se a mente tirana que governa o mundo é a mera escrava de suas vontades? Controlar os meios vitais e ambientais permite impor domínios e vontades através de carestias e carências, permite manter o controle sobre os meios vitais e ambientais e até a mesmo influenciar nossa própria vontade, A manipulação das vontades pelas necessidades garante o domínio sobre as condições de vida alheia; que por sua vez é a fonte de poder como privação da liberdade do outro, tanto como restrição das suas possibilidades de escolha e concepções de possibilidades, quanto do condicionamento do mundo como realidade ou ilusão. Um poder que manipula e condiciona a mentalidade do submetido e sua vontade. Mas também inerente e inevitavelmente a mentalidade de quem o controla, tornando não o poder da sua vontade mas o poder que também constitui suas vontade.

E não importa o quanto essa arquitetura do mundo o favoreça, privilegie, ele ainda sim é dependente dela, e não raro mais dependente e carente dela não como fator para satisfação dos seus desejos, mas como fator constituinte das suas própria vontade, muito mais que os seres que submetidos a seus caprichos. Principalmente aqueles que ainda guardam dentro de si, mesmo como potencia irrealizada essa noção de liberdade como vontade que não se faz pela satisfação dos desejos seus ou alheios, mas pela realização do sua vontade de ser independente das adversidades ou facilidades.

Porque embora absolutamente privilegia pelas condições de vida que ele impõe como senhor e tirano, ainda sim também está submetido e é prisioneiro não só de tais condições, mas dos seus vontade reduzida a necessidades e desejos completamente destituída de força ou até mesmo de senso de um vir a ser além de uma barriga ou falo que pensa, mas não existe; sobrevive e se reproduz quando não pode mais crescer nem desaparecer. Pouco importa se foi ele que outrora estabeleceu como tirano ou inconsequente tais padrões. De

todas as pessoas do mundo, ele que tem todo o poder para impor seus desejos e vontades aos demais é por conta dessa mesma condição o pessoa no mundo com menos poder e liberdade e capacidade para se livrar dela. Das vontades que sequer forma concebidas como potência, ou que permanecem impotentes, é o senhor o maior dependente e viciado nas manias, hábitos, rituais, desejos e compulsões que só a relação de poder e anulação das liberdades pode satisfazer. Dos habitantes dessa prisão ele é que menos tem poder para escapar dela, porque é o mais satisfeito e aleijado em sua conformidade mórbida.

O mecanismo de prazer do poder é similar ao da droga, não é de se espantar portanto que ele vicie e degenere como tal. Embora não seja produto de fórmulas e manipulação de substâncias químicas naturais ou artificiais, ele também acaba por alterar a percepção e sensibilidade da realidade pela manipulação da própria natureza realidade e consequente alteração da sensibilidade e percepção. O problema de se manipular a sensibilidade e percepção é que depois de um certo tempo não é só a noção da realidade que se perde, mas a capacidade de sentir e se adaptar ou mesmo produzir novas e diferentes visões de realidade e padrões de comportamentos diante dos fenômenos que variam, e nem sempre em função das satisfação das vontades e desejos. E se tudo que temos é a força de vontade, para nadar contra a correnteza quando essa não está a nosso favor. Não é dos braços que se acostumaram a serem carregados, mas dos capazes de carregar que dependem o nascimento da consciência.

O tirano que brinca com a vida e vontade sofrimento e humanidade alheia, brinca ao mesmo tempo com a sua própria vida, vontade humanidade enquanto capacidade de entender e sentir. Flerta com tanto com a psicopatia e todas manias e compulsões que acompanham tal patologia, quanto com a imbecilização enquanto perda da sua inteligência e discernimento do sentir, pensar e agir por falta de reações empáticas que realimentem sua

compreensão. A relação de poder produz idiotas autoritários por uma razão simples, ela atrofia não só a capacidade de inteligir, mas o força que produz a intelecção, reduz a força de vontade a mero desejo completamente condicionado a própria presença das condições e sua satisfação.

Não é só um vício é um ciclo vicioso, onde a perda da empatia diminui as habilidades cognitivas e volitivas correlativas, diminuindo a capacidade de lidar com adversidade e aumentando a propensão a tentar reduzi-la e controla-la como mera manifestação do desejo e brutalidade cada vez mais frequente e compulsivo. De modo que numa posição ou relação de poder quem não é um piscopata se torna. E quem não é um idiota fica. Ainda bem pois se assim não fosse, teríamos o patologia da tirania maquiavélica, o estatopata perfeito. O príncipe capaz de alterar de modificar suas volições e logo seu comportamento de acordo com as circunstancias.

Se até mesmo a ausência de respostas empáticas não produzisse efeitos na psique e cognição dessas pessoas, isto é, na própria capacidade de ler e interpretar os sentimentos e volições alheias, bem como controlar seus próprios impulsos destituídos de empatia, se a sua forma de ser a agir não impactasse na sua vontade e comportamento não teríamos propriamente mais um ser, mas um entidade uma força destituída de volição e apenas dotada de força que a constituem. Quanto mais aumenta o poder e logo a facilidade de satisfazer a sua vontade, mais essa vontade se reduz a desejos prontamente satisfeitos e que por serem prontamente satisfeitos perdem sua força enquanto necessidade de conhecer e capacidade de manipular o outro enquanto ao mesmo tempo aumentam em compulsão e mania e intolerância tanto a sua privação quanto capacidade de automotivação através de outros impulsos volitivos diversos.

A mente do senhor é tão prisioneira dos ritos, cultos, costumes e hábitos que do escravo. Porém como a impotência e dependência se desenvolvem depende

não só como tais condições são dadas ou impostas mas como são tomadas e recebidas. Assim, quanto maior é a resistência da vontade em relação as condições, mais essa se fortalece se não arrebentarem. Ao contrário daquele que aquele que tem tudo o que precisa para satisfazer seus prazeres sem precisar fazer a menor força ou esforço de vontade, não só tem sua força de vontade enfraquecida, mas essa vontade como impulso e desejo e ansiedade aumentado em relação a todos outros impulsos que carecem de estímulo, elaboração e respostas. Há portanto um ponto de equilíbrio, onde a completa ausência de possibilidades gera a completo desamparo e impotência do submetido que uma vez quebrado, não a recupera sua vontade nem mesmo quando as condições basilares aos seu desenvolvimento são reintroduzidas, da mesma forma que a completa ausência de exercício da vontade como força, degenerada pelo querer como poder também mata a capacidade desse desenvolvimento até mesmo quando a necessidade se impõe. É como a conquista de uma montanha, não adianta chegar nela carregado, ou empurrado, é preciso fazê-lo com as próprias pernas, porque o objetivo não da conquista não é conquistar o cume, mas a si mesmo pelo exercício da força de vontade. O ponto de pico muito vezes se atinge sem sequer conquistar o ápice, e impossível atingi-la com uma alma sedentária, que não faz do seu viver uma constante peregrinação rumo a descoberta e revelação do que para ela é o novo.

Porém, o poder, como muitas drogas como um viciado o poder acaba por degenerar a mente dos poderosos, e não raro quanto mais aumenta seu poder, mais e mais eles agem das formas mais estúpidas e brutais e cada vez mais inconsequentes não só em relação ao outro que nunca foi a maior preocupação, ou era nenhuma, mas em relação a si mesmos. E também por isso aqueles que detém o poder jamais se contentam com o que possuem, mas sim com o prazer da permanente caça e conquista.

Na verdade não importa as posições, senhores ou escravos, como papel fixo ou que estejamos a desempenhar em diferentes momentos ou relações, quanto mais conformados e habituados menor é o papel da força da vontade seja na consecução da tarefa, seja na tentativa de evitá-la, e se o esforço o vazio da falta de desafio e sentido é maior. De modo que quanto mais fácil se realiza a satisfação mais se aumenta o desejo de realiza como consumo, e mais de diminui a capacidade de consumá-la sem dependência de como ela se dá seja através do poder como querer ou rendição a esse querer como submissão a ele. Se a replicação dessa condições são feitas como o senhor ou escravo da relação, o fato é que nem um nem tem mais a capacidade necessária para controlar sair de tal situação, querendo ou não. A vítima por que está submetida e impotente frente ao poder do tirano psicopata, e o tirano psicopata porque não é cada vez mais incapaz de controlar o desejo de satisfazer suas manias. Mesmo ambos sabendo um o mal que sofre e o outro o mal que causa. E podemos incluir nessa relação qualquer terceiro que mesmo assistindo não se solidariza, especialmente quando tem meios para por um fim a essa violação e nada faz não porque também não saiba, não tenha consciência do que está a acontecer como saber, mas porque também não tem nenhuma consciência como ligação empática e vontade suficiente de agir. (...)

-KOYAANISQATSI: A Idade da Consciência

Deseleições 2018: Quem vai contar para a esquerda? Inês é morta

Bolsonaro já ganhou?

Me perguntaram após tanto bater e denunciar porque nesse momento tão grave decidi pelo silêncio e já não me pronuncio como antes.

Essa é daquelas perguntas que já respondem a si mesmas: Momento.
Momento em todos os sentidos da palavra.

Explico.

Previsões sinistras do Passado para o futuro do Brasil acontecendo hoje[o “hoje” no caso já era então Fevereiro de 2017, e a “previsão” era de Março de 2016: [Prisão do Lula II](#)]

(...) Resumo da opera, seja de esquerda ou direita: não adianta prender o Lula ou só derrubar a Dilma sejam suas intenções legítimas ou ilegítimas; o fato é que: a mera destruição de tudo que há de podre no poder sem colocar nada de novo no lugar implica logicamente :

Ou na volta dos mortos-vivos. Bandidos da mesma laia, que vão precarizar direitos e entregar patrimônio nacional e natural a predação.

Ou na ascensão de populistas de extrema direita: fundamentalistas religiosos.

(...)

FUTURO

E o que se faremos agora? Vamos para frente ou para trás? Renda básica ou precarização de direitos trabalhistas? Democracia Direta? Ou semi-teocracias evangélicas[neopentecostais]? Impossível? Impossível é o Trump

comandante em chefe do maior arsenal bélico do Planeta Terra, o resto.. o resto é piada.

E aí-, o que vai ser? Vamos esperar as eleições de 2018 para ter um segundo turno entre Bolsonaro e quem, Edir Macedo? Ou Lula e qualquer um deles?

Não, não adianta só acabar com a velha canalha polí-tica ou trazer sangue novo, o sistema está podre. Ou começamos imediatamente a tratar da democracia direta e a renda básica ou os vermes voltarão a tomar a república na falta destes dispositivos constitucionais de proteção a independência e cidadania plena e sociedade.

Não adianta polí-cia, não adianta ficar apenas correndo atrás. É preciso proatividade, é preciso acabar logo com os currais de miséria ou deixar esses canalhas plantar sua pobreza para colher seus fanáticos. É preciso acabar com a miséria e ignorância sobretudo a POLÍTICA. E isso, meu amigo, não se faz com cursinho de capacitação não- é preciso ser competitivo- isso se faz com mais garantias reais de liberdade, mais direitos polí-ticos e económicos básicos e inalienáveis para todos: renda básica e democracia direta já.

Isto supondo é claro que você não seja um fascista. (...)

Esquece. Ninguém vai bater Lula sem ampliar os direitos destas pessoas. Ou pior, vai sim! Vai ter gente sim que vai se erguer no vácuo do Lulismo e da implosão dos ganhos sociais com a crise econômica. E não serão as múmias do PSDB ou PMDB, mas gente ainda pior: mais autoritária fanática e reacionária, só que não de direita, mas de extrema direita, com discurso fundamentalista cristão e misógino.

A extrema direita

Não se deve menosprezar o avanço da extrema direita no Brasil. E por um simples motivo: da mesma forma que as bases do PT não são (ou pelo menos não eram) só mantidas por fanatismo e exploração, essas ideologias estão ligadas as igrejas evangélicas que fazem hoje parte do trabalho das comunidades de base. Essas igrejas exploram a pobreza alheia? Esses polí-ticos exploram os pobres? Sim. Mas a pergunta não é essa. A pergunta é o que é que nós que discordamos desta exploração estamos fazendo de efetivo para proteger essas pessoas deste tipo de aliciamento ideológico? oferecemos um curso de capacitação e um emprego semi-escravo?

Esqueçam o que os cabeças de planilha e seus números [não] te contam. Eles não entendem nada de pobreza e privação.

Por mais que um programa autoritário como o bolsa famí-lia roube a dignidade de uma pessoa, o que eles dão com ele não é só dinheiro, mas atenção - pervertida em relação de poder e dominação, mas ainda sim muito mais atenção do que muita gente irá receber pelo resto da vida de uma sociedade que nem sequer olha na sua cara. Por esse mesmo motivo, uma igreja mesmo tomando dinheiro dos fieis, provê neste sentido até mais; porque o senso de comunidade e de acolhimento dela é maior que toda humilhação das burocracias estatal e corporativas.

Não me entendem errado. Não estou fazendo um elogio as igrejas que exploram a pobreza, pelo contrario estou falando de como é fácil para elas e também aos partidos polí-ticos fidelizar gente onde prevalece a privação primitiva. Isto não é um elogio a eles; é uma critica a sociedade civil que se julga culta, rica e capaz mas deixa que eles construam seus exércitos bem

debaixo da sua cômoda ignorância. -**Previsões sinistras do Passado para o futuro do Brasil acontecendo hoje**

Previsões sinistras do Passado para o futuro do Brasil acontecendo hoje

O título da matéria é piada com o sensacionalismo barato, mas o texto é sério (ou tenta ser)

medium.com

O nome da Rosa: o idealismo como falsidade e o cinismo como verdade — Parte 1 / Da homenagem a tortura as cusparadas... e depois? [Abril de 2016]

(...) Porque pobre pode aguentar muita coisa quieto, mas só mesmo marxistas de restaurante para achar que cabeças só vão rolar pela fome ou quando os líderes do proletariado pelego quiser. Só mesmos essa burguesia brasileira metida ao mesmo tempo a revolucionário russo e burguesia francesa para achar que pode cagar e cuspir na cara dos outros sem acabar mal. Só eles mesmo para achar que a vida é a Disney de Paris ou o “Salve Jorge” do Projac.

No delírio deles, não duvido que acham que estão certos. Acho até que já estão entrando na fase Edir Macedo, onde o doido de tanto repetir suas baboseiras começa ele próprio a acreditar nelas. Só espero que gente a ultradireita não siga o exemplo deles, e comece a praticar o que realmente pensa....

Quem diria que seria a esquerda falseta da patrulha ideológica, que reclama até de piada que iria abrir estupidamente essa porteira; que bastaria ser apertada para evocar as mais belas coisas para justificativas as piores barbaridades.

Então eu pergunto para quem ainda não entrou nesta histeria coletiva de briga de velho de condomínio burguês:

O que estamos esperando então para tirar todas as prerrogativas de ameaça e violência de todo mundo?

O que estamos esperando para deixar bem claro que crimes cometidos pela violência das palavras e dos atos não são proporcionais?

O que estamos esperando para dizer que palavras jamais podem levar as vias de fato?

O que estamos esperando para deixar bem claro que as legítimas defesa de coisas inanimadas não podem vir a ferir coisas vivas? Assim como a legítima defesa contra a violência simbólica não pode apelar a violência de fato?

O que estamos esperando para que até mesmo as punições do estado às ofensas não pode se constituir em agressões?

Enfim, o que estamos esperando? Alguém ser morto?

Será que ninguém percebe que as cusparadas, os xingamentos, o elogio [apologia], as bravatas são o prenúncio do que está por vir? E não estou mais falando de ninguém em especial, mas de um sentimento geral que está se tomando as pessoas e pode ser inclusive capitalizado por oportunistas?

O que estamos esperando? que voltem a formar esquadrões da morte? Ou fazer atentados políticos? Será que ninguém percebe que essa gente e essas tipo de coisa vem sempre juntas?

Da burguesia de esquerda e direita não espere nada, como da política, também nada além, fora o ainda pior.

Eu sei que esses doidos não são de esquerda nem direita e a verdadeira esquerda e direita também sabe. Mas o problema é: é o povão sabe?

A vida não é uma ilha de Caras ou um BBB, esperando que o Boni ou o STF edite e apague tudo. Deixem o petismo e seus submarinos dentro dos partidos de esquerda, deixem Bolsonaro e Felicianos dentro da direita destilarem seu ódio e você verá que o Dilmismo e seu bolchevismo tardio foram mais do que a quinta coluna da esquerda; foram o abre-alas da hegemonia política do fundamentalismo religioso evangélico no poder do país. E logo eles! Os especialistas em desconstrução dos inimigos e vitimização do seu banditismo!

Casa de ferreiro espeto de pau? Não, pimenta nos olhos dos outros e refresco.

*Bolsonaro e afins agradecem. -**O nome da Rosa: o idealismo como falsidade e o cinismo como verdade — Parte 1***

O nome da Rosa: o idealismo como falsidade e o cinismo como verdade — Parte 1

Da homenagem a tortura as cusparadas... e depois?

medium.com

Idiocracia, Idiotas e Idiocratas no Brasil [Outubro de 2017]

Uma idiocracia, é sempre uma relação de quem se acha muito esperto e os outros muito idiotas. E de alguém [ou alguns] que idiota ou não, por causa da posição que ocupa, é de qualquer forma tratado como se fosse. Mas isso não obrigada, a você engolir as bobagens que outros falam sejam como repetidores idiotas sejam como os ideólogos da idiotia: os idiocratas.

Compre essa historinha do teto do Lula e Bolsonaro que você, vai terminar tendo que escolher entre um dos dois. Nas pseudo-democracias: onde o acesso só a candidatura é restrito as gangues partidárias e a possibilidade de não votar em nenhum candidato que essas gangues impõe é nula, isto significa (matematicamente falando) que se nem a mãe do canalha votar nele, e todos os demais anulassem o voto que um único voto até de quem nasceu de chocadeira, ou até de um Temer, seria o suficiente para eleger o canalha com 100% dos votos válidos. O que também significa que não existe teto. Porque se Temer por exemplo de fato concorresse, até o macaco Tião se elegeria.

Não há teto. Eleição é uma ilusão de decisão. É como ir a um mercado querendo comprar pão, mas que só vende bosta e lixo, e quem decide que não quer comprar nenhum dos dois, acaba levando para casa e tendo que pagar e engolir o que o outros compraram também para ele, querendo ou não. É um jogo de cartas marcadas, os donos da jogo, a casa, sempre ganha, porque todos os produtos pertencem a eles: os donos do jogo. E se não pertencem, ou não pertencem mais, de duas, uma: (1) ou eles tiram a força o produto do mercado; (2) ou fecham o mercado; e não abre de novo até o produto ter perecido de vez. E se esses donos quiserem muito que você leve um determinado produto que ninguém quer, a solução é fácil: basta maquiagem qualquer produto estragado ou reciclar o lixo, e aí então colocá-lo do lado do resto completamente podre e sem embalagem, e deixar que o cliente consumidor de polí-ticos, o idiota tenha a sensação de que é ele a escolher, o

que eles, os donos do mercado, os idiocratas, já impuseram como única escolha para ele.

Então, meu querido, não há tetos, nem chão na política, porque você vai ter que levar e pagar, mesmo sem escolher nada; e até o pior dos lixos tem um potencial infinito desde que concorra com um monte de merda, que conseguem ter o dom de ser mais asquerosos e repugnantes que ele. Por isso que não há cabo eleitoral universal melhor do que Temer. Na idiocracia Temer virou o cabo eleitoral de todos os candidatos- mesmo aqueles que só vão se desvincular dele aos 46 minutos do Segundo Tempo. Ele é 3 em 1. É a cabra na sala cagando, que ao mesmo tempo que faz o serviço sujo, que caga os interesses do donos do jogo na cabeça das pessoas, mantém os idiotas sonhando com alguém que o tire de lá. Servindo de referencial mais baixo possível ou seja, mantendo uma perspectiva onde até um macaco de zoológico que não jogue seus excrementos nos visitantes será melhor do que ele.

*Ou seja quem anda dizendo que político tem teto ou não conhece teoria dos jogos, e é um idiota bancado o idiocrata, ou conhece e muito bem, e portanto um idiocrata se fazendo de idiota. Problema dele. O nosso é que essa conclusão é falsa. Em sistemas de escolhas fechadas, como as eleições, qualquer opção tem a possibilidade ilimitada de valoração, porque suas possibilidades de crescimento não dependem do seu valor intrínseco, mas do valor relativo dos concorrentes disponíveis. Se as pessoas não fossem obrigadas a comprar, isto é, se o voto nulo, não fosse um protesto [vão], mas fosse uma ordem: “troque o lixo” seria diferente. Assim como seria também diferente se as pessoas controlassem esses mercados ou pudessem abrir livremente concorrência. Mas não podem. Em 2018 vão ter que comer lixo. E lembrando isso se eles não fecharem o mercado até se livrarem dos produtos que não fazem parte do cartel dos donos, ou foram expulsos dele. E não estou só falando do Lula. Estou falando também do Bolsonaro. -**Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil***

Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil

Uma idiocracia, é sempre uma relação de quem se acha muito esperto e outros ou outros idiotas. E de alguém que idiota...

[medium.com](#)

E estes são apenas os artigos que citam nominalmente Bolsonaro fazendo um alerta acredito bem claro ao exato momento que vivemos hoje. Se fosse então citar trechos de cada artigo analisando o neofascismo, o Trumpismo e a hipocrisia velha esquerda reacionária, aí não só teria que citar trocentos artigos do Medium, como alguns bem antes dele, originalmente publicados no meu extinto blog pessoal lá 2013 durante as revoltas de Julho... Mas de que adianta isso agora? Para quê marcar uma posição?

Pela Liberdade de todos de se Manifestar

Não aos Fascistas. Também não tenho muito apreço por partidos nem por políticos; não gosto de TV; e com esforço suporte...

[mvbrancaglione.blogspot.com](#)

Trump e o perigo do totalitarismo de ultra-direita

Completando a comparação que não pode deixar de ser feita só porque ele virou presidente e o mais importante replicando...

[medium.com](#)

O Brasil não está, é um Estado de Guerra (contra ele mesmo)

A escravidão no campo, o holocausto urbano e a nulidade da justiça e contratos sociais no Brasil

medium.com

Ok. mea culpa. Alguns eram até que bem sérios, outros tão esculachados e alucinados que até o Cabo Daciolo diria: “irmão, você tá ficando meio doído...”.Mas não é essa a questão. E sim qual o proposito (no meu entender) de falar ou calar agora?

Justamente por isso. Porque entendo que a hora de gritar e alertar foi aquela. Se foi. Já entramos em outro momento, o de se reorganizar e resistir. Porque agora gritar e denunciar pouco efeito tem para mudar a situação ou posição das pessoas, muito pelo contrário. Em suma, válido como desabafo, e sei lá, demonstração de disposição para fazer oposição ou melhor do que isso que do levante de uma vontade de construir (de fato) um novo projeto de Brasil... talvez, não sei. O que sei, é que como estratégia de enfrentamento do problema é inútil, e como prevenção então, com certeza, mais inútil ainda, por causa de uma simples e inconveniente verdade, que já não adianta negar, nem fugir tapando com a peneira: Inês é morta.

Já era. E não de ontem. Ontem, as (des)eleições, foram apenas o atestado de óbito. Sim o atestado de óbito de uma velha esquerda reacionária que vivia nada menos de falsificar a realidade, e insistir cegamente em enfrentar o presente romantizando o passado e renegando o futuro. Mas não só dela, infelizmente da esperança real de quem honestamente foi iludida ou se deixou enganar por suas narrativas.

Não. Quem avisou há tempos, e não fui o único, não teve nenhum dom de clarividência para ver o futuro, mas sim eles que tiveram o dom de cegar tantos para não perder sua liderança, e acabaram por levar muitos mais a caírem nesse conto que virou um buraco, sem ter tempo para entender como ou porquê. Até porque não fazia mais parte dessa agenda professar futuros possível, mas impor a pregação de um passado que nem sequer completamente verdadeiro era. Construiu-se com esse discurso um castelo de areia de meias verdades e meias mentiras, um castelo que se desfez na primeira onda conservadora que veio nada menos do choque de realidade popular. Veio como manifestação clara não só de protesto e rejeição, mas de completo desencanto e adesão a um novo discurso, ídolo e ideologia.

O desfecho da velha estratégia pragmática de um velho projeto de poder que prepotentemente não só apostou numa (des)eleição com menos confiabilidade- para não dizer legitimidade que de costume- como arriscou transformá-la em referendo sobre assuntos outros que para opinião pública do povão eram na melhor das hipóteses no mínimo controversos, na pior descaradamente uma mentira deslavada. Uma eleição onde uma narrativa demagógico que vinha até então se sustentando dentro das bolhas mas que fora delas não só derreteu, como deixou o caminho completamente livre para outro projeto de poder que a essa altura já uma realidade presente que não pode mais ser desfeita, nem sequer enfrentada não com chances reais de vitória.

E Agora, José? Agora, o negócio, é esconder o homem, copiar a estratégia do inimigo, trair as bases dos fiéis mesmo antes mesmo de chegar no palácio, rezar por um milagre, ampliar as alianças com o capeta, e fazer o diabo para ver se acha ou fabrica algum fato novo para destruir o adversário. O básico.

Mas não resolvi abandonar meu silêncio para tripudiar mortos-vivos, nem muito menos marcar uma posição do tipo neutro, ou contra tudo e todos, até porque essa opção já fiz e não de última hora, mas faz tempo- e agora nem se quisesse tinha volta. De modo que se fosse para reforçar minha posição bastaria mandar de novo todos irem se fuder de verde-amarelo ou vermelho, juntos ou apartados, tanto faz, e pronto acabou. Mas tenho mais o que escrever e espero continuar a fazer como ação social. Assim sendo, entendo e solidarizo com quem honestamente quem não quer ficar omissa, mas é por isso mesmo que banco o chato, faço questão de ser inoportuno e dizer: Inês está morta.

Sinceramente gostaria de respeitar mais o momento de perplexidade negação e luto dessas pessoas honestas. E sei que ninguém é dono da verdade e milagres acontecem. O altamente improvável de fato pode sempre vir a se tornar o real, mas a verdade é que a matematicamente cada instante que passa essa possibilidade já diminuta vai decaindo ao zero, de modo que o diagnóstico tende a se confirmar ainda mais em fatos: a esquerda, ao menos aquela velha e totalitária que prevalecia arrogante e convicta que o século retrasado era eterno, morreu e nem sabe. E o que sobrou dela infelizmente vai ficar aí por um bom tempo só para nos assombrar e como mortos-vivos canibalizar ainda mais explicitamente as novas, mais loucos e desesperados ainda por devorar novos cérebros e idéias... brain!!! Do outro, lado a direita, gostem ou não, não só passou como veio para ficar. De modo que aprender como lidar com ela, a direita como ela é, é um imperativo tanto a convivência quanto o enfrentamento- novamente necessário dizer ao malucos de plantão- o enfrentamento pacífico da contra-violência.

A ação e profilaxia social sempre foi cura, e isso fica ainda mais evidente quando a inteligência e o diálogo entre as partes se torna impossível.

Porém como todo vacina ou remédio ele se administra antes do paciente, a sociedade, estar babando de raiva hiperfóbica e hipocrítica e não depois.

Reconstruir a sociedade não como abstração, mas como ação e organização, ou melhor organismo social, é um imperativo que transcende as aspirações e ideais de esquerda ou direita. É um ideal que vai de encontro as aspirações de uma população que aprendeu (e com razão) a desprezar e odiar seus governos e Estado como outra classe inimiga, a política.

Jogar a culpa na população, na sua “ignorância” ou “conservadorismo” do povão, é tipo argumento estuprador mimado e burguesinho. Vocês foderam e não quiseram sair de cima, e agora que a vítima te põe para sangrar, não adianta a velha vitimização do paternalismo autoritária: “que ingratos!”

Reconstruir a sociedade civil, e as organizações da sociedade civil sobretudo as de base que fornecem a capilaridade que hoje as igrejas evangélicas, não só por desmérito, mas pelo mérito da não omissão com a população que está excluída da sociedade como contrato social, é fundamental. Fazer política, não é ser pelego ou chupar saco de pelegos, é trazer todo sem discriminação povo para polis. E quem se diz de esquerda e esqueceu que é aqui e não lá em palácios que se constrói um projeto de Brasil; que é de baixo para cima, libertária e não de cima para baixo, autoritariamente que se faz política e justiça social, não sabe mais o que é ser de esquerda, mas sabe perfeitamente o que é ser de centro, sobretudo do poder.

Reconstruir as bases da ação sociais livre dos tentáculos dos projetos de poder e doutrinação ideológica. A reconstrução das bases sociais é um

imperativo anterior a própria resistência e oposição ao autoritarismo e elitismo, por sem bases libertárias e populares, o que temos é isso: ilusão e impostores, ou seja, nenhum chão, ou realidade para construir nem preservar nada.

A corrupção da velha esquerda não foi só das ideias de justiça burguesa e liberal que nunca comungou, mas dos sociais que um dia aderiu, ou pelo menos no começo enganou bem. Se agora, o progresso humanitário, libertário e social passa pela oposição e resistência a reação e reacionários, esse frente muito antes de ser uma resistência em prol de tudo que há de podre e insustentável passa pela demanda da reconstrução das bases sociais e populares mas antes de tudo e sobretudo utópicas dos ideais e princípios universais perdidos da esquerda para a falsidade ideológica dos vendidos e travestidos de pragmatismo e realismo político(realpolitik) sem caráter, sem princípios, sem limites, de uma esquerda que não só envelheceu, mas envelheceu, envelheceu mal. Podre, corrompida, esvaziada, rancorosa, amargurada, invejosa, autoritária, reacionária e hipócrita, em suma, envelheceu para se tornar a imagem e semelhança de tudo que sempre combateu, ou pregou combater, uma classe política e *high society* burguesa de burocratas e tecnocratas governamentais completamente apartada do povo e baixa sociedade a viver dos privilégios dos aparelho e aparelhamento estatal como fidalgos.

Não foi a esquerda que morreu. Foi essa esquerda que morreu, e que vá pro inferno junto com tantos outros os capetas que abraçou e compactou que caíram juntos. Embora, como já disse, e Aécio e Temer são a prova maldita, e tantos outros que vão ressurgir das cinzas agora como bolsonarianistas, they alive. Vide a pusilanimidade desse falso-novo, tipo Dória e afins.

Porém uma coisa é inegável, gostem ou não, a direita se reinventou e não foi só como propaganda, mas como ideologia e agenda programática como diria o vernáculo do marines. Até porque críticas justas (ou nem tanto) fora, extremista e perigosa ou não, o fato inegável é que a direita soube se reinventar e adaptar estrategicamente a atualidade do século XXI, enquanto a esquerda se contentou em putrefazer lentamente nas mesmas leituras e ideologias dos séculos passados, ou em fugas e embates hollywoodianos com a justiça e mídia burguesa. Mesmo sabendo que burguesia no Brasil é um termo completamente alienígena, e mera força de expressão, já que nem revolução liberal ou industrial tivemos direito. E burguesia por burguesia, esquerda e direita discursos e demagogia a parte, na prática e na práxis formam um mesma elite encastelada no estado, universidades, e condomínios fechados, a brigar por quem será o será síndico e a cartilha dos empregados.

Em suma, o fato é que depois dos resultados das (des)eleições não estou mais fazendo aqui projeções ou previsões, mas comunicando uma boa e uma má, ou melhor péssima notícia. A boa nova, é que não só a velha esquerda faleceu, mas toda a velha política se não morreu, foi oficialmente ferida de morta, foi jurada de morte nas urnas. A péssima notícia, é que já nem precisamos má notícia. Todos já sabem, muitos ainda não queiram acreditar, *habemus papa*. E aí se ele não for entronado...

Não, a verdade é que não houve uma eleição. Nem nenhuma mudança significativa. Nunca há. Até porque eleições não mudam nada. Mas não vou bater nessa tecla, porque já o fiz em outros textos, inclusive criticando a obtusa preocupação com as fraudes nas urnas eletrônicas, que para mim equivale a discutir a honestidade ou não de uma roleta de cassino de Las Vegas como ou sem máfia como proprietário. E não quero

aqui falar de novo do que nunca muda, e sim do mudou dentro do sistema que permanece.

O que houve foi uma troca de guarda. Ao menos na direita. Da velha guarda pela nova. Enquanto o mesmo velho sistema por predefinição não só se renova mas sabidamente prevalece e perpetua das vãs esperanças que vem dessas repaginação. Porém é possível fazer uma leitura um pouco mais otimista. Também é possível e crível enxergar, um sinal, ou recado dado pela população através das urnas, talvez a única coisa que sirva essa bosta, mandar recados escolhendo governantes!!! (E isso é otimismo... mas ok, vamos lá, força) Um recado já ignorado como protesto com Tiririca, e agora foi dado com seriedade, qualquer coisa é melhor do que está aí, incluso o “coiso”. O slogan do pior que está não fica, já antecipava tudo. Fica, como prova Temer. Mas o Brasil já não suporta mais viver no passado. O Brasil do futuro quer desesperadamente nascer quer tenha ou não tenha alternativa correta ou verdadeira para isso. E é isso que a esquerda não entendeu e instinto do animal político de Bolsonaro captou e capitalizou oportunamente, o sentimento do momento. Aventureiros, demagogos, fascistas, etc... o esgotamento e falência e teimosia burra e prepotente dos atores e donos do sistema e esquemas abriram a avenida, eles colocaram o bloco na rua (e no zap) e fizeram literalmente a festa.

Longe de uma eleição, houve bem ou mal o que era possível dentro do imposto, a renegação, houve uma deseição em 2018 e como não existe meio termo, eis o resultado que não é a mera negação, não adianta tentar desqualificar, porque não é assim que funciona o sistema ‘eleitoral’, empurrados ou não pela rejeição, a repugnância por A produziu a onde de adesão a B e a efemeridade desse capital político depende agora muito mais dos erros e incompetência de quem o detém para administra-lo do que da iniciativa sobretudo de quem o perdeu para reconquistá-lo.

Logo isso não significa que os velhos partidos e grandes líderes derreteram completamente em seus ideologismo, silogismo e fisiologismo, nem que os eleitos são apenas o mero produto da negação e rejeição do sistema seus esquemas e deterioração. Uma coisa não implica na completa exclusão nem contradição da outra. Mas significa sim que para usar um termo bem ao gosto da velho vernáculo, tergiversar sobre o fato que a velha política está morta e só para nos assombrar, e que a dita nova política de direita, a revelia do nosso repúdio prevaleceu, só vai aumentar ainda mais a o avanço e hegemonia de fato daquilo que veementemente repudiamos.

Ou em bem português, Inês está morta.

Não adianta mais. Não adianta colocar tranca em casa arrombada. Agora é tarde. Já era. Bolsonaro já ganhou. E quando digo já ganhou, não me refiro só a irreabilidade dessas deseleições, mas a volta a dura realidade que virá imediatamente depois da “festa da democracia”. Bolsonaro não só já venceu, mas prevaleceu. E salvo ocorrência ou invenção fato novo Bolsonaro será eleito presidente do Brasil como mesmo que por uma milagre isso não aconteça, e eventualmente Bolsonaro perca ou mesmo ganhe mas não leve, ele já ficou. Não a onda não é uma marolinha era (de novo) outro tsunami e eles passaram, e não só vão ficar por um bom tempo, como também suas marcas.

Tanto faz se a esquerda neste exato momento está rezando a espera de um milagre ou fazendo o diabo para fabricar um; a posição estratégica dessa esquerda político-partidária representada pelo PT, está reduzida nas melhores hipóteses em:

- a. dar um cavalo de pau, tentar reduzir a extensão das perdas e estragos de uma derrota certa (a mais realista), contanto com a boa vontade com uma meaculpa tardio e oportunista;
- b. ampliar as alianças e atos mais desesperadas e espúrias, que antecipem o premeditado estelionato eleitoral e acelerando a decomposição desse corpo sem vitalidade.

Para tanto há duas estratégias clássicas de propaganda política : a da construção e desconstrução.

No campo da construção, há a tal frente democrática tardia. Ou melhor não há. Esqueçam. Essa é mais outra farsa, não só porque as alianças com elementos do naipe de um Calheiros e outros vendidos aos incautos como seus inimigos mortais: os golpista, mas porque dentro dessa própria esquerda a democracia liberal nunca passou senão de um meio alternativo ao armado para a tomada do poder e implantação dos seus regimes. Uma frente que não passaria de uma reedição da própria da antiga coalizão de governo, a união de grupos que usam e abusam da democracia como fachada e hospedeira do seu projeto de poder, como grupos tão mafiosos mas menos megalomaniacos que fazem dela a mera hospedeira da sua cleptocracia e corrupção transmitida de pai para filho.

Entretanto não se engane quem não embarcou nessa, mas pegou avião e foi se embora não o fez por princípios, mas por vendeta (justa, mas vendeta) contra um partido que antes de desconstruir e destruir seus inimigos ou o país, desconstruir aliados dentro de correntes e fora do partido, não raro utilizando a velha tática (incrível que ainda funcione) dos submarinos até mesmo contra seus mais fieis e caninos satélites. É aquela história... para cada esperto, há de haver no mínimo um otário se

achando mais esperto. E se Lula foi mestre em alguma coisa na sua vida política foi nisso: tirar vantagem de quem cola nele achando que vai levar vantagem as suas custas; e quantos não caíram ou foram sacrificados como meras peças nesse xadrez do barba, antes que o rei sequer levasse um xeque.

Já no plano da desconstrução, não duvido que agora mesmo estejam trabalhando para encontrar ou fabricar um fato- o na guerra amoral da política tanto faz. Porém, vale ressaltar que a essa altura do campeonato talvez nem apelando para isso seja possível virar o jogo. Nem mesmo o surgimento de um fato novo adverso, a clássica denuncia bombástica próxima as eleições, nem mesmo ela sendo absolutamente verossímil ou até mesmo verdadeira, nem mesmo isso seja mais capaz de alterar o posicionamento dos eleitores. Alguns porque já entraram no estágio de fiel de Igreja que nem não compra nem prova publicada em jornal nacional ou diário oficial- independente de falsa ou verdadeira, não por acaso justamente por serem publicadas neles. Disto se infere que a perda de credibilidade de A é diretamente proporcional a adesão fanática de B e vice-versa. É a fábula de Pedro e o Lobo, (ou do bigbrother e o povo) de tanto o menino gritar lobo quando não havia um, quando enfim apareceu um, ninguém mais acreditava nele.

De qualquer forma, seja na construção de alianças, ou na desconstrução de adversários; ou seja ainda, na da própria fabricação da imagem e reputação, a demagogia e falsidade ideológica matou qualquer possibilidade de credibilidade para além dos aquários das audiências cativas e fieis convertidos. De modo que não surpreende que na falta de qualquer verdade e honestidade nos discursos de paz, amor e democracia tantos prefiram discursos de ódio, violência e autoritarismo e ao menos eles são verdadeiros, e não lobos em pele de lobo e não de cordeiros. Bons

tempos diria o septuagenário dirigente partidário em coro com o dono de jornais, revistas e televisões...

Robôs e 'trolls', as armas que Governos usam para envenenar a política nas redes

Durante dias ele monopolizou a atenção no Reino Unido e no resto da Europa. Um texano seguidor de Trump usava uma foto...

brasil.elpais.com

Já era. Agora o lixo corre solto em outras mídias e programas e quem aprendeu a navegar e nesse ambiente e ler e programar nessa linguagem não só tecnológica, mas culturalmente, seja para o bem ou para o mal saiu na frente. E adivinha quem foi? Uma dica não foi a burguesia de esquerda e sua pseudo-intelectualidade orgânica. A intelligentsia que enche a boca para falar de lugar de fala e apropriação cultural, mas na hora de passar pelo povão não abram mão nem de preconceitos missionários de tutela, gerencia e catequização doutrinária, nem pretensões de classe intelectual a conduzir e educar as massas ignorantes, não abrem nem fudendo a mão do seu lugar que não é só de fala, mas poltrona tão confortável nas costas dos seus escravos assalariados. E que hoje pateticamente também clama por uma frente dos intelectuais para salvar sua boca do que qualquer outra coisa. Me mostre um socialista que não quer escravos assalariados submissos ao deus do trabalho e trabalhismo, que eu lhe mostro um capitalista disposta a competir num livre mercado formado por cidadãos que não estejam expropriados da sua participação na patrimônio nacional em favor da máquina e tecno-burocracia estatal. Ou seja me mostre um unicórnio, que eu mostro um duende.

Claro que há os honestos (e logo trouxas) que caíram no conto. Mas seja o revolucionário de gabinete, ou o ativista pé no barro, não importa, o fato

que enquanto houver miséria vai haver cabresto. Tiveram 12 anos para acabar pragmaticamente com ambos, mas preferiram instrumentalizar tanto um quanto outro para fidelizar gente como massa de manobra. E hoje desgraçadamente precisam se agarrar não só a esses currais mas os coronéis e oligarcas que vivem da exploração colonial dessa miséria para sobreviver eleitoralmente. Poderiam ter feito da transferência de renda projeto de empoderamento e emancipação, mas isso implicaria em perda do controle político. Sim miséria e pobreza tem dono, mas não dono fixo. E hoje a condição de vulnerabilidade carestia e pobreza incluso política e cidadã que servi-lhes para catapultar e manter no poder, serviu e servirá novamente ao adversário para plantar servidão e colher tirania. Quem vive pela espada morre pela espada, quem vive de explorar a carestia, morre pela revolta desses “ingratos” carentes.

E evidentemente não digo isso com euforia assemelhada a dos bolsonaristas, nem com a tristeza ou nenhuma solidariedade como a dos petistas, nem mesmo mais com o prazer vingativo dos outrora perseguidos. Mas com a frieza de um necrotério e o respeito que cabe aos mortos, mesmo os que estão em decomposição faz tempo. E os mortos que enterrem os mortos. Porque o perigo sempre nos vivos e muito vivos. Mas talvez, sequer os próprios bolsonaristas obeceçados pelo poder tenham tomado pé da dimensão da sua vitória nestas primeiro turno das deseleições. Eles podem até perder o segundo, que ainda sim vão prevalecer. Não só a esquerda, mas o centro perdeu as bases, perdeu completamente a conexão com o realidade popular, com o povo, e nisso está a vitória da direita que soube capitalizar o sentimento anti-sistêmico. Nisto está a sua prevalência um estado ainda mais poderoso do que eventualmente vencer ou perder.

Para se ter uma noção do que é isso, basta imaginar que se Bolsonaro morresse hoje, seja da causa que fosse, natural ou em decorrência de

complicações do atentado sofreu; se viesse a perder as eleições seja lá como isso fosse possível. Ou mesmo se viesse como pregam seus propagandistas conspiracionistas ganhar e não levar. Ainda sim, o bolsonarismo prevaleceria. E prevaleceria por uma razão muito simples: o antipetismo se cristalizou em Bolsonarismo. O mito messiânico de Lula já não é mais o ídolo do cultos e fanos políticos, mas sim o outro mito e messias do campo oposto. O próprio bolchevismo da cúpula do partido petista, apelou ao stalinismo descarado e tratou de apagar as pressas a figura da velho grande líder até das fotografias de campanha. Sintomático.

Se engana quem pensa que a esperteza da nova direita se resumiu em capitalizar o sentimento antipetista para da rejeição forma a base da sua coalização, eles já foram além, capitalizaram o sentimento anti-sistema como base para eventualmente tomar reformar e moldar o sistema de acordo com a ditadura dos seus preceitos e preconceções. Ou seja conseguiram se apropriar do sentimento de revolta e anseio por transformação como veículo não só para conseguir chegar ao poder, mas para tomá-lo e se perpetuar nele até não poder mais, como gostaria um Zé Dirceu. Eis o denominador comum entre eles. todos eles, de todos os projetos autoritários de direita ou esquerda, que mal eles conseguem não confessar, reformular o sistema não para empoderar a sociedade nem muito menos a população, mas para adequá-lo a sua visão de mundo e vontade de poder, que o diga precipitado General picado pela mosca azul.

Mas eles que são brancos- perdão nativos em franco processo de embranquiçamento da raça- que se entendam. Não escrevo estas palavras para nem para essa direita nem esquerda totalitária que evidentemente não tem nenhum outro projeto ou ideal senão o a tomada, retomada e perpetuação no poder. Nunca fiz (nem deixe de fazer nada) nada que eles queriam nem sob paga nem sob ameaça que dirá de graça ou por medo

frente a uma ameaça do outro lado. Não nem por desespero. Por sinal uma ameaça de viés fascista que embora não seja nenhuma invenção da esquerda bolchevique, mas é ainda sim, sem a menor sombra de dúvida, em dimensão e projeção ganhou um produto das suas mais desastradas e desastrosas políticas de governança, economia e sobretudo estratégia eleitoral. É inegável que Bolsonaro, como tanto outros figuras que surgiram no mundo faz parte de uma onda mundial, mas o sucesso ou fracasso em cada país desse projeto, dependente de muitos fatores, e aqui um dos determinantes foi a completa perda da credibilidade dos outros polos do espectro político e da esquerda em especial.

Bolsonaro jamais teria ganho a proporção e amplitude sem as desastrosas prepotentes e criminosas omissões, manipulações, perseguições e alianças da esquerda palaciana vestidos de pragmatismo e realismo político que fariam corar os mais reputados canalhas do coronelismo e populismo mafioso das nossas velhas e “novas” repúblicas oligárquicas. Não é a eles portanto que me dirijo, porque não são parte da solução mas a outra face da moeda do mesmo problema. Um câncer que se alimenta bipolarmente um do ódio autoritarismo do outro, numa disputa de quem seria a menor ameaça e deformação teratológica para a grande maioria da população e democracia. Como se cada por si só já não fosse ameaça suficiente, e a guerra que é tudo o que sustenta não fosse composta de fanáticos fundamentalistas a se retroalimentar do extremismo radical alheio que salvo portanto as cores e paixões ideológicas são idênticos em mentalidade e comportamento. O culto da discórdia onde impera quem conseguir dividir e apartar mais. No fundo o mesmo projeto a gosto do freguês: a ditadura dos seus valores via tomada do aparelho estatal e constitucional.

Evidente portanto que não é a eles que dirijo minhas palavras, mas sim a esquerda que mesmo não sendo libertária sabe que a igualdade não se

promove através da desigualdade de poderes, ou o que é a mesma coisa pela privação de liberdades fundamentais, mas sim pela garantia de igualdade de liberdade fundamentais incluso como direitos as condições materiais básicas que constituem essa igualdade de liberdade não mais como privilégios hereditários ou autoritários, mas chances iguais e oportunidades iguais e reais. Enfim me escrevo para aqueles que considero a verdadeira esquerda que carrega como ideal a transformação e desenvolvimento humano e social e não quem se apropria e monta nesses ideias e idealistas como bestas e cavalos para levarem a sua finalidade e objetivo de vida: os palácios e o poder.

Me dirijo portanto àqueles que sabem que princípios meios e fins jamais podem ser separados, não sem matar tanto os ideais quanto as realizações. Escrevo portanto para quem tem como ideal a realização dos princípios como meio e não fim. E não para aqueles que a direita ou esquerda acreditam e praticam a máxima da perversão que funda a política muito antes da sua ciência: os fins justificam os meios- incluso a redução de tudo e todos a meros meios a consecução de uma finalidade que destituída de principio e ideais, não representa nada senão o fim em si mesmo, o poder pelo poder.

Assim sendo meu luto não é pelo projeto de poder corrupto e totalitário que tomou e feriu de morte a esquerda muito antes da ascensão do seu abajur do capeta, ou o perigo que bolsonarianismo representa, mas sim pela dimensão profundidade do estrago que esse monopólio político-partidário produziu para muito além dos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, mas dentro da própria senso e noção comum da população e sociedade dos princípios, ideais e causas, que até mesmo na qualidade de direitos tão fundamentais quanto os civis, sociais e humanos, foram tomados e propagandeados como se fossem causa exclusiva não só de um campo do espectro ideológico, mas propriedade

privada e logomarca político-partidária. Direitos portanto que assim se tornaram presa fácil a seus opositores e perseguidores que hoje vendem a sua renegação como se fossem mera propaganda e ideologia esquerdista ou petista e não um o que são de fato direitos naturais e humanos por definição, sem cores, bandeiras nem partidos.

Direitos que um lado tenta se apropriar outro expropriar, porém ambos com o mesmo proposito instrumentalizar a batalha em torno deles como território da conquista da sua ideologia e tomada de posição estratégica do seu projeto de poder. E em meio a essa guerra direitos e o próprio estado democrático de direito vai sendo abatido a cada atentado não só simbólico, mas real, não contra ideias mas pessoas naturais humanas que ao contrário dessas vivem de fato, sofrem de fato e portanto perecem nesse jogo pela posse do poder de fato e suas representações simbólicas e institucionais.

Nessa guerra simbólica e institucional onde gente é bucha de canhão, não basta apenas se posicionar do “lado certo”, mas tomar posições no momento certo. O certo aqui, longe do sentido da propaganda ideológico tem o sentido da estratégico, do cumprimento da função ou objetivo pretendido e não do contrário. Isto quer dizer que as mesmas posições em diferentes momentos podem não só ter o mesmo resultado, nenhum resultado como podem até ter o resultado adverso. Podem funcionar como verdadeiras armadilhas, na qual tanto a liderança político-partidária, que manobra o movimento social ou popular na tomada de uma posição pode instrumentalizar ou mesmo queimar a causa em benefício ou sacrifício do seu objetivo estratégico de poder, quanto a adversária da causa pode capitalizar e desconstruir a causa se valendo da associação ideológica-partidária para produzir divisões ou mesmo desqualificar sua natureza ou reivindicação universalista. Supondo é claro que tal movimentos movimentos sociais ou populares genuínos,

movimentos suprapartidários de fato não-governamentais e não pelegos, paraestatais ou meros comitês ou aparelhos de interesses partidários e ideológicos constituídos para atuar na frente dessas causas.

É nesse sentido, com tais preocupações que aqui se fala em reconstruir uma esquerda, não portanto como partido ou ideologia, mas como movimento e organização social que visam a emancipação da população, de natureza libertária, livres não só do autoritarismo das próprias vertentes e viesses autoritárias que corromperam e não raro reduziram povo e movimentos causas e até mesmo leis enquanto direitos constitucionais em moeda de troca dentro do balcão de negócios com inimigos-aliados do tráfico político-governamental dentro da máquina estatal.

Porque é por essa e outras razões que vou encher o saco: Inês é morta. Ou mais precisamente é exatamente por causa dessa estratégia proposital e premeditada que só levantou seriamente a bandeira da denuncia contra o fascismo de forma tão tardia, só levou a sério essa ameaça que ontem as pessoas riam, e pintavam como um palhaço, e hoje choram e se descabelam (e dependendo porquê, como razão). Não, a estratégia dita kamizaze da esquerda petista tenha sido uma estratégia suicida, ela foi mais uma vez tudo menos suicida. Estupida? prepotente? irresponsável? Canalha? Um estratégia típica de um status quo falido disposto a usar e abusar de tudo e todos para obter o que quer? Um estratégia desconecta com as diferentes camadas da população, seus interesses sentimentos e aspirações de quem caga e anda para os outros? Sim para todas as alternativa, e sim com certeza. Mas por isso mesmo foi literalmente um tiro que saiu pela culatra. Foi um erro crasso. E o que pior um erro crasso, foi erro que já tinha precedentes público e notórios. A estratégia democrata na eleição norte-americana de Trump.

Não foi só o petismo que pensou que alimentar Bolsonaro para enfrentar um adversário politicamente incorreto era então seu passaporte garantido de volta ao Planalto, mas todos os contendores do dito “campo democrático”, ou sendo menos presunçoso, os centro e a esquerda. Porque vamos e convenhamos se guardadas as devidas proporções Bolsonaro é Hitler, do outro lado da foto também guardadas todas as devidas proporções o que não faltam é estatopatas com genocídio de civis inocentes em horário de expediente comercial, mas pode fechar os olhos e chamar de estadista se algum deles for o da sua estimação.



Mas perdão pela digressão. Voltemos a estratégias “democráticas”:

Por mais incrível que pareça, não só partidos, mas novamente imprensa resolveram seguir (inacreditável a parvice) o mesmíssimo o roteiro do filme norte-americano, com direito inclusive as mesma intrigas nas articulações e desconstruções entre aliados mais competitivos, mas que não eram caciques tão fortes dentro dos seus respectivos campos, correntes e partidos para desbancar os capos como Lula ou Alckmin, que assim como Sanders foi engolido por Hillary. A aposta aqui foi a mesma

de lá. Figuras que mesmo desfrutando de popularidade pífia, ou reputação suja mesma, preferiram e conseguiram impor seus nomes. Aqui como lá, o calculo era simples: a maioria da população sendo obrigada a escolher entre o Coiso e qualquer coisa preferia qualquer coisa no lugar do “Coiso”. Mas como vimos erraram feio. Entre o “Coiso” que só fala bosta (como diz com propriedade o próprio humorista de direita) e qualquer coisa que só fizeram bosta, a população preferiu dar o benefício da dúvida para o “Coiso” obrar na coisa pública. Vai dar merda? É lógico que vai. Mas esse é o problema de escolhas forçadas e cartas marcadas. Aqui e lá, Trump e Bolsonaro souberam usar esse descontentamento e a prepotência de gente que acha que o povo é idiota ou pode ficar impunemente no trono a sua revelia, em seu favor. E o resto é a repetição da história de como fascistas e assemelhados nas crises capturam o sentimento da população para ditar suas agendas.

E se você por uma acaso vinha já se perguntando porque só agora, porque só aos 45 do segundo tempo os vídeos que estavam disponíveis na internet há anos, ganharam ampla divulgação pelos veículos alinhados e aliados, a resposta é simples, porque eles não entenderam nada, e erraram de novo. Nos seus prepotentes cálculos político-partidários não interessava a nenhum deles desconstruir Bolsonaro, mas pelo contrário vê-lo crescer para então supostamente desconstruí-lo com facilidade. E o que deveria ser balas de prata no momento certo, manifestações virou não só o tiro desesperado na hora errada, mas o tiro que passou a ter o efeito adverso! aumentando ainda mais a curva do crescimento do “Coiso”.

Bolsonaro, não era mais Zé Mayer, ou Aécio não era figura pública, uma celebridade. Ele como Lula ou Trump já havia entrado no estagio do mito, poderia ser gravado mandado “agarrar mulheres pela buceta”, ou mandado mobilizar “as de grelo duro”, que não mudaria em nada o seu

conceito. Não que a esquerda não soubesse como funciona a idolatria e mitificação, é obvio que são especialistas, mas em criar em não identificar e destruir. Eles sabem que o mito sempre cresce não só segundo a lei Caubi: “falem bem, falem mal, mas falem de mim”. Mas também-sabendo como se martirizar e demonizar o adversário- como massa de pão: “quando mais bate mais cresce”. Vide Lula na prisão. discursos de vitimização somadas a teorias de conspiração e perseguição garantiram a invertida de um partido que saiu praticamente morto depois do dilmismo. Na verdade isso estava claro e patente, mesmo até para quem não entendia a semiótica e psicologia de porquê os ídolos crescem quanto mais martirizados e perseguidos aos olhos de seus fieis. Era um dado estatístico. Porém, no entender deles Lula era o mito. Bolsonaro não. Erro clássico dos autoritários e absolutistas: Só pode haver um. E claro esse Um é sempre o mito e mitologia deles e nunca a dos outros. Como diria Lula sobre si mesmo Lula já não era mais uma pessoa mas uma ideia, e ideias não se prendem nem se matam. Megalomania fora, ele esqueceu outra propriedade do mundo das ideias. Ideais e ideias não tem dono em muito menos monopólio, mas concorrência. De modo que Bolsonaro agora surfa na mesma onda que outrora foi dele, a dos fanáticos.

Talvez aqui alguém proteste dizendo o liberalismo, é mera fachada e propaganda de autoritários que estão se contendo seu antigo e declarado desprezo pela vida e liberdade das pessoa humana, e que quando eles chegarem ao poder, mostraram sua verdadeira face e voltarão com toda carga para implantar seus preceitos de forma autoritária.

Pois então. Exatamente. Isso te lembra alguma coisa? O próprio MBL já declarou em entrevistas que se inspirou nas estratégias da esquerda, para articular e mobilizar seus movimento e concretizar suas agendas.

Some-se portanto esse outro erro disseminado no campo da esquerda, a falácia do politicamente correto e eis que a bomba Bolsonaro está armada. Quem tenta impor uma ditadura ideológica através da transformação da ofensa da agressão subjetiva em agressão concreta, abre uma via de mão dupla. De modo que aquilo que é ofensa mortal para a esquerda progressista, é uma medalha de honra para a direita conservadora, mas também o que é um direito básico de liberdade de expressão, manifestação e identidade para essa esquerda, agora é de novo a ofensa a honra, moral e bons costumes, em sua a ditadura ideologia e cultural oposta. Construa um sistema onde você quer impor valores e o sistema de imposição de valores irá devorar suas liberdades. Ótimo para tiranos, ditadores, péssimo para pessoas que ainda lutam por fazer respeitar seus mais básicos direitos como respeito a sua liberdade e não obrigações sobre o alheio.

Assim no campo de batalha da luta simbólica, enquanto a esquerda ia desaprendendo o valor e poder disruptivo da subversão e humor. A chamada direita alternativa que se tornaria o guru das novas direitas mundo afora ensinava explicitamente como se apropriar e empregar essas estratégica clássica da esquerdas subversivas contra déspotas e ditaduras, contra sua próprias vertentes autoritárias e totalitárias, convertendo para si não liberais, mas fazendo reacionários se acreditarem verdadeiros revolucionários. Ah, esses bolcheviches e suas incríveis máquinas estatais e partidárias...

A chave para compreender como Bolsonaro conseguiu chegar onde chegou, está dentro da própria história que já é passado, mas ainda sim passado recente da esquerda brasileira e mundial. Está em como as correntes mais autoritárias tornaram um projeto de emancipação e empoderamento e desenvolvimento da população brasileira, em mero projeto de doutrinação, fanatismo, corrupção e perpetuação no poder. E

eis a grande dificuldade de tal reflexão e re-volução surgir dentro desse ambiente reacionário e autoritário travestido de progressista. Seria necessário olhar e mais do que fazer uma autocrítica renunciar a vícios que constituem toda a base que restou de poder e manobra desta velha esquerda- incluso para escapar da condição de boi de piranha dos seus outrora perante a fúria judiciária.

Oh, que dilema? Dilema uma ova. Dilema para quem tem o rabo preso, ou come na mão e do butim deles. Que eles respondam por seus atos, queiram assumir ou não sua responsabilidade. Porque para quem não está interessado em projetos de poder, nem ideologias, mas na defesa de gente da sua vida, liberdade e dignidade como direitos fundamentais não há dilema nenhum, nem lado ou partido algum a ser tomado deste ou daquele impostor. Porque seu lado o seu partido a sua classe é um só, o seu e não por acaso é do todo população, de cada um particular e de nenhum coletivo com primazia nem exclusividade.

O desafio de quem se coloca sempre organizadamente do lado da sociedade e população, do povo, do social, da nação, não como partido, governo ou estado, mas como comunhão em torno do bem que antes de ser privado ou estatal é público e particular, e sobretudo bem comum, o desafio de quem não se alia a A nem B nem C , mas compartilha e se solidariza com a sina da seu povo, que estará sob jugo de um ou outro é um só, não se deixar cair em tentação e livrar-se e livrar-nos de todo o mal. E amém.

É por isso que ao contrário dos autoritários que como bichos não podem viver no mesmo lugar, mas só em jaulas ou sozinhos até só haver um. Os verdadeiros libertários da esquerda ou direita, conseguem viver em paz porque concordam com uma coisa: o problema não está desde ou daquele lado, mas em quem está em cima e quem está em baixo, e principalmente

em quem não consegue viver se não for pisando, montado ou regulando a vida dos outros.

Porém, nossa maior virtude e também nosso maior falha, porque enquanto não conseguirmos de fato nos governar livre da prepotência dos tiranos e autoritários, assim como os povos que nunca são governantes mas governados por definição, nunca estaremos livres deles, mas presos ao eterno ciclo de esperança e frustração dos condenados a ser tiranizados, querendo ou não, crendo ou não, por aqueles que um dia foram chamados de seus salvadores por seu povo.

Mas como a esperança é a última que morre e sonhar é de graça. Vai que cola né? Quem sou para dizer que não?

Agora quem não quer esperar para ver o que acontece na próxima loteria, quem não quiser bancar a Marina Silva e reaparecer com suas consciência e reponsabilidade político-social só na próxima festa da democracia, recomendo investir seu tempo e dinheiro em utopias e não ideologias; em Menos demagogia e doutrinação e mais ação social e libertária. Sai mais barato que a campanha do Meirelles. Você pode pagar tanto mico quando o Daciolo; não precisa lambar o saco do Lula nem do FHC. Nem entrar pro esquadrão do Capitão. E se não gostar de aparecer pode fazer igual ao Eymael (fingindo para fins retórico que ele faz algum), pode fazer seu trabalho quieto e em paz. E bônus: ainda tem garantido o seu prazer sádico de pobre fudido que mesmo sabendo que vai se ferrar amanhã de novo (como sempre),ao menos pode desfrutar desses raros momentos da vida: ver quem tanto fez para te foder se fodendo... e muito.

Nessas horas juro que queria ser um moleque de novo ou um velho já completamente boçal para esquecer do que mitos são capazes, só para

poder comemorar de verdade, ao menos um dia, o rodo que tanta gente ruim levou. Só que não. Amanhã, como ontem, é “dia de branco”.

Racismo: credos e cultos de raça, gene e seus mitos nacionais e religiosos.

Da separação de Estado e Religião e a Liberdade de Consciência (parte 3 e Conclusão)

[Do estado de negação da realidade sua produção e exploração](#)

[Da separação de Estado e Religião e a Liberdade de Consciência \(parte 2\)](#)

[medium.com](#)

Dos povos escolhidos as nações predestinadas

Estado e Religião. A simbiose entre essas indústria do parasitismo das populações carentes é quase tão antiga milenar e conhecida dos libertários quanto a própria a noção de liberdade e libertação, muito antes do renascimento ou a divisão entre idade das trevas e das luzes. Afinal, assim como se fala de renascimento, de iluminação, quando de fala de libertação e não de liberdade, estamos falando de uma função que carece de objeto e função. O que está morto e precisa renascer? O que está em trevas e precisas de luz? O quê, ou melhor, onde e quem está cativo a precisar de libertação? Libertar quem? E do quê? Quem se diz libertário, e não define qual cativo pretende abolir e a quem pretende abolir é tão libertário quanto o cristão que ama o próximo, que felizmente não é

suficientemente próximo de ninguém para precisar sair da sua zona de conforto e comodidade.

Será que as ovelhas e vacas que estão no abatedouro também tem um deus, ou sonham com o deus das vacas? Será que o gado no abatedouro também sonha com uma vaca sagrada ou fardada que irá guiá-las para fora dos cercados de volta ao paraíso perdido? Ou será que elas ovelhas e vacas rezam cheias de esperança pelo dia da iluminação ou do juízo final onde aqueles que as algozes que devoram vão se tornar seus protetores e como nos mitos infantis para filhotes de lobos e cordeiros, o lobo e o cordeiros vão viver juntos e em paz? Será que esses animais sonham? Será que esses animais acreditam? Será que esses animais também confiam que a mesma mão que a alimenta e afaga sua cabeça jamais será aquela que passará a faca em seu pescoço e devorará sua carne? Ou será que após milênios de domesticação, seleção artificial onde os espécimes mais arredios e selvagens foram exterminados, e somente os mais dóceis foram reproduzidos em cativeiro, tal condição se tornou sinônimo do ser bovino? Quem diria que um dia o cão de guarda e companhia, que aquele pitbull que não pode viver sem coleira em sociedade, ou o pobre yorkshare que mal consegue respirar ou viver, apenas para o prazer do seu dono segurá-lo nas mãos não existia, e descende de raças livres.

Mas não. Não somos cães nem gado, o que é a mais um motivo para não sermos tratados nem aceitarmos ser como tais. Felizmente a domesticação humana não se pratica entre seres humanos de raças distintas. Embora os racistas e xenófobos ainda não saibam, não queiram saber e continuem odiando tendo ódio de quem sabe e conta. Como muito já sabiam e provou o geneticista italiano (que não é uma raça, mas um povo) que morreu recentemente, Cavalli Sforza, o conceito de raças é uma ficção:

(...) Foi uma verdadeira revolução. A genética das populações era capaz de produzir uma “árvore genealógica” da humanidade capaz de contar nossa história. O pai de tentou que seu filho se apaixonasse pela astronomia. Não conseguiu, mas, assim como os astrônomos são capazes de olhar para o passado distante quando observam estrelas e galáxias, hoje os geneticistas podem detectar rastros de acontecimentos remotos dentro de nossos genomas.

E não só isso. Em seu famoso ensaio Genes, Povos e Línguas (1996) onde se vale até da demografia, desenha um paralelismo entre as linhas filogenéticas das populações mundiais, a linguística e a arqueologia, para acabar reconhecendo que as três disciplinas contam a mesma história. É um “atlas genético” que fala de homens e mulheres migrantes desde sempre, e que se miscigenam entre si. Um espinho na garganta para compatriotas dele como o xenófobo ministro Salvini.

Em suas pesquisas e em cerca de 300 artigos científicos, Cavalli Sforza chega a uma conclusão que o obcecava desde que precisou enfrentar o racismo que levou à expulsão do seu professor e que ele próprio sofreu como italiano no começo da sua carreira nos países anglo-saxões: as “raças” não existem, ou melhor, existem só na cabeça dos racistas. Nos anos em que estava sendo forjado nos EUA o Projeto Genoma Humano, ele lidera o Projeto Diversidade do Genoma Humano, que foi o que apresentou ao Senado daquele país em 1993: estudando genomas das populações mais remotas da Terra, conseguiu demonstrar que os seres humanos são bastante homogêneos geneticamente, que “os grupos que formam a população humana não são nitidamente separados; em vez disso, constituem um continuum. As diferenças nos genes dentro dos grupos que têm algumas características físicas visíveis comuns são virtualmente idênticas às diferenças entre vários grupos, e, além disso, as diferenças entre indivíduos são mais importantes que as observadas entre

grupos raciais”, como escreve em Quem Somos? História da Diversidade Humana(1995, lançado em 2002 no Brasil).(…)

Em outro escrito, quando recebeu o prêmio Balzan em 1999, dizia que “embora a população humana possua uma enorme variabilidade genética entre indivíduos, 85% do total da variação ocorre dentro de cada uma das populações, e só 15% as separa. Portanto, não podemos utilizar para a comparação das diferentes populações humanas a mesma medida de distância genética útil para comparar as espécies vivas, para as quais é suficiente um indivíduo de cada espécie”. Em outras palavras, por mais que seja geneticamente e até intuitivamente fácil distinguir as características de duas populações em dois continentes diferentes, não é tão simples fazer isso com dois indivíduos, como pode acontecer com dois cães. Em uma entrevista ao EL PAÍS em 1993, ele foi taxativo: “Podemos falar de população basca, mas nunca de indivíduos de raça basca. As diferenças genéticas não justificam, nem nesse nem em nenhum outro caso, o conceito de raça, e muito menos o racismo”.

Em sua reflexão, adquire muita mais relevância a cultura como motor para justificar as diferenças entre as populações humanas. E à interação entre genética e cultura ele dedica muitos escritos (aqui e aqui, por exemplo) explicando que os poucos anos (evolutivamente falando) que a humanidade teve para evoluir desde quando um pequeno grupo de hominídeos deixou a África não seriam suficientes para a evolução de raças diferentes, excetuando-se pequenas diferenças. Entretanto, a cultura — que, ao contrário dos genes, pode ser transmitida também horizontalmente entre indivíduos, e não só verticalmente, de pais para filhos — permite explicar muito mais as inovações e as diferenças.

A divulgação de suas ideias era muito importante para Cavalli Sforza. É o que contava em outra entrevista ao EL PAÍS, em 1998: “Com um pouco mais de

*tempo, definindo o absolutamente necessário e reduzindo o número de termos científicos ao mínimo necessário, é possível explicar a ciência a todos". Mas não era um iludido. Também escrevia em Quem Somos?: "Pensamos que a ciência é objetiva. A ciência é modelada pela sociedade porque é uma atividade humana produtiva, que exige tempo e dinheiro, pois está guiada e dirigida por essas forças que exercem no mundo o controle sobre o dinheiro e sobre o tempo. As forças sociais e econômicas determinam em grande medida o que a ciência faz e como faz". -**O geneticista italiano que desmontou o conceito de raça***

O geneticista italiano que desmontou o conceito de raça

"O racismo é um antigo flagelo da humanidade." Esta frase foi pronunciada pelo geneticista italiano Luigi Luca Cavalli...

brasil.elpais.com

Tudo portanto que o racismo tem para se provar concreto e real é o que as fronteiras geopolíticas imaginárias entre os países tem: gente disposta a matar e morrer para provar que sua visão e divisão abstrata do mundo é tão certa, verdadeira e solida quanto um muro de concreto. Ou seja nada que uma marreta bem real também não resolva, vide o muro de Berlim. Porém essa é justamente a diferença mais concreta entre as leis e ordens dos homens e da natureza. A ciência da lei e ordem natural serve para levantar e derrubar muros com ou sem marretadas, mas marretadas e muros não funcionam para estabelecer lei e ordem naturais , mas apenas manipular o campo de ação e visão dos ignorantes e impotentes cercados por muros com ou sem marretas à mão.

Nada nos impede portanto de ignorar e até mesmo manipular a natureza, assim como nada nos impede de manipular a nossa própria ignorância e

conhecimento da natureza, mas não sem pagar o preço. Porque podemos manipular, adulterar, corromper, e até mesmo destruir a natureza, mas não sua lógica; assim como também podemos falsificar apagar ou simplesmente ignorar os saberes já constituídos ou obstruir suas descobertas, mas não sem consequências sobre nossa capacidade de lidar com a natureza do mundo e do conhecimento, não sem causar danos e destruição sobre ambos universos, o mundo real e a nossa visão dele, a natureza e a inteligência.

Tudo o que Racistas, supremacistas, assim como autoritários e farsantes em geral, enfim todos os fabricantes, pregadores e vendedores de distopias, tem e usam como arma é isso: Mitos, mitomaníacos e suas hordas de fanáticos preconceituosos e fundamentalistas. O que não é pouco. Já que são praticamente imunes a dialogo e razão, ou sofrimento de quem não consideram como absolutamente iguais em espécie, gênero, classe e nível.

Tem baixíssima autoestima e empatia como severos prejuízos ao estabelecimento de laços solidários e relações pessoais e social sem mediação de lideres e doutrinas. São altamente sugestionáveis por seus ídolos e figuras de autoridade e estão condicionados e acostumados ao uso da violência sistemático e racionalizado da violência ritualizada. Podendo ser se tornar agressivos e violentos sem nenhuma razão ou emoção envolvida, inclusive com (ou simplesmente por ser) estranhos ou até mesmo com os mais próximos e conhecidos que os contrariem ou sejam considerados ofensivos ou uma ameaça as suas doutrinas, costumes, enfim a ordens e comandos estabelecidos e recebidos. Ou seja pessoa perigosas sozinhas, altamente perigosas em grupo, e perigosíssimas quando armadas ou em posições de desigualdade de autoridade, posse e poder sobretudo diante de pessoas mais inocentes e vulneráveis. Como por exemplo crianças que não sabem o que adultos

fazem ou são capazes de fazer, ou mesmo adultos carentes que mesmo sabendo preferem continuar em negação acreditando que o papa é pop e que governos são formados por gente absolutamente preocupada como papai e mamãe com eles.

Viver sob a tutela, custódia, vigilância, governo, ou simplesmente no meio de pessoas assim é uma das mais piores e mais cômodas e perigosas ilusões de paz e liberdade que um ser humano pode alimentar. É como viver numa síndrome de Estocolmo, um sequestrador violento que fomos obrigados a acabar gostando e até defendendo para ver se conseguimos sobreviver. Ele é muito legal, razoável, e até civilizado desde que você concorde com tudo o que ele quer, faça tudo o que ele mande e sobretudo fique onde, com quem e sobretudo seja e se comporte exatamente como ele deseja. Enquanto você não o contrário, mesmo que ele diga que 2+2 não são 4, ou que você não é gente não como a mesma autoridade, não com a mesma igualdade de poder que ele, tudo ficará na mais santa paz. Mas basta que as coisas saiam do controle, e as coisas incluem você, basta que ele seja meramente questionado que esse maníaco possessivo compulsivo vai revelar sua verdadeira face, como por sinal já tem acontecido em todos níveis do macro ao micropoder. Do marido ciumento que prefere matar ou mutilar a esposa e até os filhos ao invés de perder o seu pátrio-poder, ao tirano prefere matar de fome a bomba ou a bala sua própria população, todos esses maníacos patológicos por posse e poder estão dispostos a cometer os piores crimes antes de perder o seu trono, ou o que é a mesma coisa os verem livres. Livres dele.

Dizem que a relação entre senhor e escravo é uma simbiose de interdependência. Isso é outro mito, o escravo pode viver muito bem sem senhores, tão bem quanto o doente sem os vermes, quem não pode viver o hospedeiro é o parasita. É só a ele a quebra da relação de exploração significa a morte, senão dele como pessoa, dele como parasita.

Metade de tudo o supremacista e autoritário também usa e abusa. Mitos e violência. Ou seja tudo que ainda resta a quem interessa a manutenção e propagação do racismo e supremacismo e autoritarismo: a difusão e manutenção de uma realidade absurdo e insustentável; tanto via mitos fantasias e manias pela manipulação e falsificação mitomaníaca do real aos crédulos e vulneráveis a fidelização, quanto sua imposição via força bruta, privação e obstrução tanto da natureza quanto da verdade, enquanto conhecimento tanto da origem quanto sua lógica, aos hereges e infiéis.

Logo seja através da impostura de mitos genealógicos e cosmológicos, seja através da imposição de instituições parasitárias sem a mínima condição socioambiental ou mesmo político-econômica de se sustentar a longo prazo (ao menos não sem a destruição do população ou terra hospedeira), esse supremacistas e seus sistemas vão dominando e consumindo até a extinguir o universo dos seres, recursos e ambientes que conquistam. E não importa que imposição de realidade seja a construção de um mentira insustentável e monstruosidade irreparável, o desenho desse sistema não é feito para servir a humanidade, mas sim para colocar tudo e todos a serviço de quem detém a posse da máquina, do monstro feito para servi-lo enquanto viver, e prolongar ao máximo sua subsistência e poder, não importa as consequências. De tal modo que esse sociopata supremacista, uma vez entronado como déspota ilustrado sabe que o pagamento pelos seus erros e crimes é logicamente inevitável, mas não a transferência desses custos e responsabilidade para as próximas gerações de bastardos — que por sinal já nascem devendo e predestinadas para trabalhar para eles, ou melhor para seus herdeiros legítimos porque iguais em sua superioridade cuja falta de fundamentos biológicos científicos que a sustentem, se compensa com preceitos e preconceitos culturais, mitos políticos, econômicos, religiosos e civilizacionais.

A história da humanidade não está (só) impressa nas narrativas míticas de Estados e Religiões, mas gravada na gene biológica e cultural dos povos. Gostaria de dizer que forma indelével, mas nada é indelével e incorruptível, apenas exigem meios e conhecimentos mais complexos para decifrar e reproduzir e adulterar os códigos e consequentemente a memória e programação, seja por métodos mais pesados e invasivos, ou mais sutis e logo perceptíveis e rastreáveis. Muito já se perdeu na própria perda da diversidade cultural e de vidas humanas por vezes de populações inteiros, bem como seus registros. Mas ainda sim, enquanto houver um único ser humano na terra, gravada em sua gene e genes.

Sua história, não seu destino. porque tanto as doutrinas da predestinação, quanto o determinismo científico também não passam disso: mitos, superstições, frutos da mais sincera e honesta ilusão ou negação da realidade ou do mais descarado charlatanismo e demagogia, não importa, o resultado é o mesmo. O que a investigação da nossas heranças tanto cultural e genéticas comuns e difusas, permitem rastrear nossos padrões de comportamento, para além dos mitos de negação e racionalização dos absurdos. Permite entender exatamente o que fizemos e fazemos e porquê. E a partir disso, nos perguntar se queremos ou não, manter essa trajetória e padrões de comportamento e e concepção de humanidade, civilização, nação e ser humano. Uma escolha acima de tudo, mesmo quando não negamos ou aceitamos os fatos, mas para o bem ou mal trabalhamos com eles.

Por exemplo.

Darwin, já havia demonstrado que em algum lugar do passado temos um ancestral comum com outros primatas. Não descendemos do macaco, mas nós, os primatas, e também outras espécies de homens (extintas como população mas que como ainda sobrevivem no DNA da nossa

espécie), temos uma ancestralidade comum. Sforza foi além. Confirmou que dentro da espécie humana não existe diferenças genéticas significativas, que sustente qualquer conceito de espécies de homens distintos ou raças. Nem a seleção natural nem a sexual produziu incompatibilidade genéticas significativas entre as populações. Como bem sabemos (e muito antes da descoberta do genoma) pessoas de diferentes “raças”, podem reproduzir normalmente, e ter filhos perfeitamente saudáveis, probabilidade que decaí significativamente quanto mais próximo for o parentesco entre os genitores. De modo que o velho mandamento moral (e sabedoria popular) de não trepar com pais irmãos ou parentes próximos continua sendo no mínimo digamos eufemisticamente bem mais saudável.

Na verdade, nem mesmo o verdadeiro cruzamento interracial entre os homens primitivos com as “outras raças ou espécimes de seres humanos” produziu nenhum “novo homem”. Evidente que esse ser humano miscigenado (nós) não era mais absolutamente idêntico ao seus ancestrais. Mas ninguém o é. Nem mesmo clones ou gêmeos univitelinos, o são. Porque o que genética define no nascimento, o meio ambiente, a história de vida, as mutações epigenética, e sobretudo tão subestimada força de vontade tão importante para o desenvolvimento da inteligência e consciência e personalidade e mentalidade dos indivíduos (e coletivos) é mais do que suficiente para fazer cada pessoa distinta sozinha e comunidades por elas formadas, formas de vida únicas e completamente diferentes, mas ainda sim absolutamente iguais enquanto pessoas humana e culturas.

Já portanto quanto Darwin, fez a sua demonstração científica da origem biológica comum dos homens e animais, a possibilidade de construir uma visão da relação do homem com a natureza menos agressiva, belicosa e destrutiva estava aberta, já era possível fazer uma interpretação mais

libertária e humana do mundo, compor uma versão científica, da visão são franciscana do mundo onde todos somos criaturas de deus. Cosmológica e não teológica, mas ainda sim, fundada no mesmo princípio de respeito a origem a gênese da vida que todos partilhamos. Só que não. Dê energia nuclear praticamente infinita para a humanidade, e alguns tentarão fazer a luz chegar a todos; outros construirão bombas, e as usarão para ameaçar e matar tantos quanto precisarem para conquistar territórios cuja extensão nem mesmo um César ou Khan jamais sonhou para seus impérios.

Não. As ideias de Darwin não caminharam para essa senda. Mas para a oposta. Não vou nem entrar na questão do quanto o próprio sir Charles Darwin era tão racista quanto seu primo pai do eugenismo Francis Galton, ou mesmo ignorante do seu racismo. Não me interessa, não aqui, entender o que se passava na cabeça de Darwin. O fato é que a seleção do mais apto, rapidamente foi adulterada, para a do “mais forte”. E rapidamente buscou-se verificar qual “raça” de homem, era mais selvagem, mais próxima do macaco, e qual mais humana, evoluída e civilizada. Ou mesmo quem de fato era um ser humano que merecia o direito humano de viver, e quem poderia ou mesmo para o bem da espécie humana deveria esterilizado ou mesmo exterminado não como se fosse um animal mas um parasita. Rapidamente a ciência foi adulterada e instrumentada ideologicamente a serviço do velho e bom supremacismo, predeterminismo, imperialismo, escravagismo e colonialismo. onde nós a raça dominante e escolhida por deus ou a natureza; onde a monstruosidade se autojustifica, autoproclama legítima e racionaliza pela própria hegemonia da brutalidade e violência. “Somos nós que temos a força para esmagar a cabeça e pisar no pescoço do outro, logo somos os selecionados os eleitos.” Nós somos a civilização humana, a evolução, o progresso, os outros, são bárbaros, selvagens, mais próximos do macaco que do homem civilizado. O velho racismo e imperialismo, que com o advento do eugenismo e estado-nacionalismo, atingiu o ápice (até então)

do supremacismo no totalitarismo das teratológicas ideologias e regimes nazistas, fascistas e stalinistas. O resultado dessa escalada monstruosa da desumanidade não é preciso descrever.

Porém aqui estamos nós, para provar que o aprendemos com erros não se transmite geneticamente, e as vezes nem culturalmente. E que preconceitos, superstições meramente reprimidos pelo patrulhamento moral e politicamente correto não extinguem o mal, apenas o maqueiam e enraízam ainda mais profundas e enraizadas das subconsciência dos frustrados. Um barril de pólvora de ódios velados e represados que em momentos de crise, de fissura do arcabouço dessa realidade desprovida de consciência, na primeira faísca simplesmente explodem arrebrandando as frágeis paredes da hipocrisia que a sustenta. E os mais absurdos discursos de guerra e ódio não só parecem mais concreto e sinceros que os nobres discursos de paz e amor. Eles são. E no nesse completo vácuo das instituições cenográficas que vão caindo, os velhos preconceitos por trás delas ganham o palco e voltam a se tornar explícitos e se disseminar sem freios na sociedade do espetáculo.

Assim enquanto Sforza usava a genética para demonstrar como os preconceitos não encontram fundamentam nem cabem no código genético, cientistas continuam a seguir a senda da eugenia, buscando encontrar ou enfiar no gene fenômenos que habitam antes de tudo sua cabeça preconceituosa. Não se engane não era só a busca de uma explicação mágica determinista para todos os fenômenos psíquico e sociais complexos que extrapolam o reducionismo biológico, mas mais uma vez a instrumentalização da ciência posta para racionalizar preconceitos e ideologias a serviço de interesses político-econômico. No fundo uma espécie de retorno as origens eugenistas do qual a genética como ciência nunca perdeu completamente o ranço, salvo trabalhos como o de Sforza que mais do que um desvio genial do padrão da mediocridade,

é a exceção que confirma a regra. Ciência desonesta? Não ciência inconsciente. Ciência que ignora a própria mentalidade e cultura da que não derivam os constructos mentais. Mas as superestruturas político-econômicas que governam e direcionam as pesquisas e influenciam não só o fracasso e sucesso das pesquisas e carreiras sem precisar tocar nas teses, laboratórios ou experimentos, não precisam. Já que podem até mesmo obstruir a ciência, a partir do momento que detém as condições materiais, para predeterminar as possibilidades, ou se preferir, as probabilidades de realização ou obstrução.

E estamos falando do campo da produção de conhecimento científico. Imagine agora o campo da difusão e interpretação tanto desse e outros conhecimentos. Assim, fora a evidente “preferência” por difundir outros estudos de natureza duvidosa, ou patrocinados interesses mais duvidosos ainda; ou pura e simplesmente a “preferência” por não difundir tais resultados científicos ou simplesmente resultado nenhum; fora tudo isso que não é pouco, e que campo da difusão, também no campo da leitura e interpretações, dentre as mais variados análises e críticas que poderiam ser produzidas dentre as n implicações que poderiam ser deduzidas a partir do trabalho de Sforza, no geral mais uma vez prevalece a mesma mentalidade: A busca por adequação desse trabalho ao velho paradigma. Ainda que de modo algum esse trabalho nele caiba, já que contesta explicitamente não só o racismo, mas em análise mais profunda o próprio base das construção dos velhos modelos de classificações e qualificações dos seres baseados nada mais nada menos que na discriminação preconceitual, derivada não só de uma observações superficiais, mas de aparelhos sensoriais e cognitivos completamente corrompidos e distorcidos por sua visão e pré-juízos preconceituosos.

Se já com trabalho de Darwin havia uma aberto uma senda de lucidez e racionalidade para a noção de gênese comum, e com ela recuperarmos ao

menos um pouco do bom senso e respeito perdido pela aspecto sagrado da vida de todos os seres vivos. E se com o trabalho de Sforza essa senda de lucidez e razão ganhou uma dimensão mais profunda, revitalizando o conceito humanidade como fraternidade e irmandade ancestral.

Novamente a leitura e a direção tomada foi a inversa. Se o racismo não poderia ser contrabandeado dentro da gene da humanidade, não é claro sem antes demolir completamente o edifício da razão, e substituí-lo mais uma vez pelo fidelização fanática e fundamentalista, então é justamente onde esse processo de fidelização e idolatria se processa e do qual o racismo e supremacismo nunca deixou de fazer parte, incluso nos campos da ciência, que a essa mentalidade de supremacia, hierarquia desde a gene e origens dos homens e civilizações cavaria suas novas trincheiras e faria casamata para sua eterna guerra contra “o outro”.

Se não é na gene biológica a origem da predestinação à desigualdade entre os seres humanos, é então na gene cultural. Sua frente de batalha agora, ao menos nesse primeiro momento da guerra contra outros povos é a da luta a muticulturalismo, ou numa leitura libertária, a contra-reação autoritária para a manutenção do sistema nervoso de todo pensamento totalitário, o culto ao absoluto, supremacia do poder total e todos poderosos como única realidade tolerada e causa do monopólio autoproclamado legítimo da violência.

É o racismo e patriarcalismo disfarçado de nacionalismo e patriotismo, operando nas falhas estruturais do entendimento e conceituação das liberdades de credo culto e expressão. Operando como os juristas fazem com o códigos legais, ou os hackers quando invadem um sistema operacional, Eles não criam falhas, eles exploram as falhas propositalmente instaladas no core do sistema. Falhas que governos e corporações não podem consertar, porque consertá-las, não é só fechar as brechas que o sistema usa para se alimentar , é alterar as bases da

arquitetura onde o sistema está instalado. Para acabar com a vulnerabilidade das sociedade para o vírus do nazi-fascismo é preciso acabar com a vulnerabilidade da sociedade para toda programação ideológica instalada pelo próprio sistema. Mais ingênuo que isso, para não dizer tolo, só mesmo acreditar que o poder político pode acabar com a corrupção do poder político, ou na profecia do messias de espada em punho montado no seu cavalo branco...

Como bem explicita a natureza do mais novo movimento nazista que encontra mais uma vez na Áustria a sua voz, mais explicita e sincera:

As atividades do GI normalmente alvejam eventos que promovem a integração — isso porque ele diz não acreditar em integração, mas sim na assimilação dos imigrantes muçulmanos.

“Assimilação significa que você se identifica completamente com o país, com a nação, com sua história”, ele explica. Caso contrário, “é traição àquela comunidade, que está te dando braços abertos, aceitando você, então, você tem que colocar os interesses dela diante dos seus.”- **Martin Sellner, o austríaco que é o novo rosto da extrema-direita na Europa**

Martin Sellner, o austríaco que é o novo rosto da extrema-direita na Europa

Em abril de 2016, centenas de pessoas estavam na plateia de um teatro na Universidade de Viena, na Áustria, para...

www.bbc.com

Não consigo pensar em nada mais sintomático dessa idiotia generalizada que agora mesmo brasileiro, filho de imigrantes europeus achando que este pensamento está correto. O pensamento com o qual ele sequer existiria como a pessoa que é, ou talvez nem sequer existisse como pessoa, com seus antepassados mortos ou deportados por insistir em manter seu credo e identidade cultural.

Há quem acredite que a guerra e a paz sejam da intolerância e tolerância. Não nem a guerra é meramente fruto só da intolerância as diferenças e diferentes, nem muito menos a paz do saber meramente tolerar as diferenças e diferentes. Não basta tolerar é preciso prover igualdade enquanto humanidade e proteger a sua diversidade cultural, mas as diferenças culturais, proteger não só a liberdade e identidade das diferentes culturas, existente, mas a liberdade e identitária absolutamente livre e pessoal de cada pessoa incluso para fomentar uma nova cultura e sociedade.

De fato só existem duas formas de conviver em grupo, a sustentável e a insustentável.

A insustentável, funciona impondo igualdade pelo extermínio das diferenças e dos portadores de diferenças e diferentes, e é insustentável porque ou termina em guerra de todos contra todos, ou em ultima instancia apenas com um último intolerante na terra, já que ninguém nunca será completa, absoluta e logo jamais suficientemente igual para aplacar seu desejo de totalidade e uniformidade.

A sustentável, não é aquela que tolera todas as diferenças e diferentes, não é sequer uma forma de vida ou de viver, mas justamente o resultado da convivência das diferentes formas de vida e viver capazes não só de

deixar as outras em paz, mas de se defenderem mutuamente justamente contra aquelas cuja característica não é outra senão, eliminá-las, por apropriação, absorção ou velho e primitivo extermínio em massa mesmo, seja pelo cerco das armas seja pelo cerco da fome.

Notem que esse vontade de prevalecer e impor sua forma de vida aos demais, não é um mal que assola a mentalidade de único povo ou está presente em uma única cultura, mas praticamente em todos. Porque isso não é cultura enquanto liberdade de comunhão e identificação, mas violência ritualizada como culto e costume. Negação existencial do alheio, como se fosse afirmação da própria existência. Não é a toa que eliminado um inimigo esse cultos imediatamente buscam outro sujeito para obsessar, parasitar e se apropriar do trabalho e cultura, eles não tem substância própria, não tem outra lógica senão a negação e predação, que sendo a base do seu sustento e sustentação da sua forma de vida, se torna automaticamente o discurso totalitário de defesa legítima da preservação enquanto eliminação e prevalência sobre todos os demais.

Por isso que pouco importa se o discurso de discriminação, segregação e em ultima instancia extermínio racial e ou cultural tenham fundamento. Eles não estão perseguindo verdades, eles estão buscando desculpas e culpados. Eles não estão interessados em entender nada nem ninguém, estão preocupados em racionalizar os atos que cometem ou vão cometer, desumanizar o alheio para não importa a monstruosidade do que fizeram ou deixarem outros fazer para preservar sua condição material atual, poderem sentar nos seus bares, clubes, igrejas, parlamentos, escritórios e jantares familiares com a certeza de que não são animais com medo de ter que compartilhar ou dividir nada, nem o pão, nem a terra, mas cidadãos de bem, justos, honestos civilizados e deter hordas de vândalos e bárbaros. Botar mais água no feijão? Nem fudendo, quem não tem pão que coma brioche bem longe da minha porta.

Não é portanto uma questão de ciência, mas de consciência. A começar de consciência do quanto paradoxalmente fazemos questão de ignorar a ciência e ao mesmo tempo a cultuamos e supersticiosamente a superestimamos como se ela pudesse nos salvar da nossa vontade de ignorar e não compreender não só a natureza do mundo, mas a natureza diversa dos outros como igual justamente no direito não só de ser como é, mas de usufruir dos meios necessários não só para poder existir, mas coexistir em paz, como direito e dever.

Trabalhos como o de Sforza ao apontar para as essas inconsistências racistas, nos nos livrar desses preconceitos supremacistas de povos eleitos por deus selecionados pela natureza, por sua gene divina ou natural pura e superior, tão ao gosto de políticos, economistas e cientistas e empreendedores que gostam de tratar gente (e bicho) como coisa, cobaia e objeto dos seus estudos e realizações. Mas não fazem só isso. Elas apontam para inconsistências que vão muito além e que não gostamos de encarar com as devidas investigações e críticas que elas suscitam. Trabalhos como o de Sforza também apontam para o fato que o genocídio mesmo quando sendo evidentemente fraticida não nos incomodamos, ao menos não o suficiente para nos tirar do estado de negação e comodismo e nos mobilizarmos para colocarmos um ponto final nisto. Mas isso abre toda uma outra questão sobre estados e negação e ausência de capacidade empática que precisa de um artigo só para elas.

O fato é que o mapeamento genético, ajuda a investigar a história da humanidade. E a revelar quem somos e porque fomos. Mas não peça para a descoberta e revelação mesmo a científica assumir o lugar e fazer o trabalho que cabe ao bom senso, o juízo e a consciência. Até porque mesmo quando querendo ele só o pode assim fazê-lo como impostor do entendimento e aprendizado que ensaja como pregação e falsificação do próprio conhecimento como doutrinação.

Ademais é importante salientar que recentes descobertas demonstram que não só nosso gene é composta de uma mesma origem, como de diversas espécies de seres humanos. Ou seja pouco importa o quão semelhantes ou dissemelhantes sejam nossas árvore genealógica origens genéticas ou até mesmo cultural. A pergunta é somos ou não seres humanos capazes de produzir juízos usando nosso próprio juízo e autoridade e razão, ou precisamos ainda seguir juízo de autoridades alheias? O conhecimento é mapa, não a realidade, nem mesmo quando o X aponta com perfeita correção o lugar que queremos ir.

Quando olhamos o mapa genético das populações humanos por um lado podemos celebrar o fato, que nem a seleção natural nem a artificial tiveram tempo suficiente para promover alterações genéticas distintivas. Por outro só temos a lamentar o que isso também implica. Ou seja: se por uma lado, a difusão de relações humanas baseadas em discriminação, segregação e exploração baseadas em preconceitos de raça e classes sociais não produziu geneticamente as distinções que impõe como condição ambiental e cultural; Por outro, também implica justamente nesse triste e monstruosa realidade ancestral que nós perpetuamos como espécie, e enquanto tal, como humanidade estamos a matar em última instância senão nossos irmãos, mas próximos nossos primos ignorados, as vezes, de forma lenta, desorganizada e até omissa, outras de forma rápida, sistematizada e propositiva — exatamente como defendem as mais radicais teses racistas e supremacistas que não se contentam em pregar seu direito “natural” de superioridade e dominação sobre os “inferiores”, mas o direito “natural” de dispor da sua vida como bem entender, incluindo nisto não só a escravização até a morte, mas o extermínio sumário daqueles que não são considerados úteis e produtivos ou toleráveis à eles.

Logo não há nada para se celebrar. Pois no que concerne a evolução dos crimes contra a humanidade, ou se preferir a evolução criminoso dessa cultura do genocídio humano, o fato de termos todos uma raiz dentro das nossas árvores genealógicas e sermos todos filhos e frutos de um mesmo pai, não só não é capaz de produzir qualquer sentimento de irmandade na nossa psique prevalente de Caim, como ainda por cima é um agravante que faz de todo homicida um fraticida em maior ou menor grau de parentesco.

E se digo todos filhos de um mesmo Pai, e não de uma mesma mãe. Não o faço de forma despropositada e incauta do seu patriarcalismo. Pelo contrário é justamente ao rastro não só cultural, mas sim genético do patriarcado inscrito no código genético das populações humanas. Onde não só os o gene das famílias e povos mais pobres e dominados foram (e continuam) a ser progressivamente extintos em de forma rápida e explícita em períodos de grande perseguição, extermínio, geralmente marcados por guerras, como também de forma lenta e velada, minguando e desaparecendo (assim como sua cultura) em longo períodos de exploração, exclusão e carestia de pax e jugo desse pátrio-poder como domínio e jurisdição territorial.

Processo de extermínio, que portanto, nem sempre se opera sempre se opera de forma imediata e , mas por envolve a apropriação, escravização e reprodução dos caracteres culturais do dominador mas também do biológico. Seja caindo jovem nos campos de batalha, seja morrendo na violência das ruas, o homem desclassificado racial e socialmente vai, o dominado e seu descende vai desaparecendo. E seja estuprada por hordas de soldados, seja prostituição ou esposada a mulher dominada vai sendo tomada como mero objeto de reprodução da prole do conquistador, seja de bastardos a servir como escravos, súditos ou empregados, seja como herdeiros na falta de outros mais “puros e legítimos”.

Ficção? Não meu irmão, bastardo e ancestral, essa história está inscrita no genoma de diversos povos mundo afora, que tem como ancestral comum não os pais dos seus pais, mas os pais dos seus soberanos ancestrais que não nasceram entronados, mas construíram suas dinastias, pelas armas comuns a todos os criminosos, a espada, pilhagem e estupro. E não só não se refrearam, como fizeram dele a lei e a ordem. E não só no que concerne ao privilégio do monopólio do roubo e pilhagem, mas no que conserve ao do estupro. Praticando-o não só por meio dos mesmos subterfúgios com o qual ainda extraem o trabalho alienado de quem não tem mais sequer o chão e o pão, mas de forma mais primitiva e descarada ainda, seja tomando as escravas quando bem entendiam enquanto sua propriedade legal, ou até mesmo exigindo seu direito a desfrutar a noite de núpcias com a serva recém casada como seu direito de senhor feudal.

O que a propaganda e os mitos de criação dos povos e nações falsificam, agora a investigação histórica tem no DNA mais um subsídio para verificar não só fato já está registrado na historiografia, mas para verificar a extensão dessas práticas, e dimensionar o impacto da cultura patriarcal da escravização e estupro e genocídio na formação das atuais povos e civilizações humanas.

Logo, considerando, hábitos e costumes das populações humanas e seu impacto da gene e código tanto cultural quanto biológico do próprio homem quanto da natureza como um todo. Podemos dizer que o mito racial é absolutamente teratológico e falso, não é por causa do advento tardio da domesticação na evolução da espécie humana, e sim pelo fato a compulsão sexual, não raro manifesta no desejo e fetiche pela rapinagem e estupro e posse do diferente muitas vezes sobrepujarem o desejo de morte e extermínio de tudo que lhe é estranho a si mesmo. Não só carregamos a prova da história da humanidade na nossa gene e genes

composto das mais diferentes etnias humanas. Obviamente não das famílias pobres condenados a morrer, mas bastardo dos landlords e conquistadores que tomaram estupraram e prostituir as mulheres, as vezes como direito legal ao longo da história.

Assim, o elogio a miscigenação entre os povos longe de ser o romântico casamento inter-racial que forma o mito de novos povos, contra o desejo proto-nazistas de segregação e extermínio das raças inferiores e impuras do espaço vitais em favor da prevalência da gene pura e superior dos seus dominadores e exterminadores. É muito mais um elogio ao estupro como arma de guerra e perpetuação da condição da mulher a condição da mulher a mera hospedeira e reprodutora da gene que determina a propriedade hereditária dos seres e a posses dos seres sem pedigree como coisas.

Dois processos distintos de colonização e seleção artificial não só cultural mas genética que implicam num mesmo fim para os sujeitos submetidos extinção por abdução, extermínio, expropriação, apropriação e desintegração da sua gene cultural, biológica, ambiental e livre vocacional.

De modo que o que nosso autor do velho mundo chama de gênese inseparável das comunidades políticas e eclesiásticas progresso da humanidade e civilização como identidade coletiva, foram para o novo mundo o apocalipse de toda a sua diversidade, incluso a cultural, o armagedom ainda em curso das sua identidade coletivas locais, e comunidades políticas e religiosas.

O Estado e Religião, a identidade coletiva de uns, ou melhor do UM, constituída nada mais nada menos, do que da desintegração e antropofagia da identidade do outro.

Matar, foder, devorar, não são práticas que ocorrem necessariamente juntos ou exatamente nessa ordem, como num ritual de um maníaco psicopata, mas estão erótica e teratologicamente presentes e nas camadas mais profundas da mentalidade de um cultura patriarcal e que se reflete no comportamento e relações fetichista e reificante de posse e poder sobre a natureza de todos os outros seres incluso seus semelhantes os humanos. De modo que quando um político clássico bandido e corrupto e populista cunha a expressão: “estupra, mas não mata”, e “bandido, bom é bandido morto” ele não está dando voz como representante a outra mentalidade senão aquela que reflete a opção estratégica preferencial (e não excludente) que caracteriza a noção de pátrio-poder e especificidade da identidade (coletiva) patriarcal predominante. Sua estratégia evolutiva paripasso aos dos chipanzés permanece: eliminar os machos, e tomar as fêmeas.

Mesmos regimes que não gozam da fama de tolerância, pacifismo e racismo tão bem velado e dissimulados como os brasileiros, e que junto com seus genocídios cometeram o sincericídio de fazer das suas práticas a sua ordem e propaganda de guerra. Como por exemplo, o “[Sanko Sakusen](#)” a *Política dos Três Tudos*, (Matar tudo, Pilhar tudo, Destruir tudo), uma estratégia de terra arrasada a saber: não abandonaram também a outra estratégia criando as infames mulheres de conforto. Um exemplo, que não é exclusivo nem pontual. Mas cuja prática generalizada ao longo da história não os relativiza uns aos outros, nem muito menos os normaliza.

Pensar nesses episódios como um desvio padrão nas guerras, invasões e ocupações ao longo da história da humanidade e não como o padrão das culturas patriarcais, é no mínimo hipocrisia e desonestidade, procedimento a serviço da replicação desses padrão, tanto o inverso, tentar tomá-lo por normal e natural e não patológico e monstruoso via a banalização da sua generalização.

Assim os mitos de gene cultural e nacional baseados na misgenação consensual são narrativas tão verdadeiras ou digamos críveis quanto os mitos de extinção dos povos por acidente natural durante os períodos de guerra de ocupação imperial e colonial. Curiosa a credulidade, porque quando morre um investigador ou testemunha ou juiz ou mesmo a vítima que ira depor contra uma mafioso, a suspeita que recaí sobre o acusado se torna absolutamente razoável, mas quando morrem milhares de vítimas e testemunhas da sua história e memória a hipótese de um desastre natural se torna perfeitamente plausível. Seria porque somos parte interessada enquanto os respeitáveis receptadores legais do produto desse latrocínio fraticida?

Se considerarmos ainda a prática recorrente da bestialidade em seu sentido usual de intercuro sexual forçado com outras espécies- embora como todo esse tipo de tarados, como todos os demais, jure que é a relação é consensual ou que ele é que a vítima seduzida, verificamos que a cultura do estupro e assassinato fazem parte de uma mesma mentalidade que caracteriza a gene e identidade dos povos e nações atuais de forma muito mais determinante do que seus mitos e credos históricos ou religiosos que romanceiam sua gênese, como a compatibilidade e incompatibilidade genética é um fator muito mais determinante tanto a preservação genotípica quanto da diversificação fenóptica do que as estratégias culturais de preservação e prevalência específicas dos diferentes clãs, famílias, sociedades, povos e nações.

Por outro lado a psique do homem civilizado baseada a repressão e condicionamento dos seus instintos incluso os sexual ou violentos e não formou nenhuma consciência capaz de autogovernar seus comportamentos, ou alterar senão superficialmente sua mentalidade e comportamentos sobretudo como coletividade. De modo que os hábitos e costumes que alteram significativamente a cada geração o desenvolvimento e equilíbrio do seu ego e empatia, não raro de forma fisio, ambiental e sociopatológica felizmente ainda não produziram adulterações nem divisões nas famílias humanas.

De modo que felizmente as práticas de moralidade e imoralidade do homem, seus credos e preconceitos não foram suficientes para modificar substancial nem significamente sua gene, nem mesmos seus hábitos, ritos, costumes ou sistemáticos procedimentos de extermínio antropofágico foram capazes incompatilizar ou eliminar nem a diversidade nem a integralidade humana, ou mais precisamente a diversidade dos individuos e coletividades como pessoas e povos dentro da integralidade da igualdade e universalidade enquanto seres humanos e humanidade.

Longe de ser a herança cultural e moralidade ou a herança genética predeterminadores exclusivos ou predominantes, a capacidade de autodeterminação de cada ser humano e sua coletividade geração após geração ainda prevalece como fator determinante sobre as condições preestabelecidas e hereditárias culturais ou genéticas. Não que a preconcepção códigos culturais de moralidade ou a manipulação de códigos genéticos não sejam capazes conseguir tal alteração das predisposições fisiológicas do ser humano, mas o fato é que isso avança, não procedeu de forma definitiva nem irreversível. A vocação humana para inteligência e consciência e livre-arbítrio ainda persiste e nasce a revelia das piores condições de privação, repressão, e continua a se

desenvolver naturalmente e espontaneamente, mesmo onde falta de estímulo e provisão. Teimando em Sobreviver com o que tem e como pode, logo muitas vezes de forma precária, com o pouco que ainda lhe resta de seus instintos gregários e dignidade mas ainda sim sobrevivendo.

De fato ciência genética não tem prevalência sobre a consciência como determinante na tomada de decisão, nem poderia a vir a tomar esse lugar nem biológica, nem culturalmente, não como fator constituinte nem determinante nem da ética nem muito menos do ethos. Não porque o DNA é formadoos pelo diferentes espécies humanas ancestrais, ou porque similaridade por similaridade de DNA também compartilhamos mais de 98% do genoma de muitos primatas. Mas porque isso é assim como nossos credos e preconceitos irrelevante tanto para o nosso julgamento e respeito a vida e liberdade dos nossos semelhantes em inteligência e consciência quanto de todos seres dotados de sensicência.

Tão perigoso e insano quanto uma pessoa que nega o direito a vida e liberdade, ou a alma em outro ser porque esse é dogma dos seus mandamentos, é o individuo que é numa bela manhã descobre que seu vizinho não é gente, ou os gritos de um animal vivissecado não tem importância por que foi provado cientificamente que um não é gente e outro não sente nada. Quem varia o seu juízo ou renuncia a ter um, em favor do alheio, seja ele da natureza que for é por definição um idiota, e mais idiota ainda se faz isso quando toda a sensibilidade e inteligência empática, todo o seu senso e noção comum, seu instinto de preservação gregária lhe diz o contrário que o outro sente e sofre.

É irrelevante se a origem da vida inteligente, senciente ou consciente é comum, se temos todos uma mesma gene e somos irmãos ou não. Ou mais precisamente a origem e herança são completamente irrelevantes á ciência, consideração e valoração ética e fenomenológica da vida e

liberdade. O juízo afirmativo ou negativo que se forma e varia conforme a influência credo ideológico sem o filtro e o crivo do próprio senso e noção que formam a próprio-concepção como fator determinante da formação da convicção, são reprodução e retransmissão de concepções alheias e não de juízos plenamente espontâneos e conscientes. Não são juízos nem opiniões que refletem o senso nem a noção que a pessoa eventualmente possui, mas justamente a falta de senso e noção para formular seus próprios juízos seja a dar ciência dos fatos ou opiniões. Denota tanto a falta do exercício e desenvolvimento da sua capacidade e potencial de próprio-concepção quanto a contaminação cultural do processo que serve tanto para anular esse potencial e capacidade quanto emular os interesses e concepções alheias: a alienação. Um processo onde a informação não entra como dado ao processamento da questão, mas já como a resposta pré-fabricada aos questionamentos e argumentos que advogam em favor dessa concepção.

Ou seja o processo de formação de opinião pelos formadores de opinião, onde rigorosamente o termo estar ciente não se aplica com propriedade, já que até mesmo o saber científico é transmitido, ao menos aos leigos, não como tal ciência ou aprendizado científico, mas via reprodução e retransmissão de respostas prontas por comportamento cognitivo reflexo e condicionado. De tal modo que uma pessoa que defenda o direito a vida de todo ser humano fundamentado nos argumentos de autoridade, seja eles quais forem, científicos ou religiosos, e não a sua ligação natural como a vida, pode ser convencido pelos mesmo processo ou procedimento do qual derivam suas atuais convicções e fundamentam seus juízos, a alterar ambos em conformidade com a informação ou ideologia recebida mesmo que ela contrarie sua percepção e cognição.

Em outras palavras tudo absolutamente tudo, não só as mais evidentes e concretos, lógicos experimentados dados científicos, mas até mesmo as

mais falsas ou fantasiosas narrativas são igualmente fonte de informação para o processamento e compreensão da realidade, incluso da produção de narrativas míticas ou científicas e matéria prima e fábricas o pensamento e a cabeça dos pensadores. Porém desde que elas sejam tomadas como conclusão ou representação da real, mas como dados, para tal investigação do próprio pensamento e bases para suas conclusões, de tal modo, que reflitam elas credo, opiniões, ou fé e ciência, em todos os estados mentais o ser pensante esteja plenamente consciente da natureza do seus pensamentos, juízos e grau de certeza e incerteza das suas concepções e correspondência enquanto projeção do real, seja como presente ou futuro.

Assim sendo, o conhecimento da gene biológica ou cultural dos povos não apenas não serve e nem cabe para justificar nenhuma ideia de superioridade racial, ele não está a serviço nem tem nenhuma responsabilidade de trabalhar para desqualificar tais absurdos. Sua é responsabilidade é com sua coerência, porque sempre será responsabilidade da nossa consciência examinar, denunciar e corrigir os absurdos venham eles de onde vierem.

Um ser dotado de sensência, inteligência e consciência, não pode renunciar nem muito menos se obrigado a trair nenhuma delas, quanto mais as três que constituem a sua natureza da sua potencia, vocação e realidade. E quando digo não pode não quero dizer que não deveria ser feito, estou dizendo que é impossível sem fazê-lo sem matar tais capacidades volitivas, sem matar o ser reduzindo-o a terminal burro ou laranja mecânica. Sentir, entender e compreender, são capacidades essenciais cuja perda em favor de conhecimentos, mandamentos ou preconceções funcionam tão bem quanto para o juízo quanto uma camisa de força.

Mas o quê o racismo tem a ver com a separação de Estado e Religião?
Qual a relação desse exemplo com o tema central, ou pelo menos o fio da meada dessa reflexão?

São exemplos dos juízos e consequente tomadas de decisão que não pertencem a nenhum arcabouço do pensamento, ou campo do saber, nem político-jurídico, nem culto-religioso, nem tão racional-científico, mas sim carece do livre pensamento na plenitude do exercício são e espontâneo da consciência para sua efetivação e realização. Ou seja o livre pensamento fundamentado na próprio-concepção e autodeterminação e não no fundamentalismo da preconceituação e predeterminação.

É essa lucidez que permite efetuar a devida distinção entre política e religião, mas entre política, religião e ciência. Efetuar o entendimento dos seus pontos em comum não para confundir tudo, mas justamente para compreender e distinguir o que não se deve jamais ser misturado, ou posto sob a tutela de nenhuma preconcepção ou forma preconcebida nem do credo, saber ou método, nem muito menos das relações e organizações das comunhões e comunidades, mas regido sempre pelo exercício da livre vontade enquanto consciência. Regido portanto pela liberdade de exercício da consciência que como tal toma o conhecimento como fonte e subsidio a sua formação e desenvolvimento do pensamento e não como seu campo delimitado da sua visão de mundo. Toma o credo, o saber e as normas e costumes herdados como base para a construção dos destinos e manifestação da potência como transformação e não como doutrina de predestinação disseminadora da impotência como conformidade e conformismo burro e servil.

Conclusão

Assim, considerando tudo isso que foi posto, podemos finalmente responder agora a pergunta posta lá no começo desta reflexão:

Porque as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

E responde-la da forma como os autoritários e autoridades odeiam, e fazem de tudo para evitar e desqualificar... ou seja não com uma resposta pronta dada ou esperada por eles, mas com uma outra pergunta; uma que enseje o questionamento e a formação das próprias conclusões.

Onde, quando e para quem?

Ou mais precisamente porque aqui e não lá? Porque em países ditos desenvolvidos ou se preferir entre potenciais expansionistas e beligerantes, a vida e a liberdade, enfim custa tão caro, e nisto incluso a indenização e reparação por seus danos e a vida e liberdade nas latrinas do mundo não valem rigorosamente nada?

Traduzindo em fatos e custos:

A diocese do Brooklyn, em Nova York, pagará uma indenização recorde de US\$ 27,5 milhões, cerca de R\$ 115 milhões, a quatro meninos abusados sexualmente entre 2003 e 2009 por um professor de religião, com base em um acordo com as vítimas.

Os US\$ 27,5 milhões são US\$ 6,87 milhões para cada uma das vítimas que tinham entre 8 e 12 anos e representam a “mais alta indenização individual” já concedida pela Igreja Católica, disse a AFP um dos advogados, Ben Rubinowitz.

*-Estamos felizes de ver a Igreja finalmente diante da justiça.(...)- **Igreja Católica vai pagar US\$ 27,5 milhões a quatro vítimas de abusos sexuais***

Igreja Católica vai pagar US\$ 27,5 milhões a quatro vítimas de abusos sexuais

NOVA YORK - A diocese do Brooklyn, em Nova York, pagará uma indenização recorde de US\$ 27,5 milhões, cerca de R\$ 115...

oglobo.globo.com

O Brasil é um dos 3 paí-ses escolhidos pelo papa Francisco para testar um projeto-piloto para dar voz as ví-timas de pedofilia por parte do clero (...)

A ideia é que se crie um painel consultivo de vítimas que possam ser ouvidas e, com a experiência delas, possamos levar outras a tomarem a coragem de falar e se abrir, explicou Santos ao Estadão acrescentando que apresentarão a proposta de usar a própria Fazenda da Esperança no projeto-piloto.

*Em entrevista à ANSA em fevereiro passado, o brasileiro jái havia explicado que seu objetivo seria dar prioridade á experiência das ví-timas e ensiná-las a percorrer um caminho de reabilitas o por meio do perdão (...)- **Vaticano anuncia projeto piloto no Brasil para ouvir vítimas de abusos sexuais***

Lá, prende o predador e pune a instituição aliciadora e se indeniza as vítimas. Aqui, o foco é “ensina” a “perdoar” os predadores, e os Predadores?

Um problema exclusivo de religião? Não, um problema político-jurídico assentado na cultura de privilégios corporativos e culto e servilidade a todos poderes e poderosos de qualquer credos, formas ou espécies pessoas e entidades. Ou se preferir de promiscuidade onde convém e interessa e omissão e leniência absolutamente criminosa onde não.

Monsanto é condenada a pagar mais de R\$ 1 bi a homem com câncer - Home - iG

A Monsanto foi condenada pela Justiça americana a pagar uma indenização no valor de US\$ 289 milhões - o equivalente a...

economia.ig.com.br

Vietnã exige que Monsanto pague indenização pelas vítimas do agente laranja

Le Van nasceu surdo, mentalmente deficiente com pernas que são deformadas, ele anda de cadeira de rodas a maior parte...

epocanegocios.globo.com

Glifosato, a poção milagrosa das grandes colheitas do Brasil

O Brasil, segundo maior produtor mundial de soja e terceiro de milho, está firmemente apegado ao uso de pesticidas , em...

exame.abril.com.br

Não.

Credo e politica e ciência e até mesmo o lucro são apenas uma questão subsidiária. Porque ninguém vende nem compra aquilo que não precifica, nem precifica o que não reduz a coisa e mercadoria. Mas somente vende, compra, mata ou sacrifica em holocausto aquilo que coisifica isto é que renuncia em observar e reconhecer como ente para reduzir a objeto da sua vontade como desejo de posse-poder e ideologia que a fantasia.

Não se pratica o genocídio ou assassinato por causa, ou por ordem ou em busca de deus, tiranos ou lucros. Relações de posse, poder e exploração são práticas impossíveis em relação a quem e aquilo que se valoriza mais que o que se idealiza. Assim como é impossível a quem tem um mínimo de amor próprio vender em de livre e espontânea vontade e em sua consciência uma parte do seu corpo por lucro ou por obediência a qualquer senhor na terra ou além. Ou um pai e mãe vender que ama seus filhos estabelecer uma relação de comercio, exploração, escravidão, doutrinação, fidelização a eles mesmos ou a terceiros. É impossível para uma pessoa que naturalmente (empatia) valorize mais a vida e dignidade de qualquer pessoa mais do que posse, poder, causas ou ganhos de qualquer espécie colocar essas concepções como valores acima desses princípios inatos. Ou mesmo obrigar uma pessoa que sabendo da importância dessa sensibilidade, mesmo não a possuindo mais, decida por consciência e vontade de religação a esse fundamentos e se manter fiel a sua vocação solidária ao invés de deixar se desnaturar e desumanizar até o cruzar as fronteiras da personalidade psicopática.

Politica, religião, e até mesmo ciência são nesse sentido apenas mascaras e justificações de nossos desejos e vontades, desculpas para ações e comportamentos que em ultima instância se não estivermos nos últimos estágios patológicos da perda do governo e autodeterminação sobre a nossa próprias ações ou seja dentro do hospício da insanidade absoluta ou prisão das privações e ameaças inescapáveis ainda nos pertencem

como força de vontade mesmo nas mais monstruosas condições e estados de alienação.

A grosso modo não é um questão de preto no branco, mas de grau e seletividade. Somos capazes de ser extremamente humanos e sensíveis com algumas pessoas e seres vivos, e extremamente monstruosos com outros, conforme valoramos e desvaloramos de acordo como nossa empatia e consciência (ou mais precisamente falta delas) sua vida e dignidade em relação a nossos desejos e vontades devidamente racionalizados e justificados por credos e certezas das mais variadas origens, fontes e métodos de produção e difusão. O produto de uma escala de valores mais ou menos universal, e que coloca a vida e dignidade dos seres dotados de anima, partindo de si mesmo, passando por pelos outros seres humanos até englobar todos os seres e entes e fenômenos da natureza em maior ou menor grau empático de reconhecimento, respeito e valoração do que nossas próprias vontades, desejos fantasias e ideias, projeções e conceitos. Por sinal o tipo de organização entre desejo e realidade que caracteriza a loucura sobretudo a maníaca que em seus estágios mais evidentes de imersão e desconexão com as normas e desejos socialmente aceitas ficam tão evidentes como psicopatia, como por exemplo, alguém resolve envenenar não por dinheiro ou estuprar usando o nome de deus, mas matar e estripar para fazer casacos de pele de gente, ou colar de orelhas e voltar para casa e viver (aparentemente) normalmente.

Logo repito a questão: onde quando e para quem?

Por que vida e liberdade ou numa só palavra dignidade praticamente inexistem para alguns?

Como é possível se comprar e vender a dignidade de alguns seres inclusive humanos por nada?

Política, religião e ciência explicam como mas somente a consciência, enquanto autoquestionamento pode dar a verdadeira resposta. Seja como a ciência da ciência, seja enquanto fé ou saber, seja enquanto força de vontade sobre a vontade, alienada ou própria, somente a consciência pode responder o porquê não eles, mas nós fazemos isso.

Onde? quem? E o mais importante? Para quem? Ou seja: Porquê?

Não só é essencial responder perguntas fazendo perguntas a si mesmo, como é mais absolutamente essencial levantar seus próprios questionamentos, não como mera dúvida, mas como estado permanente de próprio-concepção e autodeterminação independente de quanta indignidade e privação somos obrigados a suportar ou enfrentar.

Porquê? A pergunta essencial que dá sentido a todas as coisas, não pode ser respondida senão por quem faz a pergunta e quando a faz de livre e espontânea vontade. E é tudo que precisa para encontrar uma resposta que se procura, mas não é fácil, livrar das respostas prontas e ilusões e realmente se perguntar Porquê? Até esse “porquê?” antes de ser ou não a questão é um estado de espírito. A alma que antecede e sustenta todo esse fenômeno que nos permite dar significado a nossa própria existência: consciência. Mas pode chamar de liberdade em toda a complexidade da nossa forma orgânica de existência dotada de livre vontade, ou se preferir simplesmente vida.

Olhe para o si mesmo e para outro, e use sua capacidade de se colocar no lugar do outro e então pergunte-se: porquê? Não é uma questão de

religião, política nem mesmo ciência, mas sim fé na liberdade e exercício consciência. Até porque sem a essa capacidade empática e a fé libertária no exercício da consciência jamais teríamos nos tornado quem somos, e se a tivéssemos perdido completamente já estaríamos extintos. Bem, talvez já tenhamos perdido e já estejamos fatalmente perdidos, só ainda não sabemos. Mas eis outra preocupação sem sentido que um pouco de questionamento e reflexão resolvem fácil: mortos e extintos a longo prazo tudo e todos estamos todos estamos desde o dia que nascemos, sabendo ou não, o que fazemos da dignidade de nosso tempo de vida eis a questão, e um fato que pode até ser ignorado e apagado da história e esquecido até pela própria memória, mas não da realidade. Mesmo que fosse possível voltar no tempo, e mudar a história, não se apagariam os fatos, mas criar-se-iam realidades alternativas e paralelas, por uma razão muito simples: não há poder, força, nem saber divino ou mundano, material nem transcendental capaz de eliminar o fato primordial: a existência. Ela pode se tornar completamente incognoscível, seja pela falta de conhecimento ou possibilidade de conhecer ou mesmo ausência de seres dotados de cognição, ou fenômenos que possam ser chamados de seres, mas a nulidade aos olhos do outro, sua falta de olhos, ou a abismo infinito de espaço-tempo não anula a existência como fato, mesmo depois que o ser não mais está.

Porquê? Eis o exemplo de uma resposta que não se encontra em deduções a partir de axiomas ou dogmas, que não pode ser respondida originalmente nem por inteligências artificiais nem naturais desligadas e apartadas da natureza da vida enquanto encerradas, segregadas e perdidas na representação ideal, imagética e artificial da vida. Mas tão somente pelo procedimento e mentalidade que se estabelece como disposição e estado de espírito diametralmente oposto, o do ethos libertário; no qual a inteligência está empaticamente ligada a percepção da realidade pelo instinto gregário, e sua noção é produto dessa consciência como forma de

vida autônoma dotada da capacidade de viver em estado de livre comunhão e concepção senciente.

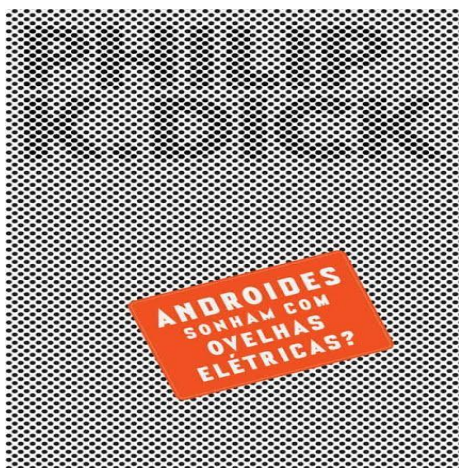
Um monte de palavras que não fazem o menor sentido, sem vontade de liberdade, empatia e a pergunta ou estado que dá sentido a todas as questões e questionamentos a começar pelos religiosos e políticos. Porquê?

Do estado de negação da realidade sua produção e exploração

Da separação de Estado e Religião e a Liberdade de Consciência (parte 2)

Porque as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

Da separação de Estado e Religião e a Liberdade de Consciência (parte 1)



Ovelhas elétricas

Dito isto. Vamos falar então não do retorno reacionário ao velhos paradigmas autoritários, mas do progresso revolucionário absolutamente urgente em direção criativa a inovação e libertação.

Feito a apologia ao racionalismo iluminismo e humanismo, e no progresso liberal, social e cultural que ele permitiu a humanidade senão como um todo aos privilegiados. Vamos falar agora, justamente disso, de onde foi que ele falhou e fracassou, de modo a estarmos novamente gente a espera da concretização da profecia do bezerro vermelho em Israel, ou do homem do cavalo branco no Brasil, para o retorno dos seus messias entre um seriado e outro do Netflix que ninguém é de ferro.

Para tanto permitam-me corrigir primeiro os exageros. Ao contrário do que se acredita o período das Trevas não foi um período tão completa pobreza e paralização da cultura ocidental, artes, ciências e filosofia. Mas sim de monopólio e centralização absurda e extrema onde uma elite religiosa e nobreza de bem nascidos restrita tiveram acesso a toda riqueza material e imaterial que era produzida. Ou seja de centralização e consequentemente desigualdade impares, de modo enquanto populações perdiam até mesmo a posse dos meios e condições materiais e imateriais para produzir o pão, em monastérios e universidades outros ainda encontravam tempo e meios para fazer suas investigações e reflexões filosóficas, não sem censura e perseguição e punição, mas ao menos conseguiam.

Evidente que também essas elites foram afetadas pela pobreza e ignorância com a qual sustentavam suas posses e poderes, e portanto

toda a riqueza e poder mesmo sendo relativamente gigantesco em comparação as massas plebeias de servos e fieis miseráveis, ainda sim com bem menos riqueza e conforto (fora saúde e higiene) em relação ao cidadão de classe média de muitos países modernos, ao menos dos mais desenvolvidos. Em suma, viviam mais ou menos, guardadas as diferenças, como vivem as pessoas cultas, ricas e poderosas de países pobres em desenvolvimento, encasteladas em seus domínios e condomínios, sentindo-se cercadas por pobres, ignorante, fanáticos e marginais que desprezam ainda mais que a pobreza, ignorância ou fanatismo e a marginalização, mas do qual não podem se livrar, nem da deles nem da sua, nem é claro deles, não porque são gente como eles, porque isso é algo um tanto ainda quanto relativo na cabeça deles, mas porque mesmo querendo ainda não podem, não enquanto não tiverem maquinário que substitua esses recursos humanos, porque é desses recursos (e sua condição) que tiram seu sustento do seu status quo e modo de vida. Claro que há aqueles que vão morrer jurando que o trabalho por trás das suas mesas materialização como um passo de mágica o frango embalado dentro das suas cestas nos supermercados. Mas isso, só prova que a cabeça e o corpo embora morram juntos, nunca morrem ou percebem que já estão mortos ao mesmo tempo, se é que percebem isso.

O que me leva ao devaneio sobre se ou quando as cabeça do sistema feudal caíram na real. Será que depois do fracasso retumbante das cruzadas e guerras santas, tentando dar sobrevida a um sistema já completamente esgotado pela pilhagem e guerras internas, com a ampliação das terras e pilhagem para além das suas fronteiras. quando descobriu que não tinha os meios econômicos, comerciais, monetários, financeiros e administrativos para sustentar nenhum império que não fosse o pobre o primitivo reinado da pobreza, ignorância e exploração sobre sua própria população servil. Quando essa nobreza e aristocracia percebeu que se não parasse de cagar onde comia, estaria fatalmente

condenada a morrer como condenava sua plebe marginalizada a viver: suja, pestilenta e analfabeta e assassinada.

Talvez você esteja se perguntando como eles poderiam não ter visto que isso estava acontecendo naquele tempo. Quando a verdadeira pergunta é como nós não conseguimos ver o que está acontecendo agora mesmo. Costuma-se associar o renascimento e iluminismo a grandes gênios, quando parece que não é preciso de tanta luz nem lucidez mas apenas não ser um completo cego para enxergar tamanha obviedade. Mas é por isso que o período não se chama períodos dos cegos, embora não os faltasse, como hoje, mas períodos das trevas, pois não bastava ser capaz de enxergar, mas conseguir enxergar com quase nenhuma luz disponível para quase ninguém.

Assim, a pergunta poderia voltar para nós: quando nos daremos conta que a grande revolução político-econômica entre o feudalismo e capitalismo, não passou do ponto de vista socioambiental de uma mudança e extensão e dimensão das mesmas práticas, e não propriamente uma mudança de relação entre os homens, e dos homens com o mundo. Basicamente ninguém parou de pilhar e cagar na cabeça uns dos outros nem no mundo, a grande revolução capitalista está no desenvolvimento de técnicas para poder pilhar e cagar com conforto e segurança o mais longe de casa possível. A diferença entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o fator determinante Da Riqueza das Nações. Enquanto uns ainda pilham e cagam onde comem, outros não só pilham e escravizam bem longe de casa, mas mandam seus dejetos domésticos para as mesmas latrinas e senzalas do mundo. Algo que qualquer quadrilha sabe, não se rouba nem emporcalha seu próprio território, mas o alheio. Uma mentalidade insustentável próxima do esgotamento junto com o próprio meio ambiente e recursos naturais e

humanos, já faltam novos mundos para pilhar mas gente e povo disposto a aceitar bovinamente ser a latrina e senzala do resto do mundo.

Ora, é preciso ganhar tempo, e se não é possível, abrir novos mundos, não enquanto não enquanto o velho sistema não tiver os meios para colonizar o espaço sideral. Só uma alternativa, aberta o cabresto dos abastados, investir na condição bovina da população até que uma solução final, seja ela de abate ou imigração se torne economicamente e tecnicamente viável.

E eis que a simbiose de Estado como administração política e cultural dos interesses e a religião como doutrinação e condicionamento epistemológica milenar e profunda para a efetivação de tal processo de anestesia e pacificação das bestas de carga e carne de abate volta a carga em doses cavalares, com líderes e cultos religiosos e políticos fundamentalistas e totalitários prontos a se abraçar fraternalmente para garantir que as bases da seus sistema e esquemas de pirâmide sobrevivam. Tiranos e Charlatões juntos e misturados para garantir seus ministérios.

Viver em negação é básico. E negar a negação, projetando ao outro é mais básico ainda.

É aquela história, eu não tenho coragem de matar um pobre e indefeso bichinho, nem estômago para estripa-lo e esquarteja-lo, mas se ele for gostoso que se dane, me manda que eu como. E nisto mesmo quando digo “eu” parece ainda sim que estou falando de um “outro”, e não de mim mesmo- já que também não sou vegetariano.

Pois é. Viver em negação da realidade como uma alteralidade é básico. Mas já passamos desse estágio. E aqui não falo como “eu” ou “eles”, mas como nós porque a loucura pode ser do outro mas a realidade é todos. A sociedade ou mais precisamente sua mentalidade entrou numa nova fase, na qual excluir e renegar já não basta para sustentar seu universo de preconceitos, fantasias e dogmas ideológicos- e claro relações de poder e privilégios derivados a quem interessar possa, agora deles é preciso eliminar o contraditório. Entramos numa fase onde a intolerância evolui para a desintegração. Na qual mesmo os mais tolerantes, querendo ou não, em breve se verão obrigados a encarar ou fugir da dura realidade, se puderem. Ou melhor, obrigados a lidar com a loucura alheia impostas como sua realidade tão absurda e concreta quanto pode ser tudo que é imposto via a força de fato, incluso os delírios histéricos mais insanos. No entanto para lidar com essa realidade, é preciso sair do estado de negação de essa loucura é normal. Nunca foi antes só por que conseguimos suportá-la. Nem é agora que não teremos condições de conviver com ela.

Dizem que hábitos e costumes se adquirem, mas não eles se desenvolvem. E se desenvolvem ou por uso e exercício das capacidades, ou pela perdas. O ser humano é capaz de se adaptar as mais tristes, miseráveis e absurdos condições de vida. E essa capacidade que nos ajuda a sobreviver e suportar o que seria insuportável, é também fatal quando nos leva a armadilha de nos acostumar com o que fatalmente será nosso fim. A pessoa que vive ou trabalha nos esgoto vai perdendo a capacidade de sentir o seu fedor, até perder toda sua sensibilidade, ou seja, vai se habituando até o hábito se tornar um costume. Porém não o hábito e costume de exercer seu potencial como vontade de transformação da sua vida, mas o hábito e costume justamente oposto o de conformação com a impotência perante a sua condição de vida. E é assim considerando cada dia mais normal o que é cada dia um pouco mais absurdo só por que cada vez mais banal que vamos nos se acostumando e conformando com perdas e condições, privações e agressões que não devemos podemos nos

jamais permitir ninguém impor nem supor que ninguém tenha a obrigação de suportar.

Viver em negação é o segredo da felicidade. Ao menos a felicidade de quem vive como hiena comendo merda e rindo. Porém foi-se o tempo que eramos capazes de engolir o fantástico show da vida como se fosse realidade sem ao menos nos perguntar: mas será que isso não é um monte de merda !@ Foi-se o tempo, que bastava não saber como e do que as coisas eram feitas para engoli-las. Continuamos a engolir, mas já precisamos mais do que mera embalagens bonitas para conseguir ajudar os vendedores de ilusão a enganar nossos cérebros. Hoje para ajudá-los a nos ajudar a manter nossa confortável ilusão precisamos muito mais do que o autoengano, ficção e ilusão, precisamos de anestesia, alucinação e fantasia não como entretenimento crível e verossível, mas fantasia como realidade virtual e artificial substituta da pessoal completamente apodrecida e insuportável. Com drogas ou sem drogas precisamos viver como drogados, porque nóias e viciados em ser felizes completamente narcotizados e dependentes do viver de fantasiar uma realidade explicitamente insuportável e insustentável, isso já o somos. E como todo viciado estamos sempre atrás de um dose maior para produzir o mesmo efeito, já que, como disse, o cérebro se conforma e acostuma.

Como cocainados pessoas saem verdadeira comovidas ou excitados ao assistir após uma dose do seu imagético de projeção de uma outra realidade, saem alegres, tristes e revoltadas do seu mundo dos espetáculos, as vezes até chorando sinceramente com a triste história dos pobres negros e índios pelos colonos norte-americanos, ou pelos sofrimentos e angustias e misérias do protagonista, se solidarizando como o personagem, mas incapazes não só de se sentir o mesmo pelo mendigo negro e índio que jaz na sua porta, mas incapazes de se solidarizar consigo mesmo, ou as vezes sequer notar a sua própria

condição sofrível, miserável e angustiante- não sem o intermédio da mídia. Não sem a droga. O viciado pode perder a família ou ganhar na loteria, e mesmo assim só consegue sentir felicidade se drogando ou drogado, não importa qual seja o processo que efetue esse mecanismo de dependência cerebral se químico ou psicológico o resultado é o mesmo. Euforia no pico, apatia angustia e depressão na normalidade e novamente a nóia crises de abstinência. O pior é que na era do broadcast yourself, onde todos são os protagonistas do espetáculo de si mesmo, o personagem fictícia não é mais um personagem, uma imagem projetada pelo outro, mas pelo próprio, onde os sentimentos não alienados não estão senão a projeção não só narcisista da imagem do seu eu virtual, mas pior da projeção da bolha de aprovação virtual dos olhos e opiniões alheias.

É...foi-se o tempo em que os olhos não vem o coração não sente. Hoje os que os olhos veem o coração ainda não sente. E mesmo o que a cabeça a sabe como verdade e até mesmo o coração sente como verdadeiro, não consegue se impor como vontade sobre o desejo e medos. Já não importa que seja falso, já não importa nem que por trás das boas e aparências e sensações há podridão e monstruosidade; não importa o que nos espera, nem de quê e como as coisas são feitas, precisamos de uma outra dose e não importa quem perdemos ou foi sacrificado ontem, ou quem mais será amanhã. Nada importa senão nossa dose instantânea de felicidade presente feita de um passado romantizado e falsa esperança de futuro, mas sobretudo da aprovação fugaz e instantânea da nossa casca cada dia mais vazia e sem sentido.

Na vida contemporânea o sentido da vida foi reduzido a um mero estado fisiológico, o de bem estar e estar bem. Não importa se as coisas o quão mal andam as coisas, o quão mal se esteja, os mecanismos de recompensa e punição introjetados na mente humana do homo civilizado se resume a

uma busca desesperada e viciada pela busca constante da felicidade, como se esse estado fosse o estado ideal de realização plena do sentido da vida de pessoa adulta. Uma busca onde o ser feliz, se resume a sentir e parecer feliz a luz do julgamento alheio, não importa o quão falsa seja essa projeção ou sensação. Entre a nossa percepção e a percepção, entre a relatividade das percepções e a subjetividade das noções, a humanidade perdeu na contemporaneidade a sensação e noção natural e instintiva da sua próprioconcepção, autodeterminação e com ela não só a soberania sobre sua livre vontade, mas sobre seu juízo, fé e razão. Perdeu a capacidade não só de pensar sozinho sem intermediários, mas de sentir, gozar e sofrer sem plateia, direção, roteiro, premiação, maquiagem e curso de atuação.

Naturalmente como qualquer ser dotado de sensibilidade os seres humanos buscam evitar a dor e buscam o prazer, como qualquer ser dotados de memória e raciocínio buscam evitar situações que lhe tragam sofrimento ou coloquem em risco seus prazeres e felicidades. Mas a busca por esse estado, faz tempo que deixou de ser uma resposta instintiva, para se tornar o comportamento devidamente condicionado de manadas de aliados dispostos a viver em completa alienação, letargia ou mesmo alucinação, para manter seu cérebro viciado abastecido da sua droga que substitui o falta de sentido existencial da suas vidas: felicidade.

Não importa, se tudo e todos que você ama estão mortos ou vão morrer; Se sua vida é um fracasso, ou jamais se realiza ou terá a mínima chance de. O que se busca desesperadamente não é a transformação da realidade, mas a fugir desse sofrimento. Como se viver o luto, a amargura, a revolta, o sofrimento, a dor e a raiva fossem o mal do seu ser e estar, e não a condição da real da sua vida. Como se o sofrimento fosse o doença e não o sintoma, ou mesmo a reação natural e necessária. Anestesiados e viciados em nossas bolhas e doses de felicidade artificial, vamos nos tornando

cada dia mais incapazes não só de sentir a infelicidade e sofrimento alheio, mas incapazes de sentir e perceber o sofrimento e infelicidade da nossa própria condição. E como poderíamos se tudo o que nosso cérebro drogado e viciado consegue pensar é: onde posso arrumar outra dose de felicidade? Ou pelo menos outra dose de qualquer anestésico diminuía um pouco a dor da realidade e me faça esquecer um pouco onde estou e quem sou e não sou, outra dose de fantasia como felicidade, ou já só droga mesmo como dose de felicidade e fantasia.

A descoberta de que o mundo que não só imaginamos, mas vemos e sentimos e concebemos, não é nem precisa ser exatamente 100 por cento a correspondência do real, é bem antiga. Tão antiga quanto a loucura. Desconectar-se da realidade como forma de suportar a dor ou encontrar o prazer, viver seus sonhos ou lidar com os problemas, é uma resposta natural, e por vezes, até estrategicamente saudável para a mente recompor-se e reencontrar as forças que carece para enfrentar a dura realidade. E avançamos bastante no conhecimento desses processos, tanto no plano social e psicológico quanto químico e neurológico. De modo que hoje não só é perfeitamente possível viver de forma socialmente aceitável, politicamente passivo, e ser economicamente produtiva nesse estado, como é possível fazer desse estado a condição de funcionamento normal e produtiva do ambiente social, econômico e político. Seja na criação de gado de abate, seja na de empregados socialmente aptos, as técnicas e tecnologias de lido com as manadas avançaram, e tão importante para quanto manter um cercado é manter a carne das massas sempre calma e macia. E claro senão absolutamente feliz, ao menos passiva, impotente e conformada, mesmo que para tanto seja necessário o emprego da estratégia o oposta, o da ameaça da suspensão da droga e perda da fantasia.

Esse estado mental se manifesta em todos os campos ideológicos e classes sociais. Por exemplo. Nada mais sintomático que as críticas a legitimidade de uma pleito eleitoral e seus futuros resultados feitas por ambos os lados.

A direita questiona a segurança e fidedignidade das urnas eletrônicas. E questiona por qual razão! Porque o eleitor não pode ter um comprovante do seu voto que possa servir de prova e conferência do resultado em caso de contestação?

A esquerda questiona porque não permitir que os eleitores dos grotões que tiveram seu direito de votar cancelado por não comparecerem ao cadastramento biométrico não possam votar em urnas não-eletrônicas?

Quando não só a resposta para ambas as questões eliminada a crítica e cegueira seletiva a mesma, mas a questão como um todo é irrelevante, dado que a raiz do problema é mesmo. E não está restrita a tecnologia nem na tecno-burocracia que dominam a polêmica e o debate. Mas na realidade como um todo que prefere negar para se ater esquizofrenicamente aos detalhes.

Sim as urnas eletrônicas, o cadastramento eleitoral, e até mesmo as eleições são apenas um mero detalhe ou se preferir sintomas ou consequências do problemas e não a sua causa. Mas já que somos impotentes para salvar a vida do paciente a república, então nos contentamos em escolher com qual caixão e terno vamos enterrá-lo. As pessoas estão discutindo a legitimidade das técnicas e tecnologias quando se esquecem que de nada adianta o provimento das melhores práticas e sistemas quando eles estão nas mãos e a serviço de quem sabidamente não poderia nem deveria estar? De que adianta discutir a honestidade e

bom funcionamento dos botões que se aperta quando todos sabem, é publico e notório, que quem aperta esses botões não é nem honesto, nem está se lixando para o bom ou mal funcionamento do sistema, desde que ele esteja na cadeira e continue apertando os botões como bem quiser e como melhor o interessar? Prova de que todos sabem do quê e quem estou falando, não só como pessoa mas como função, é que não preciso sequer citar nomes ou cargos. É triste e patético, estamos a discutir sobre a legitimidade dos exames, quando eles serão entregues a falsos médicos, ou pior médicos de verdade mas que fazem parte de uma gangue especializada no trafico de órgãos humanos.

A esquerda minimamente honesta e não alucinada sabe que a denuncia contra a manipulação e falsificação dos resultados no sistema eleitoral não é de ontem, remonta a eleição de Brizola no Rio de Janeiro de 82. Assim como a direita também minimamente sã, sabe que os processos de controle biométrico servem a composição de bancos de dados a serviço de estados totalitários de vigilância e patrulhamento politico e policial do cidadão sejam eles de inspiração fascista ou comunista. Isso sem falar em material que será vazado corruptamente para corporações amigas em troca de propina.

As eleições funcionam como a copa do Mundo e Carnaval, as pessoas dão um reset no cérebro e parecem de nascerem ontem, só para acordar de ressaca, e se perguntarem no dia seguinte onde é que eu estava com a cabeça quando fiz isso?

O sociólogo, filósofo e estadista Tiririca dizia que “pior que está não fica”. Mas fenômenos contemporâneos periódico como as eleições, ou isolados como por exemplo a dita epidemia da Tarantela na idade média provam que não. A tarantela que dá nome a dança tradicional italiana e que deriva da palavra tarântula descreve um “curioso” fenômeno na idade

media, onde as pessoas começam a dançar freneticamente sem parar em grupos que iam atraindo mais e mais pessoas que não conseguiam resistir e que não paravam até caírem exaustas ou literalmente mortas de exaustão. Acreditava-se que tal comportamento era porque as pessoas tivessem sido picadas por tarântulas daí, o nome Tarantela. Mas evidente que não, a culpa não era das aranhas. Não era por causa do veneno delas ou de nenhum outro animal que as pessoas passaram a comportar como manadas de insanos, nem na idade média nem no passado mais recente ou agora no presente. Os gatilhos e a vulnerabilidades fisiológicas e psicológicas que disparam esses comportamentos sociopatológicos epidêmicos são outros e tem outras causas.

Seria curioso se não fosse triste e trágico, assistir como as pessoas em geral são e estão vulneráveis, a serem cooptadas em massas para transes catárticos teráticos, verdadeiras danças da morte, onde a sensação de morrer em grupo é menos desoladora de que uma vida em solidão e isolamento imersa no vazio “do veja como sou feliz!” das multidões.

Felizes dos feios, solitários e inconvenientes porque deles é o reino do saber viver sem a carência da aceitação do alheio, e aprovação do alienador. As pessoas acham que o mal está na tecnologia da hiperconectividade, não meus amigos. O Facebosta, jamais funcionaria e prevaleceria, se não vivemos numa sociedade de hipercarência e necessidade de hiperatenção. Onde estar completamente sozinho com seus próprios pensamentos e sentimentos é mais assustador do que enfrentar esquadras e patrulhas de neofascistas ou neobolcheviques. Chamar responsabilidades e tomar o destino nas próprias mãos é muito mais apavorante do que entregá-lo ele aos piores déspotas e tiranos.

Mesmo diante de um evidente e gritante beco sem saída, preferimos afundar-nos em nossas narrativas fantásticas de realidade. Sabemos que

as alternativas que se impõe como alternativas, não são alternativas a coisa nenhuma. Sabemos que a próprio processo de escolha e tomada de decisão coletiva não é representa nenhuma escolha, nem decisão verdadeira e que no final dessa seleção e eleição, o que quer que resulte dela, não representará a vontade nem terá o apoio verdadeiro de não mais que 1 ou 2, sendo otimista 3 entre 10 brasileiros, e que o restante apenas terá feito uma não-escolha, uma não-eleição, de outra parte. Sendo que 1, 2 e sendo pessimista até mesmo 3 entre brasileiros continuarão dispostos a tirar por todos os meios quem ele não conseguiu deseleger.

O processo da manipulação eleitoral da democrática representativa que empurrava todos para escolher entre falsas opções iguais de modo a manter o sistema, degenerou e como uma câncer anti-sistema está comendo o sistema e empurrando agora as pessoas a eleger entre duas opções

Quem vive da imbecilidade morre pela imbecilização. De modo que os já limítrofes idiocratas também se desconectaram completamente da realidade e em sua prepotência cometeram o mesmo erro da plutocracia norte-americana. Acreditaram que ao eliminar tempo de TV, que ao trancafiar lideranças mafiosas, ou expor as tendências fascistas iriam literalmente arrebanhar a aterrorizada população de volta para o seu cercado do status quo de centro da moralidade e moderação. Mas que moralidade? Que moderação? O centro de poder não só se desintegrou ele derreteu. E só ele não percebeu, graças ao nível de tara, fantasia e descolamento da realidade que só o encastelamento palaciano e poder sem freios (nem imputabilidade) é capaz de prover. O status quo não percebeu que entre o truculência fascista dos Bolsonarianos e o bolchevismo mafioso dos Lulopetismo, o asco pelas hipocrisia das personas e intuições desse poder constituído era ainda maior, mesmo

com todas os dados da dimensão da rejeição ao espantalho que foi escolhido para representar seu interesses: Temer.

Será que é preciso fazer um desenho, para que para uma parcela significativa da população, embora uma esteja a esquerda e outra direita, o pior dos seus males é melhor do que está aí, e que cada qual só não se une porque considera a outra polo ideológico como parte desse sistema que abominam? É possível que pragmaticamente dançando sua tarantela as pessoas aceitam novamente as velhas alianças como a podridão, tanto a esquerda quanto a direita. Mas quando a festa da democracia passar e a ressaca vier, quando o novo governo, não puder cumprir o que prometeu, seja porque é impossível, seja porque teve que vender o rabo para chegar lá, teremos novamente uma país em uma crise ainda maior, com uma população que odeia quem está no poder, e outra mais uma vez traída por quem chegou.

Sei que as pessoas estão enebriadas pelas eleições e que eu estou estragando a festa. Mas tanto faz infelizmente já selamos nosso destino cagamos de novo onde comemos e agora comemos chorando, amanhã novamente rindo e celebrando e arrotando caviar. A sociedade não vai se dividir ela já foi dividida. De modo que a pergunta não é quem mantê-la unida, mas se seremos capazes de reintegrá-la ou se mais uma vez ela será costurada de novo a força e tocada como uma rebanho.

Porque não importa quem vença com ou sem apelação, não vai ter bases para governar, mas no máximo para se segurar no poder, comprando apoio e reprimindo e espoliando a população. Todas as outras alternativas estão fora da mesa, não só porque estão fora do esquema institucional, mas da concepção de mundo possível das pessoas dentro da abrangência desse sistema que antes de um domus político-econômico e domínio sociocultural é uma matriz psico-epistemológica que se replica

como relações de poder e produção baseadas na violação e condicionamento do desenvolvimento cognitivo e emocional antesdetudo como privação de posses de meios e recursos vitais e ambiental tanto os comuns quanto os absultamente privados e pessoais.

Eis um exemplo atualíssimos de como a separação de credos e razão não só é impossível, ela não existe como fenômeno. Mas que não só a separação e discernimentos dos juízos políticos, religiosos e científicos não só pode mas precisa ser feita, e se isso implica logicamente e necessariamente como prática na devida separação dessas instituições, não diz nada a respeito a da manutenção delas como são e estão, ou mesmo na necessária perpetuação das mesmas como única realidade ou os únicos campos e esferas do possível nem como saber, fazer nem muito menos viver.

Igrejinhas politicas, politicagem religiosa, intrigas palacianas ou episcopais, são modelos, projetos que não possuem só uma mesma arquitetura, mas uma mesma lógica. Não ideal, mas psíquica e modelar não só a visão, a percepção sensível de mundo, mas a episteme, a capacidade ver, de distinguir, entender, dar sentido e significado as abstrações concretudes e operações mentais e fenômenos que compõe o mundo, a sua imagem de semelhança ou dissemelhança como signos e representações do imagético como real. A arte milenar de comprar tudo que é naturalmente real vendendo sonhos e pesadelos como realidade artificial.

Por que as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

Da separação de Estado e Religião e a Liberdade de Consciência (parte 1)

Ovelhas elétricas

Dito isto. Vamos falar então não do retorno reacionário ao velhos paradigmas autoritários, mas do progresso revolucionário absolutamente urgente em direção criativa a inovação e libertação.

Feito a apologia ao racionalismo iluminismo e humanismo, e no progresso liberal, social e cultural que ele permitiu a humanidade senão como um todo aos privilegiados. Vamos falar agora, justamente disso, de onde foi que ele falhou e fracassou, de modo a estarmos novamente gente a espera da concretização da profecia do bezerro vermelho em Israel, ou do homem do cavalo branco no Brasil, para o retorno dos seus messias entre um seriado e outro do Netflix que ninguém é de ferro.

Para tanto permitam-me corrigir primeiro os exageros. Ao contrário do que se acredita o período das Trevas não foi um período tão completa pobreza e paralização da cultura ocidental, artes, ciências e filosofia. Mas sim de monopólio e centralização absurda e extrema onde uma elite religiosa e nobreza de bem nascidos restrita tiveram acesso a toda riqueza material e imaterial que era produzida. Ou seja de centralização e consequentemente desigualdade impares, de modo enquanto populações

perdiam até mesmo a posse dos meios e condições materiais e imateriais para produzir o pão, em monastérios e universidades outros ainda encontravam tempo e meios para fazer suas investigações e reflexões filosóficas, não sem censura e perseguição e punição, mas ao menos conseguiam.

Evidente que também essas elites foram afetadas pela pobreza e ignorância com a qual sustentavam suas posses e poderes, e portanto toda a riqueza e poder mesmo sendo relativamente gigantesco em comparação as massas plebeias de servos e fieis miseráveis, ainda sim com bem menos riqueza e conforto (fora saúde e higiene) em relação ao cidadão de classe média de muitos países modernos, ao menos dos mais desenvolvidos. Em suma, viviam mais ou menos, guardadas as diferenças, como vivem as pessoas cultas, ricas e poderosas de países pobres em desenvolvimento, encasteladas em seus domínios e condomínios, sentindo-se cercadas por pobres, ignorante, fanáticos e marginais que desprezam ainda mais que a pobreza, ignorância ou fanatismo e a marginalização, mas do qual não podem se livrar, nem da deles nem da sua, nem é claro deles, não porque são gente como eles, porque isso é algo um tanto ainda quanto relativo na cabeça deles, mas porque mesmo querendo ainda não podem, não enquanto não tiverem maquinário que substitua esses recursos humanos, porque é desses recursos (e sua condição) que tiram seu sustento do seu status quo e modo de vida. Claro que há aqueles que vão morrer jurando que o trabalho por trás das suas mesas materialização como um passo de magia o frango embalado dentro das suas cestas nos supermercados. Mas isso, só prova que a cabeça e o corpo embora morram juntos, nunca morrem ou percebem que já estão mortos ao mesmo tempo, se é que percebem isso.

O que me leva ao devaneio sobre se ou quando as cabeça do sistema feudal caíram na real. Será que depois do fracasso retumbante das

cruzadas e guerras santas, tentando dar sobrevida a um sistema já completamente esgotado pela pilhagem e guerras internas, com a ampliação das terras e pilhagem para além das suas fronteiras. quando descobriu que não tinha os meios econômicos, comerciais, monetários, financeiros e administrativos para sustentar nenhum império que não fosse o pobre o primitivo reinado da pobreza, ignorância e exploração sobre sua própria população servil. Quando essa nobreza e aristocracia percebeu que se não parasse de cagar onde comia, estaria fatalmente condenada a morrer como condenava sua plebe marginalizada a viver: suja, pestilenta e analfabeta e assassinada.

Talvez você esteja se perguntando como eles poderiam não ter visto que isso estava acontecendo naquele tempo. Quando a verdadeira pergunta é como nós não conseguimos ver o que está acontecendo agora mesmo. Costuma-se associar o renascimento e iluminismo a grandes gênios, quando parece que não é preciso de tanta luz nem lucidez mas apenas não ser um completo cego para enxergar tamanha obviedade. Mas é por isso que o período não se chama períodos dos cegos, embora não os faltasse, como hoje, mas períodos das trevas, pois não bastava ser capaz de enxergar, mas conseguir enxergar com quase nenhuma luz disponível para quase ninguém.

Assim, a pergunta poderia voltar para nós: quando nos daremos conta que a grande revolução político-econômica entre o feudalismo e capitalismo, não passou do ponto de vista socioambiental de uma mudança e extensão e dimensão das mesmas práticas, e não propriamente uma mudança de relação entre os homens, e dos homens com o mundo. Basicamente ninguém parou de pilhar e cagar na cabeça uns dos outros nem no mundo, a grande revolução capitalista está no desenvolvimento de técnicas para poder pilhar e cagar com conforto e segurança o mais longe de casa possível. A diferença entre os países

desenvolvidos e subdesenvolvidos, o fator determinante Da Riqueza das Nações. Enquanto uns ainda pilham e cagam onde comem, outros não só pilham e escravizam bem longe de casa, mas mandam seus dejetos domésticos para as mesmas latrinas e senzalas do mundo. Algo que qualquer quadrilha sabe, não se rouba nem emporcalha seu próprio território, mas o alheio. Uma mentalidade insustentável próxima do esgotamento junto com o próprio meio ambiente e recursos naturais e humanos, já faltam novos mundos para pilhar mas gente e povo disposto a aceitar bovinamente ser a latrina e senzala do resto do mundo.

Ora, é preciso ganhar tempo, e se não é possível, abrir novos mundos, não enquanto não enquanto o velho sistema não tiver os meios para colonizar o espaço sideral. Só uma alternativa, aberta o cabresto dos abastados, investir na condição bovina da população até que uma solução final, seja ela de abate ou imigração se torne economicamente e tecnicamente viável.

E eis que a simbiose de Estado como administração política e cultural dos interesses e a religião como doutrinação e condicionamento epistemológica milenar e profunda para a efetivação de tal processo de anestesia e pacificação das bestas de carga e carne de abate volta a carga em doses cavalares, com líderes e cultos religiosos e políticos fundamentalistas e totalitários prontos a se abraçar fraternalmente para garantir que as bases da seus sistema e esquemas de pirâmide sobrevivam. Tiranos e Charlatões juntos e misturados para garantir seus ministérios.

Viver em negação é básico. E negar a negação, projetando ao outro é mais básico ainda.

É aquela história, eu não tenho coragem de matar um pobre e indefeso bichinho, nem estômago para estripa-lo e esquarteja-lo, mas se ele for gostoso que se dane, me manda que eu como. E nisto mesmo quando digo “eu” parece ainda sim que estou falando de um “outro”, e não de mim mesmo- já que também não sou vegetariano.

Pois é. Viver em negação da realidade como uma alteralidade é básico. Mas já passamos desse estágio. E aqui não falo como “eu” ou “eles”, mas como nós porque a loucura pode ser do outro mas a realidade é todos. A sociedade ou mais precisamente sua mentalidade entrou numa nova fase, na qual excluir e renegar já não basta para sustentar seu universo de preconceitos, fantasias e dogmas ideológicos- e claro relações de poder e privilégios derivados a quem interessar possa, agora deles é preciso eliminar o contraditório. Entramos numa fase onde a intolerância evolui para a desintegração. Na qual mesmo os mais tolerantes, querendo ou não, em breve se verão obrigados a encarar ou fugir da dura realidade, se puderem. Ou melhor, obrigados a lidar com a loucura alheia impostas como sua realidade tão absurda e concreta quanto pode ser tudo que é imposto via a força de fato, incluso os delírios histéricos mais insanos. No entanto para lidar com essa realidade, é preciso sair do estado de negação de essa loucura é normal. Nunca foi antes só por que conseguimos suportá-la. Nem é agora que não teremos condições de conviver com ela.

Dizem que hábitos e costumes se adquirem, mas não eles se desenvolvem. E se desenvolvem ou por uso e exercício das capacidades, ou pela perdas. O ser humano é capaz de se adaptar as mais tristes, miseráveis e absurdos condições de vida. E essa capacidade que nos ajuda a sobreviver e suportar o que seria insuportável, é também fatal quando nos leva a armadilha de nos acostumar com o que fatalmente será nosso fim. A pessoa que vive ou trabalha nos esgoto vai perdendo a capacidade de sentir o seu fedor, até perder toda sua sensibilidade, ou seja, vai se

habitando até o hábito se tornar um costume. Porém não o habito e costume de exercer seu potencial como vontade de transformação da sua vida, mas o habito e costume justamente oposto o de conformação com a impotência perante a sua condição de vida. E é assim considerando cada dia mais normal o que é cada dia um pouco mais absurdo só por que cada vez mais banal que vamos nos se acostumando e conformando com perdas e condições, privações e agressões que não devemos podemos nos jamais permitir ninguém impor nem supor que ninguém tenha a obrigação de suportar.

Viver em negação é o segredo da felicidade. Ao menos a felicidade de quem vive como hiena comendo merda e rindo. Porém foi-se o tempo que eramos capazes de engolir o fantástico show da vida como se fosse realidade sem ao menos nos perguntar: mas será que isso não é um monte de merda !@ Foi-se o tempo, que bastava não saber como e do que as coisas eram feitas para engoli-las. Continuamos a engolir, mas já precisamos mais do que mera embalagens bonitas para conseguir ajudar os vendedores de ilusão a enganar nossos cérebros. Hoje para ajudá-los a nos ajudar a manter nossa confortável ilusão precisamos muito mais do que o autoengano, ficção e ilusão, precisamos de anestesia, alucinação e fantasia não como entretenimento crível e verossível, mas fantasia como realidade virtual e artificial substituta da pessoal completamente apodrecida e insuportável. Com drogas ou sem drogas precisamos viver como drogados, porque nóias e viciados em ser felizes completamente narcotizados e dependentes do viver de fantasiar uma realidade explicitamente insuportável e insustentável, isso já o somos. E como todo viciado estamos sempre atrás de um dose maior para produzir o mesmo efeito, já que, como disse, o cérebro se conforma e acostuma.

Como cocainados pessoas saem verdadeira comovidas ou excitados ao assistir após uma dose do seu imagético de projeção de uma outra

realidade, saem alegres, tristes e revoltadas do seu mundo dos espetáculos, as vezes até chorando sinceramente com a triste história dos pobres negros e índios pelos colonos norte-americanos, ou pelos sofrimentos e angustias e misérias do protagonista, se solidarizando como o personagem, mas incapazes não só de se sentir o mesmo pelo mendigo negro e índio que jaz na sua porta, mas incapazes de se solidarizar consigo mesmo, ou as vezes sequer notar a sua própria condição sofrível, miserável e angustiante- não sem o intermédio da mídia. Não sem a droga. O viciado pode perder a família ou ganhar na loteria, e mesmo assim só consegue sentir felicidade se drogando ou drogado, não importa qual seja o processo que efetue esse mecanismo de dependência cerebral se químico ou psicológico o resultado é o mesmo. Euforia no pico, apatia angustia e depressão na normalidade e novamente a nóia crises de abstinência. O pior é que na era do broadcast yourself, onde todos são os protagonistas do espetáculo de si mesmo, o personagem fictícia não é mais um personagem, uma imagem projetada pelo outro, mas pelo próprio, onde os sentimentos não alienados não estão senão a projeção não só narcisista da imagem do seu eu virtual, mas pior da projeção da bolha de aprovação virtual dos olhos e opiniões alheias.

É...foi-se o tempo em que os olhos não vem o coração não sente. Hoje os que os olhos veem o coração ainda não sente. E mesmo o que a cabeça a sabe como verdade e até mesmo o coração sente como verdadeiro, não consegue se impor como vontade sobre o desejo e medos. Já não importa que seja falso, já não importa nem que por trás das boas e aparências e sensações há podridão e monstruosidade; não importa o que nos espera, nem de quê e como as coisas são feitas, precisamos de uma outra dose e não importa quem perdemos ou foi sacrificado ontem, ou quem mais será amanhã. Nada importa senão nossa dose instantânea de felicidade presente feita de um passado romantizado e falsa esperança de futuro,

mas sobretudo da aprovação fugaz e instantânea da nossa casca cada dia mais vazia e sem sentido.

Na vida contemporânea o sentido da vida foi reduzido a um mero estado fisiológico, o de bem estar e estar bem. Não importa se as coisas o quão mal andam as coisas, o quão mal se esteja, os mecanismos de recompensa e punição introjetados na mente humana do homo civilizado se resume a uma busca desesperada e viciada pela busca constante da felicidade, como se esse estado fosse o estado ideal de realização plena do sentido da vida de pessoa adulta. Uma busca onde o ser feliz, se resume a sentir e parecer feliz a luz do julgamento alheio, não importa o quão falsa seja essa projeção ou sensação. Entre a nossa percepção e a percepção, entre a relatividade das percepções e a subjetividade das noções, a humanidade perdeu na contemporaneidade a sensação e noção natural e instintiva da sua próprioconcepção, autodeterminação e com ela não só a soberania sobre sua livre vontade, mas sobre seu juízo, fé e razão. Perdeu a capacidade não só de pensar sozinho sem intermediários, mas de sentir, gozar e sofrer sem plateia, direção, roteiro, premiação, maquiagem e curso de atuação.

Naturalmente como qualquer ser dotado de sensibilidade os seres humanos buscam evitar a dor e buscam o prazer, como qualquer ser dotados de memória e raciocínio buscam evitar situações que lhe tragam sofrimento ou coloquem em risco seus prazeres e felicidades. Mas a busca por esse estado, faz tempo que deixou de ser uma resposta instintiva, para se tornar o comportamento devidamente condicionado de manadas de aliados dispostos a viver em completa alienação, letargia ou mesmo alucinação, para manter seu cérebro viciado abastecido da sua droga que substitui o falta de sentido existencial da suas vidas: felicidade.

Não importa, se tudo e todos que você ama estão mortos ou vão morrer; Se sua vida é um fracasso, ou jamais se realiza ou terá a mínima chance de. O que se busca desesperadamente não é a transformação da realidade, mas a fugir desse sofrimento. Como se viver o luto, a amargura, a revolta, o sofrimento, a dor e a raiva fossem o mal do seu ser e estar, e não a condição da real da sua vida. Como se o sofrimento fosse o doença e não o sintoma, ou mesmo a reação natural e necessária. Anestesiados e viciados em nossas bolhas e doses de felicidade artificial, vamos nos tornando cada dia mais incapazes não só de sentir a infelicidade e sofrimento alheio, mas incapazes de sentir e perceber o sofrimento e infelicidade da nossa própria condição. E como poderíamos se tudo o que nosso cérebro drogado e viciado consegue pensar é: onde posso arrumar outra dose de felicidade? Ou pelo menos outra dose de qualquer anestésico diminuía um pouco a dor da realidade e me faça esquecer um pouco onde estou e quem sou e não sou, outra dose de fantasia como felicidade, ou já só droga mesmo como dose de felicidade e fantasia.

A descoberta de que o mundo que não só imaginamos, mas vemos e sentimos e concebemos, não é nem precisa ser exatamente 100 por cento a correspondência do real, é bem antiga. Tão antiga quanto a loucura. Desconectar-se da realidade como forma de suportar a dor ou encontrar o prazer, viver seus sonhos ou lidar com os problemas, é uma resposta natural, e por vezes, até estrategicamente saudável para a mente recompor-se e reencontrar as forças que carece para enfrentar a dura realidade. E avançamos bastante no conhecimento desses processos, tanto no plano social e psicológico quanto químico e neurológico. De modo que hoje não só é perfeitamente possível viver de forma socialmente aceitável, politicamente passivo, e ser economicamente produtiva nesse estado, como é possível fazer desse estado a condição de funcionamento normal e produtiva do ambiente social, econômico e político. Seja na criação de gado de abate, seja na de empregados socialmente aptos, as técnicas e tecnologias de lido com as manadas

avançaram, e tão importante para quanto manter um cercado é manter a carne das massas sempre calma e macia. E claro senão absolutamente feliz, ao menos passiva, impotente e conformada, mesmo que para tanto seja necessário o emprego da estratégia o oposta, o da ameaça da suspensão da droga e perda da fantasia.

Esse estado mental se manifesta em todos os campos ideológicos e classes sociais. Por exemplo. Nada mais sintomático que as críticas a legitimidade de uma pleito eleitoral e seus futuros resultados feitas por ambos os lados.

A direita questiona a segurança e fidedignidade das urnas eletrônicas. E questiona por qual razão! Porque o eleitor não pode ter um comprovante do seu voto que possa servir de prova e conferência do resultado em caso de contestação?

A esquerda questiona porque não permitir que os eleitores dos grotões que tiveram seu direito de votar cancelado por não comparecerem ao cadastramento biométrico não possam votar em urnas não-eletrônicas?

Quando não só a resposta para ambas as questões eliminada a crítica e cegueira seletiva a mesma, mas a questão como um todo é irrelevante, dado que a raiz do problema é mesmo. E não está restrita a tecnologia nem na tecno-burocracia que dominam a polêmica e o debate. Mas na realidade como um todo que prefere negar para se ater esquizofrenicamente aos detalhes.

Sim as urnas eletrônicas, o cadastramento eleitoral, e até mesmo as eleições são apenas um mero detalhe ou se preferir sintomas ou consequências do problemas e não a sua causa. Mas já que somos

impotentes para salvar a vida do paciente a república, então nos contentamos em escolher com qual caixão e terno vamos enterrá-lo. As pessoas estão discutindo a legitimidade das técnicas e tecnologias quando se esquecem que de nada adianta o provimento das melhores práticas e sistemas quando eles estão nas mãos e a serviço de quem sabidamente não poderia nem deveria estar? De que adianta discutir a honestidade e bom funcionamento dos botões que se aperta quando todos sabem, é publico e notório, que quem aperta esses botões não é nem honesto, nem está se lixando para o bom ou mal funcionamento do sistema, desde que ele esteja na cadeira e continue apertando os botões como bem quiser e como melhor o interessar? Prova de que todos sabem do quê e quem estou falando, não só como pessoa mas como função, é que não preciso sequer citar nomes ou cargos. É triste e patético, estamos a discutir sobre a legitimidade dos exames, quando eles serão entregues a falsos médicos, ou pior médicos de verdade mas que fazem parte de uma gangue especializada no trafico de órgãos humanos.

A esquerda minimamente honesta e não alucinada sabe que a denuncia contra a manipulação e falsificação dos resultados no sistema eleitoral não é de ontem, remonta a eleição de Brizola no Rio de Janeiro de 82. Assim como a direita também minimamente sã, sabe que os processos de controle biométrico servem a composição de bancos de dados a serviço de estados totalitários de vigilância e patrulhamento politico e policial do cidadão sejam eles de inspiração fascista ou comunista. Isso sem falar em material que será vazado corruptamente para corporações amigas em troca de propina.

As eleições funcionam como a copa do Mundo e Carnaval, as pessoas dão um reset no cérebro e parecem de nascerem ontem, só para acordar de ressaca, e se perguntarem no dia seguinte onde é que eu estava com a cabeça quando fiz isso?

O sociólogo, filósofo e estadista Tiririca dizia que “pior que está não fica”. Mas fenômenos contemporâneos periódico como as eleições, ou isolados como por exemplo a dita epidemia da Tarantela na idade média provam que não. A tarantela que dá nome a dança tradicional italiana e que deriva da palavra tarântula descreve um “curioso” fenômeno na idade media, onde as pessoas começam a dançar freneticamente sem parar em grupos que iam atraindo mais e mais pessoas que não conseguiam resistir e que não paravam até caírem exaustas ou literalmente mortas de exaustão. Acreditava-se que tal comportamento era porque as pessoas tivessem sido picadas por tarântulas daí, o nome Tarantela. Mas evidente que não, a culpa não era das aranhas. Não era por causa do veneno delas ou de nenhum outro animal que as pessoas passaram a comportar como manadas de insanos, nem na idade média nem no passado mais recente ou agora no presente. Os gatilhos e a vulnerabilidades fisiológicas e psicológicas que disparam esses comportamentos sociopatológicos epidêmicos são outros e tem outras causas.

Seria curioso se não fosse triste e trágico, assistir como as pessoas em geral são e estão vulneráveis, a serem cooptadas em massas para transes catárticos teráticos, verdadeiras danças da morte, onde a sensação de morrer em grupo é menos desoladora de que uma vida em solidão e isolamento imersa no vazio “do veja como sou feliz!” das multidões.

Felizes dos feios, solitários e inconvenientes porque deles é o reino do saber viver sem a carência da aceitação do alheio, e aprovação do alienador. As pessoas acham que o mal está na tecnologia da hiperconectividade, não meus amigos. O Facebosta, jamais funcionaria e prevaleceria, se não vivemos numa sociedade de hipercarência e necessidade de hiperatenção. Onde estar completamente sozinho com seus próprios pensamentos e sentimentos é mais assustador do que enfrentar esquadras e patrulhas de neofascistas ou neobolcheviques.

Chamar responsabilidades e tomar o destino nas próprias mãos e muito mais apavorante do que entregá-lo ele aos piores déspotas e tiranos.

Mesmo diante de um evidente e gritante beco sem saída, preferimos afundar-nos em nossas narrativas fantásticas de realidade. Sabemos que as alternativas que se impõe como alternativas, não são alternativas a coisa nenhuma. Sabemos que a próprio processo de escolha e tomada de decisão coletiva não é representa nenhuma escolha, nem decisão verdadeira e que no final dessa seleção e eleição, o que quer que resulte dela, não representará a vontade nem terá o apoio verdadeiro de não mais que 1 ou 2, sendo otimista 3 entre 10 brasileiros, e que o restante apenas terá feito uma não-escolha, uma não-eleição, de outra parte. Sendo que 1, 2 e sendo pessimista até mesmo 3 entre brasileiros continuarão dispostos a tirar por todos os meios quem ele não conseguiu deseleger.

O processo da manipulação eleitoral da democrática representativa que empurrava todos para escolher entre falsas opções iguais de modo a manter o sistema, degenerou e como uma câncer anti-sistema está comendo o sistema e empurrando agora as pessoas a eleger entre duas opções

Quem vive da imbecilidade morre pela imbecilização. De modo que os já limítrofes idiocratas também se desconectaram completamente da realidade e em sua prepotência cometeram o mesmo erro da plutocracia norte-americana. Acreditaram que ao eliminar tempo de TV, que ao trancafiar lideranças mafiosas, ou expor as tendências fascistas iriam literalmente arrebanhar a aterrorizada população de volta para o seu cercado do status quo de centro da moralidade e moderação. Mas que moralidade? Que moderação? O centro de poder não só se desintegrou ele derreteu. E só ele não percebeu, graças ao nível de tara, fantasia e descolamento da realidade que só o encastelamento palaciano e poder

sem freios (nem imputabilidade) é capaz de prover. O status quo não percebeu que entre o truculência fascista dos Bolsonarianos e o bolchevismo mafioso dos Lulopetismo, o asco pelas hipocrisia das personas e intuições desse poder constituído era ainda maior, mesmo com todas os dados da dimensão da rejeição ao espantalho que foi escolhido para representar seu interesses: Temer.

Será que é preciso fazer um desenho, para que para uma parcela significativa da população, embora uma esteja a esquerda e outra direita, o pior dos seus males é melhor do que está aí, e que cada qual só não se une porque considera a outra polo ideológico como parte desse sistema que abominam? É possível que pragmaticamente dançando sua tarantela as pessoas aceitam novamente as velhas alianças como a podridão, tanto a esquerda quanto a direita. Mas quando a festa da democracia passar e a ressaca vier, quando o novo governo, não puder cumprir o que prometeu, seja porque é impossível, seja porque teve que vender o rabo para chegar lá, teremos novamente uma país em uma crise ainda maior, com uma população que odeia quem está no poder, e outra mais uma vez traída por quem chegou.

Sei que as pessoas estão enebriadas pelas eleições e que eu estou estragando a festa. Mas tanto faz infelizmente já selamos nosso destino cagamos de novo onde comemos e agora comemos chorando, amanhã novamente rindo e celebrando e arrotando caviar. A sociedade não vai se dividir ela já foi dividida. De modo que a pergunta não é quem mantê-la unida, mas se seremos capazes de reintegrá-la ou se mais uma vez ela será costurada de novo a força e tocada como uma rebanho.

Porque não importa quem vença com ou sem apelação, não vai ter bases para governar, mas no máximo para se segurar no poder, comprando apoio e reprimindo e espoliando a população. Todas as outras

alternativas estão fora da mesa, não só porque estão fora do esquema institucional, mas da concepção de mundo possível das pessoas dentro da abrangência desse sistema que antes de um domus político-econômico e domínio sociocultural é uma matriz psico-epistemológica que se replica como relações de poder e produção baseadas na violação e condicionamento do desenvolvimento cognitivo e emocional antesdetudo como privação de posses de meios e recursos vitais e ambiental tanto os comuns quanto os absultamente privados e pessoais.

Eis um exemplo atualíssimos de como a separação de credos e razão não só é impossível, ela não existe como fenômeno. Mas que não só a separação e discernimentos dos juízos políticos, religiosos e científicos não só pode mas precisa ser feita, e se isso implica logicamente e necessariamente como prática na devida separação dessas instituições, não diz nada a respeito a da manutenção delas como são e estão, ou mesmo na necessária perpetuação das mesmas como única realidade ou os únicos campos e esferas do possível nem como saber, fazer nem muito menos viver.

Igrejinhas políticas, politicagem religiosa, intrigas palacianas ou episcopais, são modelos, projetos que não possuem só uma mesma arquitetura, mas uma mesma lógica. Não ideal, mas psíquica e modelar não só a visão, a percepção sensível de mundo, mas a episteme, a capacidade ver, de distinguir, entender, dar sentido e significado as abstrações concretudes e operações mentais e fenômenos que compõe o mundo, a sua imagem de semelhança ou dissemelhança como signos e representações do imagético como real. A arte milenar de comprar tudo que é naturalmente real vendendo sonhos e pesadelos como realidade artificial.

Por que as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

Da separação de Estado e Religião e a Liberdade de Consciência (parte 1)

Terraplanistas

Se você leitor como eu em princípio pensou que a resposta a essa pergunta é um tanto quanto óbvia. E que estarei aqui só chovendo no molhado. Quero alertar que não. Não só as razões do fracasso não são tão óbvias para todo mundo, como cada vez menos sequer acredita que a mistura de política com religião seja um problema, ou um perigo, mas até mesmo uma solução. De modo que aquilo que consideramos ao fracasso ou retrocesso civilizacional, outros enxergam um verdadeiro sucesso e reavivamento da sua visão de mundo.

E não estou falando de terraplanistas com argumentos que hoje, ou melhor até ontem, até uma criança com um mínimo de escolaridade conseguiria refutar. Mas sim de acadêmicos e eruditos que resolveram colocar seus títulos e ilustração mais uma vez a serviço da produção de pseudociência. Agora em campos do saber que embora complexos que as ciências físicas, matemáticas e justamente por isso mesmo ainda estão desprovidos da exatidão das mesmas, se constituem em campo fértil não só para o charlatanismo prosperar, mas ter boas chances de voltar a imperar.

Pois é, hoje em dia é um pouco mais fazer uma crítica construtiva a separação do Estado e Igreja, porque a defesa da sua desconstrução ganha força. Estamos em todos os planos e esferas do saber e forma de viver, vivendo no literalmente no dilema entre a cruz e a espada. Embora eu prefira a outra metáfora: se correr o bicho pega, se ficar o bicho, e agora se se esconder o bicho acha. Em são consciência, não podemos fechar os olhos e fingir que tudo está bem, e que as coisas como estão vão poder continuar ou vão se resolver sozinhas. Por outro lado, sempre a espreita como predadores estão os reacionários, sempre pronto a impor suas fantasias e castelos de príncipes e princesas da Disney, nem que para isso tenham que voltar a decorar árvores com “outro tipo” de gente enforcada e queimar “bruxas” e “marranos” em praça pública- ou em guetos e campos de concentração mesmo. Para uns seria uma “mal necessário” para o seu bem maior, mas até um prazer.

De modo que a luta pelo verdadeiro progresso é sempre em duas frentes uma contra um status quo que insiste em se perpetuar a todo custo, e outra contra os reacionários que insistem a retomar o poder a qualquer custo, não importa quem, o quanto tenha que sacrificar em holocausto para ficar chegar ou voltar ao poder. Mais do que isso tais forças embora em competição operam como aliadas quando o esforço em conter qualquer levante ou avanço que inviabilize suas posições e ambições.

Com a separação de Estado e Igreja não é diferente.

Mesmo entre os mais fervorosos crentes ou ateus mais convictos. Mesmo entre os patriotas mais fanáticos ou anarquistas que não se contentam com menos que o fim do Estado e Igreja, era um ponto pacífico, não misturar política e religião. É mais ou menos como se beber não dirija, seja você fã de automóveis ou bicicletas, ninguém discorda que se um vez no volante que ao menos se esteja são e sóbrio. Não é preciso nem dizer

porque, ao menos não para quem não sofre de demência amnésia ou lobotomia histórica. Foram tantas as desgraças provocadas por essa mistura perigosa e inflamável que ninguém precisa se justificar porque essa nunca foi uma boa ideia, nem muito menos uma boa prática.

Entretanto eis que ressurgem seus defensores. E com argumentos equivalentes ao do bebum que virou até piada, sempre fui estou bêbado, e por isso dirijo melhor sob o efeito de álcool do que sóbrio. Bem seria engraçado se não fosse trágico. Até quem sabe que a igreja é o opio do povo e fez da sua ideologia política uma espécie de religião, sabe como o traficante que não é um idiota narcodependente que não se deve cheirar o produto que trafica.

Logo, mesmo entre as pessoas menos lúcidas e esclarecidas, mas com um mínimo de escolaridade, parecia um tanto quanto razoável pressupor que a ideia de separação entre Estado e Igreja estava suficiente claro e historicamente firmada como um ponto pacífico desde pelo menos o fim da idade média. E exageros e ufanismos racionalistas a parte, o renascimento, e iluminismo não leva esse nome de alegre. Já que o renascimento da artes e ciências no chamado período das luzes, não ganhou esse nome de graça, assim como a idade média não foi chamada por acaso de período das trevas.

Só que não. Ao que parece tem mesmo gente disposta mesmo a recorrendo a argumentos um pouco mais ilustrados e sofisticados para convencer todo mundo que não importa se a terra se é plana ou não, para todos os efeitos ela deveria voltar a ser assim considerada em vários aspectos. Selecionei um paragrafo chave de um artigo que considero um exemplo bastante ilustrativo desse esforço.

Porém antes de apresentá-los faço questão de ressaltar o que é a ponta de um iceberg, apenas uma entre muitas frentes, dentro desse cavalo de pau na estratégia de domínio e domesticação das população diante de um nova revolução nos sistemas de produção e reprodução incluso da comunicação que se tornou um obstáculo a ser contornado enquanto não puder ser completamente tomado. Ou seja, esse é um exemplo dessa nova estratégia de cooptação, que na impossibilidade de controlar o meios de transmissão da informação, volta seus os esforços novamente para outra ponta, controlar a interpretação e o processamento dos receptores da informação. Ou em bom português, já que não podem mais monopolizar os meios de comunicação o negócio agora é investir na radicalização da doutrinação e imbecilização dos consumidores de informação seja na produção do conhecimento, seja na sua divulgação. Segue:

(...) A ideia de que possamos separar a religião da política é “impossível”, argumenta ele. “A fé e a crença estão de volta de uma forma que não teríamos conseguido prever, pelo menos em um mundo ocidental que atravessa um período secular”.

Há cerca de meio século, muita gente supunha que a religião seria relegada à esfera privada, aponta o historiador. “Agora, quando olhamos ao redor, por todos os lados vemos cada vez mais povos se definindo como comunidades religiosas em vez de comunidades políticas.”

Ele cita como exemplo a Rússia, onde o presidente Vladimir Putin tem se aproximado da Igreja Ortodoxa Cristã e estimulado seu crescimento, como parte da identidade russa. Tanto que a catedral Cristo Salvador, em Moscou, que chegou a ser dinamitada sob ordens de Stálin em 1931, foi completamente reconstruída nos anos 2000.

“A religião é um dos grandes construtores da identidade coletiva”, opina MacGregor, porque cria uma narrativa para os povos.

Vladimir Putin durante celebração na catedral ortodoxa de Moscou; presidente russo tenta fortalecer a religião na identidade do país (...)

O historiador também aborda países seculares como a França — onde, desde a Revolução Francesa, impera a narrativa do “conceito de nação como religião”, segundo MacGregor.

*Mas talvez essa seja a razão pela qual a França tenha dificuldade em acomodar grupos religiosos que não se definem primordialmente por essa narrativa, mas sim por outras de comunidade e continuidade. (...) — **Por que escritor britânico diz ser ‘impossível separar religião e política’***

Opa. Devagar com o andor. Eis um típico exemplo de como se pode construir, uma série de conclusões falsas apenas usando um monte meias verdades como proposições, ou seja omitindo da equação os outros elementos relevantes que não interessam ao resultado que seria inconclusivo ou mesmo adverso. Há quem faça isso manipulando as amostragens, há quem faça isso mais substancialmente, manipulando as conceituações. Vamos lá:

A. “A religião é um dos grandes construtores da identidade coletiva”

Credo, mitos, superstições, costumes, ritos, rituais, a fé, o senso comum de sacralidade, os costumes e os cultos a tudo que é considerado místico, sagrado e divino, a própria ideia da divindade, sacralidade e senso de

mistério, que antecede o próprio advento da religião com esse sagrado divino mistério, é a base da construção dos cultos e identidade coletiva cultural, que no entanto não está restrita a culto religioso ou religiosidade ou ao mais precisamente ao que denominamos religião e religiosidade organizada. Em outras palavras nem todo credo ou fé constitui necessariamente uma religião, Mas nenhuma religião ou religiosidade se constitui sem credo nem fé. De modo que a religião é um dos grandes construtores da identidade coletivas, mas o grande construtor da identidade coletiva, inclusive a religiosa, é a fé.

B. A França — onde, desde a Revolução Francesa, impera a narrativa do “conceito de nação como religião”.

Segue o emprego falacioso do conceito de credo e crença como sinônimo de religião e religiosidade. Tal análise poderia ser até válida na escatologia materialista de dentro de um culto ao Estado totalitário do tipo soviético, onde de fato a figura do Estado e dos grandes líderes assumem o papel de equivalentes das divindades teocráticas ou monarcas eleitos pelo próprio deus para os representar e governar o povo na terra. Ou mesmo para não sair da França ao culto que ao ser supremo da razão que Robespierre tentou implementar no seu regime do terror. Mas mesmo em seus graus mais elevados de fanatismo a identidade nacional, ou o culto à nação enquanto o mais fiel e fervoroso e fundamentalista credo patriótico, embora opere como exatamente no processo de fidelização como o faz religião, não consegue efetuar esse processo como credo independente. De modo que mesmo separada o Estado e a ou as Igrejas continuaram a operar em simbiose nas nações que toleravam o credo ou a emular esse credo fazendo das comunidades políticas cada vez mais aparelhos de uma credo e culto de viés religioso de idolatria a símbolos e personalidades, sejam cruzeiros ou bandeiras. Que o diga a múmia de Lênin, se ela falasse.

C. A fé e a crença estão de volta.

A fé e a crença não estão de volta. A fé e crença nunca deixaram de habitar o corpo do homem nem da sociedade nem dos perseguidos nem dos perseguidores. Seja como a fé na sua religiosidade, seja como fé na sua racionalidade, seja como a dúvida entre a escolha entre ambas como se fossem polos opostos, seja como o equilíbrio seja como ansiedade. O que estava latente e voltou com toda a carga nos últimos tempos, como uma infecção oportunista que se espalha nos campos destruídos por guerra, pobreza, primeiro como doutrina e pregação dogmática fundamentalista e religiosa, e agora novamente como preconceito e disfarçado de pseudociência é supremacismo em todas suas formas e mitos de gene raciais, cultural, nacional e religiosa. O que está de volta pegando onda na crise sistêmica é o culto aos todos poderosos, o poder total ou simplesmente ao poder como totalidade. Tão velho quanto os impérios, monarcas, ditadores, aristocracias, monarquias e teocracias, mas pode chamar pelo neologismo moderno totalitarismo.

D. “Agora, quando olhamos ao redor, por todos os lados vemos cada vez mais povos se definindo como comunidades religiosas em vez de comunidades políticas.”

Não é pior, o que estamos vendo é comunidades religiosas voltado a ambicionar o poder político, e o poder político flertando com a fidelização religiosa para manter seu gado no cercado. Um reforço de velhas aliança jamais completamente entre Estado e Igreja em torno de um objetivo em comum manter seu rebanho e sua tosa na forma de dizimo e tributos garantidos em tempos de vacas magras e rebeldes.

Aliás chamar Estado e Igreja de comunidades política e religiosas é de um eufemismo com aquilo que tem um nome próprio e poder que se não for brincadeira. Colocar o vaticano e a casa branca no mesmo saco de uma pequena comunidade intencional atéia ou religiosa. É colocar a padaria do Zé e a Apple como se pertencessem a uma comunidade, quando sequer pertencem a um mesmo setor, quando mais a essa fictícia comunidade. Nem corporações são sociedades. De modo que grandes corporações empresariais, Estados tem mais pontos em comuns com Igrejas, que são conglomerados, empresariais, bancários, financeiros e até mesmo ainda Estado Teocráticos Absolutistas como o Vaticano do que com comunidades ou mesmo sociedades de qualquer forma, dimensão ou espécie. Essas pessoas jurídicas tem muito mais denominadores e interesses comuns entre eles do que com as pessoas e suas relações e organizações naturais.

Corporações religiosas ou políticas possuem uma mesma lógica e arquitetura a ordem hierárquica. De modo que é uma comunidade religiosa sem um estrutura política hierárquica não é uma religião organizada

Sem a menor dúvida que as comunidades e sociedades estão mais cosmopolitizadas e não só determinadas, mas que a dispostas a autodeterminação do seu credo e sua fé. Mas é justamente por conta desse progresso na disposição a autodeterminação e politização que em reação contrária, ou contrarreação reacionária se preferir, Estado e Igreja estão novamente se unindo. Dizer que esse tipo de credo e crença estão de volta, e vão prevalecer é tanto uma leitura da atualidade ou previsão de futuro autorealizada, porque é muito fácil dizer que um determinado credo ou crença prevalece quando sua concretização está baseada justamente na repressão e eliminação dos demais.

É muito fácil ler ou predizer que a tendência dos povos é o retorno a idolatria aos todos poderosos quando a cada primavera dos povos é esmagada com toda potencia, prepotência, superpotência e onipotência de bombas e fuzis e a eterna chantagem terrorista do apocalipse agora na forma dos invernos nucleares. É muito fácil dizer que os velhos ditaduras, os velhos monopólios e monarquias, aristocracias e oligarquias hão de manter ou retornar quando jogando novas gerações inteiras na vala para se perpetuar e prevalecer.

E. a razão pela qual a França tenha dificuldade em acomodar grupos religiosos que não se definem primordialmente por essa narrativa, mas sim por outras de comunidade e continuidade.

Outras Quais As que constituíam a identidade e posse de um território pela exclusão e escravidão de outras raças e religiões. Aqui entra a conclusão absurda. Onde se caga na sopa e depois se põe a culpa na água, e não bosta. Pregando que se coma a bosta e se jogue fora a água. Essa é a natureza dessa falácia. O autor chega a conclusão que a intolerância dos Estados-Nações deriva do fato do patriotismo e nacionalismo terem se tornado praticamente a imagem e semelhança de culto religioso à pátria e a identidade nacional. Verdadeiro. Mas daí a conclusão que é impossível separar política e religião, porque a fé sempre esteve presente na formação da coletividade isso é não só completamente falso, isso é dogmático, reacionário e preconceituoso. E preconceituoso contra minha própria fé e religião libertária, que não só é a prova de é possível, como tal impossibilidade já existe. Inclusive institucionalizada e registrada em cartório- o que diga-se de passagem não é grande coisa, nem significa nada, exceto quem mesmo sendo uma fé libertária não pode ser excluída pelos parâmetros predominantes e excludentes e prepotentes de

renegação autoritária do que é fé e religião, não sem contradizer seus próprios critérios.

Há portanto uma falácia autoritária nesse argumento de autoridade. E ela não é pequena. O autor pressupõe- e deponha-se em favor dele assim como os próprio racionalistas- que a fé e o credo sejam objetos exclusivos da pensamento religioso, quando a fé e o credo é a base epistemológicas de todas as formas de pensamento até mesmo os ultrareduzidos ao mero racionalismo ou crentismo. O fanático racionalista não gosta de ver seu pensamento como o fruto do um credo absolutista na razão. Faz parte do seu dogma acreditar que o raciocínio e a racionalidade se sustentem sem carecer de outra base senão a própria razão, como um Barão de Munchausen a erguer-se puxando-se pelos próprios cabelos. Mas como bem sabe o cientista consciente é impossível colocar em dúvida a pressuposição de que processamento racional das observações empíricas fornece conhecimento correspondentes a realidade dos fenômenos sem com isso colocar em xeque a validade da próprio pensamento racional e científico. Tal possibilidade de aquisição do conhecimento e sua validação carece por parte do praticante do pensamento científico nada menos de que fé, a certeza ou suspensão da dúvida de que aquele caminho da razão seja o verdadeiro. No entanto essa fé na razão, não faz da ciência uma religião, nem muito menos a reduz a um credo. Para tanto é preciso que esse pensamento reproduza os caracteres que caracterizam a credo organizado como religião, a começar pelo culto a autoridade e hierarquia no lugar da comunidade e liberdade de heresia, ou seja questionamento. De fato dentro da própria religiosidade, há um caminho há uma distancia enorme e substantiva que separa o credo e espiritualidade que busca a ligação ou religação como o sagrado, e a que cultua ou mesmo idolatra como sagrada o poder e ordem piramidal e hierárquica em suas faces singelas ou violentas.

Assim como o cientista não é necessariamente um niilista da religiosidade ou um cultista fanática da razão como uma entidade ou divindade. Também o ateu ou mesmo o agnóstico não é um niilista da espiritualidade desprovido de fé e crença. Nem a convicção de que divindades não existem, ou de que não podem ser conhecidas longe de ser a mera negação da fé alheia é a afirmação da sua fé. O que seja impossível ao menos enquanto ainda se está vivo, ou não se mata é o perfeito niilismo ao menos credo onde a pregação coerente com a prática. Da mesma forma se processa a fé na liberdade e libertação que longe de ser a mera negação do culto e idolatria ao poder absoluto e todos poderosos, é a afirmação na credo na livre vontade e liberdade como força criativas, criadoras inalienáveis e elementares a todo universo e suas criaturas.

De modo que não só é possível separar e sábio separar política de religião, mas é possível conceber e praticar ambas livremente sem precisar cair no vício das relações de poder e sua adoração nem como estado ou doutrina laica nem teocrático.

Seja portanto uma anarquista ou hierarquista o erro dentro do pensamento político ou religioso não está no credo em si, mas na sua pressuposição prepotente a imposição. A fé na liberdade como razão não carece de subsidio autoritário nem de monopólio da violência nem idolatria e obediência cega ao poder. Mas justamente o sentimento e discernimento contrário. A fé é um estado de espírito de fato inseparável da manifestação da força de vontade e expressão da livre vontade como liberdade de credo e consciência, mas as suas formas preestabelecida não são só desintegráveis como dispensáveis e tão obsoletas quanto presas para um ser que não de livre e espontânea vontade não quer evoluir como um predador. De modo que o argumento que por ter sido assim, não é uma justificativa para que continue assim. A guerra e a violência também estão na gene cultural e histórica da identidade coletiva humana e isso

não a justifica nem a legitima os argumentos que pretendem perpetuar sua continuidade.

O Estado como se fosse uma religião que impede a manifestação religiosa, não é senão a imposição de um culto e um credo contra todos os demais. E não mais a tolerância de todos os credos, religiosos ou não, que aceitem conviver em paz com os demais. A base da fundação do estado de paz de direito democrático à liberdade e sua defesa, não composto do culto totalitário nacionalista ou religioso ao poder supremo todo poderoso mundano ou transcendental, mas justamente do princípio associativo de legítima defesa mútua contraposto, o contrato social das população contra todas as espécies de tirania de indivíduos, bandos ou seitas que desejam ou se arrogam o direito de impor sua vontade e forma de viver como soberana sobre os demais. Que o digam aqueles que migraram para a América não como conquistadores mas como fugitivos da perseguição religiosa e política no velho mundo.

Não é uma questão se a cultura e sociedade é religiosa ou laica. é uma questão de proteção da paz, ou o que é a mesma coisa da proteção a tolerância necessária a convivência. Proteção a tolerância que longe de ser a tolerância com os intolerantes, é a intolerância com os intolerantes. Sociedades livres não são sociedades sem regras, nem muito menos de cagação da liberdade como regra. São sociedades de proteção mútua da forma de viver de cada pessoa e grupo contra toda pessoa e grupo que não admitam que outros vivam de forma diversa a sua. De modo que seja o Estado-Nação seja a religião, qualquer indivíduo ou coletivo que queira impor-se através do ameaça, coerção ou monopólio da violência estatal ou não, esses indivíduos e grupos não só inimigos entre si, mas perseguidores de todos os traidores e infiéis são a constante ameaça as sociedades de paz e liberdade e o estado formado por sua congregação e confraternização. Os bandidos e tiranos dispostas a violar e violentar

incluso em nome dos seus credo e ordens superiores ditas desse mundo ou além.

Ninguém é obrigado a conviver com ninguém nem pode forçar isso. Mas não pode privar os demais do seu igual direito de sobreviver, enquanto usufruto dos meios e espaços necessários para tanto sob pena de declarar na prática um estado de guerra contra os excluídos. Prover a segurança e subsistência dos meios e espaços públicos e privados para que as pessoas possam viver juntas e separadas se quiserem e quando quiserem livres da coação e coerção, invasão do privado e exclusão do público, garantir o direito bem e espaço comum como participação e acesso, assim como o bem e espaço privado é a base fundamental para a garantia de liberdades fundamentais que fundam o estado de paz. Fazer tal distinção dos limites de jurisdição sobre a liberdade de consciência, manifestação, identidade e forma de viver de cada pessoa e associação religiosa, política, cultural, é liberdade fundamental, o mínimo denominador comum para que a sociedade se mantenha e com ela o estado de paz.

Claro há o outro método mais primitivo e antigo de manter a paz, o imperial, das ditadura e tiranias, mas como a história ensina ele não passa senão de um o ciclo interminável de entreguerras e revolução a degenerar e decair em novas ditaduras falidas e decrepitas. A mera trégua entre guerras por expansão territorial não raro para sufocar os levante populares em tempos de falência do arcabouço jurídico, socioeconômico e institucional. Por sinal estamos justamente num desses períodos de transição onde a guerra que antecede a nova ditadura esmaga de forma definitiva mais um levante dos povos. Uma outra perspectiva da história e seu progresso, um pouco mais popular e libertário. E dentro dessa perspectiva é importantíssimo não se deixar e confundir e apropriar a revitalização da espiritualidade e sacralidade e naturalismo como se fosse

o retorno reacionário ao cultismos e adoração ao poder como representação absolutista da realidade e espiritualidade.

A fé é manifestação concreta da liberdade de credo e consciência não é produto do advento da religião, assim como a ordem não é produto do culto ao pátrio poder como o sagrado estado e seus bíblias. Crer no oposto, ou o que é a mesma coisa perder a fé na sua própria livre arbítrio, vontade e razão, longe de trazer luz e lucidez, traz as trevas e banalização da loucura como cegueira da própria sensibilidade e razão. De modo que a revolução como salto e progresso não é aquela que destrói o que foi construído e restitui o velho travestido como se fosse novo, mas o novo que nasce de fato da transcendência das contradições não como síntese dos polos opostos cíclicos e simbióticos a sustentar um ao outro como mera alternância de mais do mesmo, mas como nova ciência e consciência até mesmo da fé.

A fé na capacidade de crer passa longe da credulidade e sua exploração como religião, na verdade caminha no sentido o libertário, como credo e fé. Fé na consciência como manifestação genuína da liberdade de credo, e credo na ciência da liberdade como fenômeno gerador elementar da livre vontade e consciência como a concretização da realidade e seu conhecimento.

Crypto UBI: Renda Básica e Criptografia

Um dos mais promissores caminhos em direção a renda básica na era da informação, senão o mais promissor, é o da ciência informática- que por sinal já vem sendo usada em larga escala para replicar e revolucionar o atual sistema financeiro de capitais numa escala de

sofisticação e dimensão que beira para muitos a ficção científica, tanto as distópicas quanto as utópicas.

Na linha das melhores utopias que tem tudo também para se tornar uma realidade, não só para poucos privilegiados em paraísos fiscais do mundo temos o trabalho pioneiro de cyber-ativistas que estão se dedicando para trazer um pouco de justiça com renda básica usando essas novas ferramentas tecnológicas que compõe esse universo que compõe nosso cotidiano- saibamos disso ou não. Ferramentas, portanto, que não só já fazem parte do nosso presente, são os componentes elementares da infraestrutura desse novo sistema socioeconômico info-financeiro. E ativistas como a brasileira **Fabiana Cecin que escreveu o brilhante artigo abaixo:**

Onde também indica o site da <https://cryptoubi.org/>, gente que como ela tem literalmente lutado para fazer da promissora ciência da criptografia e tecnologias derivadas como o blockchain, cujo o produto mais conhecido são as ditas moedas digitais, mais do que meramente isso: um espaço de especulação de commodities virtuais, e campo experimento e prova corporativo bancário-financeiro de suas novos sistemas monetários; mas sim um espaço para o desenvolvimento da verdadeira democracia, contrato e justiça social, onde as novas cartas magnas do futuro serão escritas de fato.

Eis o artigo da Fabby:

Fabby's Intro to cryptocurrency for August 2018

So I posted a thread on Twitter about how I wish more leftie-anarchist people started using cryptocurrency. Crypto is a...

medium.com

Eis o site do Crypto UBI:

Crypto UBI | Using Cryptography to build Universal Basic Income systems

The vision to create some form of Universal Basic Income has been around for a long time, but there haven't been strong...

EUA, Rússia na Síria: A guerra por mentes e corações em um outra escala

Da guerra da desinformação a guerra psico-epistemológica

No último artigo a Facada em Bolsonaro, escrevi sobre como o fanatismo e a paranoia estão ganhando contorno de transtornos psíquicos e sociais graves da coletividade. Como esse ambiente generalizado de tensão e confusão mental, medo e insegurança sobre o que falso ou verdadeiro, afeta e distorce a noção de realidade, valores, julgamento e até mesmo a vontade da população em geral, e em especial das pessoas ainda mais vulneráveis e transtornadas.

Escrevi como o clima de absurdo confusão, transtorno e insanidade afeta e influência a todos que estão perto do ponto de ruptura, e como quem está no limiar do que conseguem suportar, tende, e pode, surtar. Todos, incluso a sociedade como um todo. Um clima de absurdo e perda do chão que enseja a manifestação de todos tipos de surto, das mais leves neuroses até os mais graves e perigosos comportamentos psicóticos e psicopáticos. Comportamentos que um leigo pode não saber distinguir, mas consegue saber que algo está muito errado. Especialmente quando o surto é de gente “matando a família e indo ao cinema”. Ou pior ainda de governantes, que se comportam como autênticos Rei George ou Napoleão

Bonaparte. Um surto de líderes e profetas a pregar que suas população de fanáticos a se jogue do precipício, ou se matem uns aos outros. E o que pior, de gente se comportando cada dia mais como manadas furiosas, mais condicionadas e predispostas a fazer isso mesmo, em nome de seus deuses, bandeiras. Para depois, é claro, colocar a culpa nas bandeira e credos alheios, porque afinal de contas, o diabo é sempre o outro.

Escrevi portanto sobre o óbvio: tudo e todos tem um limite. Inclusive o corpo e a mente das pessoas. Tudo e todos tem um limite do que conseguem suportar. E precisam de um chão, para poder resistir. De modo que uma pessoa ou sociedade sem chão, é uma pessoa e sociedade carente e vulnerável; é uma pessoa ou sociedade no limiar para ser desintegrada, cooptada e convertida. E muito embora esse limite varie de pessoa para pessoa, assim como as respostas, ninguém é invulnerável. Todos inevitavelmente mais hora menos hora cedem ou quebram completamente. Alguns primeiro outros depois. Como bem sabe todo torturador pregador ou adestrador.

Alguns se tornam apáticos e impotentes. Outros altamente suggestionáveis, previsíveis e servis. E outros ainda, se tornam manipuladores completamente imprevisíveis e extremamente perigosos. Mas todos tendem a quebrar, e uma vez quebrados ao final da terapia de choque estão prontos, cada um a sua maneira, a assumir seus papéis e reproduzem o sistema nesse teatro da vida. Não importa se lobotomizadas ou ensandecida, se feita de loucos furiosos, laranjas mecânicas ou um pouco de tudo isso, o importante é que no final a sociedade vai continuar no seu devido lugar, sob o domínio do medo.

Quando afirmo portanto que nossa sociedade virou uma fábrica de loucos, cujo nome nos letrados é Normalidade, isso não é só uma figura de linguagem. O processo de conformação neurótica saiu completamente

do controle. A “indústria de moer gente” produz cada dia mais gente “com defeito de fábrica”, cujo circuito vai queimar na primeira oscilação da rede. E agora como a própria oscilação dessa rede da normalidade é tão alta, ela se tornou capaz de queimar qualquer aparelho.

Não é a toa portanto que tantos estão se desconectando (ainda que inconscientemente) dessa realidade. Ou desligam e piram nos seu mundo imaginário, ou ficam ligados e piram de vez ligados nessa loucura alheia. A normalidade enquanto falsificação grotesca de representação da realidade, a qual somos obrigados a chamar de nosso mundo- pelo mesmo motivo que o condenado a prisão perpétua tem que chamar o mundo penitenciário de seu, porque é obrigado a viver nele, é uma Alcatraz da qual se não se tem outra fuga possível, senão a da mente, como fantasia, ficção, utopia ou simplesmente anestesia ou alucinação.

Essa mistura de freakshow, arena romana e espetáculo de mágica burlesca a qual ainda chamamos por força do hábitos de realidade, se tornou um espetáculo tão absurdo de realidade fantástica que até mesmo os aparelhos sensoriais e racionais com as melhores resistências cognitivas se não estão a queimar, começam a apresentar defeito graves e se tornar disfuncionais. Pessoas confusas, transtornadas, carentes vagam desesperadas em meio a outras que se adaptarem a se esse mundo artificial, gritando como loucos em um hospício virtual que mais lembra um matadouro, onde apenas os mais doentes entre os doentes, aqueles que foram capazes de se adaptar perfeitamente a esse ambiente de demência sádica-masoquista se sentem em casa. Foi-se o tempo que a representação da arquitetura do mundo institucional era o meramente o panóptico prisional, hoje o modelo é o manicomial. Drogas, loucura e uma noção de instituição da normalidade ainda mais patológica insana e inconsciente da sua própria demência que a dos alienados e detentos.

A insanidade da vida em estado de negação, evolui ou mais precisamente regrediu para o estado de renegação do direito a vida do alheia.

Logicamente que num mundo assim, as pessoas que melhor se adaptaram ao processo de amputação dos seus olhos para os outros, que melhor lidam e exploram cegueira empática a sua e a alheia, são as que possuem traços de personalidade psicopática mais acentuado, quando não a própria personalidade e comportamento psicopático perfeito: o tolerado ou mesmo aclamado pela sociedade.

Ataques de panico de ansiedade, medo e pânico, anomia, até surtos, onde atos que não conseguimos acreditar que seres humanos são capazes de cometer, sim seres humanos que já estão no limiar de uma realidade que razão e sensibilidade consegue lidar e suportar estão se tornando a banalização do mal que embora difusa se somatiza para forma a insanidade coletiva de todos nós enquanto sociedade. Sociedade não só polarizada, mas transtornada pela bipolaridade, pronta para se fragmentar e desintegrar.

Um ambiente de desconstrução das bases epistemológicas, que como estamos a observar, se tornou o clima perfeito tanto para o reafirmação dos mais fanáticos e absurdos dogmas e preconceitos, quanto para a difusão das mais novas, incoerentes e paranoicas teorias conspiratórias e persecutórias. Um clima de certezas e incertezas irracionais e caos cognitivo onde a banalização do absurdo se constitui como o ambiente hospedeiro ideal, ou melhor, o hospício perfeito para manter as pessoas trancadas e protegidas delas mesmas “para o seu próprio bem”; onde quem não é maluco, fica, senão por bem, por mal.

Um ambiente insano e insalubre para a saúde mental, facilitador do processo de cooptação e alienação ideológica e disseminação de fanáticos e fantasias. Onde tanto o paranoico por teorias conspiratórias anti-

sistema quanto o crente e crédulo em tudo que autoridade prega, são dois estados resposta distintos, mas igualmente reflexo condicionados e sintomáticos de um mesma sociedade doentia a manipular a percepção, informação, formação e julgamento de toda uma população até o limite da perda de todo sentido e nexos como a realidade, apatia e conversão.

A disseminação de dúvidas e certezas nada razoáveis, não é apenas a queima das pontes com o real e as realidades possíveis; é ao mesmo tempo o chão que se tira, e o portal do absurdo que se abre como válvula de escape. O processo de derretimento e remodelação da plasticidade mental, que serve como porta à cooptação para credos e descrenças portadoras de dúvidas e certezas ainda mais insanas e absurdas, que por sua vez servem para fabricar em massa idiotas ainda mais úteis, na medida que incapazes de discernir entre a dúvida e certeza.

A difusão da dúvida ou certeza seja ela fruto de crença ou razão minimamente críveis é a ante-sala da fixação preconceitual e racionalização do comportamento condicionado irascível. É o próprio ambiente de dúvida e certeza, como vetor da mentalidade crente e descrente como comportamento compulsivo adquirido por trauma reflexo ou reverso à doutrinação. Ou seja longe de ser o credo, razão, a fé racional ou mesmo a fé na razão, proveniente do exercício consciência da livre vontade e próprio-concepção, é a reprodução inconsciente, estimulada de comportamentos como predisposições e respostas condicionadas seja ao credulidade ou questionamento, não importa, o que importa é que ainda sim manipuladas e intermediadas pelos estelionatários, atravessadores e usurpadores midiáticos da fé e razão. E não se iluda esses parasitas não se resumem aos proprietários, reguladores e controladores apenas das mídias de telecomunicação e informação de massas.

Muito embora os avanços científicos e tecnológicos tenham ampliado sobremaneira a capacidade de influenciar, persuadir, manipular e adulteração o senso comum e a noção do real das população imersas nessas novas mídias de acordo com os interesses dos proprietários e controladores desses meios e seus intermediários. O mal estar contemporâneo da civilização é muito mais do que meramente que um descompasso no avanço das tecnologias da informação e telecomunicação de massas frente a obsolescência e atraso na formação das populações para lidar como a realidade, sua representação, e manipulação na era da informação.

Esse ambiente é muito mais do que o mero produto do emprego dos novos e revolucionários saberes somados ao uso e abuso massivo dos avanços das novas tecnologias contra populações desprovida de meios, recursos, e acessos as mesmas- incluso enquanto o próprio conhecimento e controle da tecnologia que as reduz a meros consumidores, cobaias e alvos de produtos e serviços que não entendem como funcionam, ou pior, como funcionam nelas.

É muito do que isso.

Estamos falando tanto da manutenção desse monopólios desse avanços que constituem a vantagem estratégica e hegemonia dos seus proprietários e controladores, quanto da perpetuação do atraso e sucateamento da formação da população. Não só como mero “acesso” a educação, como condição de aquisição e processamento desse conhecimento como informação ou propriedade intelectual, e possibilidade de criação e reprodução, da informação enquanto poder e posse, enquanto capital. Mas também enquanto capacidade de discernimento da informação, desinformação e contra-informação, e logo de apropriação da informação tanto como matéria-prima a capacidade da

própria cognição quanto seu produto como de fato conhecimento ou seja autoformação e não meramente informação. Algo que exige acesso e propriedade de fato, e dos fatos e não meramente de cópias e versões.

Não é portanto apenas uma questão de disseminação de falsificação ou verdades contaminadas por lixo e ruído de modo que não se possa nem ser discernir, processar ou reciclar o que é minimamente verossímil, mas sim de propagação de um estado de incerteza, insegurança que atinja o sistema nervoso de uma sociedade, a sua episteme, a sua noção e percepção do real, a a capacidade de distinguir e efetuar a abstração entre o concreto e suas representações simbólicas e ideológicas.

Esse domus e dominação, essa produção e reprodução que tem resultado nesse mundo neomedieval, ou melhor, cybermedieval, e seu “novo homem” ainda mais domesticado e domesticável não é meramente o resultado do avanço dessas nova revolução industrial e tecnológica aplicado contra o atraso e ignorância generalizada de uma população. Mas sim, o resultado desse monopólio do emprego massivo dessas novas ferramentas tecnológicas e científicas não apenas contra, mas com função de retroalimentar o atraso que carecem como ambiente para se perpetuar como desigualdade de saber e logo poder. Não é um caos arbitrário, mas um caos com um proposito claro, estabelecer condições psicossociais para emergência de uma ordem ainda mais vigilante e servil, com níveis ainda maiores de alienação, dominação, e conformação apática e impotente.

Meio e condição que perpetuam muito mais que desigualdades de oportunidades, mas literalmente de realidades, vividas, percebidas, conhecidas e reconhecidas por populações mantidas devidamente comportadas na sua condição de alienada justamente dos meios e modos de produção desses novos conhecimentos e métodos de reprodução da

sua miserável condição não só política ou econômica, mas antes de qualquer coisa mental e cultural.

Uma população alienada não só da informação, mas do direito a autoformação. Excluída e expropriada do direito a informação e formação em todos os sentidos, enquanto riqueza e capital, na nova fase do sistema socioeconômico pós revolução industrial da informação, a do info-financismo. Excluída e expropriada novamente não só dos meios de produção que constituem a sua liberdade mas de algo ainda mais fundamental que os meios: as formas. Alienadas da formação e informação que constituem a capacidade necessária a concepção noção e formação da própria vida e liberdade.

Alienadas portanto dos meios e formas que constituem toda as condições materiais e imatérias necessária para antes ter, saber o que tem ou não tem. Saber que não são mais proprietárias dos meios ou do que produzem, mas em breve nem sequer da sua forma de vida, ou de si mesma. Toda a formação e informação necessária para conceber quem são e não são, o saber sobre o que ainda possuem ou perderam, o saber sobre o que é a liberdade e propriedade que não tem mais nem sobre o seu próprio mundo, nem sequer sobre si mesmas.

Logo a posse da informação não apenas como acesso a dados, ou mesmo propriedade sobre sua materialidade, mas sim como posse do saber e liberdade. Logo enquanto conhecimento de como os fatos e realidade processada e intermediada por dados e sinais e ícones são transformados e instrumentalizados como vetores da programação e reprodução dos sistema e seus códigos, enquanto vetores da pobreza e loucura.

E neologismos a parte, no fundo, nada de novo no fronte.

As ferramentas e a escala podem ser novas, mas a técnica e o modo de produção ainda são os mesmos. Principalmente do fator determinante para à perpetuação do sistema como produção da alienação e reprodução dos alienados: a venda casada de ordem via caos e terror. A saber: propaga-se o caos e o terror, para vender ordem e segurança, tanto como produto de mercado quanto serviço do Estado. Fabricar necessidades e carestias onde antes não havia para vender coisas e serviços que você nunca imaginou que um dia precisaria, não é nenhuma invenção do gênio da Apple. Incrível e como se consegue continua reciclar a velha fabrica de imbecilização e neuro-dependentes como se fosse a mais nova vender sacada e advento genial. O processo ganhou velocidade propagação, abrangência inéditos com a automação, mas ainda é o mesmo e velho processo: Planta-se medo, para colher fieis. Planta-se medo inclusive como ilusão e insegurança quanto a realidade não só futura, mas falsificação da memória do passado e percepção do presente, para vender promessas de realidades igualmente falsas e falsificadas, como esperança ilusória de retorno ao paraíso perdido ou terra prometida (que nunca existiu senão como sonho ou mito).

Sim, houve uma revolução científica e tecnológica no ultimo século, mas a sociedade ficou completamente de fora dela, salvo na condição de consumidor e cobaia. Mas consumir lixo como se fosse luxo ou serviços imprescindíveis de provisão das primeiras necessárias, vender ao consumidor salsichas políticas e econômicas continua a ser a essência da propaganda e do marketing político-econômico.

A diferença é que na sociedade onde a informação e comunicação, a mídia a intermediação da realidade ganharam uma valor estratégico geopolítico, e logo, de mercado, imensamente maior, de modo que a maior salsicha, a maior segredo de estado e industrial, desse complexo estado-privado é a propaganda, ou mais precisamente as ferramentas de propaganda usadas

literalmente como armas secretas nessa guerra de propaganda por corações e mentes, onde o público, o alvo, e o inimigo não é mais prioritariamente concorrente, mas a população.

Em suma estamos falando de avanço de métodos, processos, técnicas e tecnologias de manipulação, adulteração, convencimento usadas para a fabricação das ideologias, preferencias, gostos como desejos manias e compulsões.

Estamos falando da desconstrução e construção de ideias e noções mais profundas não apenas de cultos e culturas, mas de noção e visão de mundo não só como imagem ou impressão, mas como representação e suposição de da realidade. Fabricação e manipulação de dados, fatos, assim como do seu alijamento, corrupção e até mesmo mutilação permanente enquanto capacidade de processamento e interpretação sensível e racional.

Estamos falando de dominação e domesticação profunda não só psicológica, mas epistemológica. Perdas de capacidades inatas de entendimento, tanto como a possibilidade de entendimento e concórdia entre seres dotados de inteligência, quanto de entendimento e discernimento em si, como a própria capacidade de entender e discernir e ligar com o mínimo de nexos e coerência o eu, o outro, e o mundo.

A arte de governar sempre foi a arte fazer da capacidade de comunhão e união, um princípio de imbecilização coletiva; transformar indivíduos livremente organizados e associados em massas de manobra e grandes colmeias de zumbis ligados por uma moralidade artificial submersa num profundo estado de letargia e alucinação coletiva. A arte de reduzir a comunhão a alienação, e as redes que compõem a coletividade, em

manadas a se comportar como células, órgãos hierarquizados num organismo corporativo cuja função existencial é preservar esse corpo, a máquina, a fantasia artificial e não o concreto e o real e natural suas vidas e liberdades como indivíduos. A arte da normalização e normatização da loucura, fanatismo e paranoia, tomar outros por inimigos, bandeiras, ídolos e fronteiras imaginárias como reais e vida e liberdade o mais concreto dado que um ser humano tem de si mesmo, como algo menor dentro desse delírio esquizofrênico que tomou o lugar na imaginário da humanidade ensandecida como a representação da sua condição, progresso civilizatório.

A transformação da vida humana em mercadoria e institucionalização e estatização da mentalidade humana são processos concomitantes inseparáveis dessa fábrica de insanidade mental e ambiental de desligamento do homem não só da natureza, mas da sua natureza e potencial. Desnaturação e desumanização; a psicopatia racionalizada e despotia ilustrada e esclarecida como o ideal de progresso e avanço do homem domesticado e alienado que se julga cada dia mais livre e civilizado. Cada dia mais livre e confortável dentro de uma arcabouço mental que de fato não é mais arcabouço, mas agora o o único chão e céu que ele conhece do mundo e realidade. Dois níveis distintos de manipulação da realidade simultâneos a produzir a alienação e conformação: um o que mata o natural e impõe o real; outro que mata ideal e falsifica possível, juntos perpetuar o mesmo e obstruir o novo. A obrigar a pessoa natural a se conformar e adaptar a falsificação ideológica do real como verdade, pelo simples fato que essa falsificação é o único ideal e real imposto como possíveis, o único navio que restou no deserto da desnaturação e artificialidade.

Mas o homem não é uma máquina. Nem sua gene e evolução é produto de transformações feitas a ferro e fogo ou falsificação da realidade. Debaxo

de camadas e mais camadas de uma vida e inteligência subconsciente frustrada e subdesenvolvida há toda a potencia evolutiva de uma humanidade que permanece viva enquanto não há vida. E nessa potencia que mora as vãs esperanças e sonhos mas também a matéria-prima para a humanidade reconstruir sua realidade.

A matéria-prima é a mesma. A diferença é como esse força elementar é enriquecida ou empobrecida.

Se empobrecida e enfraquecida é a matéria-prima controlável que compõe as forças sub-autônomas ou servis sempre prontas e alertas para preservar e reproduzir a inconscienciosa do sua colmeia. Hospedeiros e disseminadores perfeitos desse parasitismo que contudo carecem não só de realidades desnaturadas e artificiais banalizadas como normais para continuar a prevalecer. Precisam que tal absurdo seja tomada mais do que normal ou banal, mas como norma e verdade absoluta. Pois não importa o quão monstruosa, insana ou insustentável seja está realidade, o que importa é que ela seja uma imposição e impostura absoluta. O importante é que ela deva persistir como única realidade concreta, mesmo que tenha que exterminar toda a diversidade, pois é da extinção das demais e sobrevivência da sua que deriva a prova das verdades autoritárias dos autoritários. A prova de que nenhum outro mundo, nenhum outra forma de vida e relação é possível senão a deles e com eles. Não importa que essa prova seja uma farsa grotesca e monstruosa, tudo que importa é impor sua vontade literalmente eliminando todas as demais alternativas e possibilidades.

Não é portanto meramente o pesadelo no lugar do sonho, é o pesadelo como realidade falsificada e artificial e insana. É Distopia. Mas não como ficção científica, mas como realidade tecnológica atual. O futuro chegou e ele não é um sonho, é uma guerra. O sonho acabou, é hora de acordar.

Aqui cabe uma analogia.

Do ponto de vista da saúde mental nossa vida em sociedade, dentro dos centros urbanos e instituições é tão sã e salubre quanto as das cidades antes da revolução da higiene e antibióticos e medicina do século XX. Um verdadeiro campo de cultivo e propagação de doenças epidêmicas. Onde ir para um hospital era uma sentença de morte, afinal a medicina não acredita na existências desses seres até então invisíveis logo imaginários, os germes. E cortavam a barriga da mãe com a mesma faca que minutos antes haviam dissecado cadáveres. O ambiente perfeito para a propagação não só da doença, mas de charlatões e aproveitadores a vender os remédios e terapias e doutrinas mágicas capazes de curar tudo.

Isso é claro sem falar de sociopatas e estatopatas que usam a falta de defesa imunológica da população não só para vender lucrar vendendo lixo e mentiras, mas para exterminar, conquistar e escravizar. Ou seja usam a propagação tanto da doença quanto das condições que permitem sua disseminação como armas bio-psicológicas de guerra, ou seja de propaganda de guerra, tanto de ideologias autodestrutivas ou conversão do inimigo quanto de radicalização da alienação dos servos e convertidos.

Do ponto de vista ciência da mente, a prepotência científica está no mesmo estágio. E muita gente ainda vai adoecer, matar e morrer, enquanto eles não encontrarem uma prova que a mente não é uma caixa de neurônios fechada, mas uma rede em nuvem onde os pensamentos de cada pessoa são compartilhados e afetam o estado dessa mentalidade, como consciência e inconsciência coletiva.

A mente não é um corpo atômico, mas um campo onde os pensamentos se propagam em ondas, tanto intermediadas pelo simbólico, quanto

automaticamente pela própria conformação pisco-cultural desse espaço-campo mental. Onde fazendo uma analogia com a informática, os vírus se instalam na programação psico-cultural na nuvem de toda essa inconsciência coletiva infectando todos os terminais, que não tem sistema imunológico mental, uma consciência que funcione como firewall, capaz de protegê-los seu sistema operacional contra esse programação que entra e roda pelo backdoor da arquitetura das superestruturas da mente civilizada, o superego.

A própria ideia de loucura e normalidade é dispensável se seu objetivo não for tratar do problema, mas racionalizá-lo. Ninguém em sã consciência precisa de normas ou definição de normalidade e loucura para compreender necessidades básicas e universal. Ou melhor a falta de tal compreensão e respeito é a medida para definir o grau de insanidade e periculosidade e não o inverso. A definição de normalidade e loucuras banalizadas como normais usadas para justificar o injustificável são a medida do grau de loucura perigosa que acomete indivíduos e coletivos.

Loucura não é aderir a ditadura da normalidade, mas acreditar que essa ditadura se sobrepõe a natureza da realidade, de tal modo que louco não é quem não desobedece ordens e mandamentos e costumes absurdos, mas justamente quem manda e obedece sem usar do seu juízo e consciência. Louco não usa sua razão e fé na sua própria razão para elaborar sua certezas e dúvidas e tomar suas próprias decisões e conjunto de credos e descrenças do certo e errado, verdadeiro e falso, do bem e do mal, possibilidades e impossibilidades ou qualquer outro guia da seu tomadas de decisão e comportamentos. Louco é antes de tudo quem renuncia ao seu próprio juízo e poder de decisão para se comportar como uma alienado capaz até mesmo de matar ou morrer pelos campos, entidades e fronteiras do imaginário alheio, deste que essas divisões, entidades, fronteiras imaginárias se tornem pesadelos tão reais e concretas quanto

um tiro na cara ou um campo de concentração, ditadura ou mito ou ídolo que sequer se reconhece enquanto tal, não realidade.

Quando um psicopata ou psicótico impõe a força suas manias geralmente com todo absurdo da manipulação e violência isso não torna a sua vontade de poder enquanto monopólio da violência sobre quem quer que seja, ou quantos sejam, uma realidade totalitária nem suas razões verdades absolutas. Pelo contrário, são a prova empírica que a loucura ganhou concretude. E não há título nem autoridade nem discurso que consiga perverter ou destruir a noção de realidade de quem não perdeu nem está disposto a renunciar a sua ligação inata e natural com a rede da vida e a força elementar que sustenta a sua própria existência como consciência: a liberdade como livre vontade e autodeterminação e livre vontade.

Louco não é quem se acha o rei da sua vida e o dono do seu próprio rabo, mas o que se acha dono do rabo dos outros, ou pior súdito deles. Quem tem dúvida disso, ou pior certeza do contrário, já era pode ser convencido e persuadido de qualquer coisa, é capaz de mandar e obedecer qualquer coisa, inclusive se jogar ou jogar seus filhos no poço, desde que seja por uma ordem superior ou causa maior que a própria vida e liberdade.

Meu amigo, quem compra e engole isso, o resto é detalhe, engole qualquer coisa. E sorrindo porque está sendo filmado.

E aí, vai de Cloro, ou Fósforo? Ou prefere balas como ponta radiativo mesmo? Por qual time de estatopatas você vai torcer ou jogar ou advogar? Tem meia mentiras e meia verdades para todos os gostos, manias e preferências e interesses...

Como o gás de cloro se tornou uma arma na guerra civil da Síria - Política Site

A guerra civil mais covarde da história parte dos mortos não foram soldados, mas crianças, em ataques aéreos e o mais...

politicassite.com

A Síria usou gás sarin e cloro em ataques em 2017, disse uma agência que combate armas químicas ...

Gás sarin e gás cloro foram utilizados em dois ataques no sul da Síria em março de 2017, reportou nesta quarta-feira...

www.osul.com.br

EUA defendem uso de fósforo branco no Iraque

O Pentágono admitiu na quarta-feira ter usado munição de fósforo branco, que é incendiária, numa ofensiva contra a...

noticias.terra.com.br

Síndrome dos Bálcãs - ISTOÉ Independente

O conceito de "guerra limpa", criado a partir dos bombardeios ditos cirúrgicos e com mínimas baixas, efetuados pelas...

istoe.com.br

Exceto uma. Prevaleça quem prevalecer, o fato permanece. A verdade nunca consegue sobreviver no cativeiro dos suspeitos de sempre. Ela sempre morre junto com as vítimas. Mas como bem sabem as verdades e

assassinos concorrentes mortos não falam. Mortos assim como a vida e liberdade assim como a solidariedade simplesmente esquecem, ou melhor podem ser ensinados a ser esquecidos.

É obvio que é tudo montagem, é tudo uma grande conspiração para acabar com a credibilidade dos nossos santos governos e governantes são montagem. Quando os grandes líderes celebrarem sua conferências de paz a verdade será revelada, foi tudo uma simulação feita como atores, só morreram terroristas. Não são crianças “de verdade”, não são gente “de verdade”.

Tudo é sempre intriga da oposição e quando os opositores se tornam aliados, os crimes inclusive contra de guerra e contra a humanidade desaparecem. Não se preocupe, apenas trabalhe e pague seus impostos que eles sabem o que fazer com o seu dinheiro para proteger você e sua normalidade.... da loucura da realidade que nós bancamos, eles sustentam.

O segredo da felicidade da vida civilizada, feche os olhos e continua acreditando e desacreditando no que lhe interessa.

A facada em Bolsonaro, a Dissonância Cognitiva e Tempestade Perfeita que se aproxima

Dos desafios à ciência e consciência na era da
hiperinformação

O episódio do ataque a Bolsonaro, tem muitas dimensões e implicações. Todas elas inseridas na onda de uma crise institucional sistêmica que não se restringe as fronteiras geopolíticas nem muito culturais de um só nação ou país. É praticamente impossível analisar todas elas. Por isso, vou me ater apenas aos aspectos que considero os mais alarmantes e emergenciais desse problema complexo e global. Começo enumerando esses problemas generalizado de acordo com os níveis de comprometimento dos razão, juízo e valores partindo dos problemas consequentes para suas causas

1. Perda generalizada de valores universais e fundamentais;
2. comprometimento grave da capacidade de emitir juízos de valor;
3. incapacidade completa de discernimento da realidade pelo estabelecimento de dúvidas razoáveis.

Tão grave, quanto o atentado em si, foram, portanto, as impressões e reações -que diga-se de passagem tem se constituído o padrão de comportamento. Padrão de comportamento que já vem se apresentando, e agravando a cada episódio e que é sintomático da complexidade e profundidade do estágio atual de alienação das massas. Uma população claramente confusa e transtornada, confundida e atormentada por uma realidade que não só possui estrutura nem instrumento políticos, econômicos, culturais, nem psicológicas para lidar; mais grave: não tem as estruturas e os instrumentos epistemológicos.

Não importa qual seja o caso, ou a questão... desde dos indivíduos que comprem tudo que vê e ouvem na TV e Internet, aos que pelo contrário enxergam conspiração em tudo. Dos que aceitam tudo, não importa quão improvável as sincronissidades sejam meras coincidências ou acidentes; Aos que não aceitam nada, não importa o quão provável e evidente seja a

natureza espontânea e livre arbitrária das ações e seus agentes como fator determinante dos fatos. Não importa. A abordagem e resposta segue cada qual o seu comportamento padrão. Padrão de leitura, processamento e resposta condicionados por essa realidade forçada e constituída da própria traumatização da inteligência: a falta e a perda do seu chão.

Assim, dos crédulos que acreditam que tudo pode ser regido sem nenhuma razão pela sorte, passando pelos incrédulos que duvidam de tudo exceto que nem tudo é regido por causas predeterminadas, até chegar aos absolutamente crentes que dão crédito a qualquer coisa desde que isso lhe de paz e conforto . Dos crentes e fanáticos que tem por realidade, e princípio a aceitação e obediência à visão de mundo alheia. Aos paranoicos que tem princípio e realizada a abordagem contrária como condição e visão negativa de mundo. Dos que não se cansam de aceitar tudo sem duvidar de nada, ao que não desistem de procurar por causas e razões que desencadeiem ou comandem mesmos quando as evidências empíricas apontem para o contrário, para fenômenos ações e agentes completamente irracionais, inconsequentes e incontroláveis. Aqui eles estão e estamos. Perdidos, carentes, cegos, temerosos, e raivosos. Um universos de pessoas transtornadas e perturbadas a construir suas fantasiosas visões de mundo como castelo para protegê-las de uma realidade cada vez mais insana tóxica. Composta ela mesma de falsificações, alucinações e mediações espetaculosas dos fatos como dados completamente envoltos em fantasia, ficção e adulterações perturbadoras e grotescas vendidas como o banal e normal.

Perplexidade, paranoia, fanatismo, ansiedade, pânico, impotência, surtos neuróticos e psicóticos, mitomania, negação da realidade, cegueira e moralidade seletiva, estamos claramente diante de uma sociedade que está deixando a condição de transtornada para se tornar doente, que está perdendo sua capacidade de lidar com a realidade e verdade. E não só a

realidade e verdade dadas como dados. Mas realidade por ele mesmo construídas com juízo e discernimento. Juízo para discernir o crível do incrível, o real da realidade mediada como verdade, e o verdadeiro (e falso) da realidade mediatizada como verdade — em todas as suas nuances de grau, e contradições.

Duas gerações completamente perdidas nesse novo ciberespaço.

Uma nova nascida imersa nessa cultura e tecnologia de informação e telecomunicação onde o real a ligação com o mundo está completamente mediada e intermediada por mídias e representações abstrata do concreto como projeção artificial sensível, audio visual e até tátil do mundo perceptível; signos sinais cujo significado e instituições se confundem cada dia mais com a realidade. Signos, sombras, reflexos e projeções artificiais que já parecem sensivelmente mais concretas e significativas e até mais reais e naturais que a própria realidade e sua natureza, e a natureza e sua realidade.

Outra engolida por transformações tecnológicas dos sistemas de produção e telecomunicação a qual como o índio que contempla a figura dentro de uma TV, ou uma foto, não consegue a princípio discernir como a pessoa humana está presa lá dentro, exatamente como o velho civilizado que não entende como sua psique habita e já pertence às nuvens artificiais. Negando-se a mergulhar e entender esse novo universo, e por isso mesmo sem entender que já completamente submerso nele.

Duas formas distintas de se lidar como o processo de transformação, representação e manipulação da realidade, um de completa negação outro de perfeita conformação, ambos incapazes de fazer imergir a

consciência que o real não é verdadeiro porque concreto ou evidente, nem o ideal irá se realizar ou ser realizado apenas porque é lógico verdadeiro, nem sequer natural. Uma condição de alienação não apenas psicológica, mas epistemológica. O ápice do poder simbólico, a pessoa natural completamente imersa, introjetada e perdida no labirinto de espelhos de signos e representações do ideal como real. A loucura e alucinação não como pesadelo acordado, mas como arquitetura de um novo domus, uma superestrutura virtual absolutamente concreta de um sistema que ainda tenta ele mesmo entender as dimensões operacionais do seu controle e poder de domínio, domesticação e programação sobre mentes e corações.

Um sistema de produção e comunicação em fase revolucionária de transformação. Um sistema de controle e domínio panóptico em construção que ainda não está completamente controlado e dominado, ou o que é a mesma ainda fora de controle e em disputa pelos novos paradigmas. Onde nem quem produz a nova sociedade do espetáculo consegue dirigir o show, nem o respeitável público consegue entender o plot da peça. E o que é pior, não consegue mais entender o que é parte do teatro e o que realidade. Ora confundido e duvidando de fatos com se fossem parte da representação e ficção. Ora tomando e pressupondo a representação, a fantasia e falsificação ideológica como o real.

Até porque distinguir e mensurar são operações mentais inseparáveis, de modo que a separação do real do ficcional, longe de se constituir exclusivamente no raciocínio preconceitual de qualificação e desqualificação do que é falso e verdadeiro, consiste do dimensionamento e quantificação interdependente e simultânea do verdadeiro e verossímil, do falso e falseável literalmente como a própria razão ou mais precisamente a equação das possibilidades e certezas do real. Não é uma abstração preconceitual nem uma verificação ideológica de coerência interna, mas uma verificação empírica de proporções de possibilidades e

impossibilidades, uma investigação probabilística do mais possível versus o menos improvável, a partir da observação do quer que seja. Embora eu quando criança tenha sempre preferido Agatha Christie e seu Poirot, heurísticamente e inconscientemente nossos cérebros são todos Sherlock Holmes, mesmo quando nossa ego quebrado não passa de um pobre e crédulo dr. Watson, ou pior um inspetor Lestrade.

“Uma vez eliminado o impossível, o que restar, não importa o quão improvável, deve ser a verdade.”

Com um pequeno ajuste, como físico-matematicamente não existe absolutamente impossível, mas sim a improbabilidade próxima, ao zero, e como quase na vida trabalhamos com esses níveis de certeza e incerteza, o que o aparelho cognitivo está inconscientemente a equacionar mesmo quando nos negamos a fazê-lo, mesmo quando drogado, alucinado, trancado em cavernas, ou retalhado química, emocionalmente e neurologicamente é equacionar qualitativa e quantificar dúvidas e certezas, possibilidades e impossibilidades, nem podem até ser convertidas em signos e símbolos, mas num primeiro momento são transmitidos de forma direta como sensações e impressões, noções e percepções instantâneas cuja diferença de gradação pode ser enumerada ou substantivada, ou simplesmente reprimida, mas já está constituída.

Seja as observações mediadas pela percepção e narrativa alheia, ou pelo nossos próprios aparelhos sensoriais naturais ou artificiais e interpretações; sejam os objetos observados ou os supostos ou declarados como reais ou da ficção, no final dessa operação mental, o que resta de certezas ou dúvidas razoáveis, o juízo do que é falso ou falsificável, verdadeiro ou verossímil será dada por essa noção e impressão, seja sobre a representação simbólica e mediada da realidade como discurso, seja diretamente sobre a própria observação. Um valor que dimensiona a

quantidade de credibilidade e validade que atribuímos aos dados e informações como fatos, a definir a noção do que real ou ilusão, conscientes ou não disto. Qual o problema? Hoje temos de um lado gente que sabe operar nesse plano, manipulando o juízo e logo as respostas e comportamentos através da adulteração tanto dos dados quanto do seu processamento- mesmo sem saber ou sequer se importar em quais serão os efeitos colaterais disso. E do outro gente completamente vulnerável que não faz a menor nem da sua vulnerabilidade, nem de como ela é explorada e retroalimentada.

As reações que assistimos de todos os espectros de pensamento político nos 3 níveis de incapacitação descritos no início deste texto: (i) perda de valores fundamentais; (ii) incapacidade de emitir juízos ou raciocínios coerentes; (iii) falta de noção para distinguir fatos e dúvidas razoáveis de credos ou incredulidades cegas, corresponde a condição de transtorno que abordei na tese de Koyaanisqatsi, uma sociedade cuja psique da coletividade está doente. E cuja patologia já evolui da neurose para a esquizofrenia e os episódios de surtos psicóticos. Uma sociedade claramente beirando a loucura e desintegração enquanto submetida a uma cultura de liderança com traços psicopáticos que usa e brinca com a cabeça (e os corpos) dos submetidos sem remorso, culpa, responsabilidade ou empatia. Apenas visando satisfazer seus desejos e manias de posse, poder e controle do alheio. E a reduzir as pessoas a isso: objetos reificados e massificados de seus fetiches e taras racionalizadas e banalizadas como normas e normalidade. A sociedade não só insandecida pela normose, mas como a própria fábrica da insanidade como ditadura de relação psicopáticas-psicóticos sublimadas enquanto normalidade neurótica presa no arcabouço desse inconsistente coletivo completamente acorrentado a esse desejos que longe de ser vitalistas e eróticos são patologicamente teráticos e necrófilos.

Não é o fetiche apenas ideológico materialista contra o idealismo a negar a espiritualidade, não é o fetiche apenas pela matéria, mas pelas matéria e natureza morta, que desprovida de anima, e vontade, é perfeitamente não só controlável mas passível de posse e controle. A natureza do poder, em sua forma mais explícita, morte; e morte como falsificação da vida, liberdade e natureza. O caos e destruição com falsa ordem, a se apropriar, falsificar e renegar a verdadeira ordem natural criativa: a vida e liberdade.

Um mal coletivo que não é exclusivamente de natureza psicológica, mas epistemológica. Já que a escalada e disseminação como epidemia mundial de alienação e imbecilização, não está mais restrita as relações sociais e produtivas de dominação, mas sim na revolução industrial, tecnológica e científica da produção e reprodução cada vez mais abrangente e automatizada desse sistema, invadindo o pessoal, o individual e o privado.

A manipulação do homem pelo homem como massas e manadas, não está mais só nas relações político-econômicas de trabalho e produção. Mas nas relação de produção e reprodução da própria vida pessoal. A ideia de precariado é uma ideia precária. De modo que não existe mais proletariado, porque não só a plebe não resta nem a controle sobre sua prole, não resta nem mais o controle sobre a propriedade material e imaterial que compõe sua identidade nem individual nem coletiva. Precariado? Até a ideia de precariado é uma ideia pobre e precária. Enquanto lutamos por trabalho alienado, e quiçá bem comum, vamos sendo alienados até mesmo da nossa vida privada numa luta assimétrica de poderes e informações. Onde a maior instrumento de libertação, a maior instrumento de legítima defesa, sobrevivência não só dos povos, mas de toda e qualquer espécie humana já foi minado: solidariedade. E minado em sua cerne enquanto capacidade sensível necessária e formadora da inteligência e consciência: a empatia.

A perda da capacidade de se colocar no outro, a perda do instinto gregário, a capacidade empática, não tem efeitos psicológicos gravíssimos sobre a senciência, mas sobre o desenvolvimento da inteligência e consequentemente da consciência que carece de ambas. A perda da capacidade de projetar sua percepção sensível para outras perceptivas e interpretar a descrição sensível de experiências cada vez mais estranhas e alheias a sua cognição, produz entes-bolhas, seres fechados em si mesmos, incapazes de estabelecer conexões naturais sem intermediação e condicionamento externo. Pessoas que em casos extremos se tornam completamente incapazes de processar qualquer entendimento ou compreensão sem doutrinação e tutela, amputadas e incapacitadas até mesmo de chegar a conclusões ou fazer projeções não só de futuro, mas da realidade atual independentes de preconceções e prejulgamentos.

As reações ao ataque a Bolsonaro, até mesmo por conta dos componentes de histeria coletiva envolvidos, levaram as pessoas a reagir sem filtros da cautela e comedição, reação cada vez mais frequente na medida que a crise dos sistemas e valores vigentes vai prejudicando sensação de segurança e o senso de normalidade junto com ela.

Parte da direita grita é um plano dos malditos petistas! Parte da esquerda é fake ataque de falsa bandeira! Outros que não! Não há facada, é tudo parte de um grande complô! Da Esquerda! Não! Da direita! Não do Sistema!!! Não do anti-sistema para incriminar o sistema, e dá-lhe paranoia e teoria conspiratórias a correr solta entre fanáticos crédulos dispostos a acreditar em qualquer mito ou mitomania incluso, claro, teorias paranoicas e conspiratórias. E assim caminha a humanidade, como manada. Cada grupo a abraçar ou repudiar e reforçar a afirmação ou negação da realidade que seja mais confortável ou menos ofensiva aos castelo das suas convicções sem questionar o quão sólidas são as dúvidas ou certezas, negações ou afirmações, não importa.

Há narrativas e imagens, teses e antíteses a gosto do freguês. Veja grita um: “Há imagens que comprovam os fatos”. É verdade! gritam seus seguidores. Há imagem que comprovam a manipulação das imagens!- gritam outro. É mentira! Replicam agora os seus. E por aí seguem os seguidores dos seguidores, como imagens que comprovam a manipulação das manipulação das imagens das imagens. Há as notícias. Os checadores de notícias. E em breve os checadores dos checadores de notícias. Pois é. Quando a informação é poder, o paradoxo clássico: quem vigia os vigilantes, passa da vigilância das pessoas e seus atos, para a vigilância dos fatos e versões.

Na era da informação o poder precisa ser mais do que o olho que tudo vê, ele precisa ser o olho que vê o que todos veem e dita o que todos podem e como devem ver- nem que para tanto tenham que furar todos os olhos. Uma guerra de informação, contrainformação e desinformação, que vai arrancando o chão de populações que dentro ou fora da escola, não são ensinadas a investigar por conta própria os fatos e verdade e construir suas visão de mundo, mas justamente a matar essa capacidade substituindo-a pela reprodução de comandos e mandamentos de autoridade.

A terra é redonda, e o homem não foi feito da costela de Adão. E pessoas que se julgam cultas e ilustradas riem dos terraplanistas e criacionistas, mas não peça para os esclarecidos explicar porque a terra não é plana ou como funciona e a seleção natural, porque como crentes e fanáticos não fomos educados para entender, provar ou deduzir por conta própria o que falamos e acreditamos, mas apenas para repetir como papagaios o que as figuras de autoridade nos contaram. Não importa que 3×5 sejam 15. Poderiam ser 16, se assim o professor ou calculadora mandasse. Não sabemos porque é 15, decoramos como quem decora os versos do Corão ou da Bíblia. Somos crentes do cientivismo. Analfabetos funcionais da

vida, incapazes de interpretar ou investigar qualquer fato ou narrativa sem a coleira mental das soluções e conclusões fácies e prontas. As pílulas mágicas, regimes para emagrecimento da moda, facas ginsu ou o osso da perna de Santo Procópio. A tecnologia e fachada político cultural, e econômica é moderna, mas a cabeça, o comportamento e o ambiente da sociedade ainda são tão vulneráveis e encabrestadas quanto no períodos ditos mais ilúcidos da humanidade.

Os mais ilustrados criticam o pensamento cartesianismo e mecanicista, mas assim como desigualdade social, se esquecem que a maioria da população, não escapou ainda da idade das trevas da miséria e pobreza. Assim como também não escapou, e nem poderia da ditadura da bestificação. Incluso quem se acha culto e ilustrado, mas respira e transpira a mesma imbecilização e no final produz razões e raciocínios tão servis quanto o escravo ou o cão que beija a mão do mestre que o alimenta.

Rene Decart, em suas Meditações pregava a dúvida absoluta para que do absoluto ceticismo e incerteza pudesse deduzir através da razão o real, enquanto (des)ilusão com as meras percepções; deduzir literalmente que por trás do mito e ficção do minotauro haveria de haver uma realidade da qual a mentira era composta, o homem e o touro, assim como do erro e engano, e alucinação, haveria uma realidade da qual a mentira ou verdade seria composta. Uma realidade da qual tudo seria composto e derivado, incluindo o próprio nada e a suposta criação do Universo, que sendo por definição o surgimento de tudo a partir do absolutamente nada, poderia até não ter causa anterior, ao menos não cognoscível, mas ainda sim existiria, e por existir deixaria suas rastros e pegadas.

E assim, através da certeza da existência, deduzida do fato de ele pensava e logo existia não importava se dentro de um sonho, ou de uma farsa, ele

ainda sim existia, mesmo que tudo fosse uma ilusão, existia como fenômeno e isso era um fato que não precisava do intermédio de nenhuma autoridade senão a do seu próprio senso e razão para averiguar e validar dessa verdade: ele existia porque pensava. E assim a partir desse ponto de apoio autodeterminante e libertador da consciência Decart firmaria não só o seu chão, mas alavancaria a sua ciência de mundo, mas de todos que vivessem entender o que significava a descoberta e modelo epistemológico para o aquisição e produção do conhecimento, experiência e compreensão da realidade, podendo para o bem e para o mal discernir por conta própria o real da ilusão mediada que sensorial.

Modelo cartesiano por sinal ultrapassado. O que não quer dizer que ele esteja errado e que a primitiva visão de mundo crente e servil esteja correta. Muito pelo contrário, quer dizer que não só a sensorialidade tem suas limitações como também a racionalidade. De modo que ambas carecem e devem ser aprimoradas como conhecimento, cognição e volição, como capacidade auto-afirmativa e inteligente: ciência, consciência e fé . Sim fé. Fé na razão e sensibilidade como manifestação do livre arbítrio como vontade própria. Manifestação do livre pensar, agir e sentir como livre vontade. Liberdade e consciência.

Se não pensamos, ao menos não por conta própria, logo não existimos, ao menos não como seres com liberdade e consciência própria. Nem mesmo sequer dentro dessa limitada e cartesiana visão de mundo que dirá dentro de uma conexa, integrada e ecossistêmica.

A rede da vida não é um corpo um organismo que reproduz sua células. A rede da vida é universo produzido pela força elementar de cada nó e átomo constituinte do seu nexa e arquitetura como sistema. “Nós”, não como uma abstração coletiva. “Nós” como cada pessoa dotada de autodeterminação, propriocepção e livre vontade, que no universo

complexo da mente produz a singularidade do fenômeno que caracteriza a potencialidade daquilo que denominamos por humanidade: consciência. Um estado de dúvida e questionamento permanente sobre as certezas do real. Mas não dúvidas arbitrárias, niilistas ou paranóicas, mas sim as razoáveis. Dúvida que não é produzida como resposta reflexa, automática ou condicionada, mas como princípio de incerteza que produz a possibilidade de julgamento, juízo e a razoabilidade.

A produção de conhecimento como certeza é a arte da produção de dúvidas e questionamentos. Mas não dúvidas e questionamentos arbitrários, e sim os razoáveis.

Você pode chamar de estado quântico do gato de Schoderer, ou se preferir de sabedoria popular do caipira que ainda não encabrestado que de trouxa-que- se-acha-esperto não tem nada, ou seja, confia desconfiando. O caipira que entende ainda como funciona a natureza, acredita e trabalha com a experiência que tem, onde ser ou não ser, é a questão que ele também conhecem, mas nem por isso se perde nela, pelo contrário se guia na incerteza, desconfiando até da sua desconfiança. Por essas e por outras cientistas e intelectuais como um Monteiro Lobato, acabam vire a mexe embarcando nos barcos furados do espírito do seu tempo, entusiastas do higienismo e eugenismo, mas o seu Jeca Tatú mesmo desnutrido e ignorante não, não enquanto desencabrestado.

A mente é uma estrutura ainda mais frágil e vulnerável do que a verdade. E a realidade, e sua narrativa, sempre foi manipulada por quem domina os meios de comunicação e registro dos fatos como dados. Sempre foi manipulada por quem controla as notícias, história, segredos de Estado, meios de comunicação, pelos produtores e reguladores da formação e transmissão da informação. Sociedades hierarquias sempre foram idiocracias. E idiocracias são foram pirâmides de idiotas. Porém, o atual

estágio dessa manipulação e escala de produção dessa imbecilização em massa para as massas atingiu níveis onde a imbecilidade do topo se tornou insustentável até mesmo para as mais anestesiadas, alucinadas e resignadas bases de alienados.

Até porque não é uma questão de vender ou comprar ilusão. É uma questão de perda de conexão completa e discernimento minimamente necessário da realidade tanto como certeza inquestionável quanto como dúvida razoável, ambas se disseminando numa profusão incontrolável de incoerência que tornou a convivência não mais só uma reprodução do velho diálogo entre cegos e surdos, mas já agora entre cegos, surdos e loucos. O mundo girou de modo que os polos opostos acabaram no mesmo lugar o manicômio ideológico, um zoológico de insandecidos expostos aos seus comerciantes e traficantes muitos além do que eles mesmos se expõem em suas redes sociais e facebooks. De modo que o denominador comum entre o fanático que aceita ou nega toda e qualquer fato por obediência cega a autoridade alienada, e o paranóico que renega todo fato ou reafirma e propaga toda sorte de teoria conspiratória deram uma volta completa na sua insanidade contraditória radical para terminar no mesmo arcabouço manicomial: negando e renegando fatos e cantando em verso e prosa as mesmas fantasias; um por credulidade e obediência cega ao doutrinamento, outro por paranoia e manias persecutórias e conspiratórias. Um como efeito direto do condicionamento outro como colateral de fuga e resistência, mas ambos como produto da violação das suas mentes e corações, por quem faz deles alvos, objetos ou meramente baixas civis da sua guerras.

Veja, não há problema nenhum em ter credos ou dúvidas como princípios. Ou sabiamente ambos a disposição da sua pessoa, seja para efetuar raciocínios, investigações ou guiar sua vida em situações cuja complexidade e dificuldade e imediatismo, a maioria das circunstâncias

da vida, exijam. O problema é perder, ou jamais ter condições para sequer tomar a consciência de que essas concepções não são a realidade, nem seu retrato, mas hipóteses e teses, crenças e descrenças como possibilidade de verdade ou falsidade, representação e mapa do real como ideias, e não a real como fenômeno. Certezas ou dúvidas baseadas em crenças de uma ingenuidade pueril, ou nas mais complexas teorias conspiratórias não são um problema em si, mesmo que matematicamente beirem a probabilidade zero. O ponto não é esse. O ponto é não ter noção disso. Não ter noção que se está a espera de um milagre, que se está apostando do altamente improvável. Não ter ideia de qual a dimensão da possibilidades, nem muito menos de qual a percepção alheia das mesmas. Não ter noção que a certeza da realidade não é binária, mas sim uma gradação de possibilidades mais ou menos prováveis, já não ajuda. Mas tomar esse ou aquela abordagem ou conclusão binária como a verdade absoluta e imutável, isso é o tipo de inconsciência que produz a insanidade perigosa. Ou seja aquela que não compreende e não raro admite o que lhe não é igual e semelhante, mas acaba por perseguir o que é estranho, incompreensível e diferente, tomado como contrário e até mesmo ofensivo e agressivo a sua visão de mundo simplesmente por existir!

Do atentado a Bolsonaro (como já por sinal já havia ocorrido no assassinato de Marielle) é possível verificar todos níveis de racionalização do absurdo, negação da realidade até a reelaboração das realidades fantásticas. Das acusações de um plano montado pela esquerda, até de um ataque de falsa bandeira de Bolsonaro, com direito é claro a cumplicidade da Globo, Cia e até Mossad. Suspeitas sobre o infame Centrão, e o investigado e suspeito de sempre, o governo Temer... teorias que iam desde um ferimento milimetricamente calculado até mesmo uma orquestrada falsificação da própria facada com direito a atores e atuações dignas de novela.

Na maioria simplesmente um grito automático sem nenhuma outra prova, que senão a impressão, diga-se de passagem nada injustificada de que tudo que é transmitido se não é uma completa farsa, é suspeito até que se prove o contrário. Ou seja baseado no memorial de farsas e manipulação algumas inclusive históricas e já publicamente assumidas que não só retiram toda a credibilidade instantânea da grande mídia, mas que a tornaram para muitos sinônimo de informação falsa e descrédito. Outras tosca e nitidamente manipuladas, que dentro da guerra de informação, mais parecem ruído propositalmente inserido nas teorias para torná-las mais absurdas e risíveis do que propriamente argumentos que poderiam ser levados a sério. Uma hipótese que seria altamente plausível se a hipótese contrária, isto é, a probabilidade de ter sido produzida por gente ignorante que acha esperto e todo mundo otário, não fosse ainda mais provável.

Vou ilustrar esse análise com um exemplo:

É de supor que tal montagem de tão mal feita não seja nem oficial nem “intriga da oposição”, mas uma piada. Não é nem piada, nem intriga mal feita. É a postagem de gente cuja montagem que prova só de uma coisa: somos governados por gente que acha que todo mundo é idiota como eles. Não somos. Somos mais. Percebemos que eles são limítrofes inclusive moralmente, mas mesmo assim continuamos a nos manter submissos a eles por uma questão de hábitos e costumes. Eles estão mal acostumados a achar que todo mundo é trouxa, e nós a deixar que nos tratem por tal. Não há outra manipulação da realidade senão a da nossa indignidade, não pela foto, mas pelo nosso adestramento de povo-hiena, comemos bosta e ainda damos risada.

Sabendo que o bug, não está na fotografia, mas no aparelho sensor e processador, os nossos olhos e vontade de ver o mundo. Voltemo-nos

para o episódio em questão, a facada no presidencial. Das teorias conspiratórias apresentadas a prova mais interessante que tudo não passava de uma farsa, é a ausência cuidados básicos durante o operatório e pós durante a emergência. Vejam:

Falta de luvas, máscaras e etc... Novamente, tal poderia até ser considerado uma evidencia substancial de um complô com direito a farsa midiática com produção B. Uma indício relevante de que a foto não condiz com a realidade... com a realidade da Suíça. Já no Brasil, um país onde médico mata paciente fechando a barriga de coitado com gaze e tesoura dentro, amputa dedo trocado, receita e aplica 100 ml de dipirona na criança ao invés de 10 e foda-se. Não me surpreenderia se tivesse um gato de estimação ou alguém fumando, ma goteira, principalmente se o paciente não fosse um Bolsonaro. Desconfiado ficaria de tudo tivesse no lugar, fosse novo e pintadinho. Médico e enfermeiro faz milagre em pronto atendimento e maluco fica dizendo que ele sequer existe. Um nova estágio de negação da realidade absurda e miserável. Enquanto um luta outra diz que a luta sequer existe. Ele não existe.

Logo a questão não é o debater ponto a ponto o retrato de uma realidade, por isso em si já é entrar literalmente na doidera. O ponto central não é este ou aquele argumento em si, mas a ideia como um todo. Como as pessoas passaram a acreditar que uma trama que necessariamente envolveria uma quantidade gigantesca de pessoas em cumplicidade sem cometer nenhum erro, tem mais probabilidade de dar certo do que trabalhar de antemão como simples e mais provável fato houve um atentado? E a partir dele iniciar as suas divagações, quem? porquê? sozinho? Que diga-se de passagem também não faltam suspeitos para as mais incoerentes (ou nem tanto) hipóteses. Notem que a questão não é se há ou não inconsistências, mas sim como facilmente nossa atenção é roubada por detalhes e esquecemos da grande figura a qual permite

nortear nossa juízo sem precisar se perder em intermináveis detalhes de teorias conspiratórias.

Use teoria das probabilidades. Qual é a chance dos suspeitos em questão, que reputadamente não conseguem se coordenar para construir nem preservar nada, nem que se tivessem toda a riqueza e tempo do mundo, conseguirem ao vivo produzir uma farsa dessa proporção? Teoria conspiratória por teoria conspiratória é mais fácil A NASA conseguir falsificar e filmar do pouso na Lua, do que a Globo e cia fazer esse novela 8 do zero. Notem que são níveis de perda de noção não só da realidade, mas sobretudo do que é realidade alheia. Uma coisa é acreditar que Elvis foi assassinado. Outra é que Elvis não morreu. E uma terceira que ele foi abduzido por extraterrestres. Suponha que você acredite em qualquer dessa hipótese. Mais suponha que Elvis não só está vivo. Mas que você é Elvis. Se você já não for um maluco, ou um maluco beleza, você não só vai falar que Elvis não está vivo, como não vai dizer que você é Elvis.(exceto no programa da Lucia Gimenez) A menos que você tenha perdido a noção de quem você é para o outro, ou mais precisamente da expectativa folclórica do público sobre você versus o você é na real, e como como um Raul Seixas acaba como ele surrado pela multidão como o sócia tentando se passar por si mesmo!(!?).

Crianças que são muito mais inteligentes do que os adultos, constantemente deixam de contar as suas pais o que elas sofrem porque não sendo ainda suficientemente alienadas, rapidamente entendem mais rápido como funcionam a cabeça desses loucos do que eles mesmos, simplesmente não contam ou só falam o que eles querem ouvir porque sabem que eles não vão acreditar no que (e quem) querem acreditar. O desafio consciente e performático dessa loucura é uma coisa perigosa, mais ainda mais perigoso é insana perda do senso de perigo do desejo por uma conformidade e normalidade mórbida.

Claro que há quem tenha explorado dessa vulnerabilidade, dessa falta de discernimento para dimensionar as certezas e dúvidas razoáveis, para aumentar o nível de insegurança e dissonância cognitiva e consequentemente vender ainda mais suas soluções baseadas na mais desonestas das mensagens proféticas do tipo: “ acredite no que eu estou dizendo e me siga porque é o que você quer desesperadamente acreditar”. Entretanto há também pessoas que sinceramente se perdem honestamente no credo das suas próprias hipóteses como verdades.

Um bom exemplo de como as dúvidas e suspeitas razoáveis enquanto hipóteses podem conduzir a conclusões tomadas como certa sem fundamento é a supracitada famosa teoria conspiração da viagem a Lua. Existem incoerências apontadas e mal refutadas pela própria NASA. Mas nenhuma delas em si é prova de que houve uma farsa. É prova de que há dúvidas razoáveis as quais permitem a pessoa manter fundamentadas as suas razoáveis suspeitas, mas não fundamentar seu descrença ou dúvida (porque crer ou não, assim como ter certeza ou dúvida continua sempre sendo uma sentimento pessoal e não um juízo- como certeza razoável de descrédito, quanto mais prova de que os EUA nunca forma a Lua. Um exemplo que merece as mais altas suspeitas: o video que tantos alegam ser uma montagem foi perdido. A NASA que teve a competência para chegar a LUA, não conseguiu manter um cópia da filmagens dos feito. É como aquele amigo que não só viu um ET, mas filmou um final de semana com ele na nave, mas e aí? cadê o video? “Ah, se não vai acreditar, a minha filha gravou o video da Anita em cima.” Pois é não vou mesmo. Com certeza se todas as provas da NASA se resumissem a esse embaraçoso episódio, ela merecia menos crédito que o seu amigo, enquanto caçador amador de ETs. Versus ele a Agência Espacial Norte-Americana no quesito desculpa esfarrapada ganha disparado. Por sorte (da credibilidade dos gringos), o case não é composto só deste dado.

Ademais para encerrar esse exercício de raciocínio paranóide. Suponha que por ventura fosse comprovada a falsificação da filmagem, isso implicaria a abertura de n possibilidades; n hipóteses a serem verificadas, entre o pousar e não pousar na Lua, que vão da completa fraude do feito, até a mera falsificação só dos registros para fins espetaculares e históricos. Ou seja o pouso pode ter ocorrido e a filmagem ter sido fake. A viagem pode ter ocorrido e a só a filmagem do pouso fake para fins de show. A desqualificação da prova não invalida as possibilidades em contrário, ela abre o caminho para as dúvidas e suspeitas razoáveis, de modo que o juízo independente se quem irá emití-lo acredita ou não. E isso não só é relevante, deve ser relevante, do contrário não só o juízo, mas a investigação estará prejudicada por credos e crenças tomados por preconceções.

Mas saíamos do mundo da Lua e voltemos ao mundo dos lunáticos. O Brasil dos fanáticos a esfaquear segundo a polícia “em nome de deus”, “por razões que ninguém entenderia”, e uma série de ilações tiradas tanto dessas afirmações quanto de suas filiações partidário ideológicas, que servem para abrir linhas de investigação e não para tirar conclusões precipitadas sobre ações supostamente premeditadas- agora já saindo das fantasias menos aceitas pelo cidadão mediano para as banalizadas e tomadas como certas ou normais. A saber:

a. Bolsonaro colheu o que plantou. Tese evidentemente encampada mais pela militância esquerda e para alguns surpreendentemente até por formadores de opinião e lideranças mais parvas. Surpresa! falsa... como se o fanatismo, a imbecilidade e desonestidade tivessem dono e não apenas mudasse de CEP e endereço dos ídolos e ideologias.

b. Claro foram os alopados de sempre da esquerda. Termo imortalizado pelo próprio grande líder do PT, e que acabou colando a essa

velha esquerda, que como o anarquismo de outrora também ficou marcada por seus erros. E reconheça-os ou não, inocente ou não, vai ser no imaginário de muitos e por muito tempo não só o mordomo de plantão, mas inimigo público número 1, o eterno suspeito e bode expiatório perfeito. A esquerda como um todo e em especial os grupos já vai pagar pela sua reputação, ou seja vai pagar por tudo que lhe foi reputado e lhe será reputado tenha feito ou não. Não interessa se a reputação foi assassinada, ou se matou, o fato é que ela está morta. E as pessoas e grupos pagam por isso mesmo quando não tem culpa, não devem, ou já não devem mais.

O erro na segunda tese “de quem tem fama deita na cama” pouco interessa, não tem mistério nem complexidade. Sua natureza falaciosa é simples. Atribuir suspeitas e suspeitos ou eliminá-los não por fatos, mas por reputação, já é a base de investigação tosca que escolhe arbitrariamente os culpados, e vez em quando acerta, afinal de vez em quando há culpados, e se quem aponta algum como quem joga na loteria não importa se o faz as cegas ou em superstições, nada impede que eventualmente acerte. Mas o acerto não confirma a superstição nem o preconceito, apenas os reforça, até levar ao erros em geral com perdas e consequências ainda maiores.

Já o erro e a estupidez da primeira tese é ainda pior. É o tipo de superstição moralista religiosa cármica de culpas e méritos, contida na ideia de quem planta colhe que mais interessa. Não só porque essa falácia está presente em todos os espectros da mentalidade, dos mais extremistas a esquerda e direita passando pelos mais moderados ao centro, mas porque ela é o tipo de proposição cujo defensor tende a buscar a confirmação da validade universal do seu discurso com a intervenção na prática através de seus atos particulares; buscando provar que esta certo

obrigando quem ele acha que plantou a colher, e as vezes entregando a força ele a colheita. Um tipo de doido, nada perigoso, não...

Essa falácia é um pouco mais elaborada por que ela está baseada em fato que pode ser observado pela experiência, é facilmente comprovado estatisticamente, e intitulado heurísticamente: violência gera violência. Paz gera paz, riqueza gera riqueza e por aí vai... Ora então onde está o erro? se violência gera violência, e Bolsonoro prega a violência contra a violência, porque ele não colhe o que plantou? Por que necessariamente não colhemos o que plantamos. Não existe uma relação de causa e efeito obrigatório, nenhuma lei natural e cósmica. Não só quem não plantou nada, muitas vezes colhe o que outro plantou de bom ou de ruim como quem planta nem sempre colhe, mas outro. Uma criança pode levar uma bala na cabeça de um ou receber carinho atenção e educação de outro. Isto sem nunca ter feito nada para receber nem uma coisa nem outra. Isto sem ser culpada de nada para sofrer as consequências dos atos alheios. Nem muito menos desmerecedora de receber tudo que possamos dar ela sem que ela precise plantar, trabalhar para ter que fazer nada para merecer o que já é dela por direito.

Violência gera violência e paz gera paz, mas essa relação que se espalha como o pólen ao vento, é difusa. De modo que não raro a paga não só da criança inocente quanto da pessoa adulta de paz é um tiro no peito, tenha ela defendido se armar até os dentes e reagir, tenha ela jamais defendido ou sequer esboçado a menor reação, até mesmo para legitimamente se defender. A clássica mentira construída sobre a observação de uma verdade. Que por sinal não faz dessas ideias filhotes das doutrinas de predestinação uma meia verdade, mas rigorosamente o emprego incorreto ou desonesto de um dado verdadeiro para racionalizar e justificar o irrazoável e injustificável.

Parte do toda a construção da justiça artificial humana fundada no punitivismo e meritocracia está fundada para corrigir essa “falha da natureza”, assegurar que quem plantou (e só quem plantou) colha, seja pagando pelo erro, seja usufruindo das suas propriedade e produção. Já na natureza não é só o sol que brilha sobre a cabeça dos justos e injustos, mas as chuvas e tempestades também. A lei da natureza para o bem e para mal é inversa da lei dos homens que inventou o bem e o mal. Ela distribui tudo de graça, como graça e desgraça. E a nuvem e o discurso tóxico liberada em um lugar, que não escapa dessa lei da physis não raro mata em outro.

São evidentemente posturas distantes que ora parte da esquerda ou parte da direita adota conforme os interesses, alternando as posições de advogado de defesa a acusação. Na tese do plantou o que colheu, busca-se inverter os papéis, entre quem sofreu o ataque e quem atacou. Tese de falsa predestinação encampada pelos mesmos loucos fundamentalistas furiosos, entrincheirados em todas fileiras e enrolados na bandeiras das instituições manicomiais adversárias. Embora infelizmente já encontrem também cada vez mas respaldo entre a população por motivos óbvios. Já que de um lado o discurso de Bolsonaro de apologia da violência. Do outro a folha corrida da velha esquerda. Novamente notem que nem uma coisa nem outra justifique coisa alguma, pelo contrário, é só a motivação usada para racionalizar os absurdos de parte a parte. E que portanto se fazem parte da parte da explicação racional de alguma coisa é da falta de juízo e irracionalidade desses tipo argumentos e seus propagadores e propagandistas.

Mas não estamos falando de forças na natureza, estamos falando de pessoas. Não estamos falando de pedras ou fenômenos da natureza, mas de seres e organismos dotados não só de anima mas senciência,

inteligência e consciência, não importa o quão desenvolvidas ou comprometidas.

Se nas relações de causas e efeito entre fenômenos consideradas inanimados, ou seja as forças da natureza desprovidas de vontade volições, a grande dificuldade para prever e controlar, em suma predeterminar o comportamento do sistema é a sua complexidade. Quando falamos não só de gente, mas de qualquer ser dotado anima, ou seja dotados de força de vontade, a dificuldade para efetuar esse prepotente (e perigosa) suposição de predeterminação dos comportamentos está justamente no fato de que o fator determinante tanto para a ação quanto a reação não reside na mera condições ideais de temperatura, pressão ou tensão, mas nessa força capaz de alterar destinos e quebrar teorias de predestinação: a vontade. Uma força elementar tão justa quanto a luz que vem do Sol, e que serve para fazer ou não fazer um monte de bosta, serve para fazer ou não fazer outra infinidade de coisas, vejam só até mesmo criativas, construtivas e até mesmo solidárias.

Não. Quando as relações de causa e efeito de ação e reação não são cálculos mecanistas de pedras e roldanas. Uma outra força está presente alterando a trajetória e a história dos objetos, que portanto não são objetos mas seres e sujeitos. A vontade. A força que não só torna os seres livres, mas também responsáveis por seus atos, porque ao contrário da chuva e do sol, temos o poder de decidir o que vamos ou não dar ou tirar uns dos outros. E se não houvesse tal força, tal possibilidade, nenhum ser jamais seria responsável pelos seus atos; seriam robôs, agindo conforme a vida nos programou e ensinou, respondendo como o sistema nervoso de um mesmo organismo, reagindo por mera resposta ambiental e comportamento reflexo, não raro condicionado. Não seríamos indivíduos independentes dotados da capacidade de realizar comunhão e formar coletivos e uniões, seríamos meramente células nervosas de um grande

organismo aberto. A fantasia erótica e teratológica de muito dementes predeterministas totalitários. Erótica para a tara eles, teratológica para nós.

Logo mesmo onde a relação entre a ação e reação é direta e ato contínuo, entre por exemplo uma provocação e uma agressão, entre quem xinga ameaça ou gospe na cara de alguém e quem dá um soco, uma facada, uma paulada ou tiro. Nenhuma delas está obrigatória ou necessariamente ligada a outra.

Quando falamos em direito a legítima de defesa, ou seja de uma pessoa reagir para conter uma ameaça inevitável, ou já em andamento-sempre lembrando de forma proporcional, como último e único recurso restante-a palavra direito não é empregada com enfeite. Não existe nem uma reação certa, nem sequer nenhuma reação obrigatória, o que consideramos justo é uma pessoa se defender para salvar sua vida, e não que isso vá acontecer, ou que a pessoa tenha o dever de fazê-lo.

Imputar o dever de reagir, implica em jogar a responsabilidade do evento a quem não consegue fazê-lo, é criminalizar quem está sendo subjulgado e aterrorizado. Argumentos típicos de violentadores e estupradores, incorporado por assassinos em massa como os nazis: você poderia reagir e não reagiu, logo merece o que lhe aconteceu.

Toda a ordem de raciocínios fundamentados na falácia da predestinação, e que é usado para justificar o injustificável isto é inverter os papéis entre a vítima e algoz, é uma excrecência monstruosa e perigosa. Uma eterna faca de gumes. Quando se diz que a apologia a violência de Bolsonaro que o discurso de um é o culpado e responsável pela ato alheio, está se criando por meio dessa relação fantasiosa a relação do mentor intelectual. E

quanta gente já não foi condenada pelo atos de extremistas que tomam sua palavras como bem entendem. Mal ou bem interpretadas, tomadas ao pé da letra, ou distorcidas, pouco interessa, se o gêneses amaldiçoou a mulher e diz que para o homem pisar no seu pescoço, quem pisa no pescoço responde pela que fez, quem disse para pisar pelo que fala. Nem a ordem seja de quem for absolve ou atenua o ato voluntário, nem o fato do discurso não ter relação com a ato, elimina a autoria e logo a responsabilidade a ser assumida por quem fala. De modo que o Bolsonaro disse ou não disse, não desagrava o ato, nem o ato ter ocorrido contra a pessoa dele elimina a responsabilidade de tudo que ele tenha falado. Responsabilidade que existe e continua existindo quer houvesse ou não houvesse o atentado. E o atentado seja contra ele, seja contra outro não é portanto prova alguma de que seu discurso é criminoso, ou pelo contrário de que sempre foi a vítima. Houvesse ou não houvesse o atentado, a natureza do discurso de apologia a violência seria e continua sendo mesma — assim com da violência do atentado contra a vida.

O discurso de Bolsonaro jamais será responsável pelo ato do outro, assim como o ato outro, jamais servirá de justificativa ou poderá ser tomado como exemplo de ato que provoca seus discursos. É a eterna transferência de responsabilidade de atos e palavras. Ninguém é responsável por nada, e outro é sempre culpado tudo, logo tudo é uma grande tragédia e acidente sempre onde o clima é o culpado pelo nosso comportamento e cultura. É o sistema, como se o sistema não fosse feito de pessoas.

Quando dizemos é o sistema. É o mecanismo, estamos dizendo que essa superestrutura que predetermina as condições e destino das pessoas, incluso como falácias ideológicas, apresenta padrões de comportamento e reprodução como se fosse um organismo, como se fosse um entidade ou ser dotado de força de vontade e autonomia para preservar suas funcionamento e anatomia. Estamos apontado para uma força que

permeia nossas relações pessoais e sociais, que está introjetada na nossa mentalidade, comportamento e instituições como padrões involuntários e inconscientes, e que vai minando e amputando nossa consciência tanto individual quanto como identidade coletiva, minando o desenvolvimento da nossa livre vontade como responsabilidade. E não que somos o produto natural ou desnaturado dessas condições, incapazes de genuína autodeterminação e tomada de decisão individual ou coletivo por concórdia ou discórdia.

A relação entre a cultura que nos faz e a cultura que nos fazemos é idêntica e correspondente a relação parental de gene. Somos herdeiros dos genes, hábitos e mentalidade de nossos pais. Ela constitui o que somos. Mas num dado momento da vida -aquele em que deixamos de ser crianças, deixamos de nos pensar como mero apêndices deles (o que nunca fomos)- já não é mais nossa herança genética, cultural e patrimonial que determina mais quem somos; sim essa herança irá constituir e delimitar nossas possibilidades como os braços e pernas que por ventura temos ou perdemos formam e limitam nossos corpos, mas não mais conformam e muito menos predeterminam os destinos nele presentes. Porque no momento em que deixamos de ser pessoas tuteladas, sobretudo em mente, não é mais o que foi feito ou fizeram conosco (ou de nós) que faz o que somos, mas o que nós fazemos ou não com isso, ou melhor ainda, independente de tudo isso que passa a autodeterminar o que somos, e portanto o grau de consciência e responsabilidade por nossos atos.

O que nós faremos- não importa as circunstâncias, condições ou contrapartidas- o que faremos independente do que tenha sido feito ou não para nós ou por nós, é o que determina quem de fato nós somos. Ou em outras palavras, não é o que fomos ensinados, obrigados, constrangidos, convencidos, induzidos, manipulados a fazer, não é o que

fazemos porque deram ou deixaram de dar, ou porque esperamos que nos façam ou não façam em troca; não é o que fizeram conosco que determina quem nós somos, mas o que fazemos aos demais, não como reação, mas como ação pura, voluntária e gratuita. A ação que não é retribuição nem do mal nem do bem recebido. A ação pelo valor da ação em si, autodeterminada. E que a imagem e semelhança da vida que não precisa ter causa nem função, nem explicação. Seu valor está em si mesma. E é sagrado.

Por isso quem tem a cabeça minimante ainda no lugar, que reze para Bolsonaro não ter complicações e morrer, senão pelo respeito que toda vida humana merece, pelas consequências que a imbecilidade deste atentado insano e covarde ensejam muitos mais pela vontade humana de fazer valer suas doutrinas retributivas, do que pela lógica e natureza da vida. Pois, não há nada dentro da lógica da vida que diga que serão os plantadores de ódio dos dois lados das trincheira a pagar, mas como estamos a assistir todos os dias, mais provável novamente algum inocente no meio do fogo cruzado.

Quem defende a vida humana não pode fazer distinções. O respeito a vida humana não é uma política de diplomacia e guerra regida pela reciprocidade. Ela é regida por princípios incondicionais e indiscriminados. Quem atenta contra uma vida humana, não atenta contra um símbolo. Atenta contra a pessoa, e alimenta o que ela representa, o mito. Quem confunde o que as pessoas encarnam como o que elas são, não entendem nem o valor dos símbolos, nem muito menos da vida. Nem a lógica da natureza nem dos signos. Ao ataca o corpo achando que está destruindo um ídolo e dispersando um culto, o idiota útil martiriza o que é humano alimentando ainda mais a alma que une esse culto. Não foi Lula que cresceu com a prisão, foi o lulismo. Não é

Bolsonaro vai crescer ainda mais com o atentado contra sua vida, é o que ele representa.

A doutrina Bush resolveu combater o terrorismo caçando cabeças, ampliando programas de grampos e vigilância onde todos eram suspeitos até que se provasse o contrário, e lançando ataques preventivos contra potência ameaças. Criou o Estado Islâmico, e o trumpismo. Não, é o responsável pelos atos dele, mas pelos seus. Fomentou as condições de violência ideal onde os fundamentalistas puderam propagar seu extremismo. Violência gera violência? Não, violência assim como pobreza gera as condições onde a violência e pobreza se dissemina e propaga. Mas ela não é o vetor de si mesma. Porque o ser humano, não é uma pedra, que é regida apenas pela lei da ação e reação. O ser humano é um ser dotado de força de vontade própria, livre vontade, que dentro das possibilidades e oportunidades que lhe restam determina as suas ações por menores que elas sejam. Para que a violência alimentar-se da violência, era preciso que ou o ser humano não tivesse absolutamente nenhuma alma, nenhuma vontade própria, fosse um robô, ou que as possibilidades para o exercício da sua capacidade de tomada de decisão fossem uma só: a violência. Tal condição infelizmente ocorre eventualmente, mas essa condição só ocorre onde e quando não existe mais nenhuma outra alternativa para preservar a sua vida e liberdade frente a uma ameaça. E tal condição se chama legítima defesa, que não se configura pela mera ofensa, ou mesmo ameaça, mas somente e tão somente enquanto persiste a ausência privação de outras opções.

E quando estamos falando de agressão contra a vida, estamos portanto falando de uma condição que não tem remédio, nem reparação. Se um vizinho vem até você e diz vou te matar, e quando ele estiver distraído e indefeso, você vai até ele por via das dúvidas, o mata. O nome disso não é legítima defesa, não é ataque preventivo, é assassinato. Porque entre o

ficar acuado e escondido e pagando para ver se ele vai ou não cumprir a ameaça e atentar contra sua vida, há uma infinidade de outras alternativas, mesmo quando não existe a possibilidade de diálogo a serem tomadas, antes da pessoa se fazer polícia, juiz e executor tirano e sumário. Entre o discurso e ação existe uma distancia infinita, entre a violência simbólica e real, idem. E equipar uma outra, apenas leva a perda do discernimento da gravidade e extensão de ambos. De modo que ao elevar retoricamente a ofensa e agressão verbal ao mesmo patamar da física, isso não só não agrava tais crimes, como relativiza os ainda mais graves.

Hiperdimensionar a violência simbólica, o discurso de ódio, e a apologia a violência, e pior reprimir de forma desproporcional, não só não conscientiza como pelo contrário aumenta ainda mais a libido dos frustrados, como relativiza e minimiza a violência de fato como difunde e aumenta a perseguição dos autoritários e violentos como toda a liberdade de expressão, incluso dos que pregam contra o ódio tanto como discurso quanto prática. Novamente a lógica dialética é a mesma, não é o feitiço virando contra o feiticeiro. Não é discurso politicamente correto a produzir a reação do politicamente incorreto, mas é ele a fomentar as condições contraditoriamente que tenta eliminar. E o raciocínio que vale para o politicamente incorreto, também vale para o politicamente correto. No plano da fomentação, promoção de disposições e condições necessárias ao bem que buscava realizar de forma impositiva, abriu o flanco para a infiltração das mais belicosas ideias muito mais afeitas a hospedar e reproduzir nos ambientes autoritários. Seu projeto de poder e legalismo impositivo dos seus valores gerou portanto o ambiente autoritário, não o autoritarismo, nem muito menos os autoritários do outro lado que agora os perseguem. Não existe geração espontânea, a sujeira não produz ratos, atrai.

Não, ninguém vai colher o que planta, até porque de concreto não está se plantando nada. Porque se a palavra mudasse o mundo e não os atos, o discurso de amor teria o mesmo poder. E ninguém sai dando refugio, alimentando os que tem fome, dividindo o pão, nem mesmo o mais fanático dos fieis o faz. E quem já viu alguém sair da relação demagógica para se tornar ator e agente social como mera pregação e doutrinação, e não agente da doutrinação e pregação que atire a primeira pedra. Ah, se discursos que saem da boca para fora fossem capazes de mover sozinhos os homens, viveriam num paraíso da verdade e ações e não num inferno de mentiras e omissões. Se cada palavra sem compromisso de amor ou solidária fosse uma pedra filosofal capaz de transmutar cada palavra nem do outro, mas do próprio falante em ato. Nem existiram mais atentados.

O poder da palavra é também a sua aparente fraqueza. Palavras não tem o poder de atingir seja para o bem seja para o mal quem não pode ou não quer ser atingido. Boas ou ruins entram por ouvido saem pelo outro dependendo da boa ou má vontade do ouvinte. Mas a violência não. Quer queira o ouvinte quer não queira, você terá que fazer algo se não quiser ser atingido. Não existe invulnerabilidade. Ouvidos e mentes podem eventualmente ser a prova de merda. Gente não é a prova de balas, e a ideia de que ideias são a prova de balas e mandamento para bucha de canhão.

Entretanto em favor da palavra há que se dizer que essa fraqueza é só aparente. Porque quando o ouvinte se movimenta não porque foi obrigado ou manipulado, mas porque essa é a sua vontade, o seu entendimento e não de quem buzina na sua orelha. Temos duas forças distintas, uma que se move como uma pedra que vai para onde a chutam ou empurram, ou no máximo um burro a perseguir cenoura e fugir do pau, no outro temos sujeitos co-soberanos do nosso mundo. Um problema para os autoritários a solução dos libertários.

Não. não é verdade portanto que a palavra e o dialogo sejam necessariamente mais fracos que a violência. A palavra também é ato, e todo ato carece de significado para fazer sentido. Mas a palavra, é signo, e enquanto ato destituído de sentido e significação não é só vazia, mas é o não-ato. O discurso vazio que não enseja complemento nem é em si nenhuma atitude, mas a representação da sua negação como falsificação até a nulidade da insignificância. Não é só palavra que precisa estar repleta de significado para poder disponibilizar transformações, é a todo ato que precisa ter a capacidade de dar sentido as coisas como os signos e palavras. O poder da palavra é o poder do signo, o poder dos atos que buscam dar sentido e significado a existência. Um poder que quando não se perde apenas no mundos dos sonhos, ideias e signos, mas se materializa em ações que dão o sentido de concretude e vontade de realização as palavras, fazem dessa simbiose entre ação e significação, o própria materialização da singularidade do ser como novo, como criação, o vir-a-ser.

Ademais palavras sustentadas pela prática e experiência, ajudam em outra a coisa: a não falar nem fazer merda. Uma coisa que qualquer monge ou atleta sabe, a bendita força do hábito.

Logo quem diz que Bolsonaro pagou pelo que disse, não inverte pápeis, pelo contrário comete exatamente o mesmo crime de que acusa Bolsonaro: faz apologia da violência. A palavra como ato. Nem ele pagou nada pelo que disse, nem o outro se defendeu de agressão ou fez justiça nenhuma. Pois se tivesse pagado estaria quite após o ato criminoso do agressor. E isso faria do agressor não um criminoso, mas um justiceiro. Típica mentalidade de quem defende esquadrão e esquadras da morte desde que atirem contra seus inimigos e desafetos. Típica mentalidade de quem quer empurrar o Brasil inteiro para um caos onde podem continuar se propagando graças a sua simbiose maldita, alternando-se entre as

posições de vítimas e algozes, de opressores e oprimidos, monopolizando o debate e tragando o país para o buraco negro das suas teses e anti-teses, que representam no final das contas apenas os polos extremistas de uma mesma mentalidade de guerra e radicalismo que não existe uma sem a outra, não existe sem o império da discórdia.

Império da discórdia, que não só impede os entrincheirados de ver o horizonte como um todo, e a tempestade que se aproxima. Como mantém a sociedade dividida e desintegrada, do jeito que o diabo gosta. O diabo, ou qualquer estrategista que use da discórdia, como meio para sua vitória e hegemonia. Dividindo para conquistar. Alimentando as divisões e distâncias que separam a sociedade em classes para reinar. Furando os olhos para reinar em uma terra de cegos, incapazes de enxergar o ponto de vista uns dos outros e logo se entender, que dirá se solidarizar ou unir em torno de qualquer mínimo denominar em comum.

Se quem se considera de esquerda e apoia Lula, pudesse por um único instante, o suficiente para produzir um entendimento mínimo considerar as razões quem apoia Bolsonaro. E se quem se considera de direita e apoia Bolsonaro pudesse por um instante entender as razões de quem apoia Lula. Veria que eles só tem uma única coisa em comum. Ambos estão fora dessa eleição. Lula preso. Bolsonaro no hospital. Esqueça seus juízos e julgamentos de valor, por um instante e olhe para o cenário como o fazem os estadistas e estrategistas, sem se perderem nas causas e racionalizações, sem cair no discurso de que colhem ou pagam pelo que fizeram ou disseram. Olhe para o vê, sem ideologias, julgamentos não como um torcedor. Mas como um médico olha para o corpo de um paciente, o qual ele, se é verdadeiro médico, atende sem querer saber o que pensa, fala, fez ou faz. Olhe para os seres e fatos como fenômenos e não como idéias.

Lula está preso no xadrez. Bolsonaro preso a cama (e ainda com risco de morte). Esquerda e direita fora do pleito e prontas para se matarem. Olhe para quem permanece, livre, ileso, protegido incluso por privilégios jurídicos dos riscos, e como todos os meios para continuar se perpetuando impunemente seus privilégios no poder, enquanto a sociedade se desintegra e a população se mata. Olhe e entenda o que significa o conceito de sistema e o que é uma democracia fordista, e uma eleição eternamente falsificada. Onde a população vota em quem quiser, desde que os que eles predeterminam. Não existem outsider não existe espaço para candidato anti-sistema dentro nesse sistema, porque seja ele de esquerda ou direita, ou ele lambe a mão do financismo e coronelismo, ou ele se submete aos interesses oligárquicos internos ou externos, ou de um jeitos ou de outro está fora.

Sim o o poder mais ao centro prevalece no centro do poder. Não competitivamente, mas rigorosamente eliminado a competição, monopolizando o mercado político, apresentando marcas e mercadorias com embalagens diferentes, mas que não só são o mesmo produto como pertence as mesmas corporações.

Há portanto não 2 mais 3 forças atuando mais a esquerda e direita, ora tentando trazer o centro de poder mais próximo para sua posição de gravitação, ora orbitando mais próximo desse centro, mas esse centro de poder que não é meramente um resultado de soma zero do equilíbrio das forças polarizadoras, mas sim uma força e posição de poder com gravitação própria, o centro. Centro que não é apenas composto daqueles grupos políticos e econômicos que não importa quem ganhe são sempre governo e nunca oposição, o dito “centrão”- os parasitas que orbitam em torno e dentro da máquina estatal. Mas sim o centro como o verdadeiro status quo, como poder oligárquico que ora a esquerda e direita se alternam como meros satélites de centro-esquerda ou centro-direita, no

papel de oposição e situação, mas que seja como força de esquerda ou direta jamais conseguiram vencer nem como projeto de poder ou de Brasil, sendo tragados ou destruídos, alguns antes mesmo de sequer chegar ao poder.

São portanto 3 forças distintas que atuam não apenas como atores racionais, mas como forças sistêmicas irracionais, tentando preservar sua posições e destruindo as dos demais. Onde sequer é preciso premeditar qualquer plano de ação ou reação para eliminar as forças concorrentes, dado que a mera hegemonia e disseminação generalizada da sua cultura já constitui no ambiente não só ideal para a proliferação e preservação da sua mentalidade e organizações, como também é, ao mesmo tempo, o ambiente tóxico a sobrevivência e seu arcabouço a forçar a cooptação ou eliminação dos demais.

Nunca houve no Brasil emancipação de coisa alguma. Nunca houve regimes nem liberais nem muito menos libertários. Houve sim autoritários e ditaduras. Das ditaduras nunca houve ditaduras de esquerda até porque esses projetos foram massacrados pelas ditaduras de direita. Houve sim governos de esquerda de viés autoritário, que quando se aproximaram seguindo esse viés do seu projetos foram derrubados tanto pela forças de direita quanto de centro. Porém, da mesma forma governos autoritários ou ditaduras de direita, embora jamais tenham sido derrubados não explicitamente, que o diga Castelo Branco, mas caíram ou derreteram. Caíram por mexer e enfrentar esses interesses oligárquicos, derreteram em descredibilidade e corrupção ao se prestar o serviço de administração desses interesses- exatamente como esquerda.

Sim, existe tanto um minimo denominador comum entre esquerda e direita, quanto existe um mesmo problema em comum, o sistema oligárquico, que não deve ser interpretado como um inimigo em comum,

porque ele não é externo. E embora se configure ou melhor se aglutine como classe, ele não é a classe, mas o padrão, a mentalidade que pode ser emulado em qualquer outro organismo ou grupo ainda que como contradição e traição. E de fato o faz. Dai sua hegemonia. Seus vícios não estão presentes ou restritos apenas aos que mais se privilegiam desse sistema de compadrio, patrimonialismo, parasitismo, mas estão entranhados em toda a sociedade como hábitos e costumes, como padrões culturais, sobretudo de transferência de responsabilidade.

Na verdade essa cultura hoje, é um problema para as próprias oligarquias. Pois a cultura que manteve seu sistema de privilégio nos tempos de vacas gordas, é hoje a razão da instabilidade e crise que coloca em risco não só sua hegemonia, mas todo a preservação de todas suas instituições. É por isso que pensar numa luta de classes, mesmo que seja do povo unido contra as oligarquias e seus capachos políticos por emancipação; ou vice-versa, do povo contra essa aristocracia e burocracia de esquerda e direita, a união de plebe e pequena burguesia contra a alta burguesia e burocracia é inútil para os dois (verdadeiros) lados: o de cima e o de baixo. Os dos semeadores de discórdia e alienação e dos divididos e alienados.

A crise política econômica é não é local, é internacional. A crise da democracia e economia liberal não é outra bolha ou outro ciclo, mas o produto de uma revolução industrial, a informacional. De modo que querendo ou não, a reorganização do sistemas políticos e econômicos dos velhas instituições falidas e obsoletas não é uma questão de disputa ideológica ou de poder, mas antes de enfrentamento da mudança do mundo, tanto da sua realidade quanto dos seus paradigmas. Eleger inimigos sejam eles gerais ou anarquistas, sejam socialistas ou liberais é como brigar diante pela posse da casa, enquanto a casa queima, como o museu nacional.

O ódio, o desprezo são sentimentos tão naturais quanto o amor e solidariedade e jamais serão eliminados da natureza dos seres sencientes, não enquanto eles não forem lobotomizados para se tornarem laranjas mecânicas. Mas estamos em guerra. Não uma guerra de um contra os outros, mas uma guerra pela nossa sobrevivência enquanto seres humanos. Uma guerra pela preservação da nossa humanidade. Uma guerra onde a derrota não é a morte, nem a vitória o tempo em que prolongamos nossa vida, mas se conseguimos ou não manter até o final nossa dignidade e humanidade, ou se na luta por poderes e privilégios, ou vida e liberdades não nos tornamos monstros. Uma guerra onde o inimigo não é o outro, mas a nossa estupidez e falta de consciência e entendimento.

Não, não leiam isso como a sugestão paranoica de que esse atentado foi uma trama do establishment contra a vida de Bolsonaro. Não foi, porque não é preciso tramar, porque a trama se executa sozinha, e é por isso que se chama sistema. É como o incêndio do museu, não é preciso fabricar loucuras, nem loucos, nem fazer planos mirabolantes. A condição necessária está dada. O Brasil é inflamável. Não é preciso riscar o fósforo. Basta esperar e não fazer nada, porque mais hora menos hora ele explode, ou melhor se explode sozinho. Não é preciso causar, basta instigar, deixar rolar, porque onde se acredita que as pessoas não são responsáveis por seus ações e omissões, onde se acredita que tudo é uma grande cadeia de causas e consequências onde a pessoa humana não é um ator, mas um reator, basta sobreaquecer o sistema para que ele (se) exploda. Afinal sequer acreditamos que como sociedade somos capazes de regular e baixar essa temperatura sozinhos, e como répteis precisamos que o ambiente seja externamente regulado. Nos EUA teorias conspiratórias dizem as torres gêmeas foram derrubadas com a ajuda de bombas. Quem precisa de teorias conspiratórias quando empreiteiras a do ex-deputado Sergio Naiana constrói prédios com areia da praia, e fica-se tudo por isso mesmo? Conspirar para quê?

É por isso que dentro das hipóteses possíveis, eu fico com a mais estúpida e infelizmente mais provável até que se prove o contrário: um louco, que a continuar a proliferar a histeria fanática e paranoide tenderá a aparecer em outros surtos entre as pessoas que estão psicologicamente mais vulneráveis, numa sociedade onde a pressão e falta de condições mínimas de paz e sanidade só vai fazer por aumentar as ocorrências e eventualmente sua gravidade. Como disse a responsabilidade continua a sendo de cada pessoa por seus atos na exata medida que tem consciência deles. Os loucos pelas coisas que falam e fazem, nós que nos achamos menos insanos pela irresponsabilidade em desenvolver nossa empatia, consciência e construir um mundo minimamente mais são e inteligente.

Novamente. Basta analisar o atentado de Bolsonaro. Dizer que alguém se beneficia dele é sempre uma análise relativa de perdas para todos. E não de ganhos absolutos para ninguém.

A esquerda se ferrou, querendo ou não perdeu o monopólio do papel de vítima. Querendo ou não vai ser implicada como algoz. E se aumentar os ataques, vai produzir o mesma estratégia idiota da direita que restabeleceu Lula, como perseguido.

A direita ganhou janela de manobra, pode aumentar o discurso de guerra. Pode encapar o papel de vítima. E pode se tiver inteligência para isso encampar o discurso de perdão, descolando-se da propaganda de ódio e capitaneando o retórica da união. Problema: assim como a esquerda essa direita essa fundada no culto a personalidade, ao populismo, e como na esquerda sua figura de manobra de massas perdeu mobilidade.

O centro, que em condições normais, estaria com seu fantoche de plantão agora com os dois principais adversários presos, um a cama outro a cela,

teria tudo para ganhar a corrida. Já que os outros adversários já foram sabotados nas alianças parlamentares e regionais e (falta de) tempos de palanque e TV. Teria em condições normais, ou melhor se os tempos fossem outros. E o sistema e seus esquemas não estivessem completamente expostos, comprometidos e desmopolizados. Teria se o jogo do nós contra eles, fosse realmente entre direita e esquerda, e não o povo revoltado e quem represente o anti-sistema, e o vilão da história, o sistema e seus representantes. Não pode nem continuar atacando Bolsonaro para tentar recolocar-se como o inimigo que pode derrotar a esquerda.

Quem sai ganhando desse ataque? A direita que perdeu o corpo-a-corpo do seu líder? A esquerda que passou de vítima a suspeita? O centro que reforçou ainda mais a seu caráter publico e notório de jogador sujo e sabotador? Não só todos os pleiteantes desse jogo de poder, mas como os próprios donos desse jogo de cartas marcadas perderam. E vão continuar perdendo por uma simples razão, porque o sistema é viciado, mas já não está mais completamente dentro do controle. Eventos que no passado seriam facilmente esquecidas sem produzir grandes danos colaterais dada anestesia da população, ajudando a manter tudo como está, em períodos de crise o efeito contrário. Não importa que a reação não seja consciente, mas fanática ou histérica. O fato é que há reação. E o que antes trabalhava para manter o sistema, hoje o consome.

De modo que a “festa da democracia”, a eleição que deveria ser o ponto programado para a contenção da temperatura, e diminuição do esgarçamento do tecido social. Ao invés de fazê-lo, irá produzir o fenômeno contrário não importa agora mais quem vença. E o argumento da ilegitimação da eleições é o mesmo: parcelas significativas da esquerda e da direita não vão aceitar a derrota nem a legitimidade do próximo governo, seja ele qual for, por um simples argumento: seus lideranças

forem tirados de campo. Não importa que um foi no cartão vermelho. E outro na invasão de campo. Nenhum dos lados acreditam mais na honestidade do juiz nem do campeonato, salvo se eles ganharem. E isso dito com todas as palavras. Repito não haver eleições, esse ano, até porque o que está havendo não são eleições nem para os padrões considerados normais de tolerância do absurdo.

Não senhores, caiu o pano. O espetáculo acabou, o que nossa mentalidade alienada e comodismo está negociando com a realidade é como e quando seremos impactados por esse choque. E isso será apenas 1 eventos a compor a tempestade perfeita que se forma no horizonte.

E de tudo aqui colocado é essa tempestade perfeita o que mais deveria preocupar. E que no entanto parece um futuro distante e impossível a cada cada novo episódio de surto histérico e paranoide da sociedade.

Uma tempestade perfeita que não é nenhum cisne negro, porque mais anunciada, só se registrada em cartório e publicada em diário oficial para ser considerada séria ou grave. Mas sobre ela não vou nem entrar na questão da crise geopolítica e humanitária europeia, ou na guerra comercial entre as potenciais mundiais China e Russia versus EUA. Vou só ficar nas Américas mesmo que já são mais do que suficiente para derrubar os fundamentos dos governos e regimes mais sólidos que dirá dos deficitários e historicamente instáveis. Além da crise político-econômica e humanitária da Venezuela via a estupidez do fundamentalismo de esquerda. Agora a Argentina periga entrar em uma crise igualmente sem precedentes, está por sua vez provocada pela estupidez do outro fundamentalismo irmão, o de direito. Não bastasse, Há de quebra um crise ainda mais grave e sem precedentes na história norte-americana desde sua guerra civil: o motim e conspiração de alto escalão dentro da Mad House. A palavra correta é golpe, o legal seria o

impeachment ou a interdição psiquiátrica do presidente (que a constituição permite), mas entre o legal, como bem sabemos é só um piada de mal gosto quando estamos a falar das altas esferas do poder.

Agora some isso com a fragilidade e relutância e estupidez do obsoleto sistema político-econômico oligárquico brasileiro em evoluir e se adaptar para enfrentar uma realidade adversa que sua prepotência, “esperteza” e truculência não tem como manipular e adulterar. E bum. Temos Ingredientes de uma bomba relógio sincronizada para explodir na pior hora, até porque tudo que pode cair está pendurado um no outro, e ninguém está conseguindo mal conseguindo se segurar. E aí não há vontade que vença. Nem mesmo as manipuladas. Porque dependendo das circunstancias as condições podem matar, adulterar e até controlar, vontades, mas nem fabricam vontades suficientes nem muito menos podem recriar as chances e oportunidades perdidas. É até possível fazer o praticamente impossível e nada, sem condições nem tempo, mas ai já estamos falando de probabilidades próximas ao zero, estamos falando em milagres.

Ô tempo e as chances estão passando. Não é nem sequer mais uma questão de solidariedade e fraternidade para com quem caiu no buraco, é só instintos mais egoístas e primitivos de sobrevivência com um mínimo de inteligência, para saber que se não estamos ainda todos dentro do mesmo buraco, vamos todos estar em breve- salvo as exceções e privilegiados de sempre, que estão lá para isso mesmo: confirmar e garantir que a regra se confirme.

Sinceramente não creio que haja mais tempo. Mas não é porque não creio, que abandonarei a hipótese em contrário: posso e espero estar errado. De qualquer forma havendo ou não mais tempo, sentar e esperar , é certeza, não adianta. E no mais sempre haverá o necessário: sempre

haverá um mínimo denominar comum. E Mesmo sabendo que não existe gente suficiente a acreditar nele, ele não deixa de ser o que é o denominador comum: somos todos seres humanos, e podemos viver em comunidade e paz com quem bem entendemos a começar em casa entre nós mesmos: brasileiros.

Não. Não é a democracia no que está em prova. É muito mais do que isso, no Brasil e no Mundo. É a liberdade, é e o humanismo. É um projeto de humanidade. Do animal político ao ser humano cosmopolita.

Há tempo de paz. E tempo de guerra. E nosso tempo é de guerra. Mas não de guerra uns contra os outros em nome de bandeiras e todo poderosos, mas de guerra contra as guerras uns pelos outros. Guerra contra a fome, doença, violência e estupidez. Foi-se o tempo da violência e da não-violência. Da ação, e não-ação. Das teses antíteses e sínteses. Hoje é tempo de superação, transposição, é tempo de transcendência dos velhos opostos e contrapostos e advento do do novo. É tempo de inovação, descoberta, revelações, invenções e revoluções. Revoluções científicas, culturais, políticas econômicas, mas sobretudo epistemológicas. É tempo de despertar. O mundo mudou, ou mudamos com ele ou já era. Passou da hora. Passou da hora de aprendermos a assumir responsabilidades e andarmos com as próprias pernas, passou da hora de crescermos e virarmos adultos. Não há mais o que esperar. Já entramos na era da informação. Agora é hora de entramos na Idade da Consciência.

Renato Cristofi: Preservação do Patrimônio Arquitetônico, Memorial e Identitário

“[Orientalismo arquitetônico de São Paulo](#)”: Da Vida e morte das construções das edificações e identidades



Vida e morte de edifícios de inspiração árabe em São Paulo são documentadas

Quando São Paulo despertou em 1982, depois que um dos casarões da avenida Paulista havia sido destruído na calada da noite, a cidade se deu conta de que havia perdido uma importante porção de sua história. O apelidado Palacete Mourisco, localizado no número 867, era um dos símbolos de sua arquitetura. Desapareceu.

(...)

Essa história, materialmente perdida, tem sido recuperada intelectualmente pelo historiador Renato Cristofí. Em 2016, ele defendeu na USP uma dissertação de mestrado sobre o que chamou de “[orientalismo arquitetônico de São Paulo](#)”. No texto, disponível na internet, mapeou as edificações de inspiração árabe e islâmica na cidade de 1885 a 1937. O trabalho deve ser publicado em um livro.

(...) A teoria de Cristofí é de que aquelas construções faziam parte do complexo processo de integração das massas de imigrantes de origem árabe, em especial sírio-libaneses, que chegavam ao Brasil naquelas décadas.

Eram casas vistosas para dar testemunho do sucesso daquelas pessoas que, fugidas de crises no Oriente Médio, tinham tido sucesso no país — os novos edifícios seriam, pois, seus lares depois dos anos de comércio na rua 25 de Março, ainda hoje associada a eles.

Por outro lado, as construções traziam elementos orientais para reforçar uma origem étnica única de que se orgulhavam e que não rejeitavam. “Essa arquitetura é um elemento de representação específico na cidade”, Cristofí diz à Folha.

“Ela mostra como esses imigrantes sinalizavam junto à elite que eles eram um grupo em ascensão. Algo que os italianos também estavam fazendo, por exemplo, com o casarão que Francesco Matarazzo construiu na Paulista.”

Um dos elementos únicos da trajetória arquitetônica dos imigrantes de origem sírio-libanesa, porém, era o uso específico que faziam dos elementos culturais.

O Palacete Mourisco, afinal, evocava o apogeu de Granada e de Córdoba, na península Ibérica. Tinha, portanto, um estilo com o qual os sírios e libaneses de São Paulo não estavam acostumados — eles vinham do outro lado do Mediterrâneo, de uma terra distante da Espanha. Mas, quando decidiram construir suas casas, procuraram aquilo que era entendido como “árabe” no Brasil.

Cristofi diz, nesse sentido, que não era uma arquitetura exatamente mourisca ou árabe, mas orientalista. Com a palavra, ele se refere a uma teoria popularizada pelo crítico literário palestino-americano Edward Said em seu clássico “Orientalismo”, um livro publicado em 1978.

A obra de Said era uma dura crítica à visão essencialista dos europeus quanto à cultura do que consideravam ser o Oriente. Era uma maneira específica de entender a região, não necessariamente fundada na realidade. Algo como essa arquitetura paulistana, que se apropriava de elementos de inspiração árabe para projetar uma identidade sírio-libanesa.

O fenômeno envolvia não apenas o imigrante, que pagava pela construção daqueles edifícios, mas também os arquitetos contratados para o trabalho. Também por isso o resultado não era exatamente um espelho do país-natal.

O Palacete Mourisco, por exemplo, foi construído em 1896 com estilo francês. Foi só em sua reforma, em 1933, que o dono, Abraão Andraus, um industrialista libanês, pediu ao descendente de italianos José Câmera que lhe entregasse um casarão orientalista.

“Esse tipo de projeto era feito por meio de repertórios, tanto do ponto de vista do proprietário quanto do construtor”, diz Cristofi.

Os arquitetos recorriam a manuais de tipos arquitetônicos, comuns naquela época, e buscavam exemplos de estilo de inspiração árabe.

Copiavam, assim, os arcos em ferradura dos palácios de Granada, um dos elementos mais recorrentes. “Era uma dinâmica de reinvenção de identidade”, afirma o autor. “É um processo constante vivido por essas pessoas, que se esforçavam para romper os preconceitos originais. Insistiam à população local que eles eram cristãos e, portanto, próximos dela. Essa inserção acontecia principalmente pela dinâmica do trabalho.”

Os imigrantes se orgulhavam de terem ascendido socialmente por meio de seus esforços. Muitos deles tinham começado como caixeiros-viajantes, transcorrendo o território nacional com suas mercadorias nas costas, em um país cuja língua não falavam. “A ostentação dos palacetes tinha essa intenção, de apresentar um requinte, um luxo, dando o testemunho daquela trajetória.”

Era o caso, algo literal, do Palacete Mourisco. Os capitéis da colunas — hoje destruídas — retratavam a trajetória de Abraão Andraus, da vida de caixeiro-viajante até o comércio e a indústria. “A casa, portanto, faz parte desse elemento narrativo da ascensão econômica e social.”

*“Tinha essa mensagem de que ‘estou saindo do grupo migrante, deixando a 25 de Março, mas mantenho minha identidade’”, afirma.- **Vida e morte de edifícios de inspiração árabe em São Paulo são documentadas por Diogo Bercito***

O tesouro escondido nas cinzas do Museu Nacional

Bem agora que já sabemos os tesouros que perdemos e mal sabia que tínhamos, e sejamos sinceros não estávamos nem aí antes de perder, quem sabe não se procurarmos com cuidado não encontremos o único tesouro que pode ser encontrado em meio as cinzas. Na verdade mais que um tesouro um segredo da nossa história. Nossa verdadeira identidade cultural. Um segredo guardado a sete-chaves, e que nas salas de exposição para o mundo e para as futuras gerações não há apenas só réplica para inglês ver, mas uma réplica completamente adulterada feita propositalmente para esconder nossa realidade e história. Uma realidade histórica não só dissimulada, velada com mitos e folclores, mas narrativas e dados não só descaradamente, mas estúpida e perigosamente falsos.

Entretanto já aviso de antemão, negligenciemos mais essa busca pela revelação da verdade, empurremos os fatos e eventos para debaixo do tapete, a espera da próxima copa do mundo, ou o próximo carnaval, enfiamos a cabeça no próprio rabo para não ver nada, já não é mais opção com chances de dar certo. Fingir de morto, não vai colar. Não se queimaram apenas patrimônios do povo brasileiro sob a guarda do nosso Estado-Nação mas da humanidade, e que pertencem a história de outros povos e nações, que não por acaso, já vem brigando para repatriar seus tesouros, que ao contrário da casa imperial brasileira (tirando os nativos é claro), não foram trocados, mas pilhados em guerras de ocupação, colonização e pilhagem.

Quem não protege nossa arte deve devolvê-la, diz arqueólogo egípcio sobre incêndio no Museu...

Ex-ministro de Antiguidades do Egito, o arqueólogo Zahi Hawass diz que o incêndio que destruiu boa parte do acervo do...

www.bbc.com

Não nos enganemos, ou melhor podemos de novo tentar, temos todos os motivos para continuar a enganar a nós mesmos para tornar menos insuportável nossa condição, mas os outros povos não. Eles não tem nenhum motivos para enganar a si mesmos, nem muito menos continuar a se deixar enganar, com a nossas falsa cordialidade e servilismo autocomplacente esse sim genuíno.

Nas cinzas e escombros do museu nacional finalmente o povo brasileiro e o mundo finalmente tem a oportunidade de encontrar cientificamente sem falsificação e maquiagem os vestígios e pegados deixados pelos hábitos, costumes e cultura brasileira. Onde o mais importante achado, é sem sombra de dúvida esse mesmo: a grande farsa chamada Brasil.

Não que outros Estados-Nações não relativizem e floreiem suas narrativas histórias , fabriquem seus heróis e inimigos, ou mesmo escondam, manipulem ou até mesmo falsifiquem suas dados, que o diga Colin Power e George Bush e sua guerra no Iraque, feita assumida com relatórios falsos e toscos. Não, não estamos falando dos coitados que seguem cegamente partidos, seitas ou lideranças políticas e governamentais, estamos falando justamente dessas lideranças, dos coitadores; gente que de santa não tem nada, e logo (até por coerência de argumento) não é inocente, ingenua, e portanto pode ser acusada de ser ignorante nem estúpida, ao menos não desse tipo de estupidez.

Nas cinzas e escombros não está só o retrato do descaso do Brasil como o patrimônio nacional e da humanidade. Isso como a própria palavra retrato diz, é o óbvio. E assim permanecerá enquanto for uma marca, enquanto a cultura do esquecimento e acobertamento histórico uma obviedade. Isto é, enquanto o Brasil não fizer como faz com cenários dos seus crimes e tragédias, dos prédios dos DOPS, aos Carandirus, maquiari ou implodir para eliminar marcas e rastros, para esquecer e apagar da

memória das novas gerações os vestígios dos crimes de Estado, e de omissão da sociedade, e poder germinar o ovo da serpente de novo.

Não, não é o fato ainda não falsificado historicamente, o nosso descaso as maior descoberta que ao menos os gringos já estão a tirar das cinzas do nosso patrimônio perdido e também do deles. Agora que eles começam a compartilhar a sensação de choque, perplexidade e impotência, que o brasileiro honesto tem com o seu país. E quando digo honesto, não se deixem enganar pela nossa cultura das falsificações ideológicas e hipócritas, não estou falando de moralidades seletivas, e moralismos de classes. Estou falando de verdade no sentido epistemológico, o patrimônios está destruído. Não há demagogo, relativista ou subjetivista ou necromancia que “ressuscite” múmias que dirá crianças mortas com a cumplicidade do mesmo descaso com a contribuição de outros fatores oportunistas. Ou será que já esquecemos?

Polícia contabiliza 9 vítimas de desabamento de edifício em SP; quatro foram identificadas

[A Polícia Civil de São Paulo contabiliza agora nove vítimas - quatro delas já identificadas - do desabamento do...](#)

www.bbc.com

Não foi o primeiro, e infelizmente talvez não seja o ultimo.

Mas foi preciso a perda de tamanho riqueza material e saber acumulado durante séculos, já que vidas não importam tanto para que o choque de realidade se desse. Precisou perder patrimônio história incalculável, para que se revelasse tão explicitamente nas cinzas a cultura institucionalizada

em um nação. Ou as instituições e seus são tão sólidas quantos os relatórios que atestam a sua solidez e resultados são fidedignos.

Escritos com cinzas e escombros retorcidos, está lá para quem quiser ler no Brasil e fora a infame frase proferida pelo Ministro da Educação de FHC, mas que de diferente ou mais dos seus antecessores e sucessores só cometeu mesmo o pecado do sincerídio quando disse a cerca da greve dos professores:

“As crianças fingem que aprendem; os professores fingem que ensinam; e nós fingimos que pagamos.”

Uma verdade a cerca da mentalidade monstruosa daqueles que nos governam, domesticam, mas um mentira a cerca da natureza da educação, cultura e aprendizado. Um inversão da ordem dos fatores que é o padrão da própria superestrutura cultura quanto logicamente o resultado consequente da nossa completa falta de infraestrutura institucional e moral- nesse caso nos dois sentidos, tanto de ethos quanto de compromisso com a verdade. O processo fenomenológico é o inverso:

Eles fingem que pagam; Logo os professoram fingem que ensinam; mas as crianças não fingem que não aprendem, elas não aprendem, e não porque não querem, mas porque nós somos um bando de velhos malditos e hipócritas.

E que se tivéssemos um mínimo de dignidade, responsabilidade ou senso de autocritica não estaríamos tentando desqualificar os agravantes do crimes de femininístico, mas estaríamos desde já qualificando os agravantes do crime do infanticídio, mas como criança é como bicho não vota, e não tem bancada, depende do instinto gregário dos seus

progenitores e semelhantes. De fato poderíamos eliminar todos os agravantes da lei, como por exemplo, o matar motivo torpe, ou sem chance de defesa, e simplesmente colocar um só agrante o da covardia. Mas aí não sobraria ninguém para julgar ou condenar ou prender, porque da dissuasão pela ameaça do uso da superioridade evidente da força se estabelece o monopólio da violência e logo, o Estado, ao menos o histórico, o único que narrativas e discursos e cartinhas magnas fora é o único que empiricamente conhecemos até hoje.

Conto nos dedos as vezes que entrei num museu de história, e a última delas foi a alguns dias atrás no museu de história natural de Atibaia, e só entrei por livre e espontânea pressão dos meus filhos que queiram ver, saber e aprender tudo, que estava ali dentro. Não senhores, eles não fingem que aprendem, quem finge somos, nós. Até porque o que eles tem nós já perdemos ou foi está tão atrofiado que mal conseguimos lembrar que (ou como) um dia já tivemos. Vontade de apreender, uma vontade que tão grande, e sem traumas, que não só não fazem com aquele enfado e lentidão característica de quem vai para não chegar, como fazem tudo correndo. Nesse sentido, fingir é a única coisa que nos resta, não como os canalhas que destroem patrimônios ou amputam vontades de viver e aprender, mas fingir por respeito e amor, ao amor a vontade de viver e aprender de quem ainda a possui de forma tão pura e repleta de possibilidades. Fingir por amor e solidariedade e não egoísmo e descaso que eu como o cientista e a criança gosto e entendo o valor daquele monte ossos e bichos empalhados e não que meus gostos e desejos ali se resumia apenas em sair e alimentar meus vícios, no meu caso acender meu cachimbo e fumar meu tabaco.

Entretanto não é sobre nossas relações de amor, respeito e solidariedade que o incêndio que história recém-escrita do museu destruído trata, ou melhor conta. É sobre esses outros vestígios dos fatos, dados e eventos

que na era paradoxal era da informação, estão cada vez mais difícil de esconder e monopolizar como segredos, e que portanto são objetos de outro tratamento por quem quer se apropriar e controlar a história, que não é novo, mas é mais intensivo: a falsificação e manipulação cada dia tecnologicamente mais bem elaborada e massificada, tanto na qualidade de lixo e ruído, contra-informação e desinformação, quanto falsa ou pseudo-informação.

A cada avanço da sociedade da vigilância tecnológica, a cada câmera, novo site, nova tecnologia ou metodologia científica de investigação, quanto mais o conhecimento e acesso descentralizo a informação e aparelhos de registro de fatos, das câmeras aos bancos de dados, sejam eles enciclopédias abertas, ou segredos de Estado hackeados, fica mais difícil tanto esconder tanto o que aconteceu no passado quanto o que está sendo feito no presente. De políticos e empresas a maridos e pais, e toda espécie de autoridade ou bandidos que usavam das sombras ou do manto do privilégio do segredo e da sua palavra autoridade contra a palavra das vítimas, e que passaram décadas a cometer e encobrir e falsificar seus crimes e rastros impunemente passaram a se ver confrontados com gravações, registros, dados e provas obtidas não pela construção de narrativas, a especialidade dos demagogos, mas pelo avanço das ciências especialmente as matemática da computação e informação e outras que usaram desses conhecimentos para ampliar seus campos de saber.

O que elevou o fronte da propaganda, manipulação, falsificação. na a guerra da informação para outra status de importância estratégica. O de definição da verdade. Já não é mais possível esconder nem monopolizar o saber. Logo o poder está em quem controlar a difusão da qualificação ou desqualificação das narrativas históricas. Uma ferramenta que como o segredo e a espionagem sempre esteve presente, mas nunca foi tão

determinante no controle de massas que mesmo vendo o que estão vendo, tem que continuar não acreditar no que estão vendo. Da mesma forma que ao se deparar com falsificações grosseiras, que alguns poucos cruzamentos de dados, ou o bem senso, serviria para perceber que é um dado falso, continue acreditando no que veem ainda que tal impressão ou registro não seja coerente ou sequer pare de pé. Em suma elevar a enésima potencia um processo já iniciado através no rádio, ampliado na TV, ou seja começado na era das telecomunicações de e para as massas, imbecilizar as populações. Retirar delas a capacidade de conseguir discernir a realidade sem cair sozinhos em paranóia ou tutelados na cegueira seletiva.

Nisto a perda do patrimônio histórico, não significa problema nenhum para os responsáveis pelo crime de negligência para com ele, os Estados e a União. Vergonha? E Perdas de credibilidade não há? Porque para perder isso é preciso possuir tanto uma como outra e eles sabem que não possuem nenhuma. Tanto melhor que queime. Quanto menos fontes primárias de dados, mas margem de manobra para manipulação e falsificação do passado e do presente. Descaso é uma palavra vazia. A alocação de recursos revela os verdadeiros interesses. Eu posso comprar pão ou cigarro, posso arrumar a instalação da casa, ou comprar jóias. Posso cumprir meu dever ou ir a festa. A escolha tanto da união onde aplica e distribui, recursos quanto do gestor onde uma vez que recebe representam a dimensão da sua responsabilidade.

Entre os estudos perdidos estão 10 anos de pesquisas do projeto. Para quem não sabe ou não se lembra um sargento foi preso por abandonar o seu posto e ir participar da despedida de uma colega, deixando vazar gasolina que resultou no incêndio da base brasileira. O sargento foi preso por sua negligência. Responsáveis e co-responsáveis principalmente nos cargos superiores, incluso civis, o serão? Porque descaso é um termo para

sair de fininho. Simplesmente não há como esconder o crime de negligência. E por sinal alguns dos responsáveis já se entregam ao mandar as verbas depois, estupidamente confessam que poderiam tê-lo feito antes.

É importante destacar isso, por que a cultura de vitimização, de autocomplacência é tão arraigada que a autoridade e prepotente acha que incompetência é álibi. não, não é. É desculpa para o dolo, não para a culpa. As vezes não é nem conivência, mas só para não brigar, o brasileiro senta e lava as mãos. Não faço o trabalho, porque não tenho como fazer, mas também não largo o osso, e não enfrento quem impede. Mesmo que um maluco tivesse entrado e tchado fogo, em todo acervo, ainda sim, o crime de negligência estaria configurado, porque um museu, assim como uma escola tem por obrigação ter medidas de prevenção não só acidentes, mas atentados. O pensamento binário fla-flu do brasileiro é facilita criar bodes expiatórios e capitalizar tragédias. O responsabilidade dolosa criminal de A, não absolve a de B.

Fazendo uma amalgama de dizeres que explicam o Brasil, tamanho caos não se improvisa, nem é para amadores. Daí a dificuldade de tantos gringos incluso os que contribuíram para a construção da nossa cultura e amealharam um bom patrimônio com isso, entender como funciona esse caos e eterno subdesenvolvimento tão programado para durar quanto a obsolescência das objetos de consumo programa uma torradeira para quebrar. A dificuldade deles de entender e a nossa é claro de explicar e justificar o que até explicável mas jamais justificável.

Volta-me a história que fui aprender sobre o Brasil da boca de um professor japonês muito viajado quando palestrei na Universidade de Tóquio. Na verdade uma anedota que ele aprendeu de um brasileiro falando sobre a diferenças culturais entre Brasil e Japão, na forma de

piada é claro. Falavam de políticos, corrupção. E o professor japonês deixou claro para o brasileiro que não se enganasse apesar da austeridade e o Japão também tinha muita corrupção. E o brasileiro lhe contou a seguinte piada. Era mais ou menos assim:

Haviam dois políticos um brasileiro e um japonês e um brasileiro disputando quem era o estadista mais astuto ou esperto na arte de demagogia e corrupção. Em visita ao Japão o governante japonês levou o brasileiro para uma obra monumental. E simplesmente apontou para o bolso e disse 10 por cento. Tempos depois, em visita ao Brasil era a vez do governante brasileiro mostrar sua folha corrida. Levou o Japonês, para um lugar onde não tinha absolutamente nada, e como japonês não estava entendendo o canalha sorriu apontou para o bolso, 100 por cento.

Parece até piada, mas nós sabemos o quanto dela, não é. A moral absurda dessa história não está só na disputa de quem é mais ou menos corrupto, acusação que já escutei a cerca por exemplo do PT, “quem nunca como melado se lambuza, o problema é que eles roubaram demais(!!!)”. Entendi, o problema é que eles passaram da cota. Mas não. Não, não trago essa história para falar dos escrúpulos precários e contabilidades morais seletivas, e honestidades relativas. O absurdo da moral dessa história é outro. É o fato que pode até ser que eles nem embolsassem 100 por cento, mas o entregar nada, prestar contas de nada, fazer propaganda do nada, ou pior fazer propaganda e novamente projetos milionários em cima da tragédia causada pela omissão disso, não é uma anedota, isso é exatamente como funciona a coisa pública e muito da cultura brasileira.

Não é a toa que antes de me contar essa história esse professor visitou o Brasil durante o Congresso Internacional de Renda Básica junto com uma “delegação” japonesa de professores e estudiosos. A esses professores foi apresentados um dilema. Rezava a lenda que haviam então 3

experimentos concretos de renda básica no mundo até, um na Namíbia e dois justamente no Brasil. Um governamental ou não-governamental. O dilema é que eles só tinham dia de janela para conhecer esses projetos no local, e foram convidados para conhecer ambos. Sabidamente esses professores que já deviam conhecer a piada do brasileiro, se dividiram sua delegação em duas. Da visita do estudioso ao projeto não governamental veio o convite para apresentar nossos resultados nas Universidade de Tóquio e Doshicha. Do outro, o governamental. E adivinha o que a delegação encontrou de experiência concreta? Isso mesmo. Palanque, discurso, lei e papel. Gente recebendo dinheiro, nada. E olha que a iniciativa lá nunca foi um engodo, começou com ativista da sociedade sérios. Mas bastou entrar a política no meio e a iniciativa ir para a senda governamental, para que o projeto ficasse no devido lugar que a política mantém tudo que não lhe interessa: na promessa e na lei a ser cumprida no dia que “vampiro doar sangue”.

E talvez, você esteja se perguntando, como eu a época me perguntei e demorei tempo para decifrar esse enigma antes que ele me devorasse. Porque? Porque eles levaram gente séria para conhecer uma experiência que sabidamente não havia saído do papel? A resposta esta na pergunta. Papel. Papel. Papel. O Brasil é um país de papel, atolado em papel, que exige papel, falsifica papel, e que em algum lugar perdeu seu juízo no meio de tanto papel, ao ponto de acreditar que basta assinar decretos, basta produzir papel, basta parecer, produzir dados, inventar nomes, criar peças, teatros, propaganda e lavar isso em cartório, ou promulgar isso como oficial que o prédio o projeto a ação social para todos os efeitos legais, para gringo ver estão lá.

De tanto achar esperto, ou o que é a mesma coisa, achar que seu povo e todo gringo é otário, o homem de estado brasileiro perdeu a noção do ridículo, perdeu a noção da realidade, perdeu a noção dos próprios limites

do que a sua falsificações sustentam e não sustentam. Perderam os limites da lei de Lincoln para manipulação das massas:

Perderam o limite da sanidade. Dados e relatórios falsos, não sustentam o desenvolvimento, projetos e programas sociais, nem instituições que dirá de prédios e edificações que não são conceituas, mas concretas.

Isso deixou de ser falsidade ideológica e estelionato, Isso já é transtorno mental com seríssimos riscos implicações para quem está a merce desses doentes. Isso já é mitomania. E se a população brasileira está disposta a ser o par desta loucura com sua cegueira seletiva. Outros povos e países não.

Quem quer respeito, precisa não só se dar e exigir respeito, mas antes de tudo aprender a respeitar os outros, a começar pela sua inteligência. O brasileiro usa das diferenças culturais para bancar o esperto, achando que está engando todo mundo. Não se engane nenhum nação é uma ilha, e a nacionalidade de uma pessoa é como um sobrenome, uma benção ou maldição que você já joga na criança quando ela nasce. Ou se você dúvida, faça a seguinte experiencia mental, imagine o político que você mais odeia ou despreza, agora se imagine como filho dele, carregando para o resto da vida essa marca, com um monte de gente sentindo por você, o que você sente ao ouvir esse nome. A nacionalidade ligando ou não você para ela, é a mesma coisa. Você, não fez nada, forem eles, mas quem carrega as marcas (e as dívidas) pelos atos dos seus governantes é você. Há duas soluções para isso: uma é trocar de nacionalidade e sair do país. A outra é trocar de governo e mudar o país.

E não, não estou acusando ninguém que saia para dar um futuro melhor para seus filhos. Muito pelo contrário. Faz bem quem pode. E quem não

pode se sacode. Porque pertence aos adultos a decisão de querem ou não fazer da sua vida uma luta. As crianças merecem a melhor formação possível. Ou o quê? Que pais que podem dar um futuro melhor para o seu filho, vai condená-lo a ter o seu roubado. Que pais ao ouvir que o filho quer ser cientista, artista, professor no Brasil criaria ele aqui se pudesse (ou houvesse) um lugar para eles no mundo onde pudessem ser tratado com mais respeito, dignidade, mesmo sendo estrangeiros ou naturalizado?

Talvez até haja para os mais ricos entre os brasileiros, desde é claro a crise e consequentemente a xenofobia não aumente ainda mais. Mas quanto a maioria dos brasileiros, isso não é uma opção, come-se o que tem, trabalha-se no pode, se tiver trabalho e se tiver comida. Vocação, continua a ser um luxo, para quem pode fugir desse campo de trabalhos forçados e extração de matérias primas, a província Brasil.

E assim como a maioria da população não tem sequer ciência do patrimônio e renda que lhe é direito e que são roubados e dilapidados, também não tem a menor consciência de que sua condição não é propriamente o produto do livre arbítrio, mas um conjunto de cartas marcadas, não raro marcada por perdas irreparáveis a serem mais uma vez substituídas por réplicas, representações, as falsificações legais e homologadas.

Hoje mais do que nunca o brasileiro de classe média sabe como sente o brasileiro miserável, sem casa, sem herança, sem patrimônio que tudo que ele constrói ele precisas construir do nada, como se tivesse vindo ontem das cavernas, para chegar amanhã nas universidades. Hoje ele sabe, o que é uma correr uma corrida. E talvez, e bota talvez nisso, entenda, finalmente como sente aquele pai e mãe, que eu não ouvi falar, eu estava lá, eu vi, quando o filho falou que gostaria de ser médico, vi nos

seus olhos o que é um pedido, um sonho de um filho que ele sabe que jamais terá condições de bancar. Vi ele fingindo força, e dizendo é por isso que tem que estudar, mesmo sabendo que que renda básica de poucos reais já fazia uma diferença enorme junto com o salário de fome que recebia não bastava só o menino estudar. Algo mais precisa mudar. Um milagre precisava acontecer.

De dinossauros nunca identificados a línguas extintas, o que a ciência perde com o incêndio no...

"Eu preparei esse fóssil durante dois anos. Mas, agora, pode ser que a gente nunca saiba que animal era esse", disse à...

www.bbc.com

Hoje, enquanto o museu queima sabemos que nossos filhos não serão astronautas, não serão cientistas, não serão pesquisadores, não serão “doutores”, e se conseguirem correrão o risco de ver trabalhos de uma vida queimar por causa da negligência, incompetência de vagabundos e omissão de todos nós. E que eles deem graças a deus, porque esses deram sorte na vida, há os que vai morrer na bala, em serviço, indo pro serviço, sem serviço, procurando qualquer serviço, ou descançando de um serviço que nunca sonharam nem quiseram fazer. E esses também tem que se considerar por pessoas de sorte, porque ainda há os que não chegarão a idade adulta.

Mas não esquento sabemos disso, hoje, amanhã já não. É como disse o diretor daquele outro museu que pegou fogo, qual era mesmo o museu? Da Língua Portuguesa? Peraí, me dá um tempinho que já já eu esqueço.

